

Filipa Perdigão Alexandre Ribeiro

**A IDENTIDADE AFRO-AMERICANA E A  
CONQUISTA DA VISIBILIDADE**

Dissertação de Mestrado em Cultura Norte-Americana

Departamento de Estudos Anglo-Portugueses  
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas  
Universidade Nova de Lisboa  
Outubro 2000

## **African American Identity and the Conquest of Visibility**

This dissertation analyses the strategies developed by African American community leaders from 1865 to 1970. Their aim, for more than 100 years, had been to change the black race stereotypes in the mind of American society. Thus, different types of leadership and different focuses on the concepts of racial and social responsibility are studied. These concepts vary according to their historical and social contexts, ranging from integration and assimilation to nationalist strategies or even the acceptance of *de jure* segregation.

Chapter I describes the first steps taken by ex-slaves towards building a group identity and analyses the ideological debate that took place between Booker T. Washington and W.E.B. Du Bois. Chapter II discusses the Harlem Renaissance cultural movement and its political manipulation by W.E.B Du Bois and by other contemporary leaders of the Civil Rights associations (NUL and NAACP). The creation of the *New Negro* concept is also observed. The third chapter begins with the historic Supreme Court decision – *Brown v. Board of Education of Topeka (1954)* – and focuses on the African American strategy to build a positive self-image, which, within the 1940s and 1950s American mainstream should be patterned according to the WASP way of life. Chapter IV studies the political, ideological and social processes that led to the ending of the integrationist consensus within the Civil Rights movement. The Black Power supported by some of the radical nationalist factions is also described. The conclusion examines the current debate over the role of African Americans within USA society – some believe the survival of the community depends on the «nation within a nation» option, whereas others only consider the solution of total integration.

## **A Identidade Afro-Americana e a Conquista da Visibilidade**

Esta dissertação analisa as estratégias desenvolvidas pelos líderes da comunidade afro-americana entre 1865 e 1970. O seu objectivo, durante mais de 100 anos, tem sido o de alterar os estereótipos sobre a raça negra presentes no espírito da sociedade americana maioritária. Estudam-se diferentes tipos de liderança e diferentes leituras sobre os conceitos de raça e de responsabilidade social. Estes conceitos vão variando de acordo com os contextos sociais e históricos, indo desde integração e assimilação até estratégias nacionalistas e até mesmo a aceitação de segregação *de jure*.

O capítulo I descreve os primeiros passos dos ex-escravos para a construção de uma identidade de grupo. O capítulo II discute o movimento cultural da Harlem Renaissance e a sua manipulação política por parte de W.E.B. Du Bois. O Capítulo III começa com a decisão histórica do Supremo Tribunal americano - *Brown v. Board of Education of Topeka (1954)* e foca a estratégia Afro-Americana para construir uma auto-imagem positiva, que nas décadas de 40 e 50 se deveria pautar pelos padrões de comportamentos da sociedade branca. O capítulo IV estuda os processos políticos, ideológicos e sociais que levaram ao fim do consenso integracionista no seio do movimento de direitos cívicos. A conclusão examina o debate actual sobre o papel da minoria negra na sociedade americana – alguns acreditam que a sobrevivência da comunidade depende da opção de construir «a nation within a nation», enquanto outros apenas aceitam a solução de integração total.

*If humanity itself is defined (however subtly) as white, then to be black (i.e., the «opposite» of white) is not simply to be «different», but to be radically other than human. If god, beauty, goodness, power, virtue, wealth, art, ideas, and civilization itself (indeed all values) are defined as white, then blackness symbolises inferiority and the absence or negation of all worth.*

*- Robert Birt, 1997.*

## Agradecimentos

Agradeço a orientação da Professora Doutora Teresa Botelho, que minuciosa e cuidadosamente leu as várias versões deste trabalho, acompanhando a investigação com críticas e sugestões pormenorizadas, colocando à minha disposição o seu material bibliográfico pessoal, e sem a qual não teria sido possível realizá-lo.

Agradeço também aos funcionários das Bibliotecas da Universidade de Cambridge, G.B., da Universidade de Harvard, E.U.A. e da Escola Superior de Gestão, Hotelaria e Turismo, Universidade do Algarve, que gentilmente me auxiliaram na procura do material bibliográfico consultado.

Também à Escola Superior de Gestão, Hotelaria e Turismo, Universidade do Algarve e aos meus colegas, especialmente à Helena Reis, à Paula e à Vera, quero expressar os mais cordiais agradecimentos.

Mas para a elaboração de um trabalho desta natureza, que envolveu grande dedicação e disponibilidade psicológica, o encorajamento e a motivação constantes são essenciais. Para isso, contei com a excelente boa disposição do Nuno e com a enorme amizade da Rita que colaboraram em todo o processo com sugestões, opiniões, leituras críticas e muito mais. Aos dois agradeço de uma forma muito especial.

Queria também agradecer à minha mãe, que muitas vezes se deslocou por mim à F.C.S.H. para resolver problemas burocráticos, que leu partes do trabalho, e que tomou conta dos meus filhos. Agradeço também à Tia Graciete que igualmente fez de *baby-sitter* para eu poder pesquisar nas bibliotecas estrangeiras.

Por fim, queria pedir desculpa ao Vicente, à Leonor e à Madalena por não ter tido tempo para eles.

# Índice

<b>Introdução Geral</b>	<b>1</b>
<b>I - A Construção da Identidade: Da Reconstrução à I Guerra Mundial</b>	<b>12</b>
1.1. Introdução	12
1.2. Os <i>freedmen</i> e a Reconstrução	16
1.3. A implementação de um sistema de educação para os negros	30
1.4. Booker T. Washington e W.E.B. Du Bois	38
1.4.1. O Instituto de Tuskegee e o pensamento de Booker T. Washington	38
1.4.2. O pensamento político de W.E.B. Du Bois	47
1.5. A <i>intelligentsia</i> negra e a reconstrução da identidade	63
1.6. Conclusão	82
<b>II - A Identidade do <i>New Negro</i> e a <i>Harlem Renaissance</i></b>	<b>86</b>
2.1. Introdução	86
2.2. A migração para o Norte e a urbanização dos afro-americanos	92
2.3. A <i>National Association for the Advancement of Colored People</i> e a <i>National Urban League</i>	99
2.4. O <i>Back-to-Africa movement</i> de Marcus Garvey	104
2.5. A <i>Harlem Renaissance</i>	114
2.5.1. Estratégias culturais e a refutação da inferioridade racial	114
2.5.2. O <i>New Negro</i> de Alain Locke	123
2.6. Responsabilidade social e comunitária v. liberdade intelectual e literária	132
2.7. Conclusão	142
<b>III - A Conquista da Visibilidade: A América Negra Acorda para a Luta</b>	<b>149</b>
3.1. Introdução	149
3.2. Impulsionadores históricos e sociais do movimento	153
3.3. A. Philip Randolph: Primeiras reivindicações na luta pelos direitos cívicos	158
3.4. <i>An American Dilemma</i> e a decisão <i>Brown et al. v. Board of Education</i>	165

3.4.1. <i>An American Dilemma</i>	165
3.4.2. A decisão <i>Brown et al. v. Board of Education</i>	179
3.5. Movimentos anti-segregacionistas: organização e liderança	182
3.5.1. O nascimento da <i>Southern Christian Leadership Conference</i> (SCLC)	182
3.5.2. O nascimento da <i>Student Nonviolent Coordinating Committee</i> (SNCC) e as primeiras fracturas do movimento integracionista	189
3.6. O início da nova visibilidade	203
3.7. Conclusão	211
<b>IV - Do Ideal Integracionista ao <i>Black Power</i></b>	<b>215</b>
4.1. Introdução	215
4.2. Da perspectiva integracionista ao nacionalismo	220
4.2.1. O problema económico e a emergência do separatismo	220
4.2.2. Malcolm X e o discurso separatista	227
4.2.3. O <i>Black Power</i> e o <i>Black Panther Party</i>	234
4.3. Os guetos e a contra-cultura	258
4.4. Conclusão	272
<b>Considerações Finais</b>	<b>280</b>
<b>Bibliografia</b>	<b>296</b>
Bibliografia Primária	296
Bibliografia Secundária	313
Bibliografia Electrónica	328

## Introdução Geral

O debate sobre as políticas de identidade, as medidas de acção afirmativa e o multiculturalismo que preocupou os Estados Unidos nas últimas décadas, agravado recentemente pela reacção das duas comunidades (branca e negra) ao julgamento do afro-americano O.J. Simpson, pelo espancamento do afro-americano Rodney King por quatro polícias de raça branca, pela controvérsia em torno da validade linguística e pedagógica do ensino nas escolas primárias oficiais em *ebonics* (American Black English) e ainda pela aparente aceitação pública do conceito do politicamente correcto conduziram a autora deste trabalho a uma crescente curiosidade sobre as minorias nos Estados Unidos da América, com particular destaque para a minoria afro-americana, a mais numerosa, a mais pobre, a menos educada e a mais distante da igualdade na terra das oportunidades.

Na investigação das causas que levaram a esta situação de desvantagem económica, social e política, acabou por fazer-se inicialmente o percurso inverso ao que é feito nesta dissertação, até se concluir que o começo das guerras raciais apontadas se poderia vir a encontrar na construção dos estereótipos raciais desde a segunda metade do século XIX e nas tentativas dos sucessivos líderes afro-americanos, de desconstruir essa ideia, contrapondo-a a uma outra imagem pública positiva.

A partir do fim da Guerra Civil, em 1865, a comunidade afro-americana desenvolveu estratégias políticas, sociais, económicas e culturais com o objectivo de assumir o lugar de membro de pleno direito na sociedade americana, espaço que lhe fora negado até então, e que segundo alguns pensadores, continuaria a ser negado ao longo de todo o século XX, prolongando-se até aos dias de hoje.

As barreiras institucionais colocadas aos afro-americanos de forma a impedir o reconhecimento da igualdade no seio da comunidade nacional prendem-se com os estereótipos negativos dos afro-americanos (quer individualmente considerados, quer em grupo), presentes na sociedade americana. Historicamente, a sociedade branca tem construído uma representação dos afro-americanos como racialmente inferiores, inferioridade essa associada a comportamentos patológicos, como o crime, padrões de vida desorganizados e a ausência de autocontrolo.

Só a partir da segunda metade do século XX é que parecem estar reunidas as condições necessárias e suficientes para os afro-americanos desenvolverem formas de luta organizada a fim de contestar o *status quo* da discriminação *de jure* nos estados do Sul e da discriminação *de facto* nos estados do Norte, manifestando-se aberta, publicamente e em massa contra a identidade que lhes fora atribuída, perante uma sociedade branca mais predisposta a aceitar a sua cidadania em pé de igualdade.

Os afro-americanos teriam que travar uma longa batalha jurídica, política e social para alcançar dois objectivos: a consagração na lei de

direitos cívicos iguais aos dos restantes cidadãos americanos, com o *Civil Rights Act* de 1964 e com o *Voting Rights Act* em 1965; e provar de forma inequívoca perante a sociedade americana branca, o direito a essa maioria cívica que, embora fosse refutada pelo racismo branco, estava inequivocamente implícita no recurso a mecanismos de liderança, responsabilidade e organização comunitária. Assim, os negros conseguiram finalmente fazer passar a uma América branca sempre relutante, a mensagem de que eram uma comunidade intelectual e socialmente tão madura quanto a restante população americana.

Nesta dissertação analisam-se os processos e estratégias desenvolvidos pelos líderes da comunidade afro-americana desde o fim da Guerra Civil até ao movimento dos direitos cívicos. Estes líderes eram motivados por três objectivos: modificar os estereótipos da raça negra já sedimentados, obter os direitos cívicos formalmente contemplados na lei, e ainda conseguir o reconhecimento da igualdade na cidadania, «sem olhar a cor ou a raça», pela sociedade americana. Vai-se focar igualmente os vários estilos de liderança e as suas várias perspectivas antagónicas sobre a noção do que é ser um cidadão negro e americano e sobre o papel de responsabilidade social desses mesmos líderes perante a sua própria comunidade, que variam desde as estratégias de integração e assimilação até às estratégias nacionalistas e separatistas, passando ainda pela aceitação do regime segregacionista.

Para a análise destes processos seguiu-se uma metodologia baseada na investigação comparativa da produção intelectual escrita dos afro-americanos, desde a segunda metade do século XIX, ou seja,

recorreu-se à leitura de ensaios, artigos de imprensa, obras autobiográficas, cartas, discursos, programas, panfletos e manifestos políticos ou associativos. Recorreu-se igualmente a alguns estudos sociológicos e a análises e índices económicos para melhor sustentar as reivindicações e posições políticas assumidas pelos intelectuais e líderes negros.

Numa perspectiva diacrónica, isolaram-se três momentos fundamentais que reuniram, de uma forma ou de outra, as condições para que a comunidade afro-americana se empenhasse de forma mais veemente na afirmação da sua identidade social e onde o debate foi mais produtivo do ponto de vista das ideias. Parece ser evidente que o primeiro grande momento de discussão pública é protagonizado pelo «Great Accommodator» Booker T. Washington e por um dos mais completos e complexos pensadores afro-americanos, W. E. B. Du Bois, na última década do século XIX e primeira do século XX. O segundo momento de afirmação da identidade cultural afro-americana desenrola-se durante os anos vinte do século XX em Harlem, Nova Iorque, quando se assiste a um surto de expressão criativa afro-americana, co-adjuvado por uma curiosidade inédita da comunidade branca nova-iorquina em descobrir o negro. O terceiro momento é a época das lutas dos direitos cívicos durante a década de sessenta. Tomando a rua como palco, observou-se por um lado, o recurso generalizado à mobilização pacífica, e por outro lado, manifestações de violência urbana. Nesta fase, geram-se também as polémicas mais acesas sobre a imagem externa do afro-americano e sobre a sua auto-imagem. Contudo, a perspectiva desta

dissertação ao analisar este momento é a análise das estratégias políticas assumidas pelos líderes e intelectuais da comunidade para a construção de uma nova identidade positiva aos olhos da sociedade dominante, cujo delineamento começou a ganhar forma a partir dos anos quarenta.

Esta dissertação encontra-se dividida em quatro capítulos. No capítulo I discutem-se os mecanismos de criação de uma identidade de grupo entre os antigos escravos e analisa-se o debate ideológico entre Booker T. Washington e W. E. B. Du Bois sobre o papel, função e estratégias para a comunidade afro-americana no seio da sociedade americana expresso através de duas grandes coordenadas: separatismo económico (por força do regime segregacionista) adicionado à acomodação política e assimilação cultural dos valores da *mainstream*, de um lado, e integração política e cívica temperada com a consciência da diferença étnica ou racial, do outro.

No capítulo II aborda-se o movimento cultural da *Harlem Renaissance*, dos anos vinte, e a tentativa da sua instrumentalização política por parte de W. E. B. Du Bois e dos líderes das duas associações de direitos cívicos fundadas no início do século. É o momento da criação do conceito de *New Negro*, intelectualmente emancipado e pela primeira vez colectivamente consciente das suas raízes de identidade africanas. Surge, então, a lume um debate riquíssimo sobre a identidade cultural afro-americana e sobre as funções de liderança e de orientação da comunidade pela elite intelectual e dos objectivos propagandistas da sua produção artística na mira da integração. Opera-se durante este período

de fervilhante produção literária e artística um desvio curioso ao ideal da «genteel tradition» da elite intelectual afro-americana, representada por Du Bois, quando alguns artistas deste período recorrem à imagem do negro urbano descrito e visto pela sociedade americana como primitivo e marginal para a transfigurar na representação do indivíduo seguro e orgulhoso das suas origens diferentes, isto é, africanas, que lhe permitem maior liberdade emocional, artística e social. Neste capítulo ainda se refere a controvérsia entre estes líderes históricos e o também importante líder jamaicano Marcus Garvey suscitada pela promoção feita por este último da ideia de orgulho racial aliada à defesa do separatismo negro, semelhante ao *self-help* económico promovido por Booker T. Washington, mas assumido como uma escolha com algum grau de liberdade, e não como a única via possível, como foi o caso com Washington. Marcus Garvey chegaria a propor como objectivo final, e a desenvolver esforços para o concretizar, o retorno a África dos negros, naquele que ficou conhecido como o *Back to Africa movement*.

No capítulo III, tomando como o centro de análise a decisão histórica do Supremo Tribunal de 1954 - a decisão *Brown v. Board of Education of Topeka* - descreve-se a estratégia de luta dos afro-americanos baseada na comprovação perante a opinião pública dos efeitos perniciosos dos sistemas de segregação no Sul e de discriminação no Norte, para a construção de uma auto-imagem positiva na comunidade, identidade essa que nos conceitos dos anos quarenta e cinquenta, se deveria pautar exclusivamente pelos valores e comportamentos da classe-média branca, de origem anglo-saxónica. Se

no primeiro momento estudado, o debate entre Du Bois e Washington é essencialmente um debate dentro da própria comunidade negra, e se a *Harlem Renaissance* acabou por tocar essencialmente os intelectuais afro-americanos e a alguns brancos nova-iorquinos, a decisão *Brown* e a mobilização de massas que se lhe segue vêm dar uma visibilidade inédita aos afro-americanos e aos seus problemas, que mais tarde deixariam de ser considerados como um problema circunscrito ao Sul. Consequentemente, procura-se analisar os catalizadores que levaram à decisão do Supremo Tribunal, e as repercussões que a decisão legal teve na construção de uma nova liderança de cariz religioso nos estados do Sul, protagonizada por Martin Luther King, Jr.. Por fim, ainda se estuda a passagem da liderança de raiz religiosa para o movimento estudantil de liderança mais agressiva que a anterior, estando os dois estilos enquadrados no pensamento duboisiano integracionista.

No capítulo IV, discutem-se os processos político, ideológico e social que levam ao fim do consenso integracionista e ao aparecimento das várias divisões internas no movimento dos direitos cívicos, e aborda-se o nascimento do *Black Power*, defendido por algumas facções radicais nacionalistas separatistas, e cuja fundamentação ideológica se poderá interligar, especialmente nos aspectos políticos, com as ideias de Malcolm X. Refere-se, igualmente, o crescente isolamento dos habitantes das *inner-cities* e os valores culturais de confronto à cultura dominante por estes assumidas

Para terminar este trabalho discutem-se as duas posições presentes no discurso político negro sobre o lugar do afro-americano nos

Estados Unidos da América – numa «nação dentro da nação» ou totalmente integrado - tendo em consideração os índices mais lentos de evolução económica, social e escolar da comunidade por comparação com os índices de progresso da comunidade branca para o período em análise. Esboçam-se, ainda, as perspectivas mais relevantes, de autores negros e brancos, do polémico debate iniciado nos anos sessenta, embora ganhando maior vigor na década seguinte, sobre a aplicabilidade e necessidade de medidas de acção afirmativa para a minoria afro-americana.

Uma questão transversal aos quatro capítulos - porque é uma peça fundamental no pensamento dos próprios intelectuais afro-americanos - é a relação de responsabilidade dos líderes afro-americanos para com a sua própria comunidade, e de que forma a composição interna do grupo em classes económicas e sociais distintas, com interesses específicos e diferenciados irá, ou não, criar barreiras à prossecução dos objectivos de direitos cívicos e do reconhecimento externo da cidadania em maioridade.

Parece pertinente apresentar, desde já, uma breve explicação das diferentes expressões que vão servindo para designar os indivíduos de ascendência africana nos Estados Unidos da América. Os termos utilizados para designar o grupo de indivíduos com origem em África vão sofrendo evoluções sintomáticas das alterações políticas e da progressiva afirmação do grupo na sociedade norte-americana. Assim, até à II Guerra Mundial, os próprios afro-americanos utilizavam o termo

*Negro(es)* ou *American Negro* para se autodesignar. Paralelamente, existiam as expressões depreciativas *nigger(s)* e *colored* utilizadas essencialmente pela sociedade escravagista e sulista, embora surjam estas ocorrências na literatura afro-americana da época, nas formas de tratamento entre os próprios afro-americanos.

Com o advento do movimento de luta dos direitos cívicos aparece a expressão *Negro Americans*, surgindo a inversão das palavras «negro» e «americano» sintomáticas da maior importância da identidade racial em relação à identidade nacional.

Na década de sessenta, Malcolm X recorre à designação *black* (com minúscula inicial, à semelhança da palavra *white*) cuja utilização é rapidamente difundida entre os afro-americanos, e simultaneamente usa a expressão *Afro-American* no nome da sua organização: *Organization of Afro-American Unity*. As designações *Negro(es)* e *black(s)* podem surgir indiferenciadamente num mesmo documento, como é o caso exemplificativo do artigo de 1966 de Bayard Rustin, «“Black Power” and Coalition Politics», embora os grupos mais radicais, como o *Black Panther Party* se limitem exclusivamente a *black*.<sup>1</sup>

A partir da década de setenta mantém-se a designação *black* e surge com mais frequência o termo *Afro-American* nos textos produzidos pelos investigadores que se debruçam sobre o estudo da comunidade, tornando-se a designação mais recorrente na década seguinte. Na actualidade coexistem as expressões *black* e *African Americans* (esta

---

<sup>1</sup> Bayard Rustin, «“Black Power” and Coalition Politics», *Commentary* 42, nº3 (Setembro 1966), pp.35-40.

última como evolução do termo *Afro-American*, comprovando a importância actual conferida à origem africana).

A opção foi utilizar de forma indiferenciada as expressões em língua portuguesa *afro-americano ou negro*, para designar o indivíduo de ascendência africana, e no plural para referir todo o grupo, que de momento é composto por trinta e cinco milhões de pessoas, ou seja, quase treze por cento da população dos Estados Unidos da América, por enquanto a maior minoria étnica, embora as previsões indiquem que deixará de o ser em 2050.<sup>2</sup>

Por fim, é necessário procurar clarificar o sentido atribuído neste trabalho ao conceito de identidade. A utilização que dele é feita recorre ao psicanalista Erik H. Erikson que o define como um conceito em constante transformação e reconstrução, localizado no centro de cada indivíduo e simultaneamente no centro da sua comunidade. O processo de estabelecer a identidade implica a delimitação das duas identidades, a individual e a comunitária. A formação da identidade implica a observação e reflexão simultânea, através das quais o indivíduo se avalia à luz daquilo que ele pensa ser a apreciação que os outros fazem dele, quando o comparam consigo mesmos. Paralelamente, o indivíduo também avalia a forma como os outros o vêem de acordo com a sua própria percepção de si mesmo em comparação com aqueles. Erickson

---

<sup>2</sup> Estimativa baseada no *U.S. Census Bureau, Population Division, Racial Statistics Branch*, "The Black Population in the United States: March 1999", criado em 14 de Fevereiro de 2000.

<http://www.census.gov/population/www/socdemo/race/black99rep.html>

ainda acrescenta que este processo, que está em permanente actividade, normalmente é inconsciente a não ser quando as condições internas do indivíduo ou exteriores a ele provocam uma «identity consciousness», ou seja, uma *consciência de identidade*.<sup>3</sup> É possível partir desta definição de identidade e afirmar que o objecto deste estudo são os conflitos e ambiguidades da comunidade afro-americana sobre a sua imagem pública e auto-imagem, fruto do seu permanente estado de *consciência de identidade*, que se agudizou nos três momentos estudados.

---

<sup>3</sup> Erik H. Erikson, *Identity: Youth and Crisis* (1968, Nova Iorque: W.W. Norton and Company, 1994), pp.22-23.

## I

## A Construção da Identidade: Da Reconstrução à I Guerra Mundial

*In all things that are purely social we can be as separate as the fingers, yet one as the hand in all things essential to mutual progress.*

- Booker T. Washington, *The Atlanta Exposition Address*, 1895.

*Whether you like it or not the millions are here, and here will remain. If you do not lift them up, they will push you down. [...] Education must not simply teach work – it must teach life. The Talented Tenth of the Negro race must be made leaders of thought and missionaries of culture among their people.*

- W.E.B. Du Bois, «The Talented Tenth», in *The Negro Problem*, 1903.

### 1.1. Introdução

Quando a Guerra Civil termina em 1865, há ainda um longo caminho a percorrer para os antigos escravos alcançarem a igualdade de direitos cívicos. A Proclamação da Emancipação, embora avançasse nesse sentido, ainda abria a possibilidade de alguns estados manterem o regime escravagista.<sup>1</sup> Só com os 13º, 14º e 15º Aditamentos é que

---

<sup>1</sup> A Proclamação da Emancipação entrou em vigor a 1 de Janeiro de 1863, mas era apenas uma medida de guerra a aplicar somente nos estados da Confederação. Excluídos da sua aplicação encontravam-se os 450.000 escravos dos estados fronteiriços leais à União: Delaware, Kentucky, Maryland e Missouri; e 270.000 escravos dos territórios ocupados pela União: Tennessee, partes do Louisiana e

surge o enquadramento legal necessário para os ex-escravos terem o direito de exercício da liberdade cívica. Contudo esses direitos previstos na lei seriam rapidamente contornados pelos vários poderes políticos, como se verá ao longo do capítulo

O passado de escravatura não tinha dado aos negros os instrumentos necessários para o exercício da cidadania: educação, formação profissional, espírito comunitário, capacidade de exercer poder discricionário. Embora de forma muito rudimentar, o sistema até então tinha-os vestido, alimentado e abrigado, mas havia-lhes negado a literacia, a liberdade de movimentos e o sentido de orgulho racial ou autonomia pessoal.

Antes da Emancipação, o negro ocupava um espaço reconhecido pela comunidade branca. Agora tem que encontrá-lo, e essa tentativa de o encontrar é a história do afro-americano desde 1865.<sup>2</sup>

Quando a partir de 1865, os negros sulistas recebem a primeira garantia de liberdade, tinham uma ideia do futuro bem diferente daquele que viria a concretizar-se: queriam votar, queriam escolas, igrejas, casamentos legais, igualdade jurídica e queriam ter oportunidade de trabalharem a sua própria terra e reter o rendimento do seu trabalho. Durante o período da Reconstrução (1865-1877) surge a hipótese de transformar estes objectivos em realidade, ou seja, de

---

Virginia, in Maldwyn A. Jones, *The Limits of Liberty: American History 1607-1992*, 2ª. ed. (Oxford: Oxford University Press, 1995), p.228 e Eric Foner, *A Short History of Reconstruction, 1863-1877* (Nova Iorque: Harper and Row, 1990), p.1.

<sup>2</sup> A palavra inglesa *Negro* só começa a surgir grafada com maiúscula em alguns textos de afro-americanos, já no século XX ou então em reedições mais recentes de textos do século XIX. Assim, quando se escreve neste trabalho em inglês *negro* ou *Negro* respeita-se a grafia original.

reorganizar o Sul pós-bélico, com a integração política dos afro-americanos. Mas a experiência de um sistema de democracia birracial tornar-se-ia impossível de concretizar. Os brancos sulistas não estavam dispostos a reexaminar as suas relações e os seus preconceitos raciais, e assim responderam com processos de resistência para subverter as medidas excepcionais da Reconstrução, nomeadamente a possibilidade de voto dos negros e os esforços de construção de um sistema de escolas públicas para os afro-americanos. Aquilo que os brancos sulistas perderam durante a Guerra e durante a década da Reconstrução, rapidamente recuperaram durante as últimas décadas do século XIX e início do século XX.

A maior preocupação do pensamento social e político dos afro-americanos foi a possibilidade do negro assumir o lugar de cidadão, através da construção de uma nova imagem do «negro original», destruindo os estereótipos raciais.<sup>3</sup> Se durante o período da Reconstrução as leis promulgadas criavam as bases para se avançar nesse sentido, a partir da década de oitenta os estados do Sul, perante a indiferença do governo federal, voltam a assumir o seu poder constitucional em pleno (limitado durante a Reconstrução) e a imprimir a hierarquização e discriminação racial à estrutura social sulista.

É neste contexto que surge a primeira grande controvérsia sobre o papel do afro-americano na sociedade americana, o seu lugar nessa sociedade e a forma como o poderia atingir. O debate viria a ser protagonizado por W. E. B. Du Bois e pelo ex-escravo, Booker T.

---

<sup>3</sup> Henry Louis Gates, Jr., «The Trope of a New Negro and the Reconstruction of the Image of the Black», *Representations* 24 (1988), p.131.

Washington. O debate de ideias construiu-se sobre a oposição crítica do primeiro face à posição acomodada do segundo, esta última promovida pelo sistema educativo Instituto de Tuskegee, Alabama, fundado em 1881 por Washington.<sup>4</sup> A oposição que se estabelece entre o sulista Washington e o nortista Du Bois reflecte duas perspectivas sobre aquilo que Henry Louis Gates descreve como «the race's great opportunity to re-present itself in the court of racist opinion».<sup>5</sup>

Este capítulo vai procurar, em primeiro lugar, contextualizar os esforços do Congresso e dos abolicionistas do Norte para a consagração da igualdade de direitos cívicos. A ocupação militar federal no período que os historiadores designam por Reconstrução também serviu os propósitos dos abolicionistas na preparação dos ex-escravos para a cidadania. Em segundo lugar, proceder-se-á à análise das dificuldades sentidas pelos afro-americanos quando tentam implementar um sistema de educação público, visto por eles como uma das necessidades prioritárias do pós-guerra. Paralelamente, descrevem-se as resistências dos brancos sulistas perante a criação de um sistema educativo dirigido a uma raça biologicamente inferior. Na sequência destas barreiras e da procura do retorno dos brancos ao *status quo* anterior à Guerra, descreve-se a edificação da máquina ideológica e educacional do instituto de Tuskegee por Booker T. Washington, onde se promoviam formas de aquiescência em relação ao conceito de supremacia racial dos

---

<sup>4</sup> A palavra «acomodacionista» não aparece dicionarizada. Optou-se por utilizá-la porque não parece existir mais nenhuma que abarque cabalmente o conceito inglês «accommodationist».

<sup>5</sup> Henry Louis Gates Jr., «The Trope of a New Negro and the Reconstruction of the Image of the Black», *Representations* 24 (1988), p.129.

brancos. Por fim, vai-se procurar apresentar o pensamento sociológico, cultural e político que W. E. B. Du Bois elabora sobre a representação autónoma e independente do afro-americano na sociedade norte-americana do início do século XX, pensamento caracterizado por muitos analistas como um dos mais consistentes e abrangentes entre os afro-americanos do século XX, e cujo objectivo foi, também, o de pôr em questão o tipo de liderança de Booker T. Washington.

## 1.2. Os *freedmen* e a Reconstrução

Quando a Guerra Civil termina, subsiste a enorme tarefa de determinar o papel social dos antigos escravos, cerca de quatro milhões, no novo mapa político, e paralelamente reconstruir a economia do Sul baseada na nova força de trabalho recém-liberta.<sup>6</sup> O problema era simultaneamente político, económico e social. Todas as estruturas e instituições do Sul estavam destruídas. Durante o período da *Radical Reconstruction*, entre 1867 e 1877, assiste-se a lutas de poderes entre vários protagonistas: entre as duas regiões nacionais, entre os congressistas republicanos e os democratas, entre o Congresso e o executivo, entre a vontade do Sul regressar às estruturas sociais *antebellum* e a resistência dos congressistas republicanos a este desejo. Este último grupo, especialmente a sua facção radical, desejava de facto, implementar medidas de protecção para os negros e direitos de

---

<sup>6</sup> Dado que não é tema central deste estudo a análise deste período, apenas se alude ao que surge como pertinente para identificar os processos dos negros na tentativa de superar as lacunas e limitações imprimidas pelo seu passado de escravatura.

cidadania iguais.<sup>7</sup> Às várias medidas legislativas passadas em Congresso, os estados do Sul respondem com contra-medidas, apoiados pela opinião pública regional. Para a maioria da opinião pública sulista, a emancipação vinha atribuir ao negro o estatuto legal de homem livre (o qual era necessário contrariar) mas em nada alterava o seu estatuto social, económico ou de inferioridade biológica. Estes conceitos seriam formalmente reiterados posteriormente, embora de maneira indirecta, pelo Supremo Tribunal em 1896 com a decisão *Plessy v. Ferguson*, à qual se voltará mais adiante.

Quando Andrew Johnson chega à presidência a 15 de Abril de 1865, adere ao princípio constitucional que determina a limitação da governação federal pelo poder estadual, procurando desenvolver uma política de restauração do Sul na União, em termos ainda mais generosos do que os propostos por Lincoln. Inicialmente, na Proclamação da Amnistia e Reconstrução (Dezembro de 1863) o Presidente Lincoln previa o perdão e a restauração de todos os direitos a todos aqueles que prestassem um juramento de lealdade para o futuro e que aceitassem a abolição da escravatura. Alguns sectores, nomeadamente as patentes militares mais elevadas e funcionários superiores da função pública ficavam excluídos do perdão. Nos estados em que os sulistas brancos leais à União perfizessem 10% dos eleitores de 1860, era permitido o estabelecimento de um novo governo estadual, cuja constituição deveria abolir a escravatura, embora pudessem

---

<sup>7</sup> Os *Radical Republicans*, liderados por congressistas como Thaddeu Stevens e Charles Sumner propunham medidas «radicais» tais como a confiscação de propriedade e redistribuição entre os negros; a educação para a igualdade (política, económica e social); e a utilização da força militar para aplicar a lei.

adoptar medidas temporárias de transição para os negros.<sup>8</sup> O Presidente Lincoln excluía ainda qualquer participação dos negros em juramentos à União, eleições ou em lugares de governo.<sup>9</sup> Muitos abolicionistas criticaram este *Ten Percent Plan* e a ausência de medidas para a implementação do sufrágio negro, mas Lincoln não queria alienar os plantadores que tinham aceitado a secessão com relutância. Estas medidas previstas por Lincoln podem ser vistas como uma forma de acabar rapidamente com a Guerra e de solidificar o apoio de sectores brancos sulistas à emancipação.

Johnson, quando sobe ao poder, acreditava na União, mas não se posicionava quer contra o Sul, quer contra os direitos dos estados nos quais acreditava convictamente. No entanto, sentia alguma animosidade contra os grandes plantadores, que segundo ele eram os responsáveis pela secessão e pela Guerra. Assim, considerava que os indivíduos traidores à União deveriam ser castigados, obrigando-os a solicitar individualmente amnistias ou perdões.<sup>10</sup> Nomeia governadores provisórios para os estados do Sul que, sem o apoio eleitoral de largos sectores de sulistas brancos sem direito ao voto e ainda sem o voto dos negros (pois este ainda não estava contemplado na lei), tiveram que se voltar para os antigos apoiantes da Confederação, que ainda

---

<sup>8</sup> Eric Foner, *A Short History of Reconstruction*, p.16.

<sup>9</sup> John Hope Franklin, *Reconstruction After the Civil War*, 2ª. ed. (Chicago: The University of Chicago Press, [1961] 1994), p.16.

<sup>10</sup> Em relação aos perdões individuais, aplicáveis aos homens com rendimento superior a \$20.000, Andrew Johnson acabou por concedê-los generosamente. Dos 15.000 sulistas nestas circunstâncias, mais de 7.000 já haviam obtido o perdão em 1866. Eric Foner, *A Short History of Reconstruction*, p.89.

mantinham os direitos eleitorais.<sup>11</sup> A política de perdão implementada por Johnson veio reforçar junto dos sulistas brancos uma imagem de aliado.<sup>12</sup>

Assim, entre 1865 e 1866, os sulistas brancos reassumem gradualmente o poder político tendo como primeira prioridade o controlo da população negra, principalmente em termos de força de trabalho. Esses brancos consideravam crucial limitar a liberdade de movimentos dos *freedmen* por forma a reconduzi-los ao trabalho nas plantações, e ao seu lugar de subserviência na hierarquia económica e laboral. Para tal foram criadas uma série de leis conhecidas por *Black Codes*.<sup>13</sup>

Perante a tentativa de retorno ao *status quo ante-bellum* o grupo dos republicanos radicais chefiado por Thaddeus Stevens na Câmara dos Representantes e Charles Sumner no Senado, procura implementar a ideologia cívica baseada nos direitos iguais de todos os cidadãos, tendo como primeira meta a implementação do sufrágio negro, direito que ainda não havia sido contemplado.<sup>14</sup> O Congresso vai assim tentar

---

<sup>11</sup> Eric Foner, *A Short History of Reconstruction*, pp.87-88. «All in all, the new governments' appointment sounded the death knell of wartime Unionists' hopes that Reconstruction would bring to power "a new class of politician for the plain people"». Ibid.

<sup>12</sup> Eric Foner, *A Short History of Reconstruction*, p.89.

<sup>13</sup> Estas medidas aprovadas pelos estados do Sul, embora fizessem os ajustamentos necessários para reconhecer o casamento entre negros e para lhes permitir a posse de propriedade e o direito a processar em tribunal outros negros, não respeitavam os seus direitos enquanto trabalhadores livres: limitavam as áreas de residência e de compra de propriedade; introduziram leis de vagabundagem que obrigavam os negros a trabalharem quer o desejassem ou não (estando obrigados a pagar uma multa se fossem apanhados sem trabalho); proibiam o exercício de trabalho especializado sem licença formal (acabando por limitar os negros à agricultura); não permitiam negros em tribunal enquanto testemunhas ou jurados; proibiam reuniões sem autorização dos brancos e o porte de armas; limitavam ainda o direito ao voto.

<sup>14</sup> Inicialmente, as várias constituições estaduais procuraram um enquadramento legal que lhes permitisse a entrada na União, nomeadamente a abolição de restrições

seguir uma política diferente da do Presidente, e contrariar os *Black Codes*, redigindo o *Civil Rights Act* de 1866 e criando em 1867 o *Joint Committee on Reconstruction*, responsável pela redacção do *First Reconstruction Act* e pela redacção dos 13º, 14º e 15º Aditamentos e a sua inclusão na Constituição.<sup>15</sup>

O *Civil Rights Act* de 1866 é aprovado (apesar do veto do Presidente). Nele se declarava que todos os indivíduos nascidos nos Estados Unidos da América eram seus cidadãos, transferindo dos estados para o governo nacional a autoridade para conferir a cidadania. Também se declarava que todos os cidadãos negros tinham em qualquer estado ou território, os mesmos direitos: assinar contratos, mover acções, ser testemunhas, herdar, comprar, alugar, vender, possuir propriedade e o direito a ser protegidos ou perseguidos pela lei em igualdade de circunstâncias às dos cidadãos brancos. Como os republicanos temiam que esta lei pudesse ser inconstitucional, tornava-se imperativo a elaboração do 14º Aditamento, cuja ratificação foi recusada pelos dez estados da secessão. Esta recusa levou ao *First*

---

ao voto dos negros. Após a redacção das novas constituições, a readmissão na União (que durou até 1870 para os estados da Virgínia, Texas e Mississippi) e as eleições estaduais de 1868, os conservadores, fortes opositores dos republicanos radicais, iniciam uma campanha de ataque individual aos membros afro-americanos eleitos. John Hope Franklin, *Reconstruction After the Civil War*, pp.105-107 e pp.129-131.

<sup>15</sup> Os três Aditamentos à Constituição constituíram a legislação mais significativa produzida durante o período da Reconstrução: o 13º de 1865 criminalizava a escravatura; 14º de 1868 definia a cidadania americana para todos aqueles nascidos ou naturalizados no país – impedindo os estados de negar a cidadania aos residentes em território nacional - e proclamava o direito dos afro-americanos a protecção igual perante a lei; o 15º de 1870, reforçava a garantia do direito ao voto de todos os cidadãos (masculinos) sem olhar a raça, cor ou credo. Estes três Aditamentos serão os primeiros a conter cláusulas de aplicação pelo Congresso consagradas na fórmula «Congress shall have the power to enforce, by appropriate legislation, the provisions of this article», 13º Aditamento, secção 2; 14º Aditamento, secção 3 e 15º Aditamento, secção 2. Será, contudo o Supremo Tribunal a assumir o papel decisor da sua não aplicação ao negro durante os setenta anos seguintes.

*Reconstruction Act* onde se fazia da ratificação desse aditamento uma condição da readmissão na União, determinando a divisão dos estados confederados em cinco distritos militares sob lei marcial, e onde se proclamava o direito universal ao voto para todos os homens, bem como a necessidade de redacção de constituições estaduais que se enquadrassem nesta nova lei.<sup>16</sup> Um outro esforço por parte do Congresso para implementar a aplicação do 14º Aditamento, já após a sua aprovação, foi a aprovação do *Civil Rights Act* de 1875 no qual se especificavam os direitos dos homens livres de utilizarem locais e acomodação públicos.<sup>17</sup>

O Congresso vota o primeiro *Reconstruction Act* a 2 de Março de 1867. Entre as suas várias determinações, esta lei também mantinha em funções o *Bureau of Refugees, Freedmen, and Abandoned Lands*, mais conhecido por *Freedmen's Bureau*, estabelecido em Março de 1865 e extinto em 1872, cujo objectivo era o de supervisionar os programas sociais e a protecção dos direitos e vida dos ex-escravos, sob a orientação do General O. O. Howard. O *Bureau* tinha representantes em todos os estados do Sul e trabalhava num clima de grande hostilidade, uma vez que existia uma grande oposição por parte dos sulistas à

---

<sup>16</sup> O Congresso aprova três *Reconstruction Acts* em 1867, que entram em vigor a 2 de Março, 23 de Março e 19 de Julho, todos eles com o objectivo de redigir e aprovar novas constituições estaduais. O segundo *Reconstruction Act* explica os detalhes da reconstrução dos estados do Sul, sob a direcção dos comandantes militares previstos no primeiro *Act*, envolvendo o recenseamento de eleitores que jurassem lealdade à União, a eleição de delegados e a reunião das convenções para a adopção de constituições estaduais. O terceiro dava o poder às entidades oficiais de negar o recenseamento aos indivíduos que não faziam o juramento à União de boa fé, in John Hope Franklin, *Reconstruction After the Civil War*, pp.70-72.

<sup>17</sup> Joseph H. Taylor, «The Fourteenth Amendment, The Negro, and The Spirit of The Times», *Journal of Negro History* 45, nº1 (Janeiro 1960), pp.25-26.

intervenção federal.<sup>18</sup> De tal forma era grande a resistência, que o governo federal se viu obrigado a passar o *Enforcement Act* em 1870 autorizando a intervenção de forças militares federais para protecção do direito de voto dos negros.<sup>19</sup>

O historiador John Hope Franklin é da opinião que a entrada dos negros na arena política foi um dos aspectos mais revolucionários do programa da Reconstrução, apesar de entre os quatro milhões de antigos escravos, apenas 700.000 reunirem qualificações de eleitores de acordo com o *Reconstruction Act* de 2 de Março de 1867, e destes a grande maioria ser analfabeta, tendo portanto dificuldades em participar efectivamente no processo democrático.<sup>20</sup>

Embora, durante o período da Reconstrução, os negros e nortistas tenham sido acusados pelos sulistas brancos de corrupção e incompetência, a verdade é que estas características eram traços comuns a todo o país. Os impostos tinham aumentado muito e os estados estavam fortemente endividados, por várias razões entre as

---

<sup>18</sup> John Hope Franklin e Alfred A. Moss, Jr., *From Slavery to Freedom: A History of African Americans*, 7ª ed. (Nova Iorque: McGraw-Hill, 1994), p.228. As atribuições do *Bureau* inicialmente incluíam a distribuição de comida, roupa e combustível. Quando se vota a permanência do *Bureau*, o Congresso autoriza-o a dividir terras confiscadas ou abandonadas em quinhões de 40 acres (1acre=407m<sup>2</sup>) para os arrendar aos *freedmen* ou refugiados, instituindo também a possibilidade de serem por eles compradas. Eric Foner, *A Short History of Reconstruction*, p.31.

<sup>19</sup> O *Enforcement Act* será mais tarde considerado inconstitucional pelo Supremo Tribunal no caso *United States v. Cruikshank*, que o declara demasiado abrangente na punição de ofensas em relação aos actos criminalizáveis pelo 15º Aditamento, Franklin e Moss, *From Slavery to Freedom*, p.254.

<sup>20</sup> John Hope Franklin, *Reconstruction After the Civil War*, p.85. De acordo com este *Act* previa-se a eleição de qualquer cidadão do sexo masculino, acima dos vinte e um anos, para delegado a fim de participar na redacção das novas constituições estaduais. Excluía-se do processo os participantes na rebelião ou os criminosos. Tanto os generais da União como os agentes do *Bureau* procuraram trabalhar activamente no programa de recenseamento, educando os novos eleitores para os seus direitos e deveres. Os afro-americanos na sua grande maioria, tinham sido leais à União, e para se recensearem apenas tinham que provar não ser criminosos e que residiam no mesmo estado há mais de um ano, *ibid.*

quais se destaca o aumento dos custos da manutenção da máquina governante estadual, para além do enorme esforço financeiro de reconstrução do Sul fortemente destruído pela Guerra.<sup>21</sup> Os nortistas eram também acusados de perturbarem as relações sociais existentes e de instigarem o ódio crescente dos sulistas em relação ao governo federal e dos brancos em relação aos negros.

Durante muito tempo, a maioria dos historiadores analisou o período da *Radical Reconstruction* como uma curta época de retribuição através da imposição do poder federal republicano nortista sobre um Sul devastado, mas, desde os anos sessenta do século XX, que se tem vindo a fazer uma revisão desta interpretação da história. Alguns historiadores têm, assim, concluído que o período deverá ser analisado «as a reaction against a series of provocations rather than as a plot to subdue the South»,<sup>22</sup> e que o poder político dos negros embora inovador nunca foi forte nem sólido:

First, radical governments were never dominated by blacks. They did not even hold state offices in proportion to their number in the general population. There was no black governor; there were three black lieutenant-governors. There were only two black senators and fifteen black congressmen.<sup>23</sup>

A partir de 1870, à medida que os porta-vozes mais radicais do partido republicano desapareciam da cena política, começaram-se a equacionar os custos da administração militar do Sul. Os nortistas, por esta altura, estavam convencidos da necessidade do Sul voltar a

---

<sup>21</sup> Ann J. Lane, «The Civil War, Reconstruction, and Afro-American» in *Black Life and Culture in the United States*, ed. Rhoda L. Goldstein (Nova Iorque: Thomas Y. Crowell Company, 1971), p.147.

<sup>22</sup> Ibid.

<sup>23</sup> Ibid.

autogovernar-se. Grande parte da população branca, especialmente os mais pobres e os grandes plantadores, repudiava o regime da Reconstrução e a igualdade de direitos que o governo central atribuía aos negros. A comunidade branca mantinha o sentimento de superioridade racial ligado à necessidade de manter a estrutura social hierarquizada com base na cor da pele, demonstrando-o na constituição de organizações secretas - o Ku Klux Klan (com 559.000 membros em 1868) os Knights of the White Camelia e a White Brotherhood.<sup>24</sup>

O período da Reconstrução termina com o Compromisso de 1877, quando os sulistas concordam com a candidatura do republicano Rutherford B. Hayes e o partido do Presidente se compromete a retirar as forças militares federais dos estados do Sul, estando subjacentes a este compromisso várias razões, entre as quais o peso dos custos financeiros de manter as tropas no Sul. Por outro lado, o voto dos negros já não era importante para o Partido Republicano, uma vez que este conseguira os votos dos estados do Oeste. Por fim, como explicação plausível, poder-se-á especular que «the North had grown weary of the crusade for blacks» e não desejava verdadeiramente a igualdade dos negros.<sup>25</sup>

A partir da década de oitenta, o Norte sofre enormes mutações no seu tecido industrial, acelerado e alimentado pela grande massa de imigrantes vindos da Europa – na segunda metade do século XIX após a Guerra Civil a imigração excedeu os 26 milhões de pessoas – e a nova

---

<sup>24</sup> Ibid., p.148.

<sup>25</sup> Franklin e Moss, *From Slavery to Freedom*, p.253 e Ann J. Lane, «The Civil War, Reconstruction, and Afro-American» in *Black Life*, p.148.

ordem valoriza a indústria sobre a organização agrária ainda predominante no Sul, naturalmente sob a influência dos industriais nortistas que começaram a deslocar os seus investimentos para esta região.<sup>26</sup>

Neste período, a economia do Sul estava devastada, o preço do algodão continuava a descer e vivia-se uma época de depressão agrária que duraria até ao fim do século XIX. A tendência era, assim, caminhar para uma economia de subsistência, tal como veio a acontecer em todas as sociedades de plantação após a emancipação. Perante o caos económico e político e perante o sentimento de injustiça sentido, a comunidade branca aponta o dedo ao bode expiatório – os negros – avançando para a progressiva extinção do direito ao sufrágio universal adquirido por estes durante a Reconstrução, uma forma de retaliação em relação à suspensão do direito ao voto dos ex-confederados imposta pelos *Reconstruction Acts*. Assim, os vários estados da antiga Confederação iniciam imediatamente a produção de leis que visam a limitação da esfera social, política e económica dos afro-americanos conduzindo-os ao *disfranchisement*.

O processo de *disfranchisement* do negro vai-se consolidando entre 1877 e o fim do século, através de exigências ligadas à zona de residência, testes de literacia, posse de propriedade ou pagamento de impostos, que variavam de estado para estado, e que visavam quer a interdição ao recenseamento, quer a interdição ao voto, se o primeiro fosse concretizado. Em 1877, alguns estados impõem o pagamento da

---

<sup>26</sup> Maldwyn A. Jones, *The Limits of Liberty*, p.321.

*poll tax* como requisito para usufruir do direito ao voto, impedindo automaticamente os pobres de votarem; a partir de 1882, alguns estados criam uma *box law* que tornava difícil aos analfabetos reconhecerem a urna correspondente ao seu voto. Mas é entre 1890 e 1900 que os vários estados do Sul codificam inúmeras formas de segregação: em 1890 surge o teste de literacia que nalguns casos consistia na leitura e interpretação da Bíblia, perante examinadores brancos, e noutros leituras de passagens da Constituição federal; em 1898 surge a *grandfather clause* que isentava dos testes de literacia quem tivesse um familiar eleitor anterior a 1867. Em 1910, praticamente nenhum homem negro do Sul tinha o direito ao voto.<sup>27</sup> Todas estas leis contribuíram de forma decisiva para a construção do sistema de segregação legal do Sul, que ficou conhecido pelo nome de *Jim Crow*<sup>28</sup> e que seria consolidado pela resolução *Plessy v. Ferguson*, em 1896. Nesta histórica decisão o Supremo Tribunal define a doutrina de «separados mas iguais», ao considerar que a regra do estado de Louisiana, que consistia em separar as raças nos comboios, não violava

---

<sup>27</sup> Leon F. Litwack, *Trouble in Mind*, pp.225-226.

<sup>28</sup> As leis acima referidas apenas regulam o direito ao voto, ou antes, o *disfranchisement* do negro nos estados do Sul. O conjunto de leis estaduais conhecidas por Jim Crow incluem também a exclusão de participação cívica nas áreas jurídica (exclusão de participação em júris) e económica (limitação de acesso ao comércio), bem como a proibição de casamentos interracialis, a imposição de segregação escolar e em locais públicos. A origem do termo Jim Crow para designar as leis segregacionistas encontra-se na utilização desta expressão aplicada aos negros desde o início do século XIX. Thomas «Daddy» Rice, um jogral branco, popularizou o termo ao vestir-se e pintar-se de preto, sorrindo largamente, e criando um número de entretenimento com a figura do «Jump Jim Crow» que caricaturizava o negro. A partir dos anos trinta do mesmo século, esta forma de entretenimento «minstrelsy» tornara-se extremamente popular. No entanto, como afirma Leon F. Litwack, é pouco clara a forma como uma dança de um «white man for the amusement of white audiences become synonymous with a system designated by whites to segregate the races.», in Leon F. Litwack, *Trouble in Mind: Black Southerners in the Age of Jim Crow* (Nova Iorque: Vintage Books, 1998), p.xiv.

o 14º Aditamento, desde que as condições de conforto fossem idênticas para as duas raças. O juiz Brown, relator da decisão, interpretou-o da seguinte forma:

The object of the amendment was undoubtedly to enforce the absolute equality of the two races before the law, but in nature of things it could not have intended to abolish distinctions based upon color, or to enforce social, as distinguished from political equality, or a commingling of the two races upon terms unsatisfactory to either. [...] Legislation is powerless to eradicate racial instincts or to abolish distinctions based upon physical differences [...] If the civil and political rights of both races be equal one cannot be inferior to the other civilly or politically. If one race be [*sic*] inferior to the other socially, the Constitution of the United States cannot put them upon the same plane.<sup>29</sup>

Mas parece evidente que não se procurava a implementação da igualdade na separação, mas sim a exclusão de um dos grupos. Esta decisão veio a ser determinante nas posições assumidas pelo Supremo Tribunal até 1954, quando a segunda decisão histórica tomada por este órgão, do ponto de vista dos afro-americanos, a *Brown v. Board of Education of Topeka, Kansas*, inverte o processo da segregação legal.

Quando se entra na década de oitenta do século XIX, as condições sociais e económicas dos negros do Sul estavam muito aquém das imaginadas pelos líderes abolicionistas como Wendell Phillips, Charles Sumner, Thadeus Stevens e Frederick Douglass e também sonhadas pelos próprios negros.

De facto, a comunidade aspirava à possibilidade de poder trabalhar uma pequena parcela de terra que fosse sua.<sup>30</sup> Mas afinal, este trabalho agrícola era, na maior parte das vezes, de mera subsistência, como é possível depreender das palavras do ministro branco da Igreja Episcopal

---

<sup>29</sup> *Plessy v. Ferguson*, 163 U.S. 537 (1896) citado por Joseph H. Taylor, «The Fourteenth Amendment, The Negro, and The Spirit of The Times», *Journal of Negro History*, 45, nº1 (Janeiro 1960), p.31.

<sup>30</sup> Leon F. Litwack, *Trouble in Mind*, p.120.

Metodista da Geórgia, Atticus G. Haygood que, em 1881, dedica um livro à análise da situação social e económica do negro:

Most of the six millions of Africans are very poor.[...] During these fifteen years, which many of them have spent in trying to find their reckoning on a wide and unknown sea, most of them have had a sharp struggle for existence. [...] Most of them depend for subsistence solely on their labor. A very great majority of the whole number are in the rural districts at work as hired laborers, or as tenants, upon contracts renewable at the beginning of each year.<sup>31</sup>

A maioria dos negros trabalhava a terra através de três sistemas: o sistema de *sharecropping*, o sistema de *tenancy* ou arrendamento e o sistema de trabalho à jornada, mais usual nos distritos de plantações de arroz e açúcar.<sup>32</sup> Uma vez que o agricultor era dono da colheita, só o sistema de arrendamento permitia ao negro, pelo menos teoricamente, uma limitada liberdade no trabalho e alguma possibilidade de lucro nos anos bons.

O sistema de *sharecropping* era maioritariamente aplicado nas plantações de algodão. O proprietário dava a terra, as sementes, uma mula e o crédito, o *cropper* e a sua família contribuíam com o trabalho, recebendo no final uma parte do valor da colheita, normalmente metade, depois do pagamento da dívida do adiantamento feito pelo dono da terra.<sup>33</sup> A colheita não pertencia ao trabalhador, mas sim ao dono da

---

<sup>31</sup> Atticus G. Haygood, *Our Brother in Black: His Freedom and His Future* (Nova Iorque: Phillips and Hunt, 1881), pp.9-10.

<sup>32</sup> James B. Runnion, «The Negro Exodus», *Atlantic Monthly* 44 (1879), pp.222-230.

<sup>33</sup> Os sistemas de trabalhar a terra e o sistema de avanço de crédito eram sempre utilizados em prejuízo do agricultor negro: «The credit system, which is as universal as the renting system [no qual se inclui o sistema de *sharecropping*] is even more illogical and oppressive. The utter viciousness of both systems in their mutual dependence is sufficiently illustrated by the single fact that, fourteen years of freedom and labor on their own account, the great mass of the negroes depend for their living on an advance of supplies (as they need food, clothing, or tools during the year) upon the pledge of their growing crop. [...] The country merchant advances the negro tenants such supplies as the negro wants up to a certain amount, previously fixed by contract, and charges the negro at least double the value of every article sold to him.» in James B.

terra, ao contrário do que acontecia no sistema de *tenancy* ou arrendamento.

Contudo, o sistema de arrendamento também levava a situações difíceis de sobrevivência. É possível perceber o grau de pobreza resultante deste sistema através da leitura de *The Souls of Black Folk* (1901) de W.E.B. Du Bois onde se descreve a situação particular de vários indivíduos reduzidos ao pagamento permanente de dívidas, no estado da Geórgia. Da colheita obtida, entre 1/4 a 1/3 era entregue ao dono da terra como renda. O restante servia para pagar os juros das dívidas contraídas durante o ano na alimentação e bens comprados a crédito. De arrendatários, os negros passaram rapidamente a trabalhar à jornada, procurando plantações onde os aceitassem. A situação da vasta maioria dos negros era de endividamento crónico numa terra naturalmente fértil, como era o caso da Geórgia, a terra do «Cotton Kingdom». <sup>34</sup> Assim, os brancos continuavam proprietários e os negros seus trabalhadores. <sup>35</sup>

Em termos de redistribuição do poder económico, a Reconstrução não trouxe nenhuma mudança significativa, pois nem o Congresso nem as legislaturas estaduais deste período consideraram a redistribuição de terra de forma abrangente. O Congresso autorizou, de facto, o *Bureau* a proceder à divisão das terras confiscadas ou abandonadas em parcelas

---

Runnion, «The Negro Exodus», *Atlantic Monthly* 44 (1879), pp.222-230, <http://www.teachersoft.com/Library/history/king/chapt04.html>

<sup>34</sup> W. E. B. Du Bois, «Of the Black Belt», in *The Souls of Black Folk* (Nova Iorque: Dover Publications, [1903] 1994), pp.73-80.

<sup>35</sup> Embora entre 1880 e 1920 cresça o número de negros proprietários de terra na zona norte do Sul, no *black-belt*, onde a maioria dos negros se concentrava, em 1880 apenas 1 em 100 era proprietário. Em 1910, apenas 13 por cento possuía terra. Em 1900 estimava-se que 75.3 por cento dos agricultores negros eram *sharecroppers* ou arrendatários, in Leon F. Litwack, *Trouble in Mind*, p.122.

de quarenta acres, colocadas à disposição dos *freedmen* e dos refugiados leais à União, para a arrendarem ou eventualmente a comprarem, mas a pequena minoria de plantadores continuou a deter o valor mais importante da economia sulista: a terra.<sup>36</sup> Na década de oitenta do século XIX a aristocracia de plantadores já tinha recuperado os hábitos de vida e hierarquização social de há vinte anos atrás.<sup>37</sup>

### 1.3. A implementação de um sistema de educação para os negros

Os novos cidadãos reconhecem rapidamente a necessidade urgente de se educarem como estratégia primeira para atingirem uma cidadania *de facto*, seguindo o exemplo da comunidade branca: «How faithfully, how piteously, this people strove to learn. It was weary work», comentaria Du Bois.<sup>38</sup>

É importante recordar que no Sul, até à Guerra Civil, quer os escravos quer os negros livres estavam proibidos por lei de aprender a ler ou a escrever.<sup>39</sup> A educação, logo a seguir à posse da terra, era a

---

<sup>36</sup> Em Janeiro de 1865 o General William T. Sherman assina a *Special Field Order* nº15, reservando as Sea Islands e a zona costeira a Sul de Charleston (Carolina do Sul) para a fixação exclusiva de negros. Cada família receberia 40 acres de terra e o exército emprestava-lhes mulas. De acordo com Eric Foner é provável que a frase «forty acres and a mule» tenha tido aqui a sua origem, in *A Short History of Reconstruction*, p.32.

<sup>37</sup> John Hope Franklin, *Reconstruction After the Civil War*, p.174 e p.212.

<sup>38</sup> W. E. B. Du Bois, «Of Our Spiritual Strivings», in *The Souls of Black Folk*, p.5.

<sup>39</sup> John Hope Franklin, *Reconstruction After the Civil War*, p.88. As leis também eram pesadas para aqueles que educassem os seus escravos, no entanto não eram cumpridas de forma eficiente. Frederick Douglass, por exemplo, foi educado pela sua proprietária. Contudo a aplicação da lei era reforçada quando se punha a hipótese de

prioridade por excelência entre os ex-escravos, encarada como a forma útil e provada de superar a dependência mental e física em relação aos brancos. Ser-se educado equivalia a ser-se respeitado, a poder votar, em suma equivalia a ser-se alguém.<sup>40</sup>

No reconhecimento por parte da comunidade negra da necessidade imperativa de se educarem, os ex-escravos reuniram o apoio dos políticos republicanos, do *Freedmen's Bureau*, das sociedades missionárias nortistas e dos militares da União. Porém, esta vontade de construção de uma rede de escolas públicas colidia com o poder dos plantadores e com a sua concepção do papel do estado, da igreja e da família na educação. Os grandes proprietários sulistas toleravam a ideia de uma educação rudimentar para os pobres, dirigida às crianças brancas desfavorecidas, como um acto de caridade. A educação oficial e generalizada, implementada pelo estado era uma coisa totalmente diferente, pois acreditavam que os governos estaduais não tinham o direito de intervir na educação das crianças ou na ordem social instituída. A intervenção activa na estrutura social através da educação pública violava aquilo que era visto como a evolução natural da sociedade, ameaçando a autoridade familiar, desequilibrando as relações e deveres dos proprietários para com os seus trabalhadores e vindo ainda usurpar as funções das igrejas. Como resultado desta concepção imobilista, o Sul pós-bélico tinha uma posição de grande hostilidade face à ideia de educação pública universal (para quem quer

---

estabelecer escolas para os escravos, in Franklin e Moss, *From Slavery to Freedom*, pp. 136-137.

<sup>40</sup> Leon F. Litwack, *Trouble in Mind*, p.56.

que fosse), no que eram apoiados por outros grupos sociais brancos – pequenos agricultores, pequenos comerciantes e industriais.<sup>41</sup> Em 1881, esta oposição a um sistema de educação gratuita persistia entre os sulistas, pois a sua aplicação implicava a destruição da hierarquia social vigente, bem como minava a autoridade do pai de família, e as suas escolhas para a educação dos filhos. Esta perspectiva aparece enunciada no texto previamente citado do reverendo Atticus G. Haygood

If the education of these children should be made absolutely a free-gift, three evils, each of them grave, would follow: 1. The Negro father would not depend on himself as the head of the family; 2. The process must be kept up indefinitely, 3. Many of the negro's weakest traits of character will be perpetuated.<sup>42</sup>

Os ex-escravos desviaram-se desta tradição educativa, (que era muito diferente da do Norte, como se verá) criando um movimento para a educação fundamentado no auto-apoio (self-reliance) e num desejo profundo de controlar e manter as suas próprias escolas. Os valores do *self-help* e da auto-determinação sustentavam este movimento para a educação. De acordo com o historiador James D. Anderson, essa tendência para a promoção da educação era totalmente autónoma em relação aos esforços que o *Freedmen's Bureau* desenvolvia no mesmo sentido. Embora aceitassem de bom grado o apoio dos missionários nortistas e do *Freedmen's Bureau* foram, de facto, os negros que impuseram o primeiro desafio à resistência sulista a uma educação para todos.<sup>43</sup>

---

<sup>41</sup> James D. Anderson, *The Education of Blacks in the South 1860-1935*, (Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1988), p.4.

<sup>42</sup> Atticus G. Haygood, *Our Brother in Black*, p.139.

<sup>43</sup> James D. Anderson, *The Education of Blacks in the South*, pp.5-6.

W. E. B. Du Bois, no entanto, avança com uma versão onde o *Bureau* aparece a desempenhar um papel crucial na construção da rede de escolas:

The greatest success of the Freedmen's Bureau lay in the planting of the free school among Negroes, and the idea of free elementary education among all classes in the South.<sup>44</sup>

Os partidários republicanos da emancipação dos escravos conseguiram que o programa federal de Reconstrução obrigasse ao estabelecimento de escolas primárias em todo o Sul. Não havia escolas integradas, à exceção de algumas em Nova Orleães e ao nível do ensino superior apenas existia a Universidade da Carolina do Sul.<sup>45</sup> Quando a Reconstrução terminou e as entidades oficiais brancas desejando recuperar o controlo das escolas negras, acabaram por promover a professores alguns negros cujas habilitações ficavam aquém do suficiente: «Many became teachers who could do little more than write their names», escreveria posteriormente Booker T. Washington no capítulo da sua autobiografia dedicado ao período da Reconstrução.<sup>46</sup>

O *Freedmen's Bureau* levou muitos nortistas a deslocarem-se para Sul - maioritariamente mulheres, oriundas da Nova Inglaterra - a fim de criarem escolas e treinarem os escravos recém-libertos para a democracia e liberdade, ou seja, para os preparar para a cidadania. Em 1869, o *Bureau* ajudara à instalação de mais de três mil escolas,

---

<sup>44</sup> W.E.B Du Bois, «Of the Dawn of Freedom», in *The Souls of Black Folk*, p.20.

<sup>45</sup> James M. McPherson, *The Abolitionist Legacy: From Reconstruction to NAACP* (Princeton: Princeton University Press, [1975] 1995), p.16 e Eric Foner, *A Short History of Reconstruction*, pp.157-158.

<sup>46</sup> Booker T. Washington, *Up From Slavery: An Autobiography* (Oxford: Oxford University Press, [1901] 1995), p.47.

administradas por nortistas com formação adequada, com cerca de 150.000 estudantes.<sup>47</sup>

Enquanto uns trabalhavam directamente sob a direcção do *Bureau*, muitos missionários do Norte vinham em regime de voluntariado o que também era uma consequência do seu trabalho durante a Guerra Civil a favor da emancipação. Os professores missionários deslocavam-se para o Sul impulsionados pelas tendências reformistas da Nova Inglaterra, região que contribuía maioritariamente para o financiamento da educação dos *freedmen*. Muitos desses missionários surpreenderam-se quando constataram que alguns negros já tinham fundado as suas próprias instituições de ensino e que estavam renitentes em perder o controlo da sua educação a favor dos brancos nortistas. O superintendente geral do *Freedmen's Bureau* para a educação, John Watson Alvord (1807-1880) constata o esforço dos antigos escravos:

Throughout the entire South an effort is being made by the colored people to educate themselves. In the absence of other teaching they are determined to be self-taught; and everywhere some elementary text-book, or the fragment of one, may be seen in the hands of negroes.<sup>48</sup>

---

<sup>47</sup> Henry Louis Gates Jr. e Nellie Y. McKay, «Literature of the Reconstruction to the New Negro Renaissance 1865-1919», in *The Norton Anthology of African American Literature*, eds. Henry Louis Gates Jr. e Nellie Y. McKay (Nova Iorque: W.W. Norton and Company, 1997), p.463.

<sup>48</sup> John Watson Alvord, superintendente entre 1865 e 1872, viajou por todo o Sul durante 1865, descrevendo as suas observações num relatório intitulado *Inspector's Report of Schools and Finances*, (U.S. Bureau of Refugees, Freedmen and Abandoned Lands, Washington D.C.: U.S. Government Printing Office, 1866) citado por James D. Anderson, *The Education of Blacks in the South*, p.6. Alvord tinha como objectivo a construção de uma rede de escolas públicas para negros e brancos, à semelhança do modelo do Norte. Alvord também contribuiu para a criação do *Freedmen's Savings Bank* do qual assumiu a presidência em 1868. Em Março de 1874 os administradores substituíram-no por Frederick Douglass, mas o banco nessa altura estava em situação avançada de falência vindo a extinguir-se em Julho desse ano, perdendo-se as poupanças de milhares de antigos escravos.

Surpreendido com as «native schools» - escolas fundadas e mantidas exclusivamente por ex-escravos - que encontrava nos sítios mais remotos, Alvord avança com a estimativa de 500 escolas deste género em 1866, espalhadas por locais onde o *Freedmen's Bureau* nunca tinha estado. Em 1870 os negros já tinham investido um milhão de dólares na educação, facto que em muito contribuiu para o seu sentimento de orgulho racial.<sup>49</sup>

É de salientar, no entanto, que mesmo antes das sociedades missionárias nortistas chegarem ao Sul em 1862, antes da Proclamação da Emancipação em 1863 e antes do Congresso criar o *Freedmen's Bureau* em 1865, já os escravos e homens negros livres tinham começado a planear um sistema de instrução sistemática para os seus.<sup>50</sup>

O tipo de ensino que os missionários ministravam e os objectivos pretendidos têm sido objecto de discussão. Para James D. Anderson, estes voluntários vinham para o Sul com a ideia preconcebida de encontrar o negro brutalizado e desumanizado por vários séculos de escravatura, precisando acima de tudo de ser civilizado. Assim, os seus currículos contemplavam uma tónica moralizante muito forte, e eles socorriam-se dos livros escolares produzidos pelas associações de missionários para ilustrar este

---

<sup>49</sup> Eric Foner, *A Short History of Reconstruction*, p.44.

<sup>50</sup> James D. Anderson oferece vários exemplos ilustrativos desta necessidade anterior à Proclamação da Emancipação: escolas abertas em Setembro de 1861 em Forte Monroe, Virginia; em Julho de 1864, a *New Orleans Union* comemora a fundação da *Pioneer School of Freedom* aparentemente estabelecida antes da de Forte Monroe, em Nova Orleães em 1860; também uma escola em Savannah, Georgia funcionou clandestinamente entre 1833 e 1865, in *The Education of Blacks in the South*, p.7.

espírito.<sup>51</sup> Para James McPherson, os missionários acreditavam no ensino para a igualdade: «Although real social equality between a white teacher and the black community was rare, the ideology and thrust of missionary education was toward ultimate race equality». Não obstante, McPherson também aponta para a ambivalência das intenções dos missionários, «teachers came South intending to uplift the poor; like all missionary enterprises, this one implied the cultural inferiority of those to be uplifted».<sup>52</sup>

Mesmo durante o período em que o *Bureau* esteve fortemente envolvido na educação dos ex-escravos, o sucesso da escolarização dependeu essencialmente dos esforços conduzidos pelos afro-americanos. O movimento dos negros para a sua educação acabou por se transformar num teste à própria capacidade de, em primeiro lugar, reestruturarem as suas vidas e em segundo lugar, de estabelecerem a sua liberdade. Este esforço constitui também uma prova de que eram um grupo politicamente responsável, ao contrário da percepção que os brancos tinham deles. Constata-se uma discrepância entre os dados estatísticos avançados pelo *Freedmen's Bureau* em relação ao número de pessoas a frequentarem a escolas por ele implantadas ou dirigidas por missionários brancos nortistas e o número real de alunos, uma vez que as escolas sob a exclusiva direcção e apoio dos ex-escravos não estavam contabilizadas. As *Sabbath Schools* patrocinadas pelas igrejas afro-americanas, nas quais se ministrava, aos fins-de-semana ou à noite, o ensino elementar a pessoas de qualquer idade, também não

---

<sup>51</sup> James D. Anderson, *The Education of Blacks in the South*, p.30

<sup>52</sup> James McPherson, *The Abolitionist Legacy*, p.183.

estavam contabilizadas.<sup>53</sup> É possível então, concluir, que a primeira vontade de construção da coesão de grupo pela comunidade negra emerge, deste modo, a partir do processo educacional.

Não só o processo de educação do negro foi crucial para a construção da sua identidade de cidadão responsável, como desempenhou um papel fundamental na implantação da ideia de escolaridade universal no Sul enquanto direito básico legalmente previsto nas constituições dos antigos estados Confederados. Através da aliança entre os políticos negros e os republicanos, ainda durante o período da Reconstrução, em 1870, todos os estados do Sul foram obrigados a consagrar nas suas constituições (contra a sua tradição e vontade) um sistema de educação público financiado pelo estado. Apesar do imenso valor atribuído à educação, a adaptação às realidades económicas obrigou a grande maioria dos negros a dispensarem-na sendo forçados a trabalharem, ou a frequentarem a escola apenas por curtos períodos durante o ano como atesta o jornalista afro-americano T. Thomas Fortune em 1884: «Common school only runs from three to eight months».<sup>54</sup>

Simultaneamente, muitos pais negros reconheciam que numa sociedade onde não havia oportunidades de emprego para os negros à excepção da agricultura e da igreja, não seria necessário ir além dos

---

<sup>53</sup> James D. Anderson, *The Education of Blacks in the South*, pp.12-13. Os números do *Bureau* entre 1866 e 1870 apontavam para uma criança em dez a frequentar as suas escolas ou as de missionários. No entanto há também a estimativa (conservadora) de 1.512 *Sabbath Schools* com 6.146 professores e 107.109 alunos para o ano de 1866.

<sup>54</sup> T. Thomas Fortune, *Black and White: Land, and Labor and Politics in the South* (1884), rpd. *African-American Social and Political Thought 1850-1920*, ed. Howard Brotz, 5ª ed. (Londres: Transaction Publishers, 1997), p.332.

rudimentos de saber ler e escrever. Nesta avaliação estava implícita, de certo modo, a consciência do ressentimento branco contra o negro educado, e assim, ao não educarem os seus filhos, os pais afastavam-nos de futuros problemas. No entanto, os índices de analfabetismo vão diminuindo significativamente, passando de 95% em 1860 para 70% em 1880 e 30% em 1910.<sup>55</sup> O processo de educação dos antigos escravos poderia ser desacelerado, mas já não era possível pará-lo ou invertê-lo.

#### 1.4. Booker T. Washington e W. E. B. Du Bois

##### 1.4.1. O Instituto de Tuskegee e o pensamento de Booker T. Washington

Como se viu antes, o negro do Sul estava economicamente limitado a uma vida de mera subsistência e socialmente remetido para um estatuto de inferioridade pela comunidade branca sulista, que ostracizava totalmente os professores missionários do Norte, pelo facto destes, sendo brancos, conviverem socialmente com os negros.<sup>56</sup>

Mesmo antes da Guerra Civil, existia um sector da opinião pública, primeiro no Norte e depois espalhando-se entre alguns pensadores do Sul, normalmente homens ligados às igrejas, que embora professasse os valores morais abolicionistas, acreditava profundamente

---

<sup>55</sup> James D. Anderson, *The Education of Blacks in the South*, p.31. «It was 1930 before the average American Negro had six years of schooling compared to ten years of schooling for contemporary whites.», Thomas Sowell, *Ethnic America: A History* (Nova Iorque: Basic Books, 1981), p.214.

<sup>56</sup> Para descrições mais pormenorizadas do ostracismo a que estes professores eram votados ver James M. McPherson, «Capítulo X», in *The Abolitionist Legacy*.

na diferença das raças e na inferioridade do negro, opondo-se frontalmente àquilo a que chamava *amalgamation* ou miscigenação das raças. Esta crença acabou por fazer desenvolver neste sector da opinião pública branca uma atitude de condescendência paternalista que procurava promover algum progresso educacional e económico, embora limitado por uma concepção da raça negra como infantilizada e dependente. Esta posição transparece em vários aspectos, nomeadamente na relação que os professores missionários brancos estabeleciam com os seus alunos ou na forma como os oficiais olhavam os batalhões negros, considerando-os submissos, dóceis e facilmente manejáveis.<sup>57</sup> A imagem do negro infantil e biologicamente incapaz de maturação intelectual reflectir-se-á, mais tarde, nas políticas educacionais subjacentes ao projecto do *Tuskegee Normal and Industrial Institute*, fundado em 1881 em Alabama, pelo ex-escravo e líder da comunidade negra sulista, Booker T. Washington.

As afirmações de Atticus G. Haygood exemplificavam bem o sentimento paternalista face ao negro:

Their weaknesses are perhaps partly in their blood; [...] They are kind-hearted, generous to the distressed, obliging, unrevengeful. But, poor as they are, and thriftless as most of them are, they are improving their condition.<sup>58</sup>

Este novo paternalismo, no entanto, não promovia as concepções da antiga ordem socio-económica esclavagista. Preconizava antes uma orientação moral e reflectia uma predisposição para conceder algumas

---

<sup>57</sup> George M. Fredrickson, *The Black Image in the White Mind: The Debate on African-American Character and Destiny 1817-1914* (Nova Inglaterra: Wesleyan University Press, 1971), p.170.

<sup>58</sup> Atticus G. Haygood, *Our Brother in Black*, p.12 e p.15.

condições educativas, especialmente ao nível da aprendizagem industrial:

If any thing in this world is settled, it is settled that the negro can learn to read, to write and to «cipher» [...] He can learn a great deal more, but these parts of knowledge he must learn for his safety, and ours.<sup>59</sup>

O resultado pretendido seria, no máximo, permitir que os negros conseguissem ganhar a vida mantendo-se, no entanto, nos níveis mais baixos da sociedade capitalista. Este paternalismo assemelhava-se assim, de algum modo, à ideia novecentista de caridade praticada com fins pedagógicos e de preparação para a vida, pelas classes burguesas da Inglaterra vitoriana. O conceito estava imbuído de uma rigorosa filosofia de *self-help* no qual não havia lugar para atitudes de caridade e esmola, consideradas desmoralizantes, e não se desejava interferir de forma alguma na organização da sociedade competitiva capitalista. Logo, este novo paternalismo opunha-se a qualquer intervenção governamental, mesmo a nível da responsabilidade pela educação, contrastando a este nível com a ideia dominante da responsabilidade estatal no ensino público no Norte. O ensino industrial e o treino manual eram vistos como formas de enquadrar o negro (no Sul) e os filhos da classe trabalhadora (no Norte) no seu destino pré-definido na sociedade industrial, mais atrasada no Sul mas que se vai desenhando lentamente a partir da década de setenta.

A única forma de evitar o caos político era educar os negros, tornando-os mão-de-obra minimamente qualificada. Simultaneamente,

---

<sup>59</sup> Atticus G. Haygood, *Our Brother in Black*, p.134.

procurava-se educá-los para o voto em harmonia com os brancos, como refere Booker T. Washington em várias ocasiões:

I do believe that in his voting he should more and more be influenced by those of intelligence and character who are his next-door neighbours [Southern white people].<sup>60</sup>

Enquanto os ex-escravos lutavam pela construção de um sistema de ensino universal, como explicado atrás, desenvolve-se em 1868, um outro modelo de escola, em Hampton no estado da Virgínia, sob a orientação de Samuel Chapman Armstrong, filho de missionários protestantes no Havai. Esta escola seria frequentada por Booker T. Washington e por ele imitada posteriormente no seu Instituto de Tuskegee. Inicialmente dedicada à formação de professores primários para integrarem o sistema educativo negro, a escola de Armstrong rapidamente ganha a reputação de ser vocacionada para a formação industrial e comercial, o que não correspondia efectivamente ao número de estudantes formados nestas áreas, pois Hampton continuava a formar maioritariamente professores. Armstrong representava uma classe social e ideologia com interesses muito distintos dos *freedmen*, mais próximos das posições de Atticus G. Haygood. Assim, o missionário desenvolve um modelo pedagógico desenhado para evitar confrontações com o *establishment* branco mantendo um consenso social que não pusesse em causa as desigualdades tradicionais decorrentes das assimetrias do dinheiro e poder.<sup>61</sup> É preciso não

---

<sup>60</sup> Booker T. Washington, *Up From Slavery*, p.138.

<sup>61</sup> O Instituto de Hampton tinha como objectivo ensinar as três grandes lições da vida: como viver, como trabalhar e como ensinar os outros. Os cursos de três anos, para além do currículo académico, ainda incluíam aulas de agricultura e química agrícola, contabilidade, economia política (criticando o comunismo e ensinando as relações boas entre o trabalho e o capital) cozinha e costura. Também aprendiam as técnicas

esquecer que a ideia da emancipação dos escravos se baseava na igualdade perante a lei e não na igualdade social, pois como aponta em 1865 um jornalista da revista *Nation*:

What we do seek for the negro is equality before the law, such as prevails between a Parisian water-carrier and the Duc de Rohan, or between a London cabman and the earl of Derby. This accomplished, we propose to leave him to make his own social position.<sup>62</sup>

Booker T. Washington ao fundar o seu Instituto em 1881, vai seguir o modelo de Hampton, mas desenvolvendo prioritariamente a educação industrial, considerando ser esta a necessidade principal do Sul:

The minute it was seen that through industrial education the Negro youth was not only studying chemistry, but also how to apply the knowledge of chemistry to the enrichment of the soil, or to cooking, or to dairing, and that the student was being taught not only geometry and physics, but their application to the blacksmithing, brickmaking, farming, and what not, then there began to appear for the first time a common bond between the two races.<sup>63</sup>

Booker acreditava profundamente na necessidade de qualificar a mão-de-obra negra para que esta progredisse economicamente: «No race can prosper till it learns that there is as much dignity in tilling a field as in writing a poem. It is at the bottom of life we must begin, and not at the top».<sup>64</sup>

Tanto o Instituto de Tuskegee como a Escola Industrial de Hampton eram patrocinadas por empresários filantropos do Norte,

---

manuais de pedreiro e serralheiro. Um dia de aulas normal iniciava-se às 5:30h e terminava às 21:00h. Garraty Carnes, «Armstrong, Samuel Chapman», *American National Biography*, vol.10 (Nova Iorque: Oxford University Press, 1999), pp.624-625.

<sup>62</sup> E.L. Godkin, *Nation* (19 Outubro 1865) citado por George M. Fredrickson, *The Black Image in the White Mind*, p.178.

<sup>63</sup> Booker T. Washington, «The Fruits of Industrial Training», *Atlantic Monthly* 92 (1903), pp.453-462, <http://www.teachersoft.com/Library/history/king/chapt24.html>

<sup>64</sup> Booker T. Washington, *The Atlanta Exposition Address delivered at The Atlanta World Exposition* (1895) rpd. *Booker T. Washington and His Critics: Black Leadership in Crisis*, ed. Hugh Hawkins, 2ª ed. (Londres: D.C.Heath and Company, [1962] 1974), p.25.

como Andrew Carnegie ou John D. Rockefeller. Estes filantropos conheciam bem o trabalho desenvolvido em Hampton, e a repetição do modelo em Tuskegee, e sabiam que estas instituições propunham não só uma teoria da educação, como também uma filosofia social, ou seja, procuravam a forma mais ajustada de preparar os negros para a vida de segregação:

A three or four year course commencing with the rudiments, requiring of the beginners a knowledge of reading and writing and the first rules of arithmetic [...] is enough.<sup>65</sup>

A função da escola, tal como a estratégia do Sul para o negro, seria, usando as palavras do médico branco sulista P.B. Barringer em 1900, «to make of the next generation of negroes in the South honest, law-abiding laborers and artisans, with an ambition for the respect of the better class of their own people and of whites.»<sup>66</sup>

Entre a comunidade branca, mesmo a que se proclamava defensora dos direitos dos negros, estava bem implantada a ideia de que um currículo liberal de artes não se adequava nem convinha àqueles que acabavam de sair de um estado de escravatura. O negro americano, embora mais avançado que os negros africanos, dada a convivência durante os séculos de escravatura com a civilização branca sulista dita superior, era considerado biologicamente inferior. Estas ideias persistiram até ao século XX, como é possível confirmar nas provas

---

<sup>65</sup> Samuel Armstrong, «Normal School among the Freedmen», in *Proceedings of the National Education Association* (1872), citado por William M. Banks, *Black Intellectuals: Race and Responsibility in American Life* (Nova Iorque: W.W. Norton and Company, 1996), p.39. Mais adiante, aquando da reflexão sobre o pensamento de Booker T. Washington, descreve-se em maior detalhe a filosofia educacional destas escolas.

<sup>66</sup> P.B. Barringer, *The American Negro, His Past and Future*, 3ª ed. (Raleigh, North Carolina, s.e., 1900), p.21.

aleadamente científicas avançadas numa conferência proferida por P.B. Barringer na Universidade da Virgínia:

The ages of degradation under which [the negro] was formed and fifty centuries of historically recorded savagery with which he came to us can not be permanently influenced by one or two centuries of enforced correction.<sup>67</sup>

Em relação ao sistema educativo público implantado no Sul, P.B. Barringer além de tecer considerações sobre o facto do mesmo ser sustentado pelos brancos, ainda acrescenta que «the present school system of the South is but a “forcing bed” for racial hatred and antagonism.».<sup>68</sup>

No final do século XIX, a ideologia educativa das instituições Hampton e Tuskegee representava a antítese do movimento social e educacional dos ex-escravos, suscitando por isso as veementes críticas daqueles que defendiam uma verdadeira educação cívica e liberal para a igualdade de facto entre as raças, como viria a ser o caso de Du Bois. O modelo Hampton-Tuskegee fundamentava-se na ideia do dever do trabalho, e nas qualidades morais de dignidade que o trabalho incentivava. Assim, em Hampton, para além de se dar formação na área do ensino, a grande tónica era obrigar os futuros professores a passarem pela experiência de uma dura rotina de trabalho manual a fim de adquirirem o conhecimento necessário à transmissão desse mesmo valor aos futuros trabalhadores rurais ou manuais. Em Tuskegee, a preparação técnica para uma profissão industrial era igualada à preparação moral para o valor do trabalho físico:

---

<sup>67</sup> P.B. Barringer, *The American Negro, His Past and Future*, p.5.

<sup>68</sup> *Ibid.*, p.21.

Having been fortified at Tuskegee by education of mind, skill of hand, Christian character, ideas of thrift, economy, and push, and a spirit of independence, the student is sent out to become a centre of influence and light showing the masses of our people in the Black Belt of the South how to lift themselves up. [...] It is through the dairy farm, the truck garden, the trades, and commercial life, largely, that the Negro is to find his way to the enjoyment of all his rights.<sup>69</sup>

Uma vantagem não desprezável da filosofia de Booker T. Washington, responsável pelo seu sucesso junto dos sulistas brancos e junto dos financiadores nortistas do seu projecto, era esta não colidir com a posição dos brancos face à educação dos negros:

From its first inception the white people of the South had faith in the theory of industrial education, because they had noted [...] that a large element of the colored people at first interpreted freedom to mean freedom from work with the hands.<sup>70</sup>

Obviamente que subjacente a aceitação sem reservas deste programa educativo estava também o discurso acomodado de Washington sobre a segregação e o facto de ele não reivindicar direitos cívicos ou políticos para os negros, colocando-se abertamente numa posição apolítica face à situação da sua comunidade no Sul, como se discutirá mais adiante.

Booker T. Washington também preconizava simultaneamente a filosofia do *self-help*, «a chance to help himself is what we want to give to every student».<sup>71</sup> Assim, defendia a criação de instituições de negros para negros, sem qualquer apoio oficial governamental, ao contrário do

---

<sup>69</sup> Booker T. Washington, «The Awakening of the Negro», *Atlantic Monthly* 78 (1896), pp.322-328, <http://teachersoft.com/Library/history/king/chapt09.html>

<sup>70</sup> Booker T. Washington, «The Fruits of Industrial Training», *Atlantic Monthly* 92 (1903), pp.453-462, <http://www.teachersoft.com/Library/history/king/chapt24.html>

<sup>71</sup> Booker T. Washington, «The Educational Outlook in the South». *Journal of the Proceedings and Addresses of the National Educational Association* (1885), rpd. *Booker T. Washington and His Critics*, p.16.

que se passara durante o período da Reconstrução com as escolas promovidas pelo *Bureau*:

During the whole of the Reconstruction period our people throughout the South looked to the Federal Government for everything, very much as a child looks to its mother.<sup>72</sup>

Em poucos anos, Booker conseguiu instituir-se como o porta-voz negro das posições do novo paternalismo defendidas por alguns brancos.<sup>73</sup> Não admira, assim, que tenha erguido rapidamente a máquina ideológica, educacional e propagandista do Instituto de Tuskegee, recebendo todo o apoio da classe dominante branca e conseguindo ainda vir a dominar a maioria da imprensa negra do Sul. Não é de admirar igualmente que a crítica e o ataque a esta instituição tenham constituído tarefas complexas e muitas vezes mal sucedidas, como o sociólogo, historiador e pensador W.E.B. Du Bois viria a testemunhar.<sup>74</sup>

Quando a I Grande Guerra rebenta, o modelo de ensino industrial e vocacional de Tuskegee já se expandira por muitas escolas privadas negras do Sul, apoiadas financeiramente pela filantropia nortista, filtrada por Booker T. Washington. Este morre em 1915, sendo

---

<sup>72</sup> Booker T. Washington, *Up from Slavery*, p.49. É interessante referir que mesmo este modelo, baseado na filosofia do *self-help*, levantava críticas por aqueles que o consideravam economicamente demasiado dependente dos brancos, como se pode ler num texto de 1896: «Modern educational and philanthropic efforts have succumbed in making it [the race] even more dependent on the white race at the present time than it was previous to emancipation.» in Frederick L. Hoffman, *Race Traits and Tendencies of the American Negro*, (Nova Iorque: American Economic Association/Macmillan, 1896), p.329.

<sup>73</sup> Aliás, a autobiografia de Booker T. Washington, *Up from Slavery*, publicada em 1901 consiste precisamente na defesa da filosofia de *self-help* dentro da comunidade afro-americana, como forma também de subscrever a ideologia dominante branca.

<sup>74</sup> W.E.B. Du Bois descreve o domínio ideológico e censor de Booker T. Washington e da «máquina de Tuskegee» sobre a imprensa, no seu texto «My Early Relations with Booker T. Washington» in *From Dusk to Dawn: An Essay toward an Autobiography of a Race Concept* (1940) rpd. *Booker T. Washington and His Critics*, pp.47-55.

incontestável que deixou uma herança marcante nas instituições educativas dos afro-americanos.<sup>75</sup>

#### 1.4.2. O pensamento político de W.E.B. Du Bois

A ideologia subjacente aos projectos de Hampton e de Tuskegee não deixara, como já foi referido, de suscitar controvérsia por parte dos afro-americanos que pretendiam transmitir os valores da igualdade de direitos, incluindo o direito à educação clássica liberal. Por exemplo, ao escritor Charles Chesnutt foi impossível frequentar, no Sul, aulas de Latim, Francês, Alemão ou Música. O clérigo negro Henry McNeal Turner, em 1878, também expressou fortes críticas ao Instituto de Hampton, pois concluíra que esta instituição ensinava ao negro a sua própria inferioridade racial. Ainda o jornalista afro-americano William Monroe Trotter, co-fundador do *Niagara Movement* em 1905, ataca violentamente Washington por este não se insurgir contra o *disfranchisement* dos negros, fazendo precisamente o oposto, ou seja, apoiando as constituições estaduais que exigiam testes de literacia e posse de propriedade para o exercício do voto.<sup>76</sup>

---

<sup>75</sup> O apoio financeiro da filantropia industrial nortista foi determinante para implementar o modelo industrial nas pequenas escolas privadas, muitas vezes fundadas por ex-alunos de Hampton ou Tuskegee, pois devido às dificuldades de obter financiamentos dos governos (federal ou estadual) as escolas estavam dependentes da benevolência alheia, que por sua vez poderia determinar o tipo de ensino ministrado nas escolas por ela patrocinadas. No romance de Ralph Ellison, *Invisible Man* (1952) encontra-se descrita em detalhe esta relação filantropia-escola, bem como ensino para a subserviência e a repressão dos negros.

<sup>76</sup> «What man is a worse enemy to a race than a leader who looks with equanimity on the disfranchisement of his race in a country where other races have universal

Mas a personalidade que mais marcou a contestação à ideologia de Booker T. Washington foi, sem dúvida, William Edward Burghardt Du Bois (1868-1963). Du Bois, uma geração mais novo que Washington, nascera em Massachusetts, sendo produto do ensino do Norte, com doutoramento obtido na Universidade de Harvard (o primeiro afro-americano a consegui-lo) e ainda uma passagem pela Universidade de Berlim. A maior parte da sua vida seria dedicada a um conceito e a uma estratégia de construção da identidade do afro-americano totalmente distintos dos de Washington.

A produção intelectual de Du Bois tocou inúmeras áreas desde a filosofia, a sociologia, a economia e a literatura, tendo sido extensa devido à sua longevidade. Lutou, ao longo da sua vida, pelo reconhecimento da igualdade de direitos e oportunidades para os negros, tendo participado na fundação da *National Association for the Advancement of Colored People* (NAACP) em 1909 e assumido a direcção editorial da revista *The Crisis*, órgão dessa associação que se veio a revelar fundamental na disseminação do pensamento afro-americano emancipatório.

Na fase em que este trabalho se encontra importa aprofundar as facetas do pensamento de Du Bois que colidiam com a imagem do negro promovida por Washington. Entre a sua vasta produção escrita, «The

---

suffrage by constitutions that make one rule for his race and another for the dominant race [...] No thinking Negro can fail to see that, the influence Mr. Washington yields in the North and the confidence reposed in him by white people on account of his school, a fatal blow has been given to the Negro's political rights and liberty by his statement.», William Monroe Trotter, «Editorial», *Boston Guardian* (20 Dezembro 1902), rpd. *Let Nobody Turn Us Around: Voices of Resistance, Reform and Renewal, An African American Anthology*, eds. Manning Marable e Leith Mullings (Nova Iorque: Rowman and Littlefield Publishers, 2000), pp.199-200.

Conservation of the Races» (1897), «Booker T. Washington» (1901), «The Talented Tenth» (1903), «Of the Training of Black Men» (1903), «Of Mr. Booker T. Washington and Others» (1903)<sup>77</sup> e um texto mais tardio «My Early Relations with Booker T. Washington» (1940) são particularmente relevantes.

No pensamento de Du Bois, encontram-se acima de tudo duas ideias-chave: a primeira, sobre a conciliação de Washington com o Sul e a sua submissão e silêncio relativos à ausência de direitos políticos e cívicos; a segunda, em relação ao ensino industrial ministrado por Washington, visto como manifestamente insuficiente para a educação da comunidade, e ainda como uma construção sobre pressupostos de progresso material que se baseavam nos ditames de «work and money». Embora Du Bois considerasse o trabalho e o dinheiro necessidades importantes na época, decorrentes da rápida industrialização do Sul, elas conduziam porém a uma questão fundamental, que reflectia as suas convicções filosóficas sobre a cidadania: «Is not life more than meat, and the body more than raiment?».<sup>78</sup> Assim, na opinião de Du Bois era impossível que nove milhões de negros alcançassem o progresso económico efectivo enquanto privados dos seus direitos políticos. Do seu ponto de vista havia três objectivos imprescindíveis para os afro-americanos, apesar de Washington deles ter prescindido: o direito ao voto, a igualdade cívica e a educação de acordo com as capacidades de cada indivíduo. A existência de algumas instituições

---

<sup>77</sup> Os ensaios «Of the Training of Black Men» e «Of Mr. Booker T. Washington and Others» estão integrados na obra de W.E.B. Du Bois, *The Souls Of Black Folk* (1903).

<sup>78</sup> W. E.B. Du Bois, «Of the Training of Black Men», in *The Souls of Black Folk*, p.58.

universitárias complementares ao ensino industrial preconizado por Washington era, segundo Du Bois, basilar para «train the best of Negro youth as teachers, professional men, and leaders.», pois o negro não podia ser visto apenas como «material resources of a land to be trained with an eye single to future dividends.<sup>79</sup>

Du Bois levantava sérias dúvidas ao ensino industrial e vocacional ministrado por Washington, pois considerava-o inadequado para o ambicionado «uplift of the race». Para ele, a raça negra só poderia atingir a maioria e a igualdade ao nível dos direitos cívicos e políticos se tudo se realizasse em simultâneo: a educação, o direito ao voto e a possibilidade de eleger candidatos afro-americanos, ou seja, a não discriminação a todos os níveis. Du Bois acreditava que a possibilidade última dos negros partilharem o poder político se conseguiria através do livre exercício tanto do trabalho, como da própria cultura:

Work, culture, liberty - all these we need, not singly but together, not successively but together, each growing and aiding each, and all striving toward that vaster ideal that swims before the Negro people, the ideal of human brotherhood, gained through the unifying ideal of Race.<sup>80</sup>

Booker T. Washington, pelo contrário, era partidário duma posição acomodada à segregação facilmente identificável nos seus escritos e discursos, nomeadamente no famoso discurso «The Atlanta

---

<sup>79</sup> W. E. B. Du Bois, «Of Mr. Booker T. Washington and Others», in *The Souls of Black Folk*, pp.25-35 e p.32. e «Of the Training of Black Men», in *The Souls of Black Folk*, p.58. Este último ensaio é uma defesa do ensino universitário como forma essencial de preparar a raça negra para os desafios da modernidade, e uma prova que existe a «sede do saber» entre a juventude afro-americana, que não deve ser reprimida: «There were, in the years from 1875 to 1880, 22 Negro graduates from Northern colleges; from 1885 to 1890 there were 43, and from 1895 to 1900, nearly 100 graduates. From Southern Negro colleges there were, in the same three periods, 143, 413, and over 500 graduates. Here, then is the plain thirst for training», p.65.

<sup>80</sup> W. E. B. Du Bois, «Of Our Spiritual Striving», in *The Souls of Black Folk*, p.7.

Exposition Address» (1895) que ficou conhecido pelo *Atlanta Compromisse*, e cujo exemplo ilustrativo da sua aceitação do *status quo* aparece na epígrafe deste capítulo.

O desenvolvimento de capacidades ligadas à aprendizagem das humanidades, na opinião dele, teriam que esperar. Na sua autobiografia, Washington compara o ensino ministrado no Hampton Institute (onde ele estudara e pelo qual modelara Tuskegee) com uma numa outra instituição onde também estudara em Washington, D.C., que ele considera de qualidade inferior, pois os alunos aprendiam Latim e Grego mas sabiam pouco da vida:

At Hampton the student was constantly making the effort through the industries to help himself, and that very effort was of immense value in character-building. The students at the other school seems to be less self-dependent. [...] They knew more about Latin and Greek when they left school, but they seemed to know less about life and its conditions as they would meet it at their homes. [...] How many times I wished than [...] that by some power of magic I might remove the great bulk of these people into the country districts and plant them upon the soil, upon the solid and never deceptive foundation of Mother Nature.<sup>81</sup>

Não só o autor valoriza e defende a política do *self-help* como também tece fortes críticas ao trabalho urbano mostrando-se a favor do retorno ao meio rural do Sul. É aliás possível detectar nesta passagem o cruzamento do apelo de Washington à ruralidade com a necessidade de mão-de-obra sentida pelos plantadores sulistas. A posição que assume aquando das grandes migrações dos negros para o Norte urbano em fuga ao regime de Jim Crow, (no final do século XIX e durante as primeiras décadas do século XX) também é declaradamente anti-urbana. Nessa altura, Washington juntou-se às várias facções políticas

---

<sup>81</sup> Booker T. Washington, *Up from Slavery*, pp.51-53.

e intelectuais brancas que criticavam este êxodo rural. Para ele, a verdadeira natureza do negro estava no Sul rural, onde a sua identidade era mais real, ideia que viria a permanecer como estereótipo durante algumas décadas, como se pode constatar nas palavras do sulista branco Robert Penn Warren (1930):

In the past the Southern negro has always been a creature of the small town and farm. That is where he still chiefly belongs, by temperament and capacity; there he has less the character of a «problem» and more the status of a human being.<sup>82</sup>

Retornando a Du Bois, o ensaio «Of Mr. Booker T. Washington and Others» (1903) faz uma crítica aos métodos de Washington, acusando-o de «submission, overlook[ing] certain elements of true manhood» e o seu programa educacional de ser «unnecessarily narrow»,<sup>83</sup> embora não deixe de reconhecer a subtileza da estratégia: «Others less shrewd and tactful had formerly essayed to sit on these two stools [the South and the North] and had fallen between them».<sup>84</sup>

Em 1895, o discurso proferido por Booker T. Washington em Atlanta, elevava-o a líder incondicional da sua comunidade aos olhos dos brancos e entre muitos negros, mas também espelhou a sua opção de subalternidade e subserviência em relação ao grupo dominante. Repare-se que no discurso a raça negra aparece descrita como «humble», «loyal», «patient», e «faithful». Booker T. Washington não

---

<sup>82</sup> Robert Penn Warren, «The Briar Patch», in *I'll Take My Stand: The South and the Agrarian Tradition By Twelve Southerners*, (Nova Iorque: Peter Smith, [1930] 1951), p.260.

<sup>83</sup> W.E.B. Du Bois, «Of Mr. Booker T. Washington and Others», in *The Souls of Black Folk*, p.46.

<sup>84</sup> *Ibid.*, p.45.

parece defender a existência duma identidade própria no negro,<sup>85</sup> ao colocar-se, a ele e à raça, numa posição subalterna, de segunda classe em relação aos brancos do Sul, manifestando a esperança que estes em toda a sua generosidade reconheçam os valores de lealdade dos ex-escravos, trinta anos depois da emancipação:

You can be sure in the future, as in the past, that you and your families will be surrounded by the most patient, faithful, law abiding, and unresentful people that the world has seen. As we have proved our loyalty to you in the past [...] so in the future, in our humble way, we shall stand by you with a devotion that no foreign can approach, ready to lay down our lives, if need be, in defence of yours [...].<sup>86</sup>

Ainda no «The Atlanta Exposition Address» Washington faz referência aos imigrantes, que chegavam em grande número desde a década de setenta, e pede à população branca do Sul para recorrer aos imigrantes mais antigos, os negros, na luta pelo progresso de toda a região:

To those of the white race who look to the incoming of those of foreign birth and strange tongue and habits for the prosperity of the South, were I permitted I would repeat what I say to my own race, "Cast down your bucket where you are. [...] We shall stand by you with a devotion that no foreign can approach."<sup>87</sup>

O problema das diferenças ou igualdades sociais pareciam não ser relevantes para o ex-escravo: Washington «represents in Negro

---

<sup>85</sup> O economista Thomas Sowell avança com uma posição diferente afirmando que o que separava os dois homens não era uma questão de princípios mas sim de ênfase. Acrescenta ainda que as diferenças de raízes entre Booker T. Washington, ex-escravo, e de Du Bois, descendente de mulatos livres, também explica as diferenças. Du Bois representaria assim a elite dos negros de pele mais clara, os *free mulattoes*, que queriam a todo o custo manter-se num papel de liderança da raça e aproximarem-se o mais possível dos brancos. Washington era visto por essa elite como o porta-voz da classe baixa negra, in *Ethnic America*, p.208.

<sup>86</sup> Booker T. Washington, *The Atlanta Exposition Address delivered at The Atlanta World Exposition* (1895), rpd. *Booker T. Washington and His Critics*, p.26.

<sup>87</sup> *Ibid.*, pp.25-26.

thought the old attitude of adjustment to environment»<sup>88</sup> diria Du Bois. Este último iria analisar e desconstruir a base ideológica e doutrinária subjacente à inferioridade imputada à raça negra, cujas raízes se encontravam nas ligações feitas entre raça e cultura ou raça e civilização. À pergunta «what, then, is a race?», Du Bois responde acentuando a tónica na história e tradições comuns:

It is a vast family of human beings, generally of common blood and language, always of common history, traditions and impulses, who are both voluntarily striving together for the accomplishment of certain more or less vividly conceived ideals of life.<sup>89</sup>

Como afirma Kevin K. Gaines, a elite negra acreditava que estava a substituir a noção racista de diferenças biológicas fixas por perspectivas evolutivas de assimilação cultural que podiam ser medidas essencialmente pelo estatuto civilizacional e pelo valor da família. Assim, do ponto de vista de afro-americanos como Du Bois, as diferenças culturais, explicavam com maior rigor a imputada inferioridade social destes do que as dissemelhanças biológicas. O filósofo Anthony Appiah, no entanto, afasta-se desta leitura, argumentando que embora Du Bois não fizesse efectivamente a análise das diferenças biológicas da raça (assumindo inclusive que delas se distanciava) ele «came gradually, though never completely, to assimilate the unbiological nature of races», ou seja, segundo Appiah, Du Bois não pretendia transcender a concepção científica de raça do fim do século

---

<sup>88</sup> W.E.B. Du Bois, «Booker T. Washington», *The Dial* (16 Julho 1901) rpd. *The Oxford W.E.B. Du Bois Reader*, ed. Eric J. Sandquist (Oxford: Oxford University Press, 1996), p.247.

<sup>89</sup> W.E.B. Du Bois, «The Conservation of Races», *American Negro Academy Occasional Papers*, nº2 (1897) rpd. *W.E.B. Du Bois Reader*, p.40.

XIX, mas sim procurava «a revelation of Negro race in the face of the sciences of racial inferiority».<sup>90</sup>

Du Bois, de facto, acreditava que a hierarquização das raças seria determinada pelo contributo de cada uma para a civilização e a raça negra, obviamente, encontrava-se ainda no fundo desta escala:<sup>91</sup>

Manifestly some of the great races of today - particularly the Negro race - have not as yet given to civilization the full spiritual message which they are capable of giving [...] the full, complete Negro message of the whole Negro race has not yet been given to the world.<sup>92</sup>

Ainda de acordo com Appiah, Du Bois, inconscientemente, vai acabar por recorrer à argumentação de raiz darwinista na defesa da contribuição da raça negra para a civilização, imprimindo-lhe o seguinte cambiante: os mais aptos serão os bons, os belos e os verdadeiros:

It is, then, the strife of all honorable men of the twentieth century to see that in the future competition of races the survival of the fittest shall mean the triumph of the good, the beautiful, and the true.<sup>93</sup>

Washington e Du Bois têm formas muito distintas e quase opostas de olhar a raça negra e a sua ascensão social, económica e política. Estas perspectivas opostas traduzem experiências distintas da sua vivência, olhares diferentes sobre o que era ser-se negro, sobre o que era ser-se americano e sobre o que era ser-se negro na América. Para Washington o lugar do negro era separado do do branco:

---

<sup>90</sup> Kevin K. Gaines, *Uplifting the Race: Black Leadership, Politics and Culture in the Twentieth Century* (Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1996), p.4 e Anthony Appiah, «The Uncompleted Argument: Du Bois and the Illusion of Race», *Critical Inquiry* 12 (Outono 1985), p.22, pp.24-25.

<sup>91</sup> Adolph L. Reed Jr., *W.E.B. Du Bois and American Political Thought: Fabianism and the Color Line* (Oxford: Oxford University Press, 1997), p.39.

<sup>92</sup> W.E.B. Du Bois, «The Conservation of Races» (1897), rpd. *W.E.B. Du Bois Reader*, p.42.

<sup>93</sup> W.E.B. Du Bois, «Of the Sons of Master and Man», in *The Souls of Black Folk*, p.143.

In all things that are purely social we can be as separate as the fingers. [...] The opportunity to earn a dollar in a factory just now is worth infinitely more than the opportunity to spend a dollar in an opera-house.<sup>94</sup>

Os olhares diferentes dos dois líderes vão determinar igualmente a sua ideia de educação para a comunidade. Du Bois vai edificar uma estratégia política para a educação totalmente distinta da de Washington, ao assinalar a importância de uma elite educada, daqueles que ele designa por os *Talented Tenth*, para a liderança da comunidade negra, impedindo que essa liderança venha a ser manipulada pelos brancos:

The Negro race, like all races, is going to be saved by its exceptional men. The problem of education, then, among Negroes must first of all deal with the *Talented Tenth*; it is the problem of developing the Best of this race that they may guide the Mass away from the contamination and death of the Worst, in their own and other races.<sup>95</sup>

Os *Talented Tenth* seriam os guardiões da cultura e do saber e conduziriam os afro-americanos à construção de uma civilização mais avançada.

O próprio Du Bois, retrospectivamente, equacionou as duas estratégias em conflito num texto autobiográfico de 1940:

I believed in the higher education of a *Talented Tenth* who through their knowledge of modern culture could guide the American Negro into a higher civilization. I knew that without this the Negro would have to accept white leadership, and that such leadership could not be trusted to guide this group into self-realization and to its highest cultural possibilities. Mr. Washington, on the other hand, believed that the Negro as an efficient worker could gain wealth and that eventually through his ownership of capital he would be able to achieve a

---

<sup>94</sup> Booker T. Washington, *The Atlanta Exposition Address delivered at The Atlanta World Exposition (1895)* rpd. *Booker T. Washington and His Critics*, pp.26-27.

<sup>95</sup> W.E.B. Du Bois, «The *Talented Tenth*», in *The Negro Problem (1903)* rpd. *The Future of the Race*, eds. Henry Louis Gates Jr. e Cornel West (Nova Iorque: Alfred A. Knopf, 1996), p.133.

recognized place in American culture and could then educate his children as he might wish and develop his possibilities.<sup>96</sup>

No pensamento dos dois autores é possível discernir visões totalmente opostas sobre o que cada um considerava ser a cultura negra. Washington dedicou pouco tempo a esta questão, insistindo na preparação industrial e manual da raça para a obtenção da ambicionada independência económica, advogando até a necessidade de que os negros assimilassem os valores da sociedade anglo-saxónica. Du Bois, pelo contrário proclamava a originalidade da cultura negra «[Our] destiny is not a servile imitation of Anglo-Saxon culture, but a stalwart originality which shall unswervingly follow Negro ideals».<sup>97</sup> Assim sendo, do seu ponto de vista, o verdadeiro objectivo de um líder negro deveria ser o de «group leader, the man who sets the ideals of the community where he lives, directs its thoughts and heads its social movements».<sup>98</sup>

A discussão entre ambos decorre de duas grandes coordenadas que visam fornecer ao negro as ferramentas necessárias à sobrevivência: preparar os negros para uma profissão que lhes possibilite a independência económica e concomitantemente o reconhecimento da sua capacidade de *fazer e produzir* versus uma educação intelectual que desenvolva capacidades criativas, analíticas e críticas oferecendo a alguns negros, os *Talented Tenth*, a possibilidade

---

<sup>96</sup> W.E.B. Du Bois, «My Early Relations with Booker T. Washington» (1940), rpd. *Booker T. Washington and His Critics*, p.47.

<sup>97</sup> W.E.B. Du Bois, «The Conservation of Races» (1897), rpd. *W.E.B. Du Bois Reader*, p.43.

<sup>98</sup> W. E. B. Du Bois, «The Talented Tenth», in *The Negro Problem* (1903), rpd. *The Future of the Race*, p.145.

de assumirem a liderança do grupo e de terem voz activa nos seus destinos, ao nível intelectual, cultural e político. A um nível mais profundo, o debate entre os dois líderes afro-americanos acaba por ser a tentativa de definir o que é ou poderia ser o afro-americano, ou seja, a definição da sua identidade.<sup>99</sup>

Esta tensão ideológica surge retratada em obras ficcionais como é o caso de *Not Without Laughter* (1930) de Langston Hughes, onde duas personagens de origens sociais distintas (o jovem Sandy, de origem pobre, e a sua tia Tempy que subiu na vida a pulso e se integrou na elite negra da cidade onde vivem) discutem qual dos dois homens é o mais importante:

“Dr William Edward Burghardt Du Bois”, said Tempy, “and he is a great man.”

“Great like Booker T. Washington?” asked Sandy.

“Teaching Negroes to be servants, that’s all Washington did!” Tempy snorted in so acid a tone that Sandy was silent. “Du Bois wants our rights. He wants us to be real man and women. He believes in social equality. But Washington - huh!” The fact that he had established an industrial school damned Washington in Tempy’s eyes, for there were enough colored workers already. But Du Bois was a doctor of philosophy and had studied in Europe!... That’s what Negroes needed to do, get smart, study books, go to Europe! “Don’t talk to me about Washington, “ Tempy fumed. “Take Du Bois for your model, not some white folks’ nigger.”

“Well, Aunt Hager said -“ then Sandy stopped. His grandmother had thought that Booker T. Washington was the greatest of men, but maybe she was wrong.[...] “I guess they are both great men,” he thought.<sup>100</sup>

---

<sup>99</sup> Repare-se que esta controvérsia não é obviamente exclusiva dos afro-americanos. O jornalista de investigação de raça branca, Ray Stannard Baker, membro do movimento jornalístico do início do século XX, conhecido por *muckraking*, viajou através dos estados do Sul entre 1906 e 1907 para observar os efeitos da «color-line». Baker afirma que os dois pontos de vista têm dividido o pensamento humano. «The opportunist and the optimist on the one hand does his great work with the world as he finds it [...] On the other hand, the idealist, the agitator, who is also a pessimist, performs the function of the critic, he sees the world as it should be and cries out to have it instantly changed.» in Ray Stannard Baker, «An Ostracised Race in Ferment», in *Following the Color Line: An Account of Negro Citizenship in the American Democracy* (Massachusetts: Corner House Publishers, [1904] 1973), p.224.

<sup>100</sup> Langston Hughes, *Not Without Laughter* (Edimburgo: Payback Press, [1930] 1998), p.180

Em síntese, Du Bois e Washington representam duas posições diferentes quanto ao papel do negro na sociedade americana, e quanto à sua capacidade de alcançar os direitos cívicos. Embora ambos reconhecessem alguns comportamentos negativos na raça negra e a necessidade de estes serem ultrapassados para o grupo poder progredir, Du Bois lutava para que os negros tivessem os mesmos direitos que a restante população em todos os aspectos da vida social, económica e cívica, enquanto que Washington assumia uma atitude de subserviência perante os poderes instituídos sulistas, e aceitava o lugar segregado que lhe era imposto por eles, considerando acima de tudo, de acordo com a filosofia do *self-help* que era necessário preparar o negro para a vida económica activa. Washington acreditava que mais tarde ou mais cedo, o branco reconheceria o valor económico e produtivo do trabalho do negro e essa via abriria as portas aos restantes sectores da vida pública. Du Bois, cujo pensamento filosófico e sociológico era mais complexo, preconizava a construção de uma liderança sólida, educada e culta no seio do próprio grupo, que activamente conduzisse o grupo para a igualdade. A liderança efectiva de Washington sempre foi interpretada por Du Bois como acomodada, submissa e dependente da aprovação moral e financeira dos filantropos brancos nortistas e da aprovação institucional dos poderes oficiais sulistas:

Mr. Washington's large financial responsibilities have made him dependent on the rich charitable public and that, for this reason, he has for years been compelled to tell, not the whole truth, but that part of it which certain powerful interests in America wish to appear as the whole truth.<sup>101</sup>

---

<sup>101</sup> National Association for the Advancement of Colored People, «The National Negro Committee on Mr. Washington (26 Outubro 1910), rpd. *Booker T. Washington and His Critics*, p.121.

Uma tentativa de combate à influência de Washington e simultaneamente à degradação do estatuto legal do negro, foi a constituição, por iniciativa de vários intelectuais entre os quais se encontrava Du Bois, do *Niagara Movement* em 1905. Este movimento procurava garantir a aplicação dos 13º, 14º e 15º Aditamentos e, embora de sucesso muito limitado devido à falta de apoios financeiros, provava o crescimento da oposição face à liderança conservadora de Washington, e principalmente face às suas tentativas de desacreditar politicamente aqueles que o procuravam desafiar. Du Bois, no texto «My Early Relations with Booker T. Washington» descreve o imenso poder de Washington sobre a imprensa afro-americana, poder que cresce após o enorme sucesso do livro *Up From Slavery* (1901), uma vez que todos os editores de revistas desejavam publicar artigos assinados por Washington (para corresponder às solicitações, este chega a contratar escritores-fantasmas negros e brancos). Du Bois descreve os seus sentimentos em relação a esta monopolização exercida por Washington da seguinte forma:

I was strongly in favor of more open agitation against wrongs and above all I resented the practical buying up of the Negro press and choking off of even mild and reasonable opposition to Mr. Washington in both the Negro press and the white.<sup>102</sup>

A declaração de princípios de *Niagara* referia os direitos básicos que haviam pautado o discurso político e intelectual de Du Bois, aliás

---

<sup>102</sup> W.E.B. Du Bois, «My Early Relations with Booker T. Washington» (1940), rpd. *Booker T. Washington and His Critics*, p.52. Sobre a divulgação e o impacte da autobiografia de Booker T. Washington a nível nacional e estrangeiro ver William L. Andrews, «Introduction», in *Up From Slavery*, pp.vii-xxii.

previstos genericamente nos Aditamentos citados: o direito ao sufrágio universal, às liberdades cívicas, à educação, ao acesso aos tribunais, ao emprego e aos sindicatos. A declaração pedia também o fim da *color-line* e dos transportes Jim Crow, entre outras coisas. No discurso proferido na altura, Du Bois explicita de forma veemente que o movimento não se daria por satisfeito em «take one jot or tittle less than our manhood rights. We claim to ourselves every single right that belongs to a freeborn American, political, civil and social.»<sup>103</sup>

O *Niagara Movement* serviu, assim, o objectivo de alertar alguns liberais brancos nortistas contra a máquina de Tuskegee e o seu crescente poder, influenciando nomeadamente os jornalistas Mary White Ovington e Oswald Garrison Villard, que viriam a ser membros fundadores da associação de direitos cívicos, a NAACP.<sup>104</sup>

O percurso e liderança de Washington poderão suscitar algumas reservas, não só em relação à sua perspectiva pedagógica visando a submissão e segregação racial, como também em relação à não utilização do seu poder e respeito acumulados na sua própria comunidade e na comunidade branca (sendo preciso não esquecer que Washington é recebido na Casa Branca e em 1899 é convidado da Rainha Vitória para um chá).<sup>105</sup> O ex-escravo parece não desejar utilizar

---

<sup>103</sup> W.E.B. Du Bois, «Address at Founding of Niagara Movement» (1905), rpd. *W.E.B. Du Bois Reader*, pp.373-376.

<sup>104</sup> «The Niagara Movement Declaration of Principles», *Cleveland Gazette* (22 Julho 1905), rpd. *Let Nobody Turn Us Around*, pp.227-229. Entre os intelectuais afro-americanos que participaram no movimento encontravam-se Charles Chesnutt, John S. Durham, Bishop Henry M. Turner, Ida Wells-Barnett e William Monroe Trotter.

<sup>105</sup> A comunidade negra sulista, mesmo a elite educada ou seja, os *Talented Tenth* aprovavam os métodos e ideias de Washington, tanto ao nível do tom conciliatório, como ao nível do ênfase na autonomia económica: «As bankers, real estates agents, and professional men dependent upon the support of the Negro community they were

o imenso poder que lhe é conferido pela máquina de Tuskegee, em prol da igualdade para os negros, acabando inclusive, por ser acusado por Du Bois de suprimir a *intelligentsia* negra. Du Bois chega a acusar Washington de estar a conduzir a raça para um beco sem saída, pois em troca de apoio para o seu projecto de educação industrial, renunciava aos direitos políticos e cívicos.<sup>106</sup>

Francis L. Broderick, num texto de 1959, argumenta que os dois líderes negros desejavam o mesmo para os negros, ou seja, a igualdade política e cívica, diferindo apenas nos métodos. Como prova deste desejo por parte de Washington apontam-se, entre outros, os seus protestos contra a *grandfather clause* na Constituição de Louisiana de 1898, as suas críticas aos linchamentos e ainda a sua ajuda oficiosa a Du Bois quando este coloca uma acção em tribunal contra a discriminação exercida pela Pullman Company.<sup>107</sup> Pode-se presumir então, que Washington adoptara a filosofia acomodacionista como forma de melhor alcançar a igualdade racial - uma vez que apaziguava os ânimos mais racistas e violentos da comunidade branca sulista - e como forma de obter o financiamento necessário para a educação industrial na qual acreditava vivamente.

---

sympathetic with Washington's philosophy of economic chauvinism». Também no Norte, de acordo com Meier, os advogados negros davam-lhe o seu «whole-hearted-support», ou pelo menos «the half-hearted-support», August Meier, *Negro Thought in America, 1880-1815* (Michigan: The Michigan University Press, 1963), pp.237-238.

<sup>106</sup> W.E.B. Du Bois, «My Early Relations with Booker T. Washington» (1940), rpd. *Booker T. Washington and His Critics*, p.51 e Francis L. Broderick, «The Fights Against Booker T. Washington», in *W.E.B. Du Bois: Negro Leader in a Time of Crisis* (1959) rpd. *Booker T. Washington and His Critics*, p.68.

<sup>107</sup> Francis L. Broderick, «The Fights Against Booker T. Washington» (1959), rpd. *Booker T. Washington and His Critics*, p.70.

### 1.5. A *intelligentsia* negra e a reconstrução da identidade

O problema da identidade afro-americana põe-se de forma mais aguda nas últimas décadas do século XIX, quando as teorias raciais da inferioridade biológica parecem estar bem solidificadas. Não é por acaso que surgem neste período vozes literárias afro-americanas que se distinguem dos outros escritores nacionais. A escrita para os dois grupos (afro-americanos e brancos) era encarada, na época, como um meio de instruir e de corrigir as memórias históricas. O carácter didáctico e moralizante predominante na literatura afro-americana, aparece exemplificado pelas inúmeras autobiografias de ex-escravos, entre os quais se poderão referir as duas autobiografias de Frederick Douglass, *Narrative of the Life of Frederick Douglass* (1845) e *My Bondage and My Freedom* (1855), o relato autobiográfico de Harriet Jacobs, *Incidents in the Life of a Slave Girl* (1861), a autobiografia de Booker T. Washington, *Up From Slavery* (1901) e *The Souls of Black Folk* (1903) de Du Bois, misto de ficção, autobiografia, história e teorização filosófica. A acrescentar a estas narrativas aparece ainda outro género de escrita ficcional, como os contos de Charles W. Chesnutt, cuja linguagem mistura o inglês-padrão com as formas quase dialectais dos negros do Sul. Muitos intelectuais negros sentem-se impelidos a mostrar a sua capacidade em liderar a comunidade e em contribuir para o progresso americano, e demonstravam-no através da constante vertente pedagógica da sua produção escrita, quer ela fosse autobiográfica, biográfica, ficcional ou histórica:

Generally these texts were designed for at least two purposes: to show white readers that blacks were capable of contributing to the rebuilding of the nation and to inform, inspire, and instruct other African Americans of the way to a more satisfying future.<sup>108</sup>

O crescimento da sociedade industrializada finissecular vem ameaçar a frágil segurança económica da pequena elite constituída por negros livres do Norte, ao provocar as duas ondas de imigração para os centros urbanos do Norte: os imigrantes vindos essencialmente da Europa e da China e os migrantes negros vindos dos Sul. A pressão sentida pela pequena elite afro-americana passa pelas diferenças de classe entre estes recém-migrados, de hábitos considerados desorganizados em termos de educação, família e moral e os valores com os quais esta elite se identificava culturalmente. Por isso, nestes negros educados do Norte, acentuou-se, o receio, fundamentado, de que os brancos avaliassem a raça negra como um todo, sem tomarem em consideração as diferenças sócio-económicas entre as duas categorias de afro-americanos – os migrantes rurais e os negros nortistas. Em poucos anos, os dois grupos acabaram por se reunir nas mesmas cidades, e por fim nas mesmas áreas residenciais, como foi o caso de Harlem na Nova Iorque do início do século XX. Para os negros educados a família e as relações patriarcais, tornaram-se elementos cruciais na definição da respeitabilidade. Ray Stannard Baker descreve a dicotomia que se estabelece entre os dois grupos, uma vez que não existia nenhum sentimento de identidade comum:

In the South the most intelligent and best educated Negroes are, generally speaking, the leaders of their race, but in Northern cities some

---

<sup>108</sup> Henry Louis Gates Jr. e Nellie Y. McKay, «Literature of the Reconstruction to the New Negro Renaissance 1865-1919», in *The Norton Anthology*, p.469.

of the ablest Negroes will have nothing to do with the masses of their own people or with racial movements; they hold themselves aloof, assenting that there is no color line, and if there is, there should not be. Their associations and their business are largely with white people.<sup>109</sup>

Como já foi referido antes, no fim do século XIX, a opinião pública branca aceitava tacitamente a teoria da hierarquia das civilizações na qual os negros ocupavam o lugar mais baixo, sendo considerada a civilização mais primitiva.<sup>110</sup> W. E. B. Du Bois, em 1899, fez referência a esta hierarquização biológica e civilizacional das raças considerando-a a raiz do problema dos negros:

In its heart the civilized world with one accord denies that these [the Negroes of Africa] come within the pale of nineteenth century Humanity. This feeling, widespread and deep-seated, is, in America, the vastest of the Negro problems.<sup>111</sup>

Enquanto que no início do período da Reconstrução se assistiu, de certa forma, a uma pausa nos esforços para aplicar as teorias etnológicas à evolução dos negros, logo a partir da década de setenta a discussão acendeu-se sobre as possibilidades da raça «inferior» (mais fraca física, intelectual e moralmente) sobreviver à competição com a raça branca. As expectativas mais optimistas, do ponto de vista destes cientistas, previam que a raça negra não resistiria ao processo de selecção natural teorizado por Charles Darwin.<sup>112</sup> No entanto, o censo

---

<sup>109</sup> Kevin K. Gaines, *Uplifting the Race*, p.5 e Ray Stannard Baker, «An Ostracised Race in Ferment» in *Following the Color Line*, pp.218-219.

<sup>110</sup> Lawrence Levine, *The Unpredictable Past: Explorations in American Cultural History* (Oxford: Oxford University Press, 1993), p.79.

<sup>111</sup> W. E. B. Du Bois, «What is the Negro Problem?», in *The Philadelphia Negro* (1899), rpd. *W.E.B. Du Bois Reader*, p.346.

<sup>112</sup> Joseph Le Conte num estudo de 1892 defende que a única forma de assegurar a sobrevivência da raça negra seria importar uma raça intermédia possivelmente do Norte de África para se cruzar com os elementos da raça negra mais claros e com os elementos da raça branca mais escuros. Outras teorias defendiam que a única forma de evitar a catástrofe racial, do ponto de vista dos brancos, seria a de «embark immediately on a massive program to colonize blacks abroad», George M. Fredrickson, *The Black Image in the White Mind*, p.247 e p.240.

nacional de 1880 demonstrou precisamente o contrário, pois nos estados do Sul, a raça negra aumentara a um ritmo superior ao da branca, vindo a confirmar-se os piores prognósticos destes cientistas. O aumento da população negra causava forte ansiedade entre os brancos, pois traria como consequência o aumento do poder do voto negro, e perante a possibilidade do desequilíbrio de poder em termos de raças, como já se viu, assim que terminou a ocupação militar do Sul, os brancos tomaram as medidas anteriormente referidas que levaram ao *disfranchisement* da população negra.<sup>113</sup>

De salientar, no entanto que os intelectuais negros do Norte não se viam como um grupo autónomo, como se pode ler nas palavras de Peter Clark, um director afro-americano de uma escola de ensino secundário, em 1874:

The colored people of the United States are not exotic. Centuries of residence, centuries of toil, centuries of suffering have made us Americans. In language, in civilization, in fears, and in hopes we are Americans.<sup>114</sup>

Pode-se afirmar que a ideia universalista inerente aos valores ocidentais de civilização e cultura predominou entre os intelectuais negros até Du Bois. Os negros viam-se essencialmente como americanos, tão americanos como quaisquer outros imigrantes, com a vantagem acrescida de terem chegado ao Novo Mundo quase há tanto tempo como os primeiros colonos, embora de forma involuntária. A corrida para a educação, durante e após a Reconstrução, é sintomática

---

<sup>113</sup> George M. Fredrickson, *The Black Image in the White Mind*, pp.236-245.

<sup>114</sup> Citado por Judith Stein, «Defining the Race 1890-1930», in *The Invention of Ethnicity*, ed. Werner Sollors (Oxford: Oxford University Press, 1989), p.81.

da vontade de se identificarem com o estatuto da população branca. É possível constatar um movimento de coesão de grupo nesta luta pela educação e no esforço de a construir de acordo com parâmetros definidos pelo próprio grupo. O esforço para a educação desenvolvido pela comunidade afro-americana também provava, ao contrário das teorias vigentes de inferioridade da raça negra, a capacidade intelectual para aprender e a maturidade suficiente para reconhecer a importância da aprendizagem.

O afro-americano tem assim, a partir da década de setenta do século XIX, o fardo de criar para si mesmo uma identidade de grupo coerente, autónoma e independente do seu antigo dono, o branco. Uma identidade que tem que passar, obviamente, pela luta contra todos os estereótipos negativos e redutores existentes na sociedade branca americana. É também uma identidade que depende da construção de uma nova representação do negro, conceito que Henry Louis Gates descreve como a tentativa de definição de «who and what a black person was» através da edificação de um novo «racial self». <sup>115</sup>

Du Bois é um dos primeiros pensadores afro-americanos, já na década de noventa, a colocar a questão da diferença da identidade cultural do afro-americano por comparação com a do branco, delimitando os estereótipos que procurava combater:

The sincere and passionate belief that somewhere between men and cattle, God created a tertium quid, and called it a Negro - a clownish, simple creature, at times even lovable within its limitations, but straightly foreordained to walk within the Veil. <sup>116</sup>

---

<sup>115</sup> Henry Louis Gates, Jr., «The Trope of a New Negro and the Reconstruction of the Image of the Black», *Representations* 24 (1988), p.131, p.133.

<sup>116</sup> W. E. B. Du Bois, «Of the Training of Black Man» in *The Souls of Black Folk*, p.82.

Se, por um lado, a comunidade afro-americana tem que afirmar a sua especificidade enquanto mais um grupo de direito na sociedade americana a juntar-se àqueles referidos por Crèvecoeur na sua descrição eurocêntrica dos americanos do século XVIII «a mixture of English, Scotch, Irish, French, Dutch, Germans and Swedes»,<sup>117</sup> os negros têm igualmente que vencer todas as barreiras da segregação e discriminação social, económica e política que assentam justamente na especificidade mais óbvia - a cor da pele. A estigmatização da cor tenderá a obrigá-los a unirem-se precisamente em redor dessa característica ignorando conseqüentemente as diferenças e dissemelhanças dentro do próprio grupo, embora a classe média negra do Norte combatesse essa homogeneização, pois não desejava ser confundida com os recém-migrados e com os seus hábitos e costumes da (in)civilização rural.

Mas acima de tudo, o negro tem que combater as teorias «científicas» da evolução da humanidade baseadas em pressupostos de desigualdade racial, algo que só seria verdadeiramente conseguido após a II Guerra Mundial. Embora pudesse parecer que pelo menos os republicanos não partilhavam das teorias de darwinismo social, devido à legislação de direitos cívicos produzida durante o período da Reconstrução, a verdade é que muitos defendiam a igualdade do ponto de vista moral ou religioso e nunca do ponto de vista biológico, pois

---

<sup>117</sup> Michel-Guillaume de Crèvecoeur, «What is an American?», *Letters From an American Farmer: Describing Certain Provincial Situations, Manners and Custom, Not Generally Known...Written for the Information of a Friend in England*, by J. Hector St. John, *A farmer in Pennsylvania (Letter III)* Londres, 1782, p.21.

parecia provada a inferioridade da raça através de estudos antropométricos comparativos. A partir de 1870, nos círculos científicos assiste-se à consagração das teorias da hierarquia racial dos cientistas evolucionistas projectadas nas políticas de emigração e nas teorias nativistas. Os nativistas, alarmados com o fluxo de imigrantes, não só europeus de origem diferente da anglo-saxónica como também asiáticos, começam a defender a preservação da pureza do sangue, pois as misturas eram vistas como debilitantes para a vitalidade da população americana. Os nativistas acreditavam que os imigrantes deveriam proceder à assimilação das normas nacionais antes de serem considerados cidadãos americanos. Para os objectivos deste trabalho, de entre as várias tendências nativistas (racial, anti-católica, e anti-semita) importa considerar fundamentalmente o nativismo racial e a forma como se manifestou nas teorias da filogenia racial.<sup>118</sup>

O nativismo racial manifestou-se nos receios da miscigenação das raças, que poderia levar ao enfraquecimento intelectual e físico dos descendentes. A partir da década de oitenta do século XIX, os conceitos de identidade americana e de cidadania americana são construídos sobre uma base não muito diferente da subjacente às leis *Jim Crow*: teoricamente, os conceitos apontavam a exclusão dos candidatos à imigração por razões morais, políticas e económicas, mas as razões mais preponderantes para a recusa da naturalização, eram a

---

<sup>118</sup> John Higham, *Strangers in the Land: Patterns of American Nativism, 1860-1925*, 2ª ed. (New Brunswick, N.J.: Rutgers University Press, 1988). O medo da redução da «vitalidade americana» sustentava-se nas teorias do darwinismo social cujos pressupostos consideravam umas raças hereditariamente mais capazes de se adaptarem a formas de governo democráticas e ao sistema de livre concorrência.

inferioridade racial e a cor de pele menos branca dos proponentes. Na verdade, o liberalismo americano exigia ou a aceitação de todas as pessoas como iguais ou a sub-humanização daqueles que pretendia excluir. As doutrinas de inferioridade racial permitiam a coexistência do princípio liberal da igualdade entre os homens e o tratamento de exclusão institucional e social do cidadão negro de segunda.<sup>119</sup> Embora estes conceitos apontassem para maiores limitações à imigração, a realidade é que esta continuou a processar-se de forma livre até 1882, e as verdadeiras restrições só entraram em vigor nos anos noventa, entrando no país um pouco menos de dez milhões de imigrantes entre 1880 e 1905. As restrições à imigração discutidas em Congresso a partir de 1875 tinham como alvo principal os chineses, considerados não-assimiláveis. Entre as leis restritivas à imigração constam o *Immigration Act* de 1882 que apontava para o controlo da imigração pelo governo federal e cobrava um imposto aos imigrantes; e o *Chinese Exclusion Act* de 1882, banindo a imigração de chineses por um período de dez anos.<sup>120</sup>

Só na segunda década do século XX é que surgem posições científicas opostas, quando Franz Boas vem contrariar por completo a teoria que sustentava a inferioridade da cultura africana por comparação com o «elevado grau civilizacional» da cultura ocidental, afirmando que os dados biológicos não sustentavam a ideia de que «the

---

<sup>119</sup> Rogers M. Smith, *Civic Ideals: Conflicting Visions of Citizenship in U.S. History* (New Haven: Yale University Press, 1997), p.357, p.369, p.372.

<sup>120</sup> Ibid.

mental power of one race is higher than that of another.<sup>121</sup> Se do ponto de vista biológico e antropológico, Franz Boas argumenta que não há diferenças raciais, do ponto de vista cultural também aparecem novos conceitos. Horace Kallen em 1915 com o artigo «Democracy Versus the Melting Pot» reproduzido mais tarde em *Culture and Democracy in the United States: Studies of Group Psychology of the American Peoples* (1924) vem manifestar-se contra a ideia de assimilação do imigrante, ou seja da sua americanização total, propondo como política o reconhecimento das diferenças culturais e cunhando o novo conceito de pluralismo cultural. Assim, enquanto os nativistas só consideravam como verdadeiro americano aquele que estava cem por cento americanizado, Boas afirma que não há diferenças raciais do ponto de vista da inferioridade ou superioridade intelectual e civilizacional, logo a *amalgamation* da raça negra e branca não produziria uma descendência biológica e intelectualmente inferior. Horace Kallen, por sua vez, defende a multiplicidade na unidade: «Democracy involves, not the elimination of differences, but the perfection and conservation of differences.». Horace Kallen, embora preocupado com o problema do imigrante em geral e do judeu-americano em particular, segue o caminho oposto dos que, como o médico sulista P. B. Barringer anteriormente citado, propõem como o verdadeiro e único americanismo, aquele que é incarnado pelo americano «of British stock» que se considera «heir of the oldest rooted economic settlement and

---

<sup>121</sup> Franz Boas, *The Real Race Problem: From the Point of View of Anthropology* (Nova Iorque: Publication National Association for the Advancement of Colored People, 1910), p.4.

spiritual tradition of the white man in North America, the measure and the standard of the Americanism that the new comer is to attain». <sup>122</sup>

É possível portanto comprovar a coexistência de duas consciências de americanidade no início do século XX: aquela que a vê no ideal do *melting pot* assimilacionista o que, quanto aos negros nunca poderia ser totalmente concretizada porque a cor da pele simbolizava apenas a impossibilidade de aderirem à cultura nacional, estando destinados «at best to be the hewer of wood and a drawer of water to the true Americans»; <sup>123</sup> e uma segunda consciência de americanidade que prescreve a defesa das diferenças culturais e étnicas como contributo para a qualidade da democracia americana, ideia que Du Bois também parece partilhar ao argumentar a favor do contributo sócio-histórico das raças. <sup>124</sup>

As elites brancas, tanto do Norte como do Sul, ameaçadas pelas novas realidades industriais, sociais e económicas do fim do século,

---

<sup>122</sup> Horace Kallen, *Culture and Democracy in the United States: Studies of Group Psychology of the American Peoples* (Nova Iorque: Boni and Liveright Publishers, 1924), p.61 e p.63. A publicação do artigo de Kallen em 1915 e do livro em 1924 passaram praticamente despercebidos, sendo necessário esperar pela década de trinta para que a expressão pluralismo cultural entrasse em circulação. É no entanto de assinalar o facto dos afro-americanos não serem praticamente mencionados por Kallen, demonstrando mais uma vez a marginalização intelectual e cultural a que eram votados. Só na década de trinta com a obra de Donald Young, *American Minority Peoples: A Study in Racial and Conflicts in the United States* (1932) é que pela primeira vez se encaram os grupos minoritários na sua totalidade, considerando que os problemas entre negros e brancos poderiam ser semelhantes aos dos judeus e laicos, in Philip Gleason, *Speaking of Diversity: Language and Ethnicity in Twentieth-Century America* (Baltimore: John Hopkins University Press, 1992), pp.52-53, p.93.

<sup>123</sup> Horace Kallen, *Culture and Democracy*, p.127. A palavra «assimilacionista» não aparece dicionarizada. Optou-se por utilizá-la porque não parece haver mais nenhuma que abarque cabalmente o conceito de «assimilationist».

<sup>124</sup> As noções de *pluralismo* e *assimilação* são normalmente vistas como opostas. O termo *assimilação* tornou-se comum a partir de 1900 com a preocupação de absorver os milhões de imigrantes, e está associado à ideia de unidade criada a partir dos diferentes elementos que se juntam no que é considerado cultura nacional, a unidade de instituições e hábitos sociais. O conceito de pluralismo afirma a existência e persistência da diversidade. Philip Gleason, *Speaking of Diversity*, pp.49-50.

tentaram criar uma nova identidade americana usando como critério as categorias de raça e classe. Sectores da opinião pública branca protestante, para assegurarem o seu domínio, procuraram definições mais rigorosas e circunscritas do que era ser-se americano e do que era ser-se americano de uma outra etnia, que não a anglo-saxónica.

Du Bois no texto «The Conservation of Races» (1897) porventura no excerto mais citado de toda a sua produção escrita, propõe uma série de interrogações sobre a natureza étnica e nacional do negro americano, considerando que ele se encontra numa encruzilhada de identidades que lhe provocam um profundo dilema, aquilo que aparece designado por «double-consciousness»:

Here, then, is the dilemma, and it is a puzzling one, I admit. No Negro who has given earnest thought to the situation of his people in America has failed, at some time in life, to find himself at these cross-roads; has failed to ask himself at some time: What, after all, am I? Am I an American or am I a Negro? Can I be both? Or is it my duty to cease to be a Negro as soon as possible and be an American? If I strive as a Negro, am I not perpetuating the very cleft that threatens and separates Black and White America? Is not my only possible practical aim the subduction of all that is Negro in me to the American? Does my black blood place upon me any more obligation to assert my nationality than German, or Irish or Italian blood would? <sup>125</sup>

Curiosamente, o jornalista branco Ray Stannard Baker também descreve o processo gradual de consciencialização da necessidade de coesão do grupo por que passam os afro-americanos, perante a marginalização a que são votados pelo sistema de *color-line* do Sul:

One of the natural and inevitable results of the effort of the white man to set the Negro off, as a race, by himself, is to awaken in him a new consciousness – a sort of racial consciousness. [...] And one of their chief efforts consists in urging the Negroes to work together and to stand together.<sup>126</sup>

---

<sup>125</sup> Du Bois, «The Conservation of Races» (1897), rpd. *W.E.B. Du Bois Reader*, p.43.

<sup>126</sup> Ray Stannard Baker, «Following the Color Line in the South» in *Following the Color Line*, p.38.

As várias interpretações atribuídas ao primeiro excerto apenas corroboram a profundidade do dilema, quando o afro-americano racionaliza os problemas de raça. De facto, Du Bois parece expor claramente o processo de consciencialização ao qual todo e qualquer afro-americano é submetido e que o autor acabou por designar como «double-consciousness».<sup>127</sup> São inúmeros os relatos escritos de intelectuais afro-americanos que definem com precisão o momento das suas vidas (normalmente algures durante o período de frequência da escola primária) que constituiu o ponto de viragem para esta tomada de consciência, que envolve, por um lado a acusação pela sociedade de que não se é igual aos outros, e por outro a percepção de que, além de se ser diferente, se é, aos seus olhos, inferior.<sup>128</sup>

A questão em torno da americanidade do negro não é nova. De acordo com Robert Ernst, em «Negro Concepts of Americanism» de 1954, desde o final do século XVIII que os negros livres se identificam com a nação americana e pedem a cidadania do estado onde residem (foi o caso dos negros livres de Charleston que clamaram pela cidadania do Sul da Carolina). A reivindicação da cidadania americana baseava-se no nascimento em terra americana e na contribuição para o seu progresso, através do trabalho e do pagamento de impostos. Uma das

---

<sup>127</sup> São muitas as interpretações oferecidas sobre a raiz deste termo: desde a origem transcendentalista e romântica até uma origem médica de raiz na psicologia do fim do século XIX, usado para descrever uma personalidade dupla.

<sup>128</sup> Ver os ensaios compilados em Gerald Early, ed., *Lure and Loathing: Essays on Race, Identity, and the Ambivalence of Assimilation* (Nova Iorque: Penguin Books, 1993).

razões porque os projectos de colonização fora do país,<sup>129</sup> também uma constante ao longo da história afro-americana, não resultaram, foi o facto deste sentimento de cidadania americana existir fortemente implantado entre os negros livres ou emancipados até ao fim da Reconstrução.<sup>130</sup> A partir da década de oitenta, surgiram novas tendências pan-africanas a favor da emigração para África, especialmente defendidas pelo jornalista, educador e clérigo negro Edward Wilnot Blyden (1832-1912).<sup>131</sup>

Da controvérsia que rodeia a discussão do pensamento de Du Bois, podem-se identificar duas correntes de opinião sobre o significado de «double-consciousness».

A primeira considera que Du Bois estava a ilustrar o facto dos negros se encontrarem perante um problema de identidade colectiva que podia seguir o caminho assimilacionista ou podia seguir o caminho separatista, ou seja, que os negros, no início do século XX, se encontravam encurralados entre duas opções forçadas – assumirem-se

---

<sup>129</sup> Por colónias no estrangeiro, entendia-se apenas a mudança de residência do grupo para África, vista como um retorno às origens, não implicando qualquer tipo de exploração económica ou o estabelecimento das estruturas tradicionais de poder associadas à relação colonizadores - colonizados.

<sup>130</sup> Robert Ernst, «Negro Concepts of Americanism», *The Journal of Negro History* 39, nº1 (Janeiro 1954), p.207, p.209.

<sup>131</sup> E. W. Blyden foi considerado um dos mais importantes teorizadores do pan-africanismo, conceito que defende que todos os indivíduos de descendência africana têm um destino político, social e cultural em comum. O pan-africanismo defende também que os esforços para alcançar o poder transcendem as fronteiras geográficas. Blyden argumentava a favor da emigração dos afro-americanos para a Libéria in Edward W. Blyden, *Lecture Delivered at the American Colonization Society* (1890), rpd. *Let Nobody Turn Us Around*, p.155. Na sua obra *Christianity, Islam and the Negro Race* (1887) promove o Islamismo como a grande religião unificadora do mundo negro, ideia que será recuperada no século XX pelo movimento religioso *Nation of Islam*. Outro defensor do pan-africanismo é Alexander Crummell (1819-1898).

como americanos assimilados ou negros não assimilados, embora, como já se viu, fosse difícil concretizar em pleno a primeira opção.<sup>132</sup>

A segunda corrente de opinião não vê qualquer razão para que o sentimento de dupla consciência seja específico ao negro, uma vez que a «double-consciousness» enunciada por Du Bois acaba por afectar todos os cidadãos americanos, por serem todos de origem imigrante. As dúvidas existenciais que Du Bois imputa particularmente aos negros americanos, são na realidade problemas ontológicos que atingem todos os cidadãos à escala nacional.<sup>133</sup>

Du Bois procurou resolver o problema da «double-consciousness» através da construção de uma nova ideia de cultura afro-americana distinta da cultura anglo-saxónica. Esta ideia ganhou maior consistência e público durante o movimento da *Harlem Renaissance* na terceira década do século XX, o ponto alto da sua carreira em termos da influência das suas teorias.

Du Bois vai assumir a liderança do projecto de criação da nova identidade para o negro, baseada numa cultura e tradição próprias, procurando sempre defender a comunidade negra dos estereótipos negativos e redutores que a viam como mero instrumento de trabalho manual. O conceito dos *Talented Tenth* cristaliza a necessidade de elevar a comunidade negra a um estatuto de igualdade política, económica e social por considerar serem os negros tão capazes de pensamento abstracto intelectual como os seus pares brancos.

---

<sup>132</sup> Gerald Early, «Introduction», in *Lure and Loathing*, p.xx.

<sup>133</sup> Ver a este respeito as considerações de Stanley Crouch, «Who Are We? Where Did We Come From?», in *Lure and Loathing*, pp.84-86.

No entanto, ao lutar contra a identidade negativa a que a sociedade branca americana reduzira os negros, Du Bois vai acabar por tentar impor uma outra forma de identidade à sua comunidade. Uma identidade que, segundo Judith Stein está vocacionada e dirigida para as elites da raça, praticamente ignorando a classe operária, o mundo rural e as suas necessidades, embora Du Bois tenha sempre afirmado que a aristocracia de talento e carácter tinha como missão clara a educação e elevação das massas:<sup>134</sup>

Can the masses of the Negro people be in any possible way more quickly raised than by the effort and example of this aristocracy of talent and character?<sup>135</sup>

Na realidade e ainda na opinião desta autora, Du Bois tinha uma concepção abstracta, elitista e aristocrática da sociedade, nitidamente influenciada pela sua educação humanista e pelos seus antecedentes familiares.

O debate sobre o papel e lugar do afro-americano na sociedade americana, desde as posições ideológicas divergentes de Du Bois e Washington, circula em redor de duas grandes vertentes: ou o negro se pode afirmar na sociedade branca através do progresso económico desenvolvido de forma autónoma e obtido em troca da aceitação tácita das regras do jogo racial, ou são os direitos cívicos e o fim do racismo oficial e substantivo, que lhe vão trazer o progresso económico ao permitir-lhe a integração social.

---

<sup>134</sup> Ver Judith Stein, «Defining the Race 1890-1930», in *The Invention of Ethnicity* e Ray Stannard Baker, «An Ostracised Race in Ferment», in *Following the Color Line*, pp.216-232.

<sup>135</sup> W.E.B. Du Bois, «The Talented Tenth» (1903), rpd. *The Future of the Race*, p.139.

Na primeira vertente, que se identifica com Booker T. Washington, o negro embora assumindo uma posição acomodacionista, respondendo ao que os brancos esperam dele, deve desenvolver paralelamente uma autonomia económica por forma a que a sociedade em geral reconheça o seu profissionalismo e capacidade de *fazer* tão bem como os outros. Esta posição ignora a necessidade de afirmar uma identidade autónoma, diferente, que una a comunidade através de elementos positivos, mesmo que diferentes dos da comunidade branca.

A segunda posição, cujo grande mentor é Du Bois, defende que o negro tem que desenvolver uma identidade positiva, autónoma e única que passa pelo reconhecimento cabal de todos os seus direitos cívicos, políticos, sociais, económicos. Para atingir este fim é necessário educar a comunidade em todos os graus de ensino. Os *Talented Tenth*, ao assumirem a liderança do grupo, mostrarão à restante sociedade que os negros podem rivalizar com os brancos a nível intelectual e académico. Esta elite tem a obrigação e o dever de desenvolver na comunidade uma identidade positiva e autónoma, que se afirme pela diferença, diferença essa que pode e deve começar na raça.

Para o desenvolvimento da auto-identidade é absolutamente vital o fortalecimento da auto-estima e do sentimento de pertença a um grupo, e é ainda necessário que esse grupo, que pode começar na família e alargar-se à escola, comunidade, região e país, tenha uma identidade definida.

Parece que desde a emancipação nunca houve espaço para o desenvolvimento dessa identidade devido ao contexto histórico e social

em que os afro-americanos sempre se encontraram. A sobrevivência e a necessidade de conquista de algum espaço obrigou a que se tomassem uma das duas posições personificadas em Washington e Du Bois que acabaram por moldar, até certo ponto, o modo de ver e estar de toda a comunidade, como é possível ler no diálogo ficcionado por Langston Hughes, anteriormente citado. O sentido gregário, de pertença e de educação colectiva estão ilustrados praticamente em toda a história recente dos afro-americanos, desde a cultura à literatura, desde a política à economia.

O conceito dos *Talented Tenth* reflectia a urgência de fazer evoluir a raça. Contudo, é possível também aderir à leitura daqueles que vêem neste conceito uma visão classista e hierarquizada da sociedade, que reproduz a perspectiva conservadora característica do pensamento dos americanos brancos do fim do século XIX.

A civilização em que Du Bois acreditava era aquela que não se compadecia com os migrantes das zonas urbanas do Norte, primeira e segunda geração de ex-escravos. No entanto, Du Bois considerava fundamental provar que os traços negativos que neles identificou não eram comuns a toda a população negra. No seu estudo *The Philadelphia Negro* (1899), a primeira investigação sociológica sobre o afro-americano, Du Bois para além de sistematizar as diferentes formas de discriminação a que o trabalhador negro está sujeito - desde o operário até ao universitário - caracterizou os níveis de criminalidade e amoralidade na população urbana negra considerando-os resultado,

não só da discriminação, como também de mudanças económicas e sociais drásticas:

The violent economic and social changes which the last fifty years have brought to the American Negro, the sad social history that preceded these changes, have all contributed to unsettle morals and pervert talents.<sup>136</sup>

Du Bois faz assim uma primeira ligação causal entre discriminação e comportamentos marginais, que será depois retomada por investigadores a partir de meados do século XX.

Se por um lado é absolutamente vital a progressão da raça negra (mesmo que nos moldes impostos, ou definidos pela classe branca dominante) esta progressão deveria fazer-se orientada pela elite intelectual. Os afro-americanos, através do modelo oferecido por esta aristocracia de talento, tinha a obrigação de progredir de acordo com o que era esperado pelos grupos verdadeiramente civilizados. Percebe-se assim a intersecção do pensamento de pendor aristocratizante característico da vivência burguesa finissecular, com a ideologia de emancipação da raça.

Men have a right to demand that the members of a civilized community be civilized;[...] Consequently a nation may rightly demand, even of a people it has consciously and intentionally wronged, not indeed complete civilization in thirty or one hundred years, but at least every effort and sacrifice possible on their part toward making themselves fit members of the community within a reasonable length of time.<sup>137</sup>

Para Du Bois era fundamental que os brancos, aqueles que legitimavam o progresso da raça, reconhecessem os diferentes grupos sociais na comunidade negra e não os encarassem como um bloco. A

---

<sup>136</sup> W.E.B. Du Bois, *The Philadelphia Negro* (1899) rpd. *African-American Social and Political Thought 1850-1920*, p.497.

<sup>137</sup> *Ibid.*, p.503.

elite devido ao seu mérito, talento e carácter, estaria apta a detectar este progresso. A classe mais desfavorecida, por outro lado, nada fazia para melhorar as suas condições de vida, promovendo muitas vezes «idleness and extravagance and complaint».<sup>138</sup>

No entanto, em 1933, no ensaio «On Being Ashamed of Oneself: An Essay on Race Pride» Du Bois parece alterar um pouco a sua posição, denunciando «the drawing of class lines inside the Negro race» e apelando à elite dominante para que se associasse à sua própria comunidade na causa comum do progresso.<sup>139</sup>

Assim, é perceptível uma certa contradição nestes dois pressupostos: de um lado a necessidade de elevação da raça como um todo através da ideia de «mensagem» que o povo negro unido ainda teria que comunicar sendo essa mensagem o seu contributo humanitário e civilizacional;<sup>140</sup> do outro, a ideia de um modelo de sociedade baseado na existência de elites merecedoras de um estatuto de privilégio.<sup>141</sup>

He [the college-bred Negro] is, as he ought to be, the group leader, the man who sets the ideals of the community where he lives, directs its thoughts and heads its social movements. It need hardly be argued that the Negro people need social leadership more than most groups, they have no traditions to fall back upon, no long establishment customs, no strong family ties, no well defined social classes. All these things must be slowly and painfully evolved.<sup>142</sup>

Se na verdade existiam divergências entre Booker T. Washington e Du Bois sobre os objectivos de integração e participação na sociedade,

---

<sup>138</sup> Ibid., p.504.

<sup>139</sup> W.E.B. Du Bois, «On Being Ashamed of Oneself: An Essay on Race Pride», *The Crisis* 40 (Setembro 1933), rpd. *W.E.B. Du Bois Reader*, p.73. Devido à longevidade deste autor surgem algumas revisões conceptuais e ideológicas no seu pensamento.

<sup>140</sup> W.E.B. Du Bois, «The Conservation of Races» (1897), rpd. *W.E.B. Du Bois Reader*, p.42.

<sup>141</sup> Adolph L. Reed Jr., *W.E.B. Du Bois and American Political Thought*, pp.27- 38.

<sup>142</sup> W.E.B. Du Bois, «The Talented Tenth» (1903), rpd. *The Future of the Race*, p.145.

também é verdade que a ideia dos *Talented Tenth* poderá ter alguns pontos de contacto com o acomodacionismo de Booker T. Washington. Este autor defendia a acomodação política e cultural e o *self-help* económico em todas as esferas da escala social, com o objectivo da comunidade vir eventualmente a ser aceite pela sociedade branca. Esta vontade de integração na sociedade e de americanização correspondia à ideologia defendida por muitos, como se viu anteriormente.<sup>143</sup> Du Bois indirectamente também acabou por reflectir esta necessidade de pertencer ao *mainstream*, uma vez que a sua elite desejava a todo o custo, como já foi referido, constituir-se como parte integrante da sociedade americana e assimilar-se nos seus múltiplos aspectos de valores, crenças, comportamento e educação.<sup>144</sup>

## 1.6. Conclusão

A partir da década de setenta desenvolvem-se, tanto no Sul como no Norte, políticas paternalistas de pendor racista e etnicista, baseadas nas teorias darwinistas do «survival of the fittest». Simultaneamente, o país está essencialmente preocupado com o processo de assimilação e

---

<sup>143</sup> Franz Boas pronunciou-se sobre esta questão em 1921: «It would seem that man being what he is, the negro problem will not disappear in America until the Negro blood has been so much diluted that it will no longer be recognized just as anti-Semitism will not disappear until the last vestige of the Jew as Jew has disappeared», citado por David Levering Lewis, «Parallels and Divergences: Assimilationist Strategies of Afro-American and Jewish Elites from 1910 to the Early 1930s», *The Journal of American History* 71, n°3 (Dezembro 1984), p.544.

<sup>144</sup> David Levering Lewis refere várias vezes que estes ideais da aculturação defendidos tanto por judeus como por afro-americanos se encontravam muitas vezes a um nível subconsciente, «Parallels and Divergences», *The Journal of American History* 71, n°3 (Dezembro 1984), p.545.

aculturação dos imigrantes que iam chegando, criando por si só problemas complexos de inserção social associados a péssimas condições de vida e à discriminação cultural e linguística.

A minoria negra, pelo seu lado, foi obrigada a adaptar-se às novas realidades sociais do Sul, empobrecido económica e politicamente, desorganizado socialmente e cheio de rancor contra os seus dois inimigos - o negro e o Norte, e que juridicamente construiu um sistema de segregação fechado, hierarquizado e opressivo. Quando emigra para Norte, tem igualmente que enfrentar a discriminação racial dos brancos, e a discriminação classista dos negros ali residentes.

É neste contexto de adversidade que a comunidade negra tem forçosamente de desenvolver, quase como instinto de sobrevivência, mecanismos para combater o racismo *de jure* no Sul e o racismo *de facto* no Norte, procurando comprovar consistente e permanentemente a sua «humanidade», face às várias teorias científicas, sociais e políticas que insistiam em demonstrar precisamente o contrário.

Booker T. Washington, no seu papel de líder afro-americano amplamente reconhecido por brancos e negros, aplica aquilo a que se poderá chamar uma visão pragmática e de curto ou médio prazo para conseguir o progresso da sua comunidade. Du Bois, mais novo, mais educado e mais viajado, procura estratégias mais abrangentes para a comunidade, através da filosofia política, da análise sociológica e da teoria sócio-histórica da raça. Pode-se dizer que Du Bois luta através da argumentação filosófica e cultural para conseguir colocar a raça num lugar de igualdade em relação aos brancos e Washington defende a

acomodação à situação racista e segregacionista do Sul, procurando dela retirar o máximo possível para o progresso económico dos afro-americanos.

Washington morre em 1915, consensualmente apreciado e admirado pela maioria dos afro-americanos que lhe atribuem capacidades de liderança e se reconhecem nos seus discursos simples, apaziguadores, culturalmente assimilacionistas e racialmente segregacionistas, exemplo paradigmático do *self-made man* que parece ter descoberto verdadeiramente a receita para a progressão dos negros. Os afro-americanos podiam apontá-lo como modelo, acreditando que se um ex-escravo chegara até onde ele tinha chegado, apreciado conjuntamente por negros e brancos, qualquer um tinha a obrigação de progredir.

W.E.B. Du Bois, considerado um dos intelectuais que mais e melhor estudou, em todas as suas vertentes, o que viria a ser «the problem of the Twentieth Century»,<sup>145</sup> pede a igualdade de direitos e oportunidades para todos os negros, mesmo para os que constituem a população «half-developed». Defende também a obrigação moral, quase missionária da elite negra abrir caminho para todos, procurando estratégias coerentes para a construção da identidade autónoma dos afro-americanos.<sup>146</sup>

---

<sup>145</sup> W.E.B. Du Bois, «The Forethought», in *The Souls of Black Folk*, p.v.

<sup>146</sup> Pode-se dizer que o esboço desta necessidade, ou pelo menos o equacionar da posição da raça no enquadramento sócio-político e económico nacional, teve precursores no ex-escravo abolicionista Frederick Douglass (1817-1895) Henry Highland Garnet (1815-1881) e as suas propostas associadas à luta pelos direitos civis e abolição da escravatura, em Martin Delany (1812-1883), Edward W. Blyden (1832-1912) e Alexander Crummell (1819-1898) e as suas propostas de emigração para os afro-americanos como única forma de viverem sem discriminação racial. Ver Howard

Du Bois prolongou a sua luta no movimento cultural afro-americano do primeiro quartel do século XX, a *Harlem Renaissance*, e apoiou inicialmente a construção cultural e literária do *new negro* de Alain Locke. As condições históricas e demográficas que proporcionaram a fermentação deste movimento também contribuíram para o movimento nacionalista do jamaicano Marcus Garvey na segunda década do século XX, dirigido à população trabalhadora urbana do Norte, que não se reconhecia no pensamento demasiado abstracto e intelectual de W.E.B. Du Bois e dos seus seguidores da *Renaissance*.

As ideias de Booker T. Washington e W.E.B. Du Bois sobre a forma como os afro-americanos poderiam ocupar o seu espaço na sociedade americana, percorreram todo o século XX, como se irá ver nos próximos capítulos, influenciando ainda hoje a discussão em relação aos conceitos e aplicação prática do multiculturalismo e da acção afirmativa, bem como a aplicação prática de justiça social, equidade económica e igualdade de oportunidades.

É possível, assim, sugerir que os afro-americanos, com a liderança intelectual de Du Bois, se encontravam no início do processo da política de emancipação, descrita pelo sociólogo Anthony Giddens em *Modernity and Self-Identity* como envolvendo dois elementos principais:

The effort to shed shackles of the past, thereby permitting a transformative attitude towards the future; and the aim of overcoming the illegitimate domination of some individuals or groups by others.<sup>147</sup>

---

Brotz, «Introduction to the Original Edition», in *African-American Social and Political Thought 1850-1920*, pp.1-33.

<sup>147</sup> Anthony Giddens, *Modernity and Self-Identity: Self and Society in the Late Modern Age* (Cambridge: Polity Press, 1991), pp.210-211.

## II

A Identidade do *New Negro* e a *Harlem Renaissance*

*My idea of a renaissance was one of talented persons of an ethnic or national group working individually or collectively in a common purpose and creating things that would be typical of their group.*

*I was surprised when I discovered that many talented Negroes regarded their renaissance more as an uplift organization and a vehicle to accelerate the pace and progress of smart Negro society.*

- Claude McKay, *A Long Way From Home*, 1937.

## 2.1. Introdução

Como se viu no capítulo anterior, para os afro-americanos a entrada no século XX não altera em nada o seu estatuto de inferioridade racial teorizado pelos estudos do darwinismo social e pelas interpretações genético-raciais dos padrões de desenvolvimento cultural e social. Embora o antropólogo Franz Boas, em 1910, apresente uma teoria inovadora na qual as diferenças raciais não implicam inferioridade ou superioridade de uma em relação à outra, os suas investigações só terão verdadeiro impacto a partir dos anos trinta, na mesma altura em que a teoria do pluralismo cultural de Horace Kallen também ganha alguma publicidade.

Perante as vagas de imigração do início do século, que se prolongam até à I Grande Guerra, os americanos «of British stock» procuram aplicar as teorias assimilacionistas e nativistas aos recém-chegados, exigindo políticas de restrição à entrada de imigrantes, receosos dos efeitos negativos que aqueles poderiam provocar no tecido social americano. Os imigrantes instalavam-se nos grandes centros urbanos industrializados, em guetos segregados e superlotados, aparentemente transformando o cenário urbano num mundo hostil impregnado de vício, crime, pobreza e iliteracia. As políticas restritivas não eram só defendidas pelos habitantes das pequenas cidades e zonas rurais protestantes mas também, e com mais eficácia, pelos sindicatos, assistentes sociais, líderes da opinião pública, intelectuais e cientistas. O Congresso aprova o *Quota Act* em 1921 e o *Johnson-Reed Immigration Act* em 1924, nos quais se determina a selecção dos imigrantes por nacionalidade, uma vez que algumas delas, devido a distinções raciais, étnicas ou culturais inatas, eram consideradas de integração difícil. A adopção de políticas de discriminação racial e étnica ao nível da imigração passou a ser encorajada pelas crescentes tendências isolacionistas e nativistas que invadiram alguns sectores da opinião pública após a I Grande Guerra, provocando, entre outros fenómenos, o crescimento e expansão para o Norte e Midwest do Ku Klux Klan, nos anos vinte.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> O Ku Klux Klan, nos anos vinte, junta à vertente racista, a vertente anti-étnica, tornando-se num fenómeno não rural (à semelhança do Klan na era pós-Guerra Civil) mas urbano, com 2 a 5 milhões de membros, Ann Douglas, *Terrible Honesty: Mongrel Manhattan in the 1920s* (Londres: Picador, 1995), p.315.

A tendência dominante da mentalidade protestante anti-liberal e nativista da América rural e da cidade de província, com a consequente rejeição do mundo urbano e da sua população imigrante, baseava-se no pressuposto da existência de diferenças intelectuais e morais inatas entre as raças ou etnias. Para que os imigrantes suplantassem esta inferioridade era necessário submetê-los a um processo de americanização através da educação, melhoria das condições de vida e permanente aculturação.

Randolph Bourne, em «The Transnational America» (1916) reflecte sobre o problema do ideal americano assimilacionista face aos diferentes imigrantes:

The discovery of diverse nationalistic feelings among our guest alien population has come to most people as an intense shock [...]. We have had to watch hard-hearted old Brahmins virtuously indignant at the spectacle of the immigrant refusing to be melted [...]. We have had to listen to publicists who express themselves as stunned by the evidence of vigorous nationalists and cultural movements in the country among Germans, Scandinavians, Bohemians, and Poles, while in the same breath they insist that the alien shall be forcibly assimilated to that Anglo-Saxon tradition which they unquestioningly label «American».<sup>2</sup>

Na terceira década do século XX, alguns cientistas sociais, progressivamente influenciados pelas teorias de Franz Boas e da sua discípula Margaret Mead, alteram substancialmente o enfoque na investigação sobre as raças, passando estas a ser estudadas do ponto de vista cultural e não do ponto de vista da biologia determinista.<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup> Randolph Bourne, «The Transnational America» (1916), in *The Radical Will: Selected Writings 1911-1918*, ed. Olaf Hansen (Berkeley: University of California Press, 1977), p.248.

<sup>3</sup> Catherine Ellen Kerr, *Race in the Making of American Liberalism 1912-1965* (Ph.D. Dissertation, Johns Hopkins Univ., Michigan: Bell and Howell Company, 1996), pp.85-87. A autora faz uma análise comparativa entre as edições dos *Annals of the American Academy of Political and Social Science* de 1913 e de 1928 para concluir que enquanto a primeira foca a inferioridade negra baseada em conceitos religiosos, económicos,

Entre os círculos intelectuais liberais começa-se a abandonar gradualmente a crença no ideal do verdadeiro americano. Este era um ideal que Horace Kallen descrevera como sendo personificado na figura do Uncle Sam:

The current leaders of the community were accepted as variants of him [Uncle Sam], and each in his turn was hailed as the “typical American”. Whoever failed to acknowledge and to conform to this type was somehow alien, a different order of being, not admissable to the benefits of democracy, and fit at best to be the hewer of wood and a drawer of water to the true Americans.<sup>4</sup>

Assim, uma das mudanças mais significativas na vida intelectual de então foi o fim da crença numa cultura unitária, que impunha ou a americanização ou a exclusão dos estrangeiros.<sup>5</sup>

Como forma de contra-ataque às tendências puritanas e conservadoras dos sectores anti-liberais da sociedade americana, os liberais mais rebeldes do Norte, na década de vinte, descobrem o negro - o «America’s outcast» - e constróem, a «semimythical dremland which they come to idealize – storied Harlem».<sup>6</sup> O tema deste capítulo é precisamente a reconfiguração de uma identidade urbana. Iniciada pelo movimento *Back-to-Africa*, seria o movimento intelectual e artístico de Harlem que desenharia esta nova identidade cultural. Por sua vez, a construção da nova imagem obedece ao processo de construção interna desse movimento, suscitando um debate aceso, que também será alvo de análise.

---

higiênicos e cívicos, a edição de 1928 faz uma abordagem revisionista destes conceitos verificando-se um aumento da consciência e do orgulho raciais.

<sup>4</sup> Horace Kallen, *Culture and Democracy*, p.127.

<sup>5</sup> Lewis Perry, *Intellectual Life in America: A History* (Chicago: The Univ. of Chicago Press, 1984), p.334.

<sup>6</sup> Gilbert Osofsky, *Harlem: The Making of a Ghetto, Negro New York, 1890-1930* (Nova Iorque: Harper and Row, 1971), p.180.

Entre as múltiplas variáveis que compõem a *Harlem Renaissance*, optou-se por focar em maior detalhe as premissas subjacentes à afirmação da identidade do afro-americano através da cultura, estratégia que até aos anos vinte não tinha sido aplicada, embora tenha estado subjacente ao pensamento de Du Bois em muitos dos seus ensaios, como por exemplo em *The Souls of Black Folk*. Pela primeira vez, desde a emancipação, vários escritores e intelectuais negros defendem a integração do afro-americano na sociedade americana, sem recusar contudo os valores culturais ou étnicos de raiz africana, que podem e devem ser transmitidos, antes de tudo, através da produção literária e artística. Estes intelectuais, nomeadamente o filósofo Alain Locke, recusam a teoria científica da inferioridade biológica e intelectual da raça, e propõem uma imagem das capacidades intelectuais iguais na diferença, no seguimento das recentes teorias de Boas e Kallen: «Race in the vital and basic sense is simply and primarily the culture-hereditary[...] Instead of the race explaining the cultural condition, the cultural conditions must explain the race traits».<sup>7</sup>

O capítulo começa por procurar identificar os diferentes acontecimentos sociais, demográficos e históricos que levaram à reconfiguração das atitudes e da ideia de raça e que, simultaneamente, conduziram ao desenvolvimento do surto criativo em Harlem. Focam-se a migração dos afro-americanos para os centros urbanos sobrelotados e degradados do Norte, conhecida pela *great migration*, a experiência de

---

<sup>7</sup> Alain Locke, «The Concept of Race As Applied to Social Culture», *Howard Review* n°1 (Junho 1924), rpd. *The Critical Temper of Alain Locke: A Selection of His Essays on Art and Culture*, ed. Jeffrey C. Stewart (Nova Iorque: Garland Publishing, 1983), pp. 427-428.

regresso ao país do soldado afro-americano após a I Guerra Mundial, a procura da concretização das ideias já antigas do retorno dos afro-americanos a África e da defesa do separatismo racial e económico elaboradas por Marcus Garvey. Também se apresenta sumariamente o processo de fundação de duas associações de defesa de direitos cívicos, a *National Association For the Advancement of Colored People* (NAACP) e a *National Urban League* (NUL), que em muito se opuseram às ideias políticas de Garvey, e foram assumindo um papel imprescindível para a afirmação cívica dos afro-americanos ao longo de todo o século XX, enquanto as suas revistas se revelaram fundamentais para a divulgação da produção artística dos homens e mulheres da *Renaissance*.

Em seguida, procura-se analisar o movimento cultural, artístico e político da *Harlem Renaissance*, através dos objectivos que os líderes afro-americanos lhe procuraram impor: contribuir para a afirmação da produção artística negra, levá-la até um público branco, reconfigurar para esse mesmo público uma imagem da comunidade afro-americana agora urbana, nortista e moderna por contraposição a todos os estereótipos *minstrelsy* do negro rural e primitivo do Sul, e ainda construir uma nova representação do negro, consistente com as emergentes teorias das diferenças culturais das raças e susceptível de apagar a percepção pública da sua inferioridade biológica.

Por fim, discutem-se as estratégias propagandistas desenvolvidas por W.E.B. Du Bois na liderança deste processo da reconstrução da imagem do negro, destacando-se a forma como as próprias estratégias, baseadas na apresentação de uma produção artística e cultural afro-

americana original vão até certo ponto ultrapassar os objectivos do seu líder, com o surgimento de jovens escritores afro-americanos (Jean Toomer, Wallace Thurman, George S. Schuyler, Claude McKay, Langston Hughes, entre outros) apadrinhados por Alain Locke, que invocam o direito à autonomia artística e literária sem condicionantes políticos.

## 2.2. A migração para o Norte e a urbanização dos afro-americanos

No início do século XX, Nova Iorque transforma-se num destino popular para os afro-americanos das zonas rurais do Sul, atraídos pela possibilidade de emprego, salários mais elevados e principalmente por um sistema não oficialmente segregado. Entre 1910 e 1920 estima-se que tenham migrado para o Norte 250.000 afro-americanos sulistas. Em 1910, 75 por cento dos afro-americanos viviam em zonas rurais e 90 por cento ainda residia no Sul. Embora em algumas cidades do Norte a população negra tenha aumentado antes de 1910 – designadamente em Nova Iorque onde de cerca de 60.500 habitantes em 1900 se passa para quase 92.000 em 1910 – as grandes migrações começaram em 1915, prolongando-se durante a década de vinte.<sup>8</sup>

O declínio do número de emigrantes europeus durante a I Grande Guerra, numa altura em que a mão-de-obra barata era absolutamente

---

<sup>8</sup> Cary D. Wintz, *Black Culture and the Harlem Renaissance* (Houston and Texas: Rice Univ. Press, 1988), p.14.

essencial para a indústria contribui em muito para estas migrações.<sup>9</sup> A maioria das cidades que acolhem os afro-americanos vindos do Sul acaba por desenvolver guetos negros onde concorrem os factores da pobreza, do racismo e da segregação residencial.

Uma das consequências destes surtos migratórios foi a percepção da discrepância entre as promessas de um futuro melhor no Norte e a experiência bem diferente do contacto diário com o racismo, que foi sintetizada nas palavras do sociólogo Charles S. Johnson, membro do movimento de Harlem, em 1954:

There was a reassertion with vigor of the old and shaken racial theories, with «racial purity clubs», intelligence tests «proving» the unchangeable inferiority of the Negro and other darker peoples, Congressional restrictions of immigration according to rigid racial formulas, race riots, dark foreboding prophecies of the over-running of the white race by the dark and unenlighted hordes from Asia and Africa. <sup>10</sup>

Uma outra consequência foi o facto dos intelectuais negros desenvolverem um grau de auto-confiança e de responsabilidade comunitária até então desconhecida, como se verá adiante.<sup>11</sup>

A emergência desta nova auto-consciência por parte dos intelectuais negros deveu-se a vários factores de ordem histórica, social, urbana e económica. O súbito aumento da população negra no tecido urbano do Norte criou uma densidade populacional elevada em determinados bairros nas cidades do Norte, nomeadamente em Chicago, Filadélfia, Cleveland, Detroit e no bairro nova-iorquino de Harlem, que

---

<sup>9</sup> Em 1914 os imigrantes vindos da Europa perfizeram 1.218.480. Em 1915 o número baixou para 326.700 e três anos depois cifrava-se em 110.618, David Levering Lewis, *When Harlem Was in Vogue* (Oxford: Oxford University Press, 1989), p.21.

<sup>10</sup> Charles S. Johnson, «The Negro Renaissance and Its Significance» (1954) rpd. *The Portable Harlem Renaissance Reader*, ed. David Levering Lewis (Nova Iorque: Penguin Books, 1994), p.211.

<sup>11</sup> Franklin e Moss, *From Slavery to Freedom*, p.362.

também recebe imigrantes das Caraíbas.<sup>12</sup> Como consequência do aumento populacional, as condições de vida e de habitação degradam-se substancialmente, com o declínio das condições sanitárias e da qualidade da saúde pública. Neste bairro concentravam-se todos os grupos sociais que compunham a comunidade negra. Para além dos migrantes, residia no bairro uma classe média incipiente que viria a constituir-se como o público da produção literária do movimento. Harlem era igualmente o bairro da elite negra endinheirada e sofisticada que se concentrava na zona de Sugar Hill e que, de alguma forma, financiava as iniciativas literárias dos escritores mais jovens, promovendo-as através de festas mundanas, para as quais a elite convidava artistas, escritores e actores. O bairro nova-iorquino era, por isso, a «black metropolis», «the proud race capital» onde chegavam negros mais educados de todos os pontos do país, e onde a elite residia, mas era também um «black ghetto-in-the-making», onde ocorria toda a restante população negra.<sup>13</sup>

Estavam criadas as condições sociais e demográficas para definir o *new negro* como urbano e educado por oposição ao *old negro* rural e ignorante, seguindo aliás a própria classificação de Alain Locke (1925):

---

<sup>12</sup> No ensaio «Harlem on My Mind», Nathan Irvin Huggins descreve em pormenor a história do bairro desde a sua construção inicial para os brancos da classe média até à sua ocupação por negros. Huggins foca ainda as dificuldades económicas e a segregação ao nível do emprego, mesmo em áreas dirigidas especificamente à comunidade negra do bairro, como por exemplo, o comércio ou a saúde. Em 1914, residiam 60.000 negros em Manhattan, dos quais 50.000 viviam na área dos vinte e três quarteirões de Harlem. Em 1920, mais de 73.000 negros habitavam em Harlem, Nathan Huggins, «Harlem on My Mind», in *Revelations: American History, American Myths*, ed, Brenda Smith Huggins (Oxford: Oxford Univ. Press, 1995), pp.21-26. Cary D. Wintz, *Black Culture*, p.20.

<sup>13</sup> Cary D. Wintz, *Black Culture*, p.37 e Ann Douglas, *Terrible Honesty*, p.314.

The Old Negro, we must remember, was a creature of moral debate and historical controversy. His has been a stock figure perpetuated as an historical fiction partly in innocent sentimentalism, partly in deliberate reactionism. The Negro himself has contributed his share to this through a sort of protective social mimicry forced upon him by the adverse circumstances of dependence.<sup>14</sup>

No entanto, se é verdade que alguns negros com algum nível de escolaridade emigraram para Nova Iorque, também é verdade que a maioria, «like all migrant populations, were young people, generally unskilled and unmarried, the earliest Negro generations born in freedom».<sup>15</sup> Seria abusivo falar-se do total da população de Harlem como sendo parte constituinte do ideal do *new negro*, uma vez que uma fatia desta população era iliterada e não vivia o movimento: «The ordinary Negroes hadn't heard of the Negro Renaissance».<sup>16</sup> Aqueles que nela se destacarão serão na sua maioria, homens e mulheres que tiveram acesso ao ensino universitário nas Universidades de Howard (Washington) e Brown (Nova Iorque). Muitos destes intelectuais só acorrem a Harlem após a sua educação estar concluída (Arna Bontemps, nascido no Louisisana, só chega a Harlem em 1924; Zora Neale Hurston, nascida na Flórida, chega em 1925 e Wallace Thurman só chega em 1926, vindo de Los Angeles). Está-se efectivamente a falar de uma reduzida minoria que corresponde a 0.1 por cento da raça.<sup>17</sup>

Desde o início do século que Harlem se vai construindo como a Meca da cultura negra, onde se instalam as associações de direitos

---

<sup>14</sup> Alain Locke «Enter the New Negro», *Survey Graphic* 53, n°11 (1 Março 1925), rpd. *The Critical Temper of Alain Locke*, p.7.

<sup>15</sup> Gilbert Osofsky, *Harlem: The Making of a Ghetto*, p.20.

<sup>16</sup> Langston Hughes, «When the Negro Was in Vogue» in *The Big Sea* (1940), rpd. *The Portable Harlem Renaissance Reader*, p.80.

<sup>17</sup> David Levering Lewis, «Introduction», *The Portable Harlem Renaissance Reader*, p.xiii.

cívicos como a NAACP e a NUL e donde Marcus Garvey lança o seu programa de nacionalismo negro.<sup>18</sup> O facto de Harlem reunir os representantes da cultura negra da época conduz também a que esta área residencial se transforme no palco paradigmático das diferenças de classe vividas entre os afro-americanos nortistas oriundos das pequeníssimas colónias de homens livres anteriores à Guerra Civil e os recém-migrados. Os nortistas eram membros de uma população formalmente educada e aculturada, cujos pais pertenciam à classe-média com ocupações profissionais na área dos serviços (barbeiros, alfaiates, médicos e ministros da igreja). Este grupo, com relações sociais próximas da comunidade branca protestante, acreditava na possibilidade de alcançar o direito de cidadania através da assimilação dos hábitos e comportamentos da sociedade dominante. Não viam com bons olhos a degradação rápida do seu estatuto social à medida que a sua cidade era invadida pelos migrantes.<sup>19</sup> O crítico literário J. Saunders Redding descreve esta dicotomia de classes quando fala das actividades e reuniões em que o seu pai, secretário da secção da NAACP em Delaware, participava nos anos vinte:

Subject to the common sufferings was no mass man, but classes and individuals, and what they endured together they examined separately in the powerful lights of personal and class interests and ambitions [...] Within the Negro group there were bitter conflicts and grave contradictions.<sup>20</sup>

---

<sup>18</sup> Cary D. Wintz, *Black Culture*, p.22.

<sup>19</sup> David Levering Lewis, «Parallels and Divergences: Assimilationist Strategies of Afro-American and Jewish Elites from 1910 to the Early 1930s», *The Journal of American History* 71, n°3 (Dezembro 1984), p.550.

<sup>20</sup> J. Saunders Redding, *On Being Negro in America* (Indianapolis: The Bobbs-Merrill Publishers, 1951), pp.37-38.

Apesar desta divisão de classes sociais dentro da comunidade afro-americana, entre os antigos residentes e os recém-chegados, a realidade é que um dos problemas mais significativos dos afro-americanos de Harlem é a ausência de uma classe-média numericamente representativa, que sustentasse a actividade económica que aí se desenvolvia. Em meados dos anos trinta, das 10.300 empresas de Harlem, menos de 19 por cento eram detidas por negros.<sup>21</sup>

Um outro aspecto a considerar ainda, reflexo do aumento da população negra nas cidades do Norte, foi a maior atenção (muitas vezes mais negativa do que positiva) que a população negra despertou nos brancos, que, até então, praticamente a ignoravam em todas as suas expressões e formas de estar na vida.<sup>22</sup> Nos anos vinte, a zona de Harlem surge como uma cidade dentro da cidade, constituindo-se como pólo de atracção para muitos jovens artistas e intelectuais americanos brancos e para muitos visitantes nova-iorquinos, fascinados pela vida nocturna original que os bares de Harlem tinham para oferecer.

O advento da I Grande Guerra, para além de ter provocado a diminuição do fluxo de emigrantes do velho continente e, de certa forma, ter fomentado as migrações dos negros, teve ainda consequências indirectas na reconfiguração da imagem dos afro-americanos dos anos vinte. Foram, de facto, os soldados afro-americanos que sentiram mais profundamente os efeitos humilhantes da segregação a dois níveis: por um lado, a guerra confirmou o sistema segregacionista e discriminatório, ao colocá-los em unidades de apoio

---

<sup>21</sup> Cary D. Wintz, *Black Culture*, p.35.

<sup>22</sup> Gilbert Osofsky, *Harlem: The Making of a Ghetto*, p.41.

aos combatentes e não em batalhões de combate; por outro, criou-lhes novas expectativas em relação ao regresso após o serviço militar na Europa. Estes soldados esperavam vir encontrar um país grato pelo seu serviço e disposto a alterar a visão estereotipada dos negros, o que nunca chegaria a acontecer.

Embora em situações pontuais, os soldados tenham acabado por ser enviados para o campo de batalha em França (entre eles o escritor da *Renaissance*, George Schuyler) a herança a curto prazo do seu esforço de participação na guerra singrou-se, apenas, em maior intolerância racial.<sup>23</sup> Especialmente no Sul, sente-se a necessidade no pós-guerra de «put the nigger in his place», persistindo em excluí-lo dos sindicatos, do trabalho especializado e da política.<sup>24</sup>

A guerra suscita assim, nos intelectuais negros, críticas contra o sistema de segregação no seu próprio país, pois defender a democracia no mundo implicava, obviamente, lutar por ela e pela liberdade em casa. Em 1919, W.E.B. Du Bois denunciaria este problema na revista *The Crisis*:

This is the country to which we Soldiers of Democracy return. This is the fatherland for which we fought! But it is our fatherland. It was right for us to fight. The faults of our country are our faults. [...] We are cowards and jackasses if now that that war is over, we do not marshal every ounce of our brain and brawn to fight a sterner, longer, more unbending battle against the forces of hell in our land. [...] Make way for Democracy! We saved it in France, and by the Great Jehovah, we will save it in the United States of America, or know the reason way.<sup>25</sup>

---

<sup>23</sup> David Levering Lewis, *When Harlem Was in Vogue*, p.12.

<sup>24</sup> *Ibid.*, p.48

<sup>25</sup> W.E.B. Du Bois, «Returning Soldiers», *The Crisis* 18 (Maio 1919) rpd. *W.E.B. Du Bois Reader*, p.380.

A política de «colocar o negro no seu lugar», especialmente em relação aos aspectos de segregação laboral, vai acarretar a erupção da violência racial no Norte, a partir do Verão de 1919 - entre Junho e Dezembro contam-se vinte seis casos de ataques violentos aos negros, setenta linchamentos, entre os quais de dez soldados negros. Este Verão sangrento ficou conhecido pelo nome de *red summer*. O resultado visível destes conflitos é a transformação do «problema da raça» numa questão nacional, deixando de ser algo de longínquo e peculiar ao Sul.<sup>26</sup>

### 2.3. *A National Association for the Advancement of Colored People e a National Urban League*

Duas associações de constituição interracial antecederam o movimento da *Harlem Renaissance* e demonstraram ser importantes para os objectivos de integração dos afro-americanos ao longo do século XX. A primeira foi a NAACP, fundada na cidade de Nova Iorque, em 1909 e a segunda foi a NUL em 1910, na mesma cidade.

A NAACP revelou-se instrumental na busca do progresso das condições do estatuto legal, educacional e económico dos afro-americanos. Procurando sobreviver através do apoio filantrópico de liberais brancos, definiu desde o seu início o objectivo de alcançar a

---

<sup>26</sup> Em Chicago mais de trinta afro-americanos foram mortos, e centenas ficaram feridos. Em St. Louis, foram mortos centenas pela multidão, milícias e polícia e mais de 6.000 pessoas foram corridas das suas casas, in Leslie G. Carr, *“Color-Blind” Racism* (Londres: Sage Publications, 1997), pp.43-44. Este autor atribui os surtos de violência à competição entre trabalhadores brancos e afro-americanos pelos mesmos empregos.

justiça legal, trabalhando dentro do sistema jurídico e judicial americano.

Formou-se como resposta a um surto de violência racial em Springfield, Illinois, em 1908. Chocado com a violência exercida sobre os negros, um grupo de liberais brancos, incluindo Mary White Ovington, Oswald Garrison Villard, John Dewey e William English Walley,<sup>27</sup> decidiu reunir-se para discutir a questão da justiça racial. Das sessenta pessoas presentes, apenas sete eram negros, incluindo-se neles W.E. B. Du Bois, Ida B. Wells-Barnett e Mary Church Terrell. Reproduzindo os objectivos do *Niagara Movement*, um movimento totalmente negro liderado por Du Bois e que não teve grande sucesso devido à exclusão de brancos e a dificuldades financeiras, a NAACP expressou os objectivos de procurar garantir aos afro-americanos a aplicação dos 13º, 14º e 15º Aditamentos. De carácter multiracial, desde o seu início a NAACP juntou pessoas de vários quadrantes políticos e étnicos, nomeadamente judeus. Du Bois foi o único membro afro-americano a ser eleito para a direcção da associação, com a função de director das publicações e de investigação, fundando em 1910 a revista oficial da NAACP, *The Crisis*, de tiragem mensal, a qual veio a assumir um papel crucial na divulgação dos novos escritores da *Renaissance*. Du Bois permaneceria neste cargo até 1934.

---

<sup>27</sup> A ideia de criação da NAACP é consensualmente atribuída a William English Walley, que após testemunhar a violência racial na cidade natal de Abraham Lincoln escreve um artigo para o *The Independent*, intitulado «The Race War in the North», onde afirmava: «We must come to treat the Negro on a plane of absolute political and social equality», citado por George Hutchison, *The Harlem Renaissance in Black and White* (Cambridge, Massachusetts: The Belknap Press of Harvard Univ. Press, 1995), p.139.

As várias batalhas judiciais ganhas desde o nascimento da NAACP contribuíram para afirmar a importância da organização, salientando-se entre elas a vitória contra a *grandfather clause* do estado de Oklahoma, em *Guinn v. United States* (1910). A associação consegue um crescimento rápido dos seus membros passando de 9.000 em 1917 para 90.000 em 1919, tendo ultrapassado as trezentas filiais. Em 1920, o escritor e diplomata James Weldon Johnson torna-se o primeiro secretário-geral negro da associação. A partir desta década, uma das prioridades da NAACP será o combate contra os linchamentos, e embora nunca tenha conseguido influenciar o Congresso no sentido de passar leis criminalizando essa prática ao nível federal, ao publicar o relatório *Thirty Years of Lynching in the United States, 1889-1918* (1919) contribuiu em muito para a divulgação da selvajaria do acto entre a opinião pública branca, levando à diminuição da sua incidência.<sup>28</sup> A decisão judicial mais famosa, paradigma de todo o trabalho desenvolvido pela NAACP, é a decisão do Supremo Tribunal em *Brown v. Board of Education of Topeka, Kansas* em 1954, a ser discutida no próximo capítulo.

A segunda associação para defesa dos interesses afro-americanos – a NUL – tinha objectivos mais difusos, e conseqüentemente sucessos menos mensuráveis, crescendo de uma tradição reformista diferente da

---

<sup>28</sup> Em 1921, James Weldon Johnson consegue persuadir alguns elementos da câmara de representantes a introduzirem e votarem positivamente um projecto-lei criminalizando os linchamentos. Contudo, o projecto-lei não chega a ser aprovado em Senado. Nos anos subsequentes, várias tentativas da introdução de outros projectos neste sentido foram chumbados. Franklin e Moss, *From Slavery to Freedom*, p.355.

NAACP.<sup>29</sup> Mais moderada, subordinava os direitos políticos e cívicos às necessidades económicas mais imediatas dos migrantes rurais, suscitadas pela difícil adaptação à vida urbana, frisando a importância da aquisição de hábitos de comportamento da classe média, nomeadamente de hábitos de higiene. À medida que a associação se foi solidificando, começou a desenvolver investigações sociológicas no combate aos estereótipos raciais, reunindo dados sobre a posição dos negros no mercado de trabalho, enquanto, e em simultâneo, fazia um trabalho de *lobbying* nas empresas, sindicatos e governo para que contratassem ou aceitassem negros, ao passo que a NAACP se concentrava na actuação jurídica, a NUL tendia para a abordagem gradualista.<sup>30</sup> As necessidades de apoio aos afro-americanos aumentam com a *great migration* e a NUL expande-se pela maioria das cidades industriais do Norte. Com a Depressão, na década de trinta, a NUL sob a direcção de Lester B. Granger ainda alarga mais a sua actividade, pressionando o Presidente Roosevelt a incluir os negros na gestão dos programas do *New Deal*. Durante a II Guerra Mundial assumiu também um papel importante de apoio ao sindicalista A. Philip Randolph na organização da Primeira Marcha de Washington, em protesto contra a segregação da indústria de armamento americana, e nos anos sessenta participará activamente nas lutas a favor dos direitos cívicos.

Na sua revista *Opportunity: Journal of Negro Life*, mais conhecida apenas pelo nome *Opportunity*, fundada em 1923 sob a direcção

---

<sup>29</sup> Para o aprofundamento do papel dos judeus nas duas associações ver David Levering Lewis, «Parallels and Divergences», *The Journal of American History* 71, n.º3 (Dezembro 1984), pp.543-564.

<sup>30</sup> George Hutchison, *The Harlem Renaissance in Black and White*, p.171.

editorial de Charles S. Johnson, a NUL assume explicitamente uma abordagem científica dos problemas sociais, criticando a subjectividade da revista *The Crisis*. Contudo, publica igualmente textos de vários escritores de Harlem, defendendo a liberdade de criação artística, o que pode ser considerado paradoxal se se pensar na contradição entre a faceta social e política da organização, que tinha uma imagem respeitável, sóbria e burguesa, e o órgão da associação que acaba por ser identificado com a «bohemian wing of the Negro renaissance».<sup>31</sup>

As revistas *The Crisis* e *Opportunity* representaram, durante a *Harlem Renaissance*, duas contribuições distintas para o debate sobre o lugar do negro na sociedade americana, e também divergiram na forma como a primeira procura instrumentalizar a arte e a segunda se mantém fiel aos conceitos de liberdade artística e criativa.

Os fundadores e dirigentes afro-americanos destas associações provinham de origens muito distintas das dos migrantes o que explica, até certo ponto, as suas estratégias de acção. Partilhavam os mesmos valores culturais, pois provinham da mesma tradição «genteel», descendentes de uma minúscula população livre de Boston, Brooklin, Filadélfia e Providence, Rhode Island. Estavam de certa forma assimilados, «at ease with the world of white power».<sup>32</sup> Estas características explicam o antagonismo que viriam a desenvolver contra Marcus Garvey e contra as suas propostas dirigidas às massas.

---

<sup>31</sup> Ibid., p.172.

<sup>32</sup> David Levering Lewis, «Parallels and Divergences», *The Journal of American History* 71, n.º3 (Dezembro 1984), p.549.

## 2.4. O *Back-to-Africa movement* de Marcus Garvey

A nova vontade de intervir activamente em prol dos direitos cívicos reflectiu-se em dois momentos importantes, de objectivos muito distintos: o *Back-to-Africa Movement* fundado e liderado pelo jamaicano Marcus Garvey e a *Harlem Renaissance*.

As iniciativas bem intencionadas da NAACP para a promoção dos direitos cívicos e para a integração dos negros foram criticadas por alguns sectores da sociedade afro-americana. Estes viam a NAACP como uma associação elitista e minoritária gerida em função das ambições do pequeno grupo dos *Talented Tenth*, em associação com liberais brancos e judeus. As necessidades e desejos da população não apareciam contemplados nos objectivos da associação. Marcus Garvey seria um dos seus maiores críticos, propondo algo de radicalmente diferente de Du Bois:

Du Bois represents a group that hates the Negro blood in its veins, and has been working subtly to build up a caste aristocracy that would socially divide the race into two groups.<sup>33</sup>

O sentimento de isolamento dos trabalhadores urbanos vai alimentar a sua adesão em massa à oratória de Marcus Garvey e à sua organização a *Universal Negro Improvement and Conservation Association and African Communities' League*, cujo nome foi mais tarde encurtado para *Universal Negro Improvement Association* (UNIA) criada em 1914 na Jamaica e reactivada em 1917 nos Estados Unidos. A UNIA é um fenómeno ligeiramente anterior à *Harlem Renaissance*, e vai em

---

<sup>33</sup> Marcus Garvey, «An Exposé of the Caste System Among Negroes», in *Philosophy and Opinions of Marcus Garvey* (1925) rpd. *Let Nobody Turn Us Around*, p.269.

grande medida prepará-lo através da sua base de união racial e da promoção de uma identidade positiva. Garvey, ao defender o desenvolvimento separado e o *self-help*, vem preencher junto de milhares de afro-americanos o lugar deixado vago por Booker T. Washington em 1915.<sup>34</sup>

Marcus Garvey chega aos Estados Unidos durante o pico migratório negro em 1916, e assim constrói a sua estratégia direccionada para os novos cidadãos. A base de apelo e chamariz de Garvey enraizava na defesa do orgulho racial, algo até então nunca experimentado entre as classes sociais mais desfavorecidas. Como diria mais tarde um apoiante: «Garvey sold the Negro to himself».<sup>35</sup> Não só os apelos ao orgulho racial de W.E.B. Du Bois e da revista *The Crisis* eram vistos por Garvey como direccionados para os valores de classe-média, que em nada se identificavam ou incluíam os valores dos trabalhadores urbanos e rurais negros, como, mais importante ainda, o jamaicano via a NAACP como totalmente dependente do apoio financeiro e político dos brancos.

Garvey vai também recolher apoios daqueles soldados que voltavam da guerra, totalmente ressentidos e humilhados com o tratamento a que haviam sido submetidos pela instituição militar, ainda agravado pelo comportamento da população branca que os recebia em casa. Segundo Garvey, a esperança dos afro-americanos não se poderia

---

<sup>34</sup> David Levering Lewis, «Parallels and Divergences», *The Journal of American History* 71, n°3 (Dezembro 1984), p.557 e Lawrence W. Levine, «Marcus Garvey and the Politics of Revitalization», in *Black Leaders of the Twentieth Century*, eds. John Hope Franklin e August Meier, (Chicago: University of Illinois Press, 1982), p.110.

<sup>35</sup> Citado por Lawrence W. Levine, «Marcus Garvey», in *Black Leaders of the Twentieth Century*, p.114.

nem deveria centrar no eventual reconhecimento da igualdade dentro das fronteiras nacionais. O problema só seria ultrapassado com um retorno em massa a África, onde a comunidade construiria o seu próprio país: «The Negro peoples of the world should concentrate upon the object of building up for themselves a great nation in Africa», continente onde o negro conseguiria «show evidence of his own ability in the art of human progress. Scattered as an unmixed and unrecognized part of alien nations and civilizations is but to demonstrate his imbecility».<sup>36</sup>

Estas não eram ideias totalmente novas, encontrando-se-lhes os antecedentes no século XIX em Martin R. Delaney (1812-1883),<sup>37</sup> o bispo da Igreja Episcopal Metodista, em Henry McNeal Turner (1834-1915),<sup>38</sup> que acreditava que os negros só atingiriam a dignidade racial se rejeitassem a sociedade e culturas americanas, e em Alexander Crummell (1819-1898), defensor de uma estreita relação entre a ideia

---

<sup>36</sup> Marcus Garvey, «Africa for the Africans», in *Philosophy and Opinions of Marcus Garvey* (1925) rpd. *The Portable Harlem Renaissance Reader*, p.17 e «An Appeal to the Conscience of Black Race to See Itself», in *Philosophy and Opinions of Marcus Garvey* (1925) rpd. *Let Nobody Turn Us Around*, p.266.

<sup>37</sup> Martin R. Delany não defendia o retorno a África mas sim a emigração dentro do próprio continente americano uma vez que «America is our destination and our home [...] Upon the American continent we are determined to stay, in spite of every odds against us. What part of the great continent shall our destination be - shall we emigrate to the North or to the South?» in Martin R. Delany, *The Condition, Elevation, Emigration, and Destiny of the Colored People of the United States* (1852) rpd. *African-American Social and Political Thought 1850-1920*, p.79. Ver sobre a filosofia separatista de Delany, Bernard Boxill, «Two Traditions in African American Political Philosophy», *The Philosophical Forum: A Quarterly* 24, n° 1-3 (1992-1993), pp.119-125. Michael Omi e Howard Winant consideram que as raízes do Pan-Africanismo remontam a Martin Delany, *Racial Formation in the United States From the 1960s to the 1990s* (Nova Iorque: Routledge, 1994), pp.38-39.

<sup>38</sup> O Bispo Henry McNeal Turner afirmaria de forma incontestavelmente controversa: «We have as much right biblically and otherwise to believe that God is a Negro, as you buckra or white people have to believe that God is a fine looking, symmetrical and ornamented white man.» in «God is a Negro», *Voice of Missions* (1 Fevereiro 1898) rpd. *Black Nationalism in America*, eds. John H. Bracey, Jr., August Meier e Elliott Rudwick (Nova Iorque: Bobbs-Merrill Company, 1970), p.154.

da emigração para a Libéria e a solidariedade racial entre os povos pan-africanos. Estes homens promoviam a solidariedade racial e a autonomia de grupo através do apelo quer à emigração dos afro-americanos, quer ao separatismo nacionalista ao nível institucional.<sup>39</sup> De notar, ainda, que Garvey teve indirectamente um papel relevante no movimento do *new negro* ao acordar as consciências para os reais problemas das condições de vida dos afro-americanos.<sup>40</sup>

Como foi referido, após o período da Reconstrução, homens ligados às igrejas como Alexander Crummell e Henry M. Turner, apoiaram-se nelas para desenvolver ideologias mais ou menos separatistas baseadas em conceitos de unidade racial e solidariedade. Assim, quando o emigrante jamaicano Marcus Garvey retoma o tema advogando um retorno ao continente africano, apregoando a separação total das raças e opondo-se aos processos assimilacionistas, que segundo ele já estariam em curso, existia já uma tradição neste sentido.

The white man of America will not, to any organized extent, assimilate the Negro, because in so doing, he feels that he is committing racial suicide. This he is not prepared to do. It is true he illegitimately carries on a system of assimilation.<sup>41</sup>

Embora Garvey recorresse a um género de discurso e eloquência comum nas cerimónias religiosas e muitas das assembleias da UNIA se

---

<sup>39</sup> Ver John H. Bracey, Jr., August Meier e Elliott Rudwick, eds., *Black Nationalism in America*, pp.123-143, pp.154-155 e pp.200-210, e Martin R. Delany, *The Condition, Elevation, Migration, and Destiny of the Colored People of the United States* (1852) rpd. *African-American Social and Political Thought 1850-1920*, pp.37-111; Alexander Crummell, «Letter» (1 Setembro 1860) rpd. *African-American Social and Political Thought 1850-1920*, pp.171-190.

<sup>40</sup> Franklin e Moss, *From Slavery to Freedom*, p.363.

<sup>41</sup> Marcus Garvey, «Race Assimilation» (1922), rpd. *African-American Social and Political Thought 1850-1920*, p.553.

lhes assemelhassem, o movimento era laico na sua essência.<sup>42</sup> Baseando-se fundamentalmente no apelo à união dos operários urbanos, a verdadeira sedução de Garvey, o «grande fazedor de sonhos», como lhe chama Charles S. Johnson,<sup>43</sup> residia no reforço e exaltação do orgulho da raça. Dono de dotes de oratória singulares, apelava à construção de uma economia negra que acabasse de vez com a dependência dos brancos, numa altura em que as condições de vida da esmagadora maioria da população negra eram muito precárias, e em que o negro numa sociedade economicamente competitiva saía sempre perdedor:

White and black will learn to respect each other when they cease to be active competitors in the same countries for the same things in politics and society. Let them have countries of their own.<sup>44</sup>

Garvey, pretendendo transportar os afro-americanos «back to Africa», funda uma companhia de transportes marítimos, *The Black Star Steamship Line* (1919) com o financiamento exclusivo de pequenos accionistas afro-americanos, a qual acabaria por abrir falência em 1922. Um outro projecto de Garvey sem qualquer sucesso foi o desejo de constituir uma colónia na Libéria para os emigrantes da UNIA, que se iniciaria em 1924 com 500 famílias.<sup>45</sup> O fim da UNIA, a partir de meados da década de vinte, seria acelerado pela detenção de Garvey em

---

<sup>42</sup> Lawrence W. Levine, «Marcus Garvey», in *Black Leaders of the Twentieth Century*, pp.124-125.

<sup>43</sup> Charles S. Johnson, «The Negro Renaissance and Its Significance» (1954), rpd. *The Portable Harlem Renaissance Reader*, p.211.

<sup>44</sup> Marcus Garvey, «Back to Africa», in *Philosophy and Opinions of Marcus Garvey* (1925) rpd. *African-American Social and Political Thought 1850-1920*, p.576.

<sup>45</sup> Garvey dirigiu-se à Liga das Nações e após a permissão desta organização, iniciou negociações com o governo da Libéria. Este país, no entanto, após pressões da França e Grã-Bretanha acabou por não autorizar a criação da colónia.

Janeiro de 1922 (e posterior deportação para a Jamaica em 1927) acusado, e considerado culpado em tribunal, de utilização fraudulenta dos correios para venda das acções da *Black Star Shipping Line*. Em 1940, Garvey acabará por morrer em Londres.<sup>46</sup> Antes de ser detido, conseguiu erguer mais de 700 filiais em 38 estados, incluindo o Sul, e ainda 200 filiais fora dos Estados Unidos.<sup>47</sup> O que Garvey pretendia era uma união de todos os negros em torno dos mesmos objectivos, ou seja, o desenvolvimento da independência económica em relação aos brancos. Os inúmeros adeptos que a ideologia pan-africana de Garvey consegue reunir comprovam que ele ia ao encontro das necessidades dos afro-americanos, numa época em que a comunidade queria protestar de alguma forma contra a reacção anti-negra do período do pós-guerra. <sup>48</sup>

No entanto, Marcus Garvey nunca foi um nacionalista cultural, embora o tivesse sido no sentido racial. Criticava veementemente os brancos, pois considerava-os perigosos e pouco dispostos a admitirem a igualdade dos negros, mas não rejeitava os seus antecedentes culturais ocidentais, havendo uma vertente essencialmente política e económica nas suas reivindicações de autonomia. Deste ponto de vista, curiosamente, quase que assume uma visão oposta à de alguns

---

<sup>46</sup> De acordo com Lawrence W. Levine nunca se provou em tribunal a criminalidade dos actos de Garvey, apenas se demonstrou que tinha falta de experiência na gestão de fundos, «Marcus Garvey», in *Black Leaders of the Twentieth Century*, p.135.

<sup>47</sup> Lawrence W. Levine, «Marcus Garvey», in *Black Leaders of the Twentieth Century*, p.122.

<sup>48</sup> «The highwater mark of mass political mobilization, rivaled only by the movements of the 1960s. In this respect it is entirely appropriate to treat Garveyism as the archetype of the Pan-Africanist tradition in the U.S.» in Michael Omi e Howard Winant, *Racial Formation in the United States*, pp.38-39.

intelectuais de Harlem que defendiam a criação de uma cultura com raízes africanas.

O movimento de Garvey entra em rota de colisão com muitos dos dirigentes tradicionais negros, pois estes acreditavam que a renascença negra iria eventualmente criar uma cultura integrada, mesmo que bi-racial e nunca se alcançariam resultados através de movimentos separatistas, como a UNIA. James Weldon Johnson, membro da NAACP e um dos «pais políticos» da *Harlem Renaissance*, na sua obra *Black Manhattan* (1930), baseia o insucesso do movimento na premissa da auto-marginalização social e nacional que aquele propunha: «The central idea of Garvey's scheme was absolute abdication and the recognition as facts of the assertions that this is a white man's country, a country in which the Negro has no place, no right, no chance, no future» acrescentando «the overwhelming majority of thoughtful American Negroes will not subscribe to such an idea». <sup>49</sup> A NAACP, aliás, assumia a linha oficial «that Marcus Garvey was a mountebank and his outfit swindlers praying on the poverty and ignorance of the lower classes.». <sup>50</sup>

Contudo, um dos promotores da *Harlem Renaissance*, Alain Locke, no ensaio «Enter the New Negro» (1925) afirmava que os afro-americanos tinham um papel a desempenhar no continente africano, dando assim alguma razão às intenções de Garvey:

Garveyism may be a transient, if spectacular phenomenon, but the possible role of the American Negro in the future development of Africa

---

<sup>49</sup> James Weldon Johnson, *Black Manhattan* (Nova Iorque: Alfred Knopf, 1930), p.258. Esta obra é a primeira história dos afro-americanos em Nova Iorque.

<sup>50</sup> J. Saunders Redding, *On Being Negro in America*, p.38.

is one of the most constructive and universally helpful missions that any modern people can lay claim to.<sup>51</sup>

De acordo com os historiadores Franklin e Moss, a população aderiu ao movimento devido à necessidade de afirmação do grupo e como reacção à discriminação instituída (de lembrar, a título de exemplo, que a maioria dos sindicatos laborais não admitia negros), mas poucos eram aqueles que estavam dispostos a seguir os «fantastic schemes of the black leader».<sup>52</sup> No entanto, não é esta a ideia que fica após a leitura da autobiografia de J. Saunders Redding, quando este descreve episódios da sua infância de onde se destacam a cisão que Garvey provocou na comunidade afro-americana e ainda «a self-generating energy» que nela se repercutiu com a influência do garveyismo.<sup>53</sup>

Paralelo ao nacionalismo pan-africano de Garvey e em associação com o partido socialista, cresce o primeiro movimento sindicalista negro, sob a direcção de Chandler Owens e A. Philip Randolph, *The Brotherhood of Sleeping Car Porters* (1925), após várias tentativas falhadas de criação de sindicatos negros por parte desta dupla.<sup>54</sup> À semelhança da NAACP e da NUL, o sindicato também recorre a uma revista, a *Messenger*, que tinha sido fundada oito anos antes pelos dois

---

<sup>51</sup> Alain Locke, «Enter the New Negro» (1925), rpd. *The Critical Temper of Alain Locke*, p.8.

<sup>52</sup> Franklin e Moss, *From Slavery to Freedom*, p.359. Contudo, em 1919 Garvey proclamava dois milhões de adesões e em Junho de 1923 seis milhões de membros na UNIA, in Lawrence W. Levine, «Marcus Garvey», in *Black Leaders of the Twentieth Century*, p.121.

<sup>53</sup> J. Saunders Redding, *On Being Negro in America*, p.40.

<sup>54</sup> Em 1920 lançam *Friends of Negro Freedom*, e quase de imediato a *National Association for the Promotion of Labor Unionism among Negroes* e em 1923 anunciam a criação da *United Negro Trades*, in Benjamin Quarles, «A. Philip Randolph: Labor Leader at Large» in *Black Leaders of the Twentieth Century*, p.145.

sindicalistas, e viria mais tarde a ser dirigida por Wallace Thurman. Tanto a revista como o sindicato se opunham às atitudes integracionistas da NAACP e da NUL. Denunciando os problemas sociais e laborais da comunidade afro-americana, hostilizavam abertamente Du Bois e *The Crisis*, o que levou a dificuldades financeiras graves devido à ausência do apoio da classe-média negra.<sup>55</sup> Mas, curiosamente, a revista de A. Philip Randolph e Chandler Owen iria atacar com maior veemência Marcus Garvey, exigindo ao governo que o detivesse e deportasse, criticando-o acima de tudo por ter burlado milhares de afro-americanos ignorantes através da sua empresa de navios, a *Black Star Shipping Line*, que, supostamente, serviria para transportar os afro-americanos de volta para África:<sup>56</sup>

This is the same Negro who pitched over a million dollars of Negroes' money into the Black Star sea, after collecting it under the pretense that he was going to establish a shipping line.<sup>57</sup>

Quando o movimento artístico da *Harlem Renaissance* aparece em pleno na década de vinte, trazia como antecedente o impulso de orgulho racial dado pelo movimento *Back-to-Africa*, ao nível da procura de afirmação de um grupo coeso em redor de uma ideia positiva da raça negra. A verdade é que o movimento de Garvey, ao consciencializar os

---

<sup>55</sup> William Banks, *Black Intellectuals*, pp.78-79. A revista *Messenger* foi das poucas revistas negras a não apoiar completamente o esforço de guerra, acabando por conduzir os dois editores a uma condenação de dois anos e meio de prisão pela publicação do artigo «Pro-Germanism among Negroes».

<sup>56</sup> Ann Douglas, *Terrible Honesty*, p.314.

<sup>57</sup> «Editorial», *Messenger* (Janeiro 1923) citado por Harold Cruse, *The Crisis of the Negro Intellectual: A Historical Analysis of the Failure of Black Leadership* (1967, Nova Iorque: Quill, 1984), p.121. Harold Cruse avança com a estimativa de 80.000 apoiantes do movimento de Garvey nos Estados Unidos, a maioria dos quais com origem nas Caraíbas, *The Crisis of the Negro Intellectual*, p.124 e George Hutchison, *The Harlem Renaissance in Black and White*, p.291.

negros para a discriminação a que eram permanentemente sujeitos e, simultaneamente, ao entrar em conflito com os líderes tradicionais da raça, vai abrir as portas à contestação literária promovida pelos escritores mais jovens de Harlem, contra estes mesmos líderes. Simultaneamente, Garvey levaria também estes escritores a interessarem-se, do ponto de vista literário, pelas condições de vida do cidadão negro vulgar.<sup>58</sup>

O movimento socialista e sindicalista de Chandler Owen e de A. Philip Randolph, futuro presidente do sindicato *The Brotherhood of Sleeping Car Porters*, também teve um papel importante no desenvolvimento da afirmação da comunidade trabalhadora negra, ao frisar a necessidade de mudanças sociais e económicas, embora numa perspectiva não racial, oposta aos conceitos do nacionalismo cultural negro. Para os editores da *Messenger*, os preconceitos raciais tinham origem na organização capitalista das sociedades ocidentais, e se era necessário fomentar a união dos trabalhadores negros, isso seria apenas como estratégia para atingir o objectivo final da integração. Randolph defendia que a classe trabalhadora, apesar da *color-line*, deveria ser solidária entre si.<sup>59</sup> Como exemplo desta transversalidade racial, a revista *Messenger* era financeiramente apoiada pela indústria de confecção branca, oferecendo como moeda de troca páginas para publicidade destas indústrias.<sup>60</sup>

---

<sup>58</sup> Franklin e Moss, *From Slavery to Freedom*, p.363.

<sup>59</sup> George Hutchison, *The Harlem Renaissance in Black and White*, p.291.

<sup>60</sup> Benjamin Quarles, «A. Philip Randolph», in *Black Leaders of the Twentieth Century*, p.143.

## 2.5. A *Harlem Renaissance*

### 2.5.1. Estratégias culturais e a refutação da inferioridade racial

O movimento de Harlem não resultou de nenhuma organização formal e para alguns, nomeadamente para o escritor Claude McKay, como ilustrado na epígrafe deste capítulo, era mais estético e filosófico do que político. Contudo, parece ser impossível dissociá-lo, por um lado, do movimento nacionalista de Garvey com a sua preparação dos negros urbanos para a afirmação racial, e por outro da posição política de defesa dos direitos cívicos de Du Bois apresentados na reunião de Niagara. O papel político a ser desempenhado pela afirmação intelectual da raça negra viria a construir-se, em grande parte, sobre a ideologia que Du Bois defendia desde o fim do século XIX, mas este novo papel procurava todavia desenhar um rumo diferente para a ideia de *novo* no *new negro movement*.

A conjugação dos diversos factores apontados antes (as questões decorrentes da guerra, as transformações sociais, demográficas e políticas) contribuiu para o nascimento de um movimento cultural afro-americano com o epicentro no bairro nova-iorquino de Harlem, no qual se salienta a liderança, como não podia deixar de ser, do pequeno grupo de intelectuais. Usando a gíria duboisiana, os *Talented Tenth* tinham de facto a consciência de pertencer a uma pequeníssima minoria, que era constituída por sub-grupos unidos em torno de objectivos distintos em termos artísticos, culturais, políticos e em termos de responsabilidade colectiva perante a raça. O movimento da *Harlem Renaissance* instituiu-

se com dois objectivos simultâneos: por um lado, acordar a actividade artística negra e por outro, conduzir a comunidade branca à sua descoberta e apreciação. Pode-se também ir mais longe e considerar que a *Harlem Renaissance* pretendia criar uma ponte entre as culturas branca e negra, uma vez que a concentração de académicos, artistas e músicos num mesmo espaço geográfico e num mesmo tempo, o que facilitava a sua acessibilidade, permitiu a um sector restrito (embora mais alargado que até então) de nortistas brancos aceder à cultura negra, pela primeira vez na história dos Estados Unidos.

Antes de avançar, é necessário fazer uma chamada de atenção para a delimitação cronológica do movimento. A abordagem do período denominado *Harlem Renaissance*, também conhecido por *Black Renaissance*, tem limites temporais difíceis de determinar com precisão por envolver variáveis e antecedentes múltiplos. Cary D. Wintz e William M. Banks propõem balizas semelhantes, situando o movimento na década de vinte, com o início em 1918-1919, despoletado pela violência urbana e pelo fim da guerra, e terminando em 1929 com a queda da bolsa.<sup>61</sup>

David Levering Lewis, na sua antologia, *The Portable Harlem Renaissance Reader*, propõe limites mais alargados que vão de 1917 a 1935, identificando três fases distintas no movimento: a primeira fase

---

<sup>61</sup> Nathan Huggins data o início da Harlem Renaissance em plena Guerra e o fim nas Harlem Riots de 1935 in Cary D. Wintz, *Black Culture*, p.1. Em «Preface to the Atheneum Edition» na edição de 1975 da famosa antologia da *Renaissance* compilada por Alain Locke, *The New Negro*, Robert Hayden propõe balizas mais estreitas que vão desde meados dos anos vinte ao fim dessa década. Robert Hayden «Preface to the Antheneum Edition», in *The New Negro*, ed. Alain Locke (Nova Iorque: Antheneum, 1975), p.x.

terminaria em 1923, com a publicação de *Cane* de Jean Toomer, e seria profundamente influenciada pelos artistas e escritores brancos. A segunda fase, de curta duração, estende-se de 1924 a 1926, constituindo-se num período de colaboração interracial entre os brancos «Negrotarian»<sup>62</sup> e os *Talented Tenth*, liderados pelas associações NAACP e NUL na defesa de um conceito de «high culture». Durante este período, os intelectuais da geração nascida no século XIX, como Du Bois ou James Weldon Johnson, ainda procuram deter algum controlo sobre a produção literária e ensaísta, que consideram dever ser criada em função de objectivos raciais propagandistas, como se explica adiante.

A última fase, mais longa, prolongar-se-ia de 1926 até ao surto de violência de Harlem de 19 de Março de 1935, crescentemente dominada pelos artistas afro-americanos, os «Niggeratti», cujo posicionamento, face à produção artística e intelectual, já se afastou dos conceitos de arte ao serviço da propaganda política, contendo inúmeras manifestações artísticas cujos autores se assumem a-raciais, como é o caso de George Schuyler.<sup>63</sup>

Nesta fase final, a geração mais jovem opera, portanto, um corte mais ou menos profundo com os valores estéticos e culturais da geração afro-americana que a precede, sendo possível sugerir que estes

---

<sup>62</sup> Expressão utilizada pela escritora da *Renaissance*, Zola Neale Hurston para definir os brancos que tinham um interesse especial no progresso social dos afro-americanos.

<sup>63</sup> David Levering Lewis, «Introduction» e «Chronology», in *The Portable Harlem Renaissance Reader*, pp.xv-xvi e pp.xliii-xv. Em 1935 o sentimento de revolta dos negros contra os comerciantes e proprietários brancos que detinham mais de 80 por cento do negócio nessa zona da cidade conduziram a uma grave escalada de violência, com 200 lojas pilhadas e as suas montras destruídas, mais de 12 milhões de dólares em danos materiais e três mortos, in Franklin e Moss, *From Slavery to Freedom*, p.400.

escritores importavam para a arte aquilo que os seus contemporâneos políticos - Marcus Garvey e o espírito da militância racial nacionalista e A. Philip Randolph e Chandler Owen e o espírito radical socialista - defendiam para as massas urbanas, insurgindo-se contra a liderança negra estabelecida, demasiado elitista e intelectualizada.

O sociólogo Charles Spurgeon Johnson, editor da revista *Opportunity*, enuncia alguns dos pressupostos do movimento quando declara que há apenas uma área que não havia sido vedada aos negros: a área das artes.<sup>64</sup> Se o caminho estava barrado para bons empregos ou para as urnas, nada impedia o negro de ganhar visibilidade através da criação artística. Qualquer livro, peça de teatro, poema ou quadro poderia ser brandido como arma contra os velhos estereótipos raciais. Deste modo, Charles S. Johnson desenvolve um programa de promoção da raça através da criatividade artística. Trinta anos mais tarde este sociólogo descreverá o processo desenvolvido em Harlem como um período de emancipação cultural:

It was a period, not only of the quivering search for freedom but of a cultural, if not a social and racial emancipation. It was unabashedly self-conscious and race-conscious. But it was race-consciousness with an extraordinary facet in that it had virtues that could be incorporated into the cultural bloodstream of the nation.<sup>65</sup>

Antes de mais, é importante realçar o papel das publicações periódicas editadas por afro-americanos na visibilidade do movimento

---

<sup>64</sup> George Hutchison, *The Harlem Renaissance in Black and White*, p.59. A este respeito é interessante citar as considerações de David Levering Lewis: «Nothing could have seemed to most Afro-Americans more extravagantly impractical as a means of improving racial standing than writing poetry or novels, or painting, but Charles Johnson and a few other Harlem luminaires were keenly aware that some white writers had already found the Afro-American a salable commodity in the literary world. The time was obviously ripe.». *When Harlem Was in Vogue*, pp.90-91.

<sup>65</sup> Charles S. Johnson, «The Negro Renaissance and Its Significance» (1954) rpd. *The Portable Harlem Renaissance Reader*, p.212.

artístico e cultural da *Harlem Renaissance*. É possível separá-las em dois grandes grupos: no primeiro, encontravam-se as revistas mais importantes e institucionalizadas como *The Crisis*, da NAACP, e a *Opportunity* da NUL. Estas revistas tiveram um papel crucial na transmissão de uma imagem positiva da raça, promovendo a sua emancipação e combatendo a discriminação racial, mas entraram rapidamente em competição uma com a outra na tentativa de controlarem o movimento.<sup>66</sup>

No segundo grupo encontram-se as revistas mais radicais, e de situação financeira mais complicada, das quais se salienta a *Fire!!*, a primeira revista negra simultaneamente independente e essencialmente literária,<sup>67</sup> da qual saiu um único número em 1926, sob a responsabilidade de Wallace Thurman e Langston Hughes. A *Messenger* (1917) que, como já foi referido, estava ligada a A. Philip Randolph e Chandler Owens, e que sob a direcção de George Schuyler, a partir de 1922, e de Wallace Thurman, a partir de 1926 se transformou numa «Negro society magazine and a plugger for Negro business, with photographs of prominent colored ladies and their nice homes in it».<sup>68</sup> Algumas publicações brancas também começaram a interessar-se pelos afro-americanos, incluindo textos científicos sobre as suas condições de

---

<sup>66</sup> George Hutchison, *The Harlem Renaissance in Black and White*, p.391. Para uma descrição mais detalhada das várias revistas afro-americanas deste período ver Abby Arthur Johnson, Ronald Maberry Johnson, «Black Renaissance: Little Magazines and Special Issues 1916-1930» in *Propaganda and Aesthetics: The Literary Politics of Afro-American Magazines in the Twentieth Century* (Amherst: The University of Massachusetts Press, 1979), pp.65-93.

<sup>67</sup> Abby Arthur Johnson, Ronald Maberry Johnson, «Black Renaissance», in *Propaganda and Aesthetics*, p.77.

<sup>68</sup> Langston Hughes, «Harlem Literati» in *The Big Sea* (1940) rpd. *The Portable Harlem Renaissance Reader*, p.81 e George Hutchison, *The Harlem Renaissance in Black and White*, p.292.

vida ou até mesmo dedicando um número inteiro à produção literária e ensaísta afro-americana. Foi o caso da *Survey Graphic*, na sua famosa edição de 1925 da responsabilidade de Alain Locke, e que de facto, pela primeira vez reuniu no mesmo número textos de intelectuais afro-americanos de várias gerações, ilustrativos dos princípios orientadores do *new negro* e do novo conceito de arte afro-americana, e que se discutirá mais adiante.

A revista *Opportunity*, cujo primeiro número saiu em Janeiro de 1923, acaba por se instituir como o órgão de propaganda da NUL. Em 1924, Charles S. Johnson, através da *Opportunity*, toma a iniciativa de promover concursos anuais para atribuição de prémios à produção artística afro-americana. Os seus objectivos eram encorajar a leitura da produção literária negra, cujos temas versavam a vida afro-americana, bem como promover um mercado para os escritores negros. Tanto a revista *Opportunity* como a sua rival *The Crisis* viriam a assumir um papel primordial na publicidade dos trabalhos literários e culturais dos afro-americanos nos anos vinte, como confirmou aliás, o próprio Charles S. Johnson:

The importance of the *Crisis Magazine* and *Opportunity Magazine* was that of providing an outlet for young Negro writers and scholars whose work was not acceptable to other established media because it could not be believed to be of standard quality despite the superior quality of much of it. What was necessary was a revolution and a revolution sufficient in intensity to disturb the age-old customary cynicisms. This function became associated with *Opportunity Magazine*.<sup>69</sup>

A revista *The Crisis* veio preencher um desejo de Du Bois de editar a «high class of journal» que circulasse entre «the intelligent Negroes» e

---

<sup>69</sup> Charles S. Johnson, «The Negro Renaissance and Its Significance» (1954), rpd. *The Portable Renaissance Reader*, p.213.

os ligasse «in pursuit of definite ideals».<sup>70</sup> Esta revista, durante a sua primeira década de vida, reflectia o desejo do afro-americano de pertencer à civilização americana, e dela usufruir. Embora assumisse as diferenças raciais, estas ficavam subordinadas às aspirações e valores comuns da sociedade americana. Como a revista nunca optou por uma defesa do separatismo racial, sempre se opôs às teorias e propostas de Garvey. Jessie Fauset, editora literária da *The Crisis*, teve um papel preponderante na promoção das carreiras artísticas de muitos escritores negros. A orientação literária que desejava imprimir aos novos escritores seguia de perto as «bourgeois preferences» de Du Bois, recusando, designadamente, a utilização do verso livre e vernacular.<sup>71</sup>

Du Bois, ao elaborar a sua teoria dos *Talented Tenth* educados para a liderança da comunidade em 1903, já havia proposto a nova abordagem da raça dentro de parâmetros culturais, que viria a servir como orientação política da revista.

Alain Locke, professor de filosofia da Universidade de Howard, vai equacionar, na continuação do trabalho do antropólogo Boas, esta nova abordagem da raça em termos culturais, reinterpretando os conceitos de darwinismo social:

Race operates as tradition, as preferred traits and values, and when these things change, culturally speaking ethnic remolding is taking place. Race then, so far as the ethnologist is concerned, seems to lie in that peculiar selective preference for certain culture-traits and resistance to certain others which is characteristic of all types and levels of social organization.<sup>72</sup>

---

<sup>70</sup> Citado por George Hutchison, *The Harlem Renaissance in Black and White*, p.142.

<sup>71</sup> George Hutchison, *The Harlem Renaissance in Black and White*, p.156.

<sup>72</sup> Alain Locke, «The Concept of Race as Applied to Social Culture», *Howard Review* 1 (Junho 1924) rpd. *The Critical Temper of Alain Locke*, pp. 427-428.

Até à terceira década do século XX, a *intelligentsia* negra não contestava a primazia dos padrões culturais e estéticos ocidentais. Os primeiros escritores de Harlem publicados (como por exemplo Jessie Fauset em *There Is Confusion*, 1924) orientavam-se pelo espírito e visão burgueses da sociedade de então, acreditando que a arte deveria reflectir as características da vida afro-americana consideradas eticamente correctas. Baseavam-se, assim, no critério da respeitabilidade inerente aos valores da cultura anglo-saxónica dominante,<sup>73</sup> levando Langston Hughes a chamar-lhes os «Nordicized Negro intelligentsia».<sup>74</sup>

No entanto, alguns membros desta nova *intelligentsia* não podiam deixar de se interrogar sobre as vantagens de assimilar os valores e padrões estéticos de uma cultura que os marginalizava,<sup>75</sup> ou sobre a necessidade de valorizar uma imagem de respeitabilidade «of a Negro bourgeoisie which simply does not exist as a class or a group in America».<sup>76</sup> É importante recordar, contudo, que junto da opinião pública branca, as imagens estereotipadas do negro e do seu modo de vida continuavam praticamente inalteradas desde a Reconstrução, uma vez que os brancos não os viam capazes de assimilar as virtudes e os valores tradicionais americanos. Durante a *Renaissance*, os estereótipos acabaram por se transformar em mais-valias, uma vez que os brancos

---

<sup>73</sup> Ver em relação à respeitabilidade e padrões morais burgueses dos negros neste período a obra de Kevin K. Gaines, *Uplifting the Race*, nomeadamente o capítulo 3 «Figuring Class with Race», pp.67-99.

<sup>74</sup> Langston Hughes, «The Negro Artist and the Racial Mountain», *The Nation* (Junho 1926) rpd. *The Portable Harlem Renaissance Reader*, p.94.

<sup>75</sup> William Banks, *Black Intellectuals*, p.80.

<sup>76</sup> Claude McKay, «The New Negro in Paris», in *A Long Way from Home* (1937) rpd. *The Portable Harlem Renaissance Reader*, p.170.

iam a Harlem precisamente para observar, fascinados, o que designavam por primitivismo civilizacional dos negros.

Simultâneo ao processo de afirmação cultural de Harlem, desenvolvia-se na América branca um movimento intelectual e estético que reagia contra a sociedade de crescente consumo e contra a institucionalização da filosofia política puritana da cultura nacional, considerada repressiva e indiferente às artes em geral.

Homens como Randolph Bourne e H. L. Mencken, (este último viria a influenciar de sobremaneira os afro-americanos Wallace Thurman e George S. Schuyler) exerceram uma crítica contundente ao conservantismo puritano da sociedade americana, e à sua menoridade cultural, característica associada ainda à dependência artística em relação à Europa que, de acordo com Bourne e Mencken, já não fazia sentido na era da «America's coming-of-age». Estes intelectuais revoltavam-se contra o provincianismo cultural dos Estados Unidos e contra a hegemonia da classe dominante anglo-saxónica. Mencken chega a afirmar no seu característico estilo cáustico e negativo:

The United States is essentially a commonwealth of third-rate men - that distinction is easy here because the general level of culture, of information, of taste and judgment, of ordinary competence is so low.<sup>77</sup>

Também Van Wyck Brooks critica a situação da criação literária do país num ensaio de 1922, «The Literary Life»: «The chronic state of our literature is that of a youthful promise which is never redeemed».<sup>78</sup>

---

<sup>77</sup> H.L. Mencken, «On Being an American», *Prejudices: A Selection 1919-1927*, ed. James T. Farrel (Nova Iorque: Vintage Books, 1958), p.98.

<sup>78</sup> Van Wyck Brooks, «The Literary Life», in *Civilization in the United States: An Inquiry by Thirty Americans*, ed. Harold E. Stearns (Nova Iorque: Harcourt, Brace and Company, 1922), p.180.

Existem assim, dois movimentos paralelos de afirmação cultural: de um lado, os intelectuais brancos que viam negativamente a situação do momento e que desejavam a implantação do modernismo nos Estados Unidos e a sua independência do Velho Mundo (em particular da Inglaterra); do outro lado, encontrava-se o movimento de Harlem que desejava também uma modernização artística do afro-americano, mas sobre uma perspectiva de emancipação cultural e racial em relação ao grupo social dominante, recuperando a sua própria herança africana, nos seus aspectos mais nobres e exóticos, como se verá adiante.<sup>79</sup>

### 2.5.2. O *New Negro* de Alain Locke

Alain Locke é convidado por Paul Kellog, editor-chefe da revista liberal *Survey Graphic*, para editar um número especial com o título «Harlem: Mecca of the New Negro», que é publicado em Março de 1925.<sup>80</sup> Ainda no Outono desse mesmo ano, sai a lume um livro que consiste numa versão mais alargada da antologia de textos escolhidos para a revista. A revista foi um sucesso imediato, vendendo mais de 42.000 cópias, e o mesmo sucedeu com o livro, transformando-se ambos na «bíblia de Harlem».<sup>81</sup>

---

<sup>79</sup> Ann Douglas, *Terrible Honesty*, p.5.

<sup>80</sup> *The Survey Graphic Harlem Number 6*, nº6 (Março 1925) <http://etext.lib.virginia.edu/harlem/contents.html>. Este convite a Locke surgiu durante o *Civic Club Dinner* patrocinado pela revista *Opportunity* e organizado por Charles S. Johnson, onde se pretendia juntar escritores afro-americanos e editores brancos. Este evento tem sido considerado o momento do lançamento oficial do *New Negro Movement*.

<sup>81</sup> Embora Alain Locke tenha assumido a selecção e edição deste número da *Survey Graphic*, após o convite do editor da revista Paul Kellog, tanto Du Bois como Charles

O título da antologia - *The New Negro* - e o editorial da revista, «Enter the New Negro», indicavam a alteração da perspectiva cultural dos liberais brancos sobre o problema racial (ao terem demonstrado suficiente curiosidade para elaborarem uma edição especial da revista em colaboração com intelectuais afro-americanos).<sup>82</sup> O título e o editorial provavam, igualmente, a diferente consciência cultural da raça que os próprios intelectuais negros sentiam. No editorial, Alain Locke proclamava uma «renewed self-respect and self-dependence» acrescentando que a vida da comunidade negra iria entrar numa «new dynamic phase» e ainda que «the day of “aunties”, “uncles” and “mummies” is equally gone».<sup>83</sup> O objectivo da compilação de textos de muitos e variados escritores afro-americanos, incluindo ainda a colaboração de alguns brancos, fora inspirado nas ideologias dos *Talented Tenth* e nas ideias de emancipação de W.E.B. Du Bois, no seguimento natural do movimento intelectual que se fazia sentir desde o início da década de vinte no bairro nova-iorquino de Harlem, bem como na sequência de *The Book of American Negro Poetry* (1922) editado por James Weldon Johnson.

Locke desejava profundamente que a nova abordagem da cultura negra estabelecesse formas de relacionamento diferentes entre brancos e negros, catalizando a aceitação destes últimos pelos primeiros, a

---

S. Johnson reivindicaram para si próprios a paternidade da ideia inicial. Ver Abby Arthur Johnson, Ronald Maberry Johnson, «Black Renaissance», in *Propaganda and Aesthetics*, p.70.

<sup>82</sup> Abby Arthur Johnson, Ronald Maberry Johnson, «Black Renaissance», in *Propaganda and Aesthetics*, p.72.

<sup>83</sup> Alain Locke, «Enter the New Negro» (1925) rpd. *The Critical Temper of Alain Locke*, p.7.

partir desse momento passíveis de serem considerados como iguais, embora com heranças culturais distintas.<sup>84</sup>

Na esteira do pensamento de Du Bois, Locke parte assim duma visão cultural e não biológica da raça:

The best consensus of opinion then seems to be that race is a fact in the social or ethnic sense, that it has been erroneously associated with race in the physical sense and is therefore not scientifically commensurate with factors or conditions which explain or have produced physical race characters.<sup>85</sup>

Na procura da construção de uma identidade, o negro da *Renaissance* depara-se com vários problemas de ordem ontológica: em primeiro lugar, o que era afinal o negro: americano, negro ou ambas as coisas? E a sua herança cultural, seria distintamente negra ou americana? Estas questões levantaram-se ainda com maior premência quando, em paralelo a esta discussão, as imigrações dos europeus de várias etnias para os Estados Unidos vão precisamente catapultar para o discurso político estas problemáticas ligadas à hifenização étnica e cultural, como se assinalou na introdução deste capítulo:

There is ethnic hyphenation in the differences of race, origin and character among the various peoples who constitute the American citizenry. In the case of the negro, the hyphenation is insisted on.<sup>86</sup>

Alain Locke, para além da ênfase na cultura afro-americana que pretendia distinta, mas reconhecidamente válida, vai ainda mais longe

---

<sup>84</sup> De notar que a primeira utilização da expressão «new negro» data de Junho de 1895, utilizada no editorial da *Gazette* de Cleveland aplicando-se a uma nova classe de negros com educação, classe e dinheiro que surgira após a Guerra Civil. De notar ainda que a expressão em apreço desde que surgiu sofreu várias interpretações, desde aquelas que defendem que a verdadeira essência do *new negro* era o seu comprometimento com a filosofia do *self-help*, passando pelas teorias que vêem neste conceito a ausência de tolerância perante a discriminação, até à associação do *new negro* com o movimento pan-africano, in Cary D. Wintz, *Black Culture*, p.31.

<sup>85</sup> Alain Locke, «The Concept of Race as Applied to Social Culture», *Howard Review* 1 (Junho 1924) rpd. *The Critical Temper of Alain Locke*, p. 426.

<sup>86</sup> Horace Kallen, *Culture and Democracy*, p.63.

na sua análise da nova consciência positiva do *new negro*, considerando-a a chave para a participação afro-americana na democracia americana, isto é, para o afro-americano, a cultura seria o meio, por excelência, de atingir a participação plena na sociedade americana.

He now becomes a conscious contributor and lays aside the status of a beneficiary and ward for that of a collaborator and participant in American civilization.<sup>87</sup>

Aliás, Locke desenvolve neste ensaio a teoria de que os problemas com os quais os negros se deparam na sociedade de então não eram muito diferentes dos dos imigrantes em geral:

Why should our minds remain sectionalized, when the problem itself no longer is? Then the trend of migration has not only been toward the North and the Central Midwest, but city-ward and to the great centers of industry - the problems of adjustment are new, practical, local and not peculiarly racial. Rather they are an integral part of the large industrial and social problems of our present-day democracy. [...] With the Negro rapidly in process of class differentiation, if it ever was warrantable to regard and treat the Negro en masse it is becoming with every day less possible, more unjust and more ridiculous.<sup>88</sup>

A antologia reunia ensaios sociológicos e históricos, poesia, ficção, drama e ensaios críticos. De realçar a participação na antologia de autores afro-americanos da geração mais velha como James Weldon Johnson e Du Bois e, também, de colaboradores brancos como Melville J. Herskovits e Konrad Bercovici. Para além de ilustrações de artistas como Aaron Douglas, publicavam-se trabalhos dos jovens afro-americanos Countee Cullen, Jean Toomer, Jessie Fauset, Zora Neale Huston, Langston Hughes e Claude McKay. Estes escritores rejeitavam

---

<sup>87</sup> Alain Locke, «Enter the New Negro» (1925), rpd. *The Critical Temper of Alain Locke*, p.9.

<sup>88</sup> Ibid., p.8.

a tradição *minstrel* dos estereótipos e caricaturas dos negros, até aí a mais comum representação do negro, e procuravam afirmar tanto o valor da herança negra, como a esperança no futuro da raça, acentuando a americanidade do negro e a sua possibilidade de virem a ser integrados, ao contrário da perspectiva e propostas de Garvey.

O *new negro* propunha-se, assim, alcançar vários objectivos: queria colaborar e participar na civilização americana, preservando e implementando as suas tradições raciais originais; desejava ainda dar-se a conhecer aos outros, que utilizariam esse novo conhecimento do negro em substituição do «velho» estereótipo. Os negros deveriam deixar de ser encarados como um problema para a sociedade americana:

Of all three voluminous literature on the Negro, so much is mere external view and commentary that we may warrantably say that nine-tenths of it is *about* the Negro rather than of him, so that it is the Negro problem than the Negro that is known and rooted in the general mind.<sup>89</sup>

O editorial de Locke faz uma verdadeira celebração do *new negro* e do seu novo espírito. «The younger generation is vibrant with a new psychology; the new spirit is awake in the masses».<sup>90</sup> Esta nova percepção social, de acordo com Locke, dar-se-ia ao nível das duas raças, a branca e a negra, que abririam canais de comunicação e comunhão intelectual entre si, por forma a enriquecer as artes e letras americanas. Uma das premissas do conceito do *new negro* de Locke era o desenvolvimento das interrelações raciais entre as «more advanced and representative classes».<sup>91</sup>

---

<sup>89</sup> Alain Locke, «Foreword», in *The New Negro*, ed. Alain Locke, p.xv.

<sup>90</sup> Alain Locke, «Enter the New Negro» (1925), rpd. *The Critical Temper of Alain Locke*, p.7.

<sup>91</sup> *Ibid.*, p.8.

Locke dividia dicotomicamente a existência do negro entre vida interior - constituída pela lealdade e pelo sentimento de pertença à comunidade - e vida exterior em harmonia com os ideais da democracia e instituições americanas.

The Negro today is inevitably moving forward under the control largely of his own objectives. What are these objectives? Those of his outer life are happily already well and finally formulated, for they are none other than the ideals of American institutions and democracy. Those of his inner life are yet in process of formation, for the new psychology at present is more of a consensus of feeling than of opinion, of attitude rather than of program [...] Up to the present one may adequately describe the Negro's "inner objectives" as an attempt to repair a damaged group psychology and reshape a warped social perspective.<sup>92</sup>

São duas categorias perfeitamente conciliáveis que contrastam claramente com as insolúveis categorias mentais bi-partidas de «twoness» e de «double consciousness» de W.E.B. Du Bois, pois estas últimas mantinham o afro-americano na constante ambivalência de ser americano ou de ser negro. Na leitura do ensaio de Locke esta ambivalência não existe de forma insolúvel, sendo possível viver positivamente os dois estados, aliás como Horace Kallen também teorizara.<sup>93</sup>

---

<sup>92</sup> Ibid., p.9.

<sup>93</sup> Catherine Kerr defende que esta dicotomia é herança do pluralismo cultural de Horace Kallen, formulado dez anos antes de Locke. Kallen legitima o emigrante existencialmente dividido numa pessoa que vive interiormente a sua cultura de emigrante e vive também nas estruturas exteriores americanas, in *Race in the Making of American Liberalism*, p.114. Horace Kallen afirma em 1915: «The immigrant group is still a national group, modified, sometimes improved, by environmental influences, but otherwise a solidary spiritual unit, which is seeking to find its way out on its own social level. This search brings to light permanent group distinctions and the immigrant [...] is thrown back upon himself and his ancestry. Then a process of dissimilation begins. The arts, life and ideals of the nationality become central and paramount; ethnic and national differences change in status from disadvantages to distinctions. All the while the immigrant has been uttering his life in the English language and behaving like an American in matters economic and political.» in *Culture and Democracy*, pp.114-115.

Outra das premissas enunciadas no editorial da *Survey Graphic* é o apelo à verdade dos factos através da observação científica e sociológica do negro e da sua comunidade:

The Negro today wishes to be known for what he is, even in his faults and shortcomings, and scorns a craven and precarious survival at the price of seeming to be what he is not, even by his own, and to being regarded a chronic patient for the sociological clinic, the sick man of American Democracy.<sup>94</sup>

Locke estava, assim, a afirmar a independência do negro face aos estereótipos, defendendo uma nova maturidade social e psicológica assente no auto-respeito e orgulho da identidade racial. O afro-americano apresentava-se como um elemento de direito na democracia americana, contribuindo para ela de forma criativa. Na leitura de todo o editorial é possível constatar a nova imagem do negro, positiva e iluminada, cheia de fé nas capacidades criativas da comunidade negra em geral, e na geração mais nova em particular, ou pelo menos na comunidade intelectual negra da *Harlem Renaissance*, que acabaria, segundo Locke, por assumir o seu lugar próprio na vida institucional e social americanas.

Locke, num texto também integrado na edição da *Survey Graphic*, «Negro Youth Speaks», apresenta também um novo modelo do jovem artista e pensador independente que substitui (e à qual, de certa forma, se contrapõe) a imagem gasta do líder racial e dos seus seguidores, tal como Du Bois e Washington a tinham assumido. Os pioneiros da literatura afro-americana como Du Bois, Charles W. Chesnutt, Paul

---

<sup>94</sup> Alain Locke, «Enter the New Negro» (1925), rpd. *The Critical Temper of Alain Locke*, p.9.

Lawrence Dunbar (1872-1906), e James Weldon Johnson falavam «for the Negro», procurando interpretar o conceito de raça pelos outros; a nova geração expressava-se «as Negroes» mostrando a todos a vida afro-americana.<sup>95</sup> Locke consegue, assim, argumentar de forma convincente que o negro pode e deve ser visto como diferente, mas uma diferença sempre positiva.

A chave de todo o movimento é uma clara aposta numa nova visão da raça, ou seja, numa identidade racial orgulhosa das suas especificidades próprias observadas de um ponto de vista inequivocamente positivo, e diferente das experiências dos outros grupos que constituíam o mosaico étnico americano.

E, contudo, tanto Locke, como Johnson e até o próprio Du Bois, pretendiam que estas novas manifestações artísticas tivessem um mesmo objectivo: transmitir a imagem de refinamento e sofisticação da comunidade negra; as imagens de vulgaridade como «nitty-gritty music, prose, and verse» não eram bem vistas.<sup>96</sup>

Apesar da fé lockiana no *new negro* permanecia a ambivalência da identidade cultural. Em *The Autobiography of an Ex-Colored Man* (editada com pouco sucesso em 1912 e reeditada em 1927 já com grande êxito) James Weldon Johnson vai, precisamente, equacionar a dificuldade dos artistas afro-americanos se inserirem quer na comunidade branca, quer na comunidade negra, representando-a no dilema de identidade do protagonista negro que, após fazer-se passar

---

<sup>95</sup> Alain Locke, «Negro Youth Speaks», in *The New Negro*, ed. Alain Locke, p.48.

<sup>96</sup> David Levering Lewis, *When Harlem Was in Vogue*, p.95.

por branco nessa mesma comunidade, pretende casar-se com uma mulher branca:

Up to this time I had assumed and played my role as a white man with a certain degree of nonchalance, a carelessness as to the outcome, which made the whole thing more amusing to me than serious, but now I ceased to regard "being a white man" as a sort of practical joke.[...] Then began the hardest struggle of my life, whether to ask her to marry me under false colors or to tell her the whole truth.<sup>97</sup>

A ambivalência da identidade do negro reflecte-se, igualmente, na pluralidade dos objectivos do movimento, que podiam ser vistos, tal como o poeta Claude McKay descreve, como a renascença «of talented persons of an ethnic or national group working individually or collectively, in a common purpose.» Mas existia uma outra tendência, que McKay também observa, pois muitos dos «talented Negroes regarded their renaissance more as an uplift organization and a vehicle to accelerate the pace and progress of smart Negro society.»<sup>98</sup> São estas duas posições face aos objectivos e aproveitamento político do movimento que criariam o debate em redor daquilo que se procurava definir como a identidade do afro-americano: uma identidade cultural e artística distinta e original ou uma identidade moldada pelos padrões e valores da classe dominante branca.

---

<sup>97</sup> James Weldon Johnson, *The Autobiography of an Ex-Colored Man* (1912) rpd. *The Norton Anthology*, p.856.

<sup>98</sup> Claude McKay, «The New Negro in Paris», in *A Long Way From Home* (1937) rpd. *The Portable Harlem Renaissance Reader*, p.171.

## 2.6. Responsabilidade social e comunitária v. liberdade intelectual e literária

Duas correntes de pensamento são detectadas na produção literária e crítica deste período. A primeira corrente é a mais conservadora, defensora dos valores de classe-média e procurando mostrar apenas o melhor que o espírito negro tinha para oferecer ao mundo. A outra corrente, na qual se inserem quase todos os escritores da geração mais jovem, vem precisamente defender a arte como puro acto estético, que tanto poderia ser uma arte de raízes africanas ou poderia consistir numa estética essencialmente americana, como defendia o escritor «harmelite» George Schuyler.

Para se compreender melhor as várias posições e intenções de aproveitamento político da renascença negra, é possível recorrer-se ao exemplo da polémica gerada em torno da publicação do romance do escritor branco Carl Van Vechten, *Nigger Heaven* (1926).

Os colaboradores de *The Crisis*, W.E.B. Du Bois e Jessie Fauset, encaravam as obras literárias mais realistas como uma péssima forma de promover a imagem pública da comunidade. Pretendiam que os afro-americanos se apresentassem como trabalhadores sérios e que transmitissem os ideais da família tradicional da classe-média. Aquando da publicação do romance *Nigger Heaven* (que se transformou rapidamente num sucesso, vendendo 100.000 cópias quase de

imediatos)<sup>99</sup> que tinha como personagem central uma prostituta, as críticas que se desenvolvem são motivadas pelo desvio à imagem que Du Bois e os seus seguidores queriam transmitir ao mundo:

To [the author] the black cabaret is Harlem. [...] The overwhelming majority of black folk never go to cabarets. The average colored man in Harlem is an everyday laborer, attending church, lodge and movie and is as conventional as ordinary workfolk everywhere.<sup>100</sup>

Carl Van Vechten, nas suas próprias palavras, propunha-se escrever «about the Negroes, as they live in the new city of Harlem», cidade onde cerca de 400.000 pessoas viviam «rich and poor, fast and slow, intelligent and ignorant», ou seja, pretendia retratar a realidade.<sup>101</sup> A polémica gerada pela obra vem realçar a importância que Du Bois atribuía à literatura como meio de propaganda da imagem do negro. Do ponto de vista do director de *The Crisis*, *Nigger Heaven* difundia uma imagem negativa do negro, e estava muito longe da estratégia política que Du Bois pretendia para a *Renaissance*.<sup>102</sup>

Van Vechten é acusado de falta de autenticidade no seu retrato dos negros dissolutos, para além de proceder à utilização abusiva do

---

<sup>99</sup> É importante realçar que o romance de Claude McKay, *Home to Harlem* (1928) embora lidando com «low levels of life» e com «the lusty primitive life», (para utilizar as expressões de James Weldon Johnson no ensaio «Critiques of Carl Van Vechten's Nigger Heaven») não foi alvo de críticas tão contundentes como a obra de Carl Van Vechten. A explicação desta discrepância poderá residir no facto da primeira obra ser dum autor afro-americano e a segunda dum branco, alcançando esta última um público mais numeroso, embora ambos os romances se baseassem na verdade dos factos de acordo com James Weldon Johnson, «Critiques of Carl Van Vechten's Nigger Heaven» (1926), rpd. *The Portable Harlem Renaissance Reader*, p.109.

<sup>100</sup> W.E.B. Du Bois, «Critiques of Carl Van Vechten's Nigger Heaven» (1926), rpd. *The Portable Harlem Renaissance Reader*, p.106.

<sup>101</sup> Citado por Edward Lueders, *Carl Van Vechten*, (Nova Iorque: Twayne Publications, 1965), p.97.

<sup>102</sup> O livro viria a ser publicado no Reino Unido, Alemanha e França ainda na década de vinte, Carl Van Vechten, «To Blanche Knoff, 30 July 1927» e «To Philippe Soupault, 1 Setembro 1927» in *Letters of Carl Van Vechten*, ed. Bruce Kellner (New Haven: Yale University Press, 1988), p.98.

vocábulo «nigger»<sup>103</sup> e, no entanto, a sua obra tornou-se uma contribuição fundamental para implementar a visita a Harlem dos brancos, ávidos de conhecer e testemunhar os usos e costumes dos seus habitantes, como descreve o escritor e médico Rudolph Fisher num texto de 1927, quando retorna a Harlem após uma ausência de sete anos:

I suddenly became aware that, except for the waiters and members of the orchestra, I was the only Negro in the place. After a while I left and wondered about [...] There was no mistake; my discovery was real and was repeatedly confirmed. No wonder my old crowd was not to be found in any of them. The best of Harlem's cabarets have changed their names and turned white.<sup>104</sup>

Os escritores mais jovens, George S. Schuyler e Claude McKay, reconhecem o valor de *Nigger Heaven* considerando que Van Vechten «has done more than any single person in the country to create the atmosphere of acceptance of the Negro».<sup>105</sup>

A polémica em torno do romance serve também para representar a proximidade de relações entre intelectuais dos dois grupos - negros e brancos - uma vez que mostra que os intelectuais e artistas afro-americanos se sentiam suficientemente confortáveis para enunciar críticas a um autor branco que era, em simultâneo, um dos seus

---

<sup>103</sup> W.E.B. Du Bois insurgiu-se contra a utilização abusiva do termo «nigger heaven», que na altura designava a zona nas salas de teatro limitada aos negros, que se situava no balcão mais elevado e mais distante do palco. «“Nigger Heaven” does not mean, as Van Vechten once or twice intimates a haven for Negroes [...] it means, in common parlance, a nasty, sordid corner into which black folk are herded, and yet a place which they in crass ignorance are fools enough to enjoy. W.E.B. Du Bois, «Critiques of Carl Van Vechten's Nigger Heaven», rpd. *The Portable Harlem Renaissance Reader*, p.106.

<sup>104</sup> Rudolph Fisher, «The Caucasian Storms Harlem» (1927), rpd. *The Norton Anthology*, p.1187.

<sup>105</sup> Citado por Edward Lueders, *Carl Van Vechten*, p.95.

patronos mais importantes, comprovando a existência de um discurso interracial franco, afinal aquilo que Alain Locke havia ambicionado.<sup>106</sup>

Segundo Du Bois, a imagem do negro transmitida por *Nigger Heaven* era enviesada e não servia os seus objectivos políticos. Para ele, a arte deveria desempenhar, acima de tudo, o papel de propaganda do *new negro*, ou seja, a produção artística teria que espelhar os valores e comportamentos da classe média, e não reflectir todo o leque de comportamentos, valores e atitudes presentes nos estratos sociais mais baixos. Du Bois defendia a arte como forma de publicitar a imagem que ele próprio considerava correcta para consumo dos brancos. A geração mais nova, no entanto, ignora as questões do foro político, recusando o espartilho propagandista. Em Fevereiro de 1926, Du Bois lança um simpósio na *The Crisis* intitulado «The Negro in Art: How Shall He Be Portrayed» (que irá iniciar um debate de nove meses) enviando um questionário de sete perguntas a autores afro-americanos e brancos que sugeria que algumas formas de representação do negro seriam mais correctas do que outras. Na sexta pergunta, por exemplo, interrogava: «Is not the continued portrayal of the sordid, foolish and criminal among Negroes convincing the world that this and this alone is really and essentially Negroid, and preventing white artists from knowing any other types and preventing black artists from daring to paint them?», e na sétima perguntava: «Is there not a real danger that young colored writers will be tempted to follow the popular trend in portraying Negro

---

<sup>106</sup> Amy Elizabeth Carreiro, *African-American Writers and the Legacy of the Harlem Renaissance, 1920-1970* (Ph.D. Dissertation, Johns Hopkins Univ., Michigan: Bell and Howell Company, 1997), pp.67-68.

characters in the underworld rather than seeking to paint the truth about themselves and their own social class?». <sup>107</sup>

Para os artistas mais novos era absolutamente necessário retratar a realidade da vida quotidiana do gueto tal como ela se apresentava, espelhando as circunstâncias miseráveis em que se desenvolvia, incluindo as diferentes relações sociais e afectivas (muitas vezes promiscuas) que existiam, inevitáveis numa zona urbana densamente populada. Consideravam que as verdades básicas da experiência negra poderiam ser encontradas nas condições vulgares da vida e que estas eram tão merecedoras de tratamento artístico como as qualidades da vida da classe média, como se prova na resposta de Langston Hughes a Du Bois na *The Crisis* de Março do mesmo ano:

The true literary artist is going to write about what he chooses anyway, regardless of outside opinion [...] It's the way people look at things, not what they look at that needs to be changed. <sup>108</sup>

Por outro lado, os homens e mulheres do movimento consideravam igualmente necessário dar voz a uma herança cultural com raízes na escravatura e que chegou até Harlem através das migrações para Norte ao longo do início do século XX. Enfim, era fundamental encontrar a verdadeira voz literária e poética do negro que não devia, de forma alguma, submeter-se aos padrões estéticos da arte ao serviço da propaganda defendida pela «passing generation». <sup>109</sup>

---

<sup>107</sup> W.E.B. Du Bois, «Editorial: The Negro in Art: How Shall He Be Portrayed?», *The Crisis*, (Fevereiro 1926), pp.113-114.

<sup>108</sup> Langston Hughes, «Editorial: The Negro in Art: How Shall He Be Portrayed», *The Crisis* (Março 1926), p.214.

<sup>109</sup> «The passing generation» era a expressão utilizada pela revista *Opportunity* para caracterizar e distinguir a geração mais velha dos intelectuais negros da geração mais nova.

Por último, permanece constante a ambivalência de muitos intelectuais afro-americanos face à cultura dominante: «The whisper of “I want to be white” runs silently through their minds» escreveria Langston Hughes, pretendendo realçar a dificuldade de muitos escritores em afastarem a «racial mountain» do preconceito e dos valores burgueses, aos quais haviam sido submetidos desde a infância, para poderem produzir em liberdade.<sup>110</sup>

É curioso constatar que são vários os intelectuais negros deste período que não assumem uma clara identidade negra enquanto distinta dos outros grupos étnicos. Isto é, não defendem nem concordam que especificidades próprias como a herança da escravatura, a vida na plantação ou a herança cultural africana lhes confirmam formas muito próprias de estar e de olhar o mundo, distintas dos restantes americanos. Jean Toomer, autor da obra *Cane* publicada em 1923, (uma miscelânea original, de categoria indefinível, de curtas narrativas e poemas ou «poema em prosa» como David Levering Lewis a define), insistia na necessidade de ultrapassar a raça, considerando-a incompatível com o espírito de consciência racial do *new negro*.<sup>111</sup> Após a publicação de *Cane*, Toomer resistiu a ser identificado com qualquer raça que não fosse a nova raça americana, argumentando que o rótulo

---

<sup>110</sup> Langston Hughes, «The Negro Artist and the Racial Mountain», *The Nation* (Junho 1926), rpd. *The Portable Harlem Renaissance Reader*, p.91.

<sup>111</sup> Eleonore Van Notten, *Wallace Thurman's Harlem Renaissance* (Amsterdam, Atlanta, GA: Rodopi, 1994), pp.99-101.

de negro ou de branco restringia o acesso mútuo a qualquer grupo e limitava o seu crescimento intelectual e artístico.<sup>112</sup>

Wallace Thurman, por exemplo, considerava que os problemas existenciais do ser humano, incluindo os relacionados com a raça, eram mais do foro interno que externo,<sup>113</sup> receando que os artistas negros em geral não tivessem ainda transposto a fase reprodutiva de trabalho intelectual. Thurman pensava que as pessoas não eram importantes enquanto grupo, raça, nação ou massa, mas só enquanto indivíduos. Um dos tipos de personagens com o qual mais se identificava era o «urban self-reliance black who lives on his wits» e que não sente qualquer afiliação racial com os outros, quem quer que sejam.<sup>114</sup>

Thurman também participa no debate sobre a função propagandista da arte. Embora reconhecendo a importância da propaganda na luta contra o racismo, este autor opunha-se às pretensões propagandistas da arte,<sup>115</sup> entrando em rota de colisão com W.E.B. Du Bois e Alain Locke e procurando eliminar a influência desta velha guarda da sua nova revista, *Fire!!* (1926).<sup>116</sup> O escritor George

---

<sup>112</sup> Darwin T. Turner, «Introduction to the 1975 Edition of *Cane*», in *Cane* de Jean Toomer, ed. Darwin T. Turner (Nova Iorque: W. W. Norton and Company, 1988), p.122. Jean Toomer era fruto da mistura das duas raças, filho de um plantador da Georgia e neto de um político do Louisiana. Esta vontade de transcender a raça indica também o sentimento de ambiguidade da própria identidade, que ele procurava ultrapassar considerando-se cidadão americano.

<sup>113</sup> Eleonore Van Notten, *Wallace Thurman's Harlem Renaissance*, p.101. Thurman Wallace acabará por satirizar todo o movimento da Harlem Renaissance na sua obra *Infants of the Spring* (1932).

<sup>114</sup> Eleonore Van Notten, *Wallace Thurman's Harlem Renaissance*, p.113.

<sup>115</sup> *Ibid.*, p.118.

<sup>116</sup> *Ibid.*, p.134.

Schuyler recorria a uma ironia ainda mais radical, afirmando que não existia uma arte verdadeiramente afro-americana:

As for the literature, painting, and sculpture of Aframericans - such as there is - it is identical in kind with the literature, painting and sculpture of white Americans: that is, it shows more or less evidence of European influence.[...]Because a few writers with a paucity of themes have seized upon imbecilities of the Negro rustics and clowns and palmed them off as authentic and characteristic Aframerican behavior, the common notion that the black American is so «different» from his white neighbor has gained wide currency.<sup>117</sup>

W.E.B. Du Bois tinha uma perspectiva instrumental da arte. No ensaio «Criteria of the Negro Art», publicado como resposta às provocações acima citadas do primeiro e único número da revista *Fire!!* de Thurman e Langston Hughes, Du Bois declara que a arte era «part of the great fight we are carrying on and it represents a forward and an upward look»<sup>118</sup> e, após repudiar os estereótipos raciais - como «Uncle Toms», «Topsies», «good darkies and clowns» - que pululavam nos livros aceites por editores brancos, acrescentava no final:

All Art is propaganda and ever must be, despite the wailing of the purists. [...] Whatever art I have for writing has been used always for propaganda for gaining the right of black folk to love and enjoy. I do not care a damn for any art that is not used for propaganda.<sup>119</sup>

Du Bois, para além desta visão instrumental da arte, à qual impunha a função de guardião da verdade, sempre perspectivou o movimento da *Harlem Renaissance* como uma oportunidade fundamental de promoção dos direitos cívicos e de cidadania do negro,

---

<sup>117</sup> George S. Schuyler, «The Negro-Art Hokum» (1926), rpd. *The Portable Harlem Renaissance Reader*, p.97.

<sup>118</sup> W.E.B. Du Bois, «Criteria of Negro Art», *The Crisis* 32 (Outubro 1926), rpd. *W.E.B. Du Bois Reader*, pp.324-328.

<sup>119</sup> Ibid. De notar que Harold Cruse referindo este texto considera que Du Bois foi o único homem a ver as profundas implicações sociais do movimento por o ter encarado como um processo político e não tomar parte nele como artista. Harold Cruse, *The Crisis of the Negro Intellectual*, p.32.

aliás na sequência de todo o seu trabalho de defesa e promoção da identidade da raça, situando-se sempre na perspectiva do intelectual e líder responsável pela comunidade que dirigia e orientava.

Poder-se-ão colocar questões pertinentes quanto à natureza, aos objectivos do movimento e quanto à sua dependência do patrocínio e influências brancas:

What is the cultural renaissance for? If it is for the enhancement of the Negro's cultural autonomy, his artistic and creative development or his nationality, or his group consciousness, or his identity in white America, then he must develop Negro creative writers of every type – but especially for the theater. But if the cultural renaissance is merely for cultural integration, then it does not really matter who writes plays or books about certain people who “just happen to have dark skin” in white America. In that case the Negro renaissance is a misnomer, a fad, a socially assertive movement in art that disappears and leaves no imprint. A cultural renaissance that engenders barriers to the emergence of the creative writer is a contradiction in terms.<sup>120</sup>

Observa-se, assim, que há duas possibilidades dicotômicas a considerar na avaliação dos objectivos e recepção do movimento. Se a *Harlem Renaissance* tivesse sido dirigida para realçar a autonomia cultural do negro e a sua consciência de grupo e identidade, o movimento teria que desenvolver e acarinhar escritores de raça negra, mas se os objectivos da renascença cultural fossem os de mera integração cultural (o que não parecia ser a intenção de Alain Locke, pois ele acreditava no valor de uma nova arte afro-americana) então um qualquer escritor, não importando a cor da pele, poderia escrever sobre os negros.

As dificuldades e entraves criados àqueles afro-americanos que queriam publicar os seus textos eram vários. Os editores brancos em

---

<sup>120</sup> Harold Cruse, *The Crisis of the Negro Intellectual*, p.37.

geral não estavam interessados neles, considerando-os textos que não vendiam e não atraíam o público branco. Os poucos editores negros das revistas então existentes tinham inúmeras dificuldades financeiras para se manterem no activo, como foi o caso da revista *Fire!!*.<sup>121</sup>

Para uns, houve, efectivamente, um déficite de filosofia cultural que enfermou o movimento, contribuindo para o seu declínio. Pode-se depreender que os objectivos de coesão de identidade de grupo que alguns críticos gostariam de ter visto resultar deste movimento acabaram por não se realizar. Outra das razões apontadas para a declínio do movimento foi o problema da ausência de uma classe média negra, economicamente solvente que o sustentasse:

Culture and art are spiritual, intellectual, ethical, aesthetic, revolutionary, political, etc. - but they are also a business aspect of private enterprise or of the state.<sup>122</sup>

Outros, no entanto, são da opinião que existia, de facto, apoio editorial à produção literária afro-americana: «a number of wealthy individuals and philanthropic foundations supported black artists, enabling them to work practically full time at their art. A few of the patrons were black.».<sup>123</sup>

Logo, é possível destacar várias formas de dependências que se cruzam em todo o processo da *Renaissance*. Uma delas é o facto dos líderes mais velhos do movimento identificados com a revista *The Crisis* colocarem, teoricamente, acima de tudo (incluindo a liberdade criativa)

---

<sup>121</sup> Sobre as dificuldades de publicação, ver William Banks, *Black Intellectuals*, pp.74ss.

<sup>122</sup> Harold Cruse, *The Crisis of the Negro Intellectual*, p.38.

<sup>123</sup> William Banks, *Black Intellectuals*, p.82.

a sua responsabilidade pelo progresso social e cívico da comunidade afro-americana. Outra dependência era a económica, pois muitos destes intelectuais sujeitavam-se aos desejos dos seus patronos, acabando por produzir em função dos gostos «brancos», pois sabiam que essa literatura seria editada, comprada e consumida por esses mesmos leitores.

Só alguns membros da geração mais nova procuravam manter-se relativamente livres e independentes, promovendo a liberdade artística e intelectual. Esta liberdade podia-se desenvolver dentro dos parâmetros das raízes culturais ancestrais africanas sobrepostas às tradições desenvolvidas durante os trezentos anos de escravatura, presentes, por exemplo, no poema «Heritage» (1925) de Countee Cullen, que se inicia com a pergunta «What is Africa to me?»<sup>124</sup> e no qual se detecta o fascínio por África como forma de procura das raízes da identidade. Todavia, esta liberdade artística não se esgotava nas raízes africanas, como aliás se torna evidente nas posições dos elementos mais rebeldes e individualistas da *Renaissance* como Wallace Thurman, Claude McKay ou Jean Toomer.

## 2.7. Conclusão

A abordagem deste período coloca, à partida, dois problemas de ordem metodológica: o primeiro prende-se com a delimitação cronológica do período, como já houve ocasião de ilustrar; o segundo

---

<sup>124</sup> Countee Cullen, «Heritage» (1925), rpd. *The Norton Anthology*, p.1311..

problema equaciona-se ao nível da semântica do vocábulo «renaissance». Em relação à interpretação da palavra, alguns consideram que «Instead of a serious and substantive attempt to recover the culturally hybrid heritage of black folk, we witnessed the cantankerous reportage of a black, middle-class identity crisis»,<sup>125</sup> e para outros ainda, os anos que testemunham os acontecimentos de Harlem não são de renascença mas sim de nascimento primeiro ou de *awakening* «wrongly named since this was the first substantial outpouring of black literary talent». <sup>126</sup>

As várias interpretações daquilo que foi, de facto, a *Harlem Renaissance* confirmam a complexidade do movimento e o impacte significativo que teve entre os intelectuais negros ao abrir caminho, a contragosto de alguns, à criação artística em liberdade.

Durante o período de 1915 a 1930 acumulam-se movimentos sócio-políticos defendendo a integração e assimilação em paralelo com o movimento nacionalista de Garvey e, simultaneamente, com o movimento cultural de afirmação afro-americana. Se Alain Locke e James Weldon Johnson promoveram um novo orgulho racial, e se W.E.B. Du Bois continuou com a sua luta pela emancipação dos afro-americanos e pelo reconhecimento de direitos cívicos iguais, a realidade da vida quotidiana da maioria da população urbana trabalhadora afro-americana apenas foi verdadeiramente objecto de preocupação por

---

<sup>125</sup> Cornel West, *Keeping Faith: Philosophy and Race in America* (Nova Iorque: Routledge, 1993), p.62.

<sup>126</sup> Maldwyn A.Jones, *The Limits of Liberty*, p.451.

parte dos movimentos liderados por Marcus Garvey e pela dupla Chandler Owen e A. Philip Randolph.

Os mecanismos de identidade promovidos pela *Harlem Renaissance* assentam sobre noções de etnicidade baseados numa nova perspectiva de cultura, que surge teoricamente valorizada, qualquer que seja o grupo étnico ou racial donde emerge. Procurava-se, a todo o custo, ultrapassar a tendência psicológica denominada por Horace Kallen de «Know-Nothingism» cuja explicação assenta no repúdio daqueles que nos são estranhos ou diferentes:

What differs from ourselves we spontaneously set upon a different level of value. If it seems to be strong it is called wicked and is feared; if it is regarded as weak, it is called brutish and exploited. Sometimes, as in the attitude toward the Negro, the emotions interpenetrate and become a sentiment focalizing the worst qualities of each.<sup>127</sup>

Contudo, o historiador David Levering Lewis considera que a *Harlem Renaissance* foi um fenómeno forçado e artificial, promovido directamente pelos líderes dos grupos de defesa dos direitos civis com o objectivo principal de melhorar as relações raciais, e embora existisse de facto o desejo de reter e promover uma cultura minoritária e étnica, esta era secundarizada a favor do objectivo último da americanização.<sup>128</sup>

Quando este historiador afirma que os afro-americanos pretendiam, acima de tudo, ser admitidos na cultura dominante, acaba por salientar a verdadeira mola propulsora das estratégias de Du Bois para o movimento: a vontade de serem aceites sem reservas pela

---

<sup>127</sup> Horace Kallen, *Culture and Democracy*, p.127.

<sup>128</sup> David Levering Lewis, «Introduction», in *The Portable Harlem Renaissance Reader*, p.xiii e David Levering Lewis, «Parallels and Divergences», *The Journal of American History* 71, n°3 (Dezembro 1984), p.545.

cultura branca anglo-saxónica dominante, pois «for the blacks, art was the means to change society in order to be accepted into it.<sup>129</sup>

Esta necessidade de reconhecimento implicava o auto-constrangimento dentro do colete de forças imposto pelos valores da *mainstream*, pelo seu público e patrocinadores e, ainda, pela responsabilidade comunitária.<sup>130</sup>

Apesar destes constrangimentos impostos para a prossecução da agenda política de Du Bois, surgem, contudo, desvios expressos exemplarmente por George Schuyler, que de forma original e veemente, não acredita na arte afro-americana independente e única:

Negro art “made in America” is non-existent [...] Negro art there has been, is, and will be among the numerous black nations of Africa; but to suggest the possibility of any such development among the ten million colored people in this republic is self-evident foolishness. [...] New art forms expressing the “peculiar” psychology of the Negro were about to flood the market. In short, the art of Homo Africanus was about to electrify the waiting world. Skeptics patiently waited. They still wait.<sup>131</sup>

Não há dúvida que a *Harlem Renaissance* contribuiu de forma inovadora, e até então inédita, para o desenvolvimento das relações interraciais nos Estados Unidos e para a afirmação e notoriedade dos intelectuais e artistas negros, pois «being black and literary in the 1920s was an innovation of a kind to the white American mind.»<sup>132</sup> Resta, porém, indagar se ela concretizou os seus vários objectivos, quer culturais, quer de afirmação da identidade perante a comunidade branca.

---

<sup>129</sup> David Levering Lewis, *When Harlem Was in Vogue*, p.xxi.

<sup>130</sup> Nathan Huggins, «Modernism and the Harlem Renaissance», in *Revelations*, p.164.

<sup>131</sup> George S. Schuyler, «The Negro-Art Hokum» (1926), rpd. *The Portable Harlem Renaissance Reader*, p.97.

<sup>132</sup> Nathan Huggins, «Modernism and the Harlem Renaissance», in *Revelations*, p.164.

Em relação ao quotidiano dos afro-americanos e aos seus direitos políticos e cívicos é difícil determinar a influência da *Renaissance*. Se não há qualquer dúvida na constatação da emergência de uma produção literária e artística prolífera, alicerçada numa nova tomada de consciência racial positiva onde se descartam os estereótipos caricaturais do tipo *minstrel*, é mais controverso concluir que essa produção foi original e inovadora e que transmitia, de facto, um estar e uma herança cultural distintos, sabendo-se que os processos de dependência de patronos brancos, por parte dos artistas negros, eram essenciais para a publicação e publicidade da criação artística negra.

Com a Depressão, no início da década de trinta, o movimento evapora-se. A comunidade branca deixa de se interessar pelos negros de Harlem, e continua desinteressada dos afro-americanos no seu conjunto. As condições sócio-económicas dos afro-americanos permanecem miseráveis durante toda a década, e a literatura como arma política e de crítica social substituiu a «notion of culture as the ground for racial respectability»,<sup>133</sup> acabando por adquirir o cunho de «realismo social» característico da produção literária da época.

As questões de identidade racial continuam por resolver, como aliás é notório nos escritores afro-americanos que surgem nas décadas de trinta, quarenta e cinquenta, nomeadamente James Baldwin, Richard Wright ou Ralph Ellison, embora estes venham a assumir uma liberdade e apego ao imperativo estético já não colados à representação dos valores de classe-média, tão caros a Du Bois.

---

<sup>133</sup> Ibid., p.165.

Como foi focado ao longo do capítulo, as opiniões divergem quanto ao verdadeiro sucesso do movimento em alcançar a integração cultural. É necessário realçar contudo, como também foi referido, que muitos dos intelectuais de Harlem não pretendiam destacar-se por serem negros e não desejavam ser vistos sob esse prisma. Pretendiam sim, ser vistos como escritores americanos de qualidade. Ao fazer-se a interpretação do sucesso ou insucesso da *Renaissance*, George Hutchison parece delimitar bem o problema quando indica que hoje os historiadores tomam por adquirida uma série de pressupostos que foram institucionalizados na época, pelo menos entre a elite intelectual: as novas noções de raça, nação e cultura; as variedades de pluralismo cultural; os novos significados de África para os afro-americanos; o valor estético-literário da expressão vernácula; a possibilidade de recriar os Estados Unidos da América como algo diferente de uma nação branca, concluindo «the imaginative work of the Harlem Renaissance is importantly responsible for the cultural “truths” many of us now work from»,<sup>134</sup>

Todavia, embora estes conceitos tivessem, efectivamente, ficado no mapa cultural afro-americano, é mais difícil afirmar o mesmo relativamente às elites intelectuais brancas. Seria necessário esperar pelos anos sessenta, que recuperariam muita da literatura produzida neste período, para que se viesse a discutir de novo, pública e politicamente, o estatuto do direito à diferença cultural e artística que o negro pretendia alcançar através da *Harlem Renaissance*, ou antes,

---

<sup>134</sup> George Hutchison, *The Harlem Renaissance in Black and White*, p.446.

que os *Talented Tenth* consideraram ser possível conseguir através deste movimento artístico. No entanto, a próxima etapa da discussão pública, nos anos cinquenta, sobre o lugar dos afro-americanos na sociedade e sobre a sua imagem pública, não parte de nenhum movimento cultural mas sim da luta legal promovida pela NAACP, onde os advogados não vão buscar a produção artística afro-americana como forma de provar a igualdade racial, mas vão recorrer à psicologia como forma de provar os efeitos negativos e debilitantes da *color-line* na personalidade, ou seja, na identidade daquele que é segregado ou discriminado.

## III

## A Conquista da Visibilidade: A América Negra Acorda para a Luta

*Status Symbol*

*i*  
*Have Arrived*  
*i*  
*am the*  
*New Negro*  
*i*  
*am the result of*  
*President Lincoln*  
*World War I*  
*and Paris*  
*the*  
*Red Ball Express*  
*white drinking fountains*  
*sitdowns and*  
*sit-ins*  
*Federal Troops*  
*Marches on Washington*  
*and*  
*Prayer Meetings...[...]*  
 - Mari Evans, 1968

### 3.1. Introdução

Com a decisão *Brown v. Board of Education of Topeka, Kansas* em Maio de 1954, o Supremo Tribunal inflecte a política de «separate but equal» existente desde a decisão *Plessy v. Ferguson* de 1896, que sancionava escolas racialmente segregadas. Com esta decisão, a comunidade afro-americana podia aspirar, a longo prazo, ao

desmantelamento de toda a segregação *de jure* (no Sul) e *de facto* (no Norte).<sup>1</sup>

Os anos cinquenta e sessenta assistem a alterações substanciais na vida dos afro-americanos, quando este grupo começa activamente a reivindicar legislação para obter direitos cívicos iguais aos da restante população. O sonho de Martin Luther King, no qual a sua nação poderia «rise up and live out the true meaning of its creed», e onde todos os homens seriam «created equal» viria a estar mais próximo de ser concretizado, pelo menos em termos de legislação formal.<sup>2</sup>

A consciência da diferença cultural e étnica de grupo já tinha sido estabelecida durante o período da *Harlem Renaissance* entre os intelectuais. No entanto, não seria através da promoção desta diferença que os afro-americanos acabariam por conquistar os direitos cívicos.

A ideia de igualdade racial junto da comunidade intelectual liberal branca atinge a maturidade na década de quarenta. A publicação em 1944 do estudo exaustivo de Gunnar Myrdal sobre os afro-americanos e a relação destes com a maioria branca, e ainda os primeiros estudos de psicologia desenvolvidos pelo casal Clark que demonstravam a influência nefasta da discriminação racial nos indivíduos, em muito

---

<sup>1</sup> As expressões «segregação *de jure*» e «segregação *de facto*» surgem em diversos autores para designar de forma distinta respectivamente o sistema de *apartheid* de segregação legal e instituída no Sul e o sistema de discriminação no Norte. No Sul a segregação é exercida nas várias instituições públicas e privadas, ao nível dos sindicatos, contratação, áreas residenciais e acesso restrito a locais públicos e de lazer, servindo ainda para designar toda a discriminação racial de que qualquer afro-americano era alvo ao nível das relações pessoais interracialis. Também é recorrente a expressão «racismo institucional» para designar o sistema de discriminação não-oficial e sem suporte legal do Norte. W.E.B. Du Bois num texto de 1934, chamara a atenção para o facto da diferença da segregação entre o Norte e o Sul ser apenas «uma diferença de grau», in «Segregation in the North», *The Crisis* 41 (Abril 1934), p.115.

<sup>2</sup> Martin Luther King Jr., «I Have a Dream» (28 Agosto 1968), rpd. *Let Nobody Turn Us Around*, pp.403-406.

contribuíram para essa maturação. Para a confirmação da ideia de igualdade, entre as décadas de quarenta e sessenta, foram igualmente importantes a publicação das obras literárias dos afro-americanos Richard Wright, Ralph Ellison e James Baldwin. Estas publicações que equacionavam as várias problemáticas da vida afro-americana (o problema da «invisibilidade», da «dupla consciência» de identidade - na esteira de Du Bois - e do racismo perene, que poderia levar à distorção patológica da personalidade) obtiveram algum eco na comunidade liberal intelectual branca.

Do ponto de vista internacional, os Estados Unidos tiveram também que considerar o problema dos afro-americanos, não só no contexto de guerra fria com o bloco soviético, uma vez que o apregoar da democracia ao nível externo entrava em conflito directo com a situação de segregação *de jure* abaixo da linha de Mason-Dixie, como também no contexto global de descolonização dos países africanos e asiáticos cujo direito à autodeterminação é reconhecido pela recém-constituída Organização das Nações Unidas (Outubro de 1945).

Neste capítulo procura-se abordar alguns dos factores políticos, sociais e culturais que, a partir dos anos quarenta, contribuíram para a constituição dos movimentos afro-americanos de reivindicação de massa, primeiro nos estados do Sul, e mais tarde culminando numa verdadeira transformação das relações raciais no país, e nos ganhos de visibilidade da comunidade afro-americana.

No capítulo começa-se por salientar o papel fundamental que o sindicalista A. Philip Randolph desempenhou nas primeiras negociações

com a administração federal obtendo resultados positivos ao nível da assinatura de ordens executivas fundamentais. No capítulo analisa-se, posteriormente, o estudo de Gunnar Myrdal sobre os afro-americanos, *An American Dilemma*, do ponto de vista da tomada de consciência de alguns sectores liberais brancos para o problema dos negros, assim como o seu impacte na luta legal que culminou com a decisão do Supremo Tribunal de 1954, *Brown v. Board of Education of Topeka, Kansas*, tornando ilegal a segregação nas escolas.

Em segundo lugar, aborda-se o processo de transferência do (pouco) poder mobilizador das organizações afro-americanas concentradas no Norte, como a *National Association for the Advancement of Colored People* (NAACP), a *National Urban League* (NUL) e o *Congress for Racial Equality* (CORE) para as organizações sulistas de carácter mais popular e menos hierárquico, como a *Southern Christian Leadership Conference* (SCLC) fundada em 1957 e a *Student Nonviolent Coordinating Committee* (SNCC), fundada em 1960, que se constituem durante as grandes manifestações anti-segregação.

Por fim, analisa-se o discurso integracionista destas mesmas organizações, que decorre simultaneamente com os processos de resistência activa não-violenta (e paralelamente de boicote económico às empresas brancas) utilizados como forma de protesto nos *sit-ins*, *jail-ins* e *ride-ins* e que levaram, de facto, a uma erosão do Sul segregacionista através da persistência contínua dos manifestantes.

Considerou-se como limite cronológico para este capítulo, a mudança no tipo de protesto não-violento das organizações de direitos

cívicos, centradas no Sul, para manifestações e protestos mais activos e violentos a nível nacional a partir de 1962-3. Nesta altura, começam os desfasamentos internos, ao nível das organizações de direitos cívicos, nas formas de alcançar os objectivos de direitos cívicos, e logo de seguida os protestos transbordam a acção dos próprios movimentos, ganhando um impulso de violência descontrolada nos guetos urbanos do Norte.

### 3.2. Impulsionadores históricos e sociais do movimento

Durante a II Guerra Mundial, os afro-americanos parecem acordar de novo para a luta dos direitos cívicos. Em 1942, James Farmer e Bayard Rustin fundam em Chicago o CORE, que seria a terceira organização de defesa dos direitos cívicos, revelando-se a mais activa das três.<sup>3</sup> O CORE viria a adquirir uma influência determinante nos primeiros *sit-ins*, ou seja, numa das formas de manifestação através da resistência não-violenta activa, baseadas na estratégia de protesto de Ghandi, durante a luta da Índia contra o seu colonizador britânico.

Vários factores externos explicam a conjuntura favorável ao desenvolvimento de uma nova fase da luta dos afro-americanos. Um

---

<sup>3</sup> Durante a década de trinta a NAACP foi criticada por jovens intelectuais como o futuro diplomata e prémio Nobel da Paz, Ralph Bunche por não se preocupar com os trabalhadores negros, vindo a reorientar-se para os trabalhadores nos anos quarenta e cinquenta. Nos anos sessenta é vista como a mais burocrática e conservadora de todas as organizações, August Meier, «New Currents in the Civil Rights Movement», *New Politics* 4, nº5 (Verão 1963), p.21. A NUL viria a ter um importante papel de apoio a A. Philip Randolph durante os anos quarenta e durante as décadas de cinquenta e sessenta, mas raramente participou em manifestações de acção directa, vindo, em 1964, a adquirir uma posição privilegiada de acesso directo aos grupos e decisores económicos patrocinadores das organizações de direitos cívicos, precisamente por não ter uma imagem de militância activa.

dos factores que contribuiu para a nova agitação que se sentia a favor da luta pelos direitos cívicos, foi a experiência dos veteranos de guerra (à semelhança dos veteranos afro-americanos da I Guerra Mundial), que sentiam a contradição entre a luta pela democracia e liberdade no palco de guerra e a liberdade que lhes era negada internamente, contradição associada ainda aos ataques físicos e verbais de que eram alvo em casa pelo facto de vestirem o uniforme militar:

The army puts the Negroes in uniform, transports them South and then leaves them to be kicked, cuffed and even murdered with impunity by white civilians. In places, Negro service men do not have as many rights as prisoners of war.<sup>4</sup>

Outro factor que contribuiu para o movimento dos direitos cívicos foi a segunda fase da grande migração dos afro-americanos do Sul. Cinco milhões e meio de negros deslocaram-se para o Norte, em busca de trabalho nas indústrias de guerra. A pressão urbanística cresce consideravelmente, verificando-se aumentos de população negra nos centros urbanos, concentrados nos guetos ou *inner-cities*, zonas muito degradadas, que nada tinham para oferecer a esta população migrante, com péssimas condições de habitação e escassez de empregos, donde a maioria branca ia fugindo para os subúrbios.

Entre 1940 e 1970 a percentagem de negros a viver em zonas urbanas aumenta de 49% para 81%, e a percentagem de negros a viver no Sul diminui de 77 para 53%.<sup>5</sup> Em 1940, um negro ganhava em

---

<sup>4</sup> Charles Hamilton Houston, «The Negro Soldier», *The Nation* 159 (Outubro 1944), rpd. *Let Nobody Turn Us Around*, pp.339-340.

<sup>5</sup> Gerald David Jacques e Robin M. William Jr. eds., *A Common Destiny: Blacks and American Society* (Committee on the Status of Black Americans, Commission on Behavioral and Social Sciences and Education, National Research Council.

média 48,9% do rendimento médio de um branco, sendo a diferença de rendimentos maior no Sul que no Norte.<sup>6</sup> Como consequência da discriminação na educação e no mercado de trabalho, os negros trabalhavam longas horas em troca de salários muito reduzidos, e embora quatro em cinco famílias negras fossem bi-parentais, 81% destas famílias vivia na pobreza, ao passo que apenas 48% das famílias brancas se encontravam nesta situação.<sup>7</sup>

Se em termos sociais não se assiste a uma preocupação governamental com os migrantes, em termos políticos o voto dos negros do Norte começa a ser significativo, sendo determinante para o partido democrata, nas eleições presidenciais de 1948, uma vez que ajudou a eleger o Presidente Harry S. Truman, e nas eleições de 1960 na escolha do Presidente John F. Kennedy.<sup>8</sup>

Se os factores políticos e demográficos apontados explicam, de alguma forma, a conjuntura favorável ao reinício da luta sob novos moldes que se irão discutir ao longo do capítulo, não se pode contudo esquecer a importância crescente do consumidor afro-americano na economia. Em 1960, o consumo deste grupo já ultrapassava anualmente os trinta biliões de dólares. Os grandes grupos económicos americanos com filiais no Sul começam a questionar a funcionalidade da segregação legal, tanto mais que iniciam campanhas de marketing

---

Washington D.C.: National Academy Press, 1989), p. 279. Para efeitos comparativos chama-se a atenção para os 90% de residentes negros no Sul em 1860.

<sup>6</sup> June O'Neill, «The Role of Human Capital in Earning Differences Between Black and White Men», *Journal of Economic Perspectives* 4, n.º4 (Outono 1990), p.29.

<sup>7</sup> Gerald D. Jaynes, «The Labor Market Status of Black Americans: 1939-1985», *Journal of Economic Perspectives* 4, n.º4 (Outono 1990), pp.11-12.

<sup>8</sup> Ver Manning Marable, *Race, Reform, and Rebellion: The Second Reconstruction in Black America, 1945-1990*, 2ª ed. (Jackson: University Press of Mississippi, 1991), p. 59.

especificamente direccionadas para o consumidor negro.<sup>9</sup> No entanto, não é só ao nível interno que as preocupações económicas se faziam sentir. As multinacionais de origem americana sentiam que o regime segregacionista não lhes tornava fácil a entrada nos mercados internacionais:

By the 1960s Jim Crow policies and practices placed U.S. corporations at a competitive disadvantage in the pursuit of global markets and the employment of multinational, multiracial workers. Change had to come. It was only a question of how much, and how soon.<sup>10</sup>

Por fim, como factor relevante na análise das contribuições para a constituição e luta dos movimentos cívicos, é determinante a visibilidade política que os problemas raciais internos começam a ganhar ao nível internacional. Os Estados Unidos, que se apresentavam como uma potência a favor da descolonização no Terceiro Mundo e como o líder do mundo livre, mostravam alguma dificuldade em justificar a contradição existente no tratamento segregacionista e discriminatório dos afro-americanos. Para os interesses geopolíticos do país, numa situação de guerra fria, onde os americanos tinham todo o interesse em manter-se na liderança política internacional do ocidente livre, o sistema de segregação legal do Sul era um grave entrave.

A guerra fria foi assim uma influência decisiva para o avanço da legislação contra a segregação. O governo dos Estados Unidos queria evitar a todo o custo a propaganda soviética sobre a situação racial americana (factor para o qual Gunnar Myrdal alertaria em 1944 como se

---

<sup>9</sup> Manning Marable e Leith Mullings, «We Shall Overcome: The Second Reconstruction, Introduction», in *Let Nobody Turn Us Around*, p.368.

<sup>10</sup> Ibid.

explica à frente). As Nações Unidas também assumem um papel relevante na divulgação além-fronteiras do problema racial americano. Em 1947 W.E.B. Du Bois, compreendendo perfeitamente a contradição com que os Estados Unidos se debatiam, leva às Nações Unidas uma declaração onde retrata o problema dos afro-americanos, chamando a atenção do mundo para o paradoxo americano:

This question then, which is without doubt primarily an internal and national question, becomes inevitably an international question and will in the future become more and more international, as the nations draw together. In this great attempt to find common ground and to maintain peace, it is therefore fitting and proper that the thirteen million American citizens of Negro descent should appeal to the United Nations and ask the organization in the proper way to take cognizance of a situation which deprives this group of their rights as men and citizens, and by so doing makes the function of the United States more difficult.<sup>11</sup>

A NAACP – cujo número de membros aumentara significativamente de 50.000, em 1940, para 350.000 em 1945 – também ganha maior projecção através do seu trabalho persistente de denúncia, nos tribunais, de situações de discriminação racial, na tradição dos objectivos quer da aplicação, quer da alteração da legislação, delineados desde a sua fundação. Em 1947, a NAACP decide atacar com novas armas a regra quinquagenária de «separate but equal» instituída pela decisão *Plessy v. Ferguson* (1896). A decisão *Brown* foi o culminar de um processo de sete anos de batalhas legais entre a NAACP e os defensores da segregação racial.

Pode-se assim afirmar que existiram vários factores a influenciar a alteração dos comportamentos e exigências da América negra ao nível político e institucional. Simultaneamente, verificou-se uma gradual

---

<sup>11</sup>W.E.B. Du Bois, *An Appeal do the World: A Statement on the Denial of Human Rights to Minorities in the Case of the United States of America* (1947), rpd. *W.E.B. Du Bois Reader*, p.460.

aceitação da ideia de igualdade das raças na comunidade branca, culminando a associação destes factores no *Civil Rights Act* de 1964 e no ano seguinte no *Voting Rights Act*.

### 3.3. A. Philip Randolph: Primeiras reivindicações na luta pelos direitos cívicos

As alterações legislativas cruciais para obter a ambicionada igualdade formal no seio da sociedade americana foram conseguidas com o *Civil Rights Act* de 1964 e com o *Voting Rights Act* de 1965. Antes do *Civil Rights Act* de 1964, houve duas leis com a mesma designação de 1957 e 1960.<sup>12</sup> Contudo, na abertura do caminho para a aprovação dos vários *Civil Acts*, é necessário frisar a importância da conclusão do Supremo Tribunal na decisão *Brown v. Board of Education of Topeka, Kansas*, de 1954, como um ingrediente crucial para o início de todo o processo reivindicativo.

---

<sup>12</sup> O *Civil Rights Act* de 1957 foi o primeiro em oitenta e dois anos passado pelo Congresso. Embora sem grande força, criou uma comissão de direitos cívicos independente com funções de investigação e consultoria ao nível do processo eleitoral. Um ano depois da sua constituição, a comissão recebera queixas de vinte e nove distritos em oito estados do Sul. A passagem desta lei em senado é atribuída ao então governador do Texas, Lyndon Johnson, que não só consegue fazer convergir várias posições divergentes entre os congressistas, como convence os líderes de direitos cívicos a aceitarem uma situação de compromisso. O *Civil Rights Act* de 1960 dirigia-se principalmente aos problemas de recenseamento detectados pela comissão de direitos cívicos criada pela lei anterior. Assim determinava que o estado seria legalmente responsável pelo facto de um indivíduo desistir de aí se recensear. Também determinava a obrigatoriedade de manter os cadernos eleitorais acessíveis ao procurador-geral para este detectar possíveis irregularidades

Os factores impulsionadores da decisão são vários, complexos e alongam-se no tempo, sendo necessário recuar à década de quarenta para os conhecer.

Na década de quarenta, um dos importantes interlocutores afro-americanos do governo federal, foi sem dúvida o sindicalista A. Philip Randolph, dirigente do primeiro sindicato negro *The Brotherhood of Sleeping Car Porters*. De forma persistente, Randolph foi introduzindo as suas reivindicações junto dos Presidentes Roosevelt e Truman abrindo caminho para a concessão dos direitos cívicos dos anos sessenta.<sup>13</sup>

Em 1941 A. Philip Randolph, naquele que ficou conhecido pelo *March on Washington Movement*, ameaça marchar sobre a capital com 50 a 100 mil homens no dia 1 de Julho, reivindicando medidas de igual tratamento na contratação de afro-americanos na indústria de guerra, que na altura tinha óbvia falta de pessoal, e ainda a integração racial das forças armadas.<sup>14</sup> Cinco dias antes da data agendada para a Marcha, Roosevelt assina a ordem executiva nº 8802, que proíbe a

---

<sup>13</sup> Este aspecto pioneiro da luta moderna pelos direitos cívicos aparece documentado em muitas obras, entre elas: Paula Pfeffer, *A. Philip Randolph, Pioneer of the Civil Rights Movement* (Louisiana: Louisiana State University Press, 1990); Rhoda Lois Blumberg, *Civil Rights: The 1960s Freedom Struggle* (Nova Iorque: Twayne Publications, 1991) e ainda Franklin e Moss, *From Slavery to Freedom*.

<sup>14</sup> «When the defense program began and billions of the taxpayers' money were appropriated for guns, ships, tanks and bombs, Negroes presented themselves for work only to be given the cold shoulder. [...] Negroes were denied skilled employment. Not until their wrath and indignation took the form of a proposed protest march on Washington, scheduled for July 1, 1941, did things begin to move in the form of defense jobs for Negroes. The march was postponed by the timely issuance (June 25, 1941) of the famous Executive Order N° 8802 by President Roosevelt», in A. Philip Randolph, «Why Should We March?», *Survey Graphic* (Novembro 1942), rpd. *Modern Black Nationalism: From Marcus Garvey to Louis Farrakhan*, ed. William L. Van Deburg (Nova Iorque: New York University Press), p.75. A ideia de Randolph em marchar sobre Washington voltará a surgir em 1963, com as organizações dos direitos cívicos, dando lugar à mais famosa Marcha de Washington em Agosto desse ano.

discriminação racial nos programas federais de defesa e cria ainda a *Fair Employment Practices Committee* (FEPC),<sup>15</sup> comissão instituída temporariamente durante a guerra, em teoria responsável pela implementação de práticas não discriminatórias na contratação de empregados.<sup>16</sup> A assinatura da ordem executiva comprova que algum caminho estava percorrido na abertura do Presidente dos Estados Unidos às exigências dos negros:

A breakthrough in enlisting the support of the federal government in striking at job discrimination, Roosevelt's decree was the most significant executive action in the field of race relations since President Lincoln issued the Emancipation Proclamation.<sup>17</sup>

Pode-se considerar que a proposta de Randolph marca o início de uma nova militância por parte dos afro-americanos, que irão ao longo das três décadas seguintes exigir de forma cada vez mais vigorosa e persistente direitos iguais aos dos restantes americanos. Randolph prova que é possível apelar à participação activa da população afro-americana e à sua consciencialização para as reivindicações raciais.

A técnica utilizada por Randolph para alcançar os seus objectivos junto de Roosevelt era familiar nos círculos de liderança afro-

---

<sup>15</sup> Um ano após a criação da FEPC era evidente o seu sucesso junto da função pública federal e indústria de guerra para pressionar estas entidades a contratarem afro-americanos, demonstrando claramente o papel fundamental do governo federal na alteração positiva das práticas de contratação discriminatórias, Franklin e Moss, *From Slavery to Freedom*, p.449.

<sup>16</sup> O processo de negociação entre A. Philip Randolph e o Presidente Roosevelt, no qual participaram também membros da NAACP e da NUL, para obter o fim da discriminação dos afro-americanos nas forças armadas e indústria de defesa inicia-se em Setembro de 1940 sem acções palpáveis por parte do Presidente, levando Randolph, posteriormente, às medidas de mobilização para a Marcha. As negociações só se concluem com a assinatura da ordem executiva a 25 de Junho de 1941, a cinco dias da data agendada para a Marcha, o que parece provar a relutância do Presidente em implementar as medidas exigidas por Randolph. Ver Paula F. Pfeffer, *A. Philip Randolph*, pp.46-50.

<sup>17</sup> Benjamin Quarles, «A. Philip Randolph», in *Black Leaders of the Twentieth Century*, p.140.

americana. Partindo de uma base de poder relativamente fraca, faziam-se no entanto exigências, esperando conseguir resultados através da utilização de uma retórica forte e da ameaça de confrontação pública.

O democrata Roosevelt fora eleito, em 1932 e em 1936, com o apoio e votos negros até então tradicionalmente republicanos. Estes eleitores tinham sido inicialmente atraídos pela sua declarada preocupação com os afro-americanos, nomeadamente recebendo-os na Casa Branca. Contudo, Roosevelt começara a desiludir os intelectuais e académicos afro-americanos na fim da década de trinta uma vez que alguns programas do *New Deal* se revelavam prejudiciais para os negros.<sup>18</sup> Intelectuais e activistas políticos como Ralph Bunche, o poeta Sterling Brown e Roy Wilkins sentem uma frustração crescente pelo facto do Presidente ainda considerar que o clima racial não propiciava a nomeação de um negro para um cargo com representação nacional ao nível da administração governamental para lidar com os problemas dos afro-americanos. A administração, indo contra os protestos de Roy Wilkins e da NAACP acaba por nomear um branco, Clark Foreman.

---

<sup>18</sup> Paula F. Pfeffer refere que embora a administração Roosevelt estivesse de facto mais atenta aos problemas das minorias que as sua predecessoras, as políticas discriminatórias persistiam na preferência de contratação de trabalhadores negros não-especializados, e ainda nas políticas de redução das plantações (*crop-reduction policy*) para beneficiar os brancos, que apenas forçaram os *sharecroppers* negros a abandonar as suas quintas, uma vez que a redução da plantação levava à redução da mão-de-obra. O sistema de segurança social criado por Roosevelt também não incluía a maior parte dos negros, porque estes se dedicavam aos trabalhos domésticos e agricultura. Sob o sistema de administração local dos benefícios sociais, os negros do Sul raramente recebiam benefícios. A força do bloco sulista no Congresso não dava margem de manobra ao presidente para forçar a aplicação das medidas «color-blind» do *New Deal*. No entanto, esta autora também chama a atenção para o facto de as agências governamentais federais estarem mais atentas aos problemas das minorias do que as autoridades locais, in *A. Philip Randolph*, pp.33-34. Para o aprofundamento das medidas do *New Deal* e as relações raciais ver Harvard Sitkoff, *A New Deal for Blacks: The Emergence of Civil Rights as a National Issue, The Depression Decade* (Oxford: Oxford University Press, 1978).

Todavia, por contraste o primeiro afro-americano eleito para o Congresso, pertence ao partido democrata de Roosevelt.<sup>19</sup> Em 1934, surge também o *black-cabinet*, liderado por Robert Vann, editor do semanário negro *Pittsburgh Courier*, teoricamente com as funções de monitorizar os assuntos afro-americanos, mas que na realidade mais do que capacidade de manobra e influência na delimitação e concretização de políticas para os afro-americanos, tinha uma função simbólica perante a opinião pública afro-americana<sup>20</sup>

Com o Presidente Truman concretiza-se a dessegregação das forças armadas e dos serviços da administração federal, estes últimos fortemente segregados desde Woodrow Wilson.<sup>21</sup> A comissão dos direitos cívicos, nomeada pelo Presidente Truman em 1946, recomenda no seu relatório *To Secure Those Rights* (1947) a necessidade de proteger os direitos dos afro-americanos, enquanto soldados e no seu papel de cidadãos.<sup>22</sup> Estas propostas de direitos cívicos iriam formar o núcleo

---

<sup>19</sup> Ver William Banks, *Black Intellectuals*, pp.114-117.

<sup>20</sup> William Banks, *Black Intellectuals*, p.116.

<sup>21</sup> Durante a administração de Woodrow Wilson (1912-1920) deram entrada no Congresso a maior quantidade de propostas de lei promovendo a segregação legal de sempre. Wilson através de ordens executivas segregou os trabalhadores afro-americanos federais nas cantinas e casas de banho, empurrando-os para fora do funcionalismo público, in Franklin e Moss, *From Slavery to Freedom*, p.324.

<sup>22</sup> Este relatório sobre direitos cívicos é considerado um marco fundamental para as relações raciais, uma vez que, durante os últimos cinquenta anos, alguns sectores liberais brancos pediam aos presidentes uma análise das relações entre brancos e negros. O relatório recomendava a reorganização da Secção dos Direitos Cívicos do Departamento de Justiça, o estabelecimento de uma comissão permanente para os direitos cívicos, uma lei contra os linchamentos, estatutos federais para proteger o direito de voto, a dessegregação das forças armadas, uma lei de prática justa no trabalho e a recusa de ajuda e apoio federal a agências públicas e privadas que praticassem discriminação. Em suma, a comissão pedia a eliminação da segregação e discriminação na sociedade americana. Do ponto de vista de David W. Southern, a obra de Gunnar Myrdal (mais abaixo referida em detalhe) terá tido influência neste relatório, David W. Southern, *Gunnar Myrdal and Black-White Relations: The Use and Abuse of An American Dilemma 1944-1969* (Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1987), p.113, e *To Secure These Rights*, The Report of the President's Committee on Civil Rights (1947), rpd. Franklin e Moss, *From Slavery to Freedom*, pp.619-621.

duro do pacote legislativo que os liberais brancos e negros propoeriam durante os anos cinquenta sendo finalmente concretizadas em forma de lei no *Civil Rights Act* de 1964 e no *Voting Rights Act* de 1965.

Mais uma vez é A. Philip Randolph quem lidera o processo iniciado em 1945 considerando fundamental a dessegregação das forças armadas, uma vez que estas constituíam a maior agência federal de emprego.<sup>23</sup> Dando seguimento ao processo, o Presidente Truman, em Março de 1948, apela à criação do programa *Universal Military Training*, propondo-se avançar com uma proposta de recrutamento em tempo de paz. Randolph sente que o problema da dessegregação tem que ser urgentemente contemplado pelo Presidente antes de qualquer lei geral passar no Congresso. Assim, torna bem claro a Truman a possibilidade do apelo à desobediência civil dos jovens afro-americanos com o objectivo de não responderem à chamada para o serviço militar, mesmo em situação de guerra, no caso da lei não contemplar a dessegregação.<sup>24</sup> O *Draft Act*, sem qualquer cláusula anti-discriminação, é aprovado em Congresso a 22 de Junho de 1948, uma vez que os congressistas sulistas e as chefias das forças armadas resistiam fortemente à dessegregação. A. Philip Randolph funda a *League for Non-Violent Civil Disobedience Against Military Segregation* após a aprovação

---

<sup>23</sup> Em Janeiro de 1945, o exército americano anuncia que iria integrar, temporária e experimentalmente (até ao fim da Guerra), tropas negras e brancas a actuar em território alemão. Após a experiência, o Departamento de Guerra louvaria a actuação dos soldados afro-americanos igualando-a à dos soldados brancos. Franklin e Moss, *From Slavery to Freedom*, pp.441-442.

<sup>24</sup> Embora os negros recebessem o treino militar juntamente com os brancos, as camaratas, cantinas e cinemas para soldados eram segregados. Paula F. Pfeffer, *A. Philip Randolph*, p.134.

da lei (a entrar em vigor em Agosto de 1948),<sup>25</sup> com o objectivo de exigir uma ordem executiva de dessegregação das forças armadas. Truman que precisava dos votos afro-americanos nas eleições que se avizinhavam, e que adoptara uma plataforma anti-segregação,<sup>26</sup> encontrava-se pressionado em duas frentes: por um lado, a exigência da dessegregação das forças armadas, e a pressão para a manutenção de uma *Fair Employment Practices Committee* permanente; por outro lado, a oposição dos *dixiecrats* (segregacionistas a favor dos direitos dos estados) do seu partido à adopção de qualquer tipo de legislação de direitos cívicos para os negros.<sup>27</sup> Assina, assim, as ordens executivas nº 9980 e 9981 a 26 de Julho de 1948 estabelecendo dois princípios importantes para o processo de dessegregação. A primeira ordem estabelece práticas de igualdade na contratação de empregados no governo federal e a segunda proclama que passaria a haver igualdade de tratamento e oportunidade para todas as pessoas nas forças armadas, sem olhar a raça, cor, religião ou origem nacional.<sup>28</sup>

A preparação para o movimento de direitos cívicos não é só feita ao nível das instâncias governamentais, nem com negociações sobre legislação entre afro-americanos e brancos. A elaboração do estudo sobre a situação do afro-americano no país, concretizada pelo sueco

---

<sup>25</sup> De acordo com Quarles, Randolph, para além da acção de massas e demonstrações públicas, ainda utiliza as técnicas de reivindicação que viriam a ser utilizadas durante as lutas pelos direitos cívicos, ou seja a abordagem de Ghandi de desobediência civil não-violenta, Benjamin Quarles, «A. Philip Randolph», in *Black Leaders of the Twentieth Century*, p.157.

<sup>26</sup> Harry S. Truman seria o primeiro presidente a fazer campanha eleitoral no bairro negro de Harlem em 1948, David W. Southern, *Gunnar Myrdal*, p.102.

<sup>27</sup> Paula F. Pfeffer, *A. Philip Randolph*, pp.140-147 e Paul F. Boller, Jr., *Presidential Campaigns*, 2ª ed. (Oxford: Oxford University Press, 1996), p.270.

<sup>28</sup> Paula F. Pfeffer, *A Philip Randolph*, pp.142-147.

Gunnar Myrdal, iria também contribuir de forma considerável para a publicitação do «problema dos negros» junto dos sectores liberais brancos.

### 3.4. *An American Dilemma* e a decisão *Brown et al. v. Board of Education*

#### 3.4.1. *An American Dilemma*

Em 1938, o sueco Gunnar Myrdal é escolhido pela Fundação Carnegie, instituição privada com actividades filantrópicas junto da comunidade negra desde a sua criação, para dirigir um estudo dedicado ao negro dos Estados Unidos, a cargo de uma equipa bi-racial, que se prolongaria até 1944, data em que foram publicados os resultados numa obra de dois volumes e 1483 páginas sob o título: *An American Dilemma: The Negro Problem and Modern Democracy*.<sup>29</sup>

Esta obra teve um enorme impacte na análise da questão racial durante as duas décadas após a sua publicação, ao expor de forma detalhada o fenómeno da discriminação racial nos vários sectores da sociedade americana de norte a sul do país, alertando os poderes

---

<sup>29</sup> Não cabe no âmbito do presente trabalho apresentar detalhadamente a obra citada, cuja dimensão e conteúdo merecem um tratamento exaustivo, considerando-se pertinente referir apenas os aspectos mais importantes para explicar a «visibilidade» que a comunidade negra e os seus problemas ganham em alguns sectores da sociedade branca após a publicação desta obra e ainda a influência que *An American Dilemma* viria a ter na decisão *Brown*.

instituídos para os perigos a nível internacional inerentes à manutenção dessa discriminação interna.<sup>30</sup>

Embora seja alvo de críticas e incorra em alguns erros de análise (posteriormente referidos) *An American Dilemma* poderá ser considerada a obra iniciadora do processo de tomada de consciência da América branca liberal para o «problema dos negros», e para a urgência em o resolver. O contexto social, científico e político, ao nível interno e externo, já não sustentava as teses de inferioridade biológica dos negros. Apesar de estudos científicos dos anos vinte e trinta apontarem para o conceito de relatividade cultural, que considerava o meio ambiente como o factor crucial na determinação do comportamento e aptidões intelectuais, a política oficial para a igualdade de oportunidades continuava atrasada.<sup>31</sup> O argumento dos afro-americanos para a instituição da igualdade, começaria a incidir, cada vez mais, na tónica moral ou ética, que Myrdal também contemplara na sua obra:

Segregation and discrimination violate the Judeo-Christian ethic, and the democratic creed on which our national morality is based is soundly established in the minds of most men.<sup>32</sup>

---

<sup>30</sup> Walter A. Jackson, *Gunnar Myrdal and America's Conscience, Social Engineering and Racial Liberalism, 1938-1987* (Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1990), p.273.

<sup>31</sup> Ver a defesa da segregação feita pelo governador do Mississippi e senador entre os anos vinte e quarenta, baseada numa mistura de conceitos biológicos já ultrapassados na época, com a previsão da degradação social do Sul se a igualdade social fosse implementada, Theodore Gilmore Bilbo, *Take Your Choice: Separation or Mongrelization* (1947), rpd. *Documents of American Prejudice: An Anthology of Writings on Race From Thomas Jefferson to David Duke*, ed. S.T. Joshi (Nova Iorque: Basic Books, 1999), pp.334-337.

<sup>32</sup> Thurgood Marshall, «The Brown Decision and the Struggle for School Desegregation», in *The Edwin Rogers Embree Memorial Lectures of Thurgood Marshall at Dillard University* (Primavera 1954), rpd. *Let Nobody Turn Us Around*, p. 360.

Assim, o estudo de Myrdal vem recuperar as teorias da influência do meio-ambiente na personalidade e comportamento e colocar o problema americano da raça num enquadramento conceptual diferente.<sup>33</sup>

Em *An American Dilemma* também se recorre a investigações de psicólogos (mais tarde testemunhas durante a litigação do caso *Brown*) onde se analisa, pela primeira vez ao nível da psicologia, a questão da identidade afro-americana, enquanto construção resultante de uma situação histórica e social de escravatura, segregação e discriminação, e onde se prova que esta herança conduz à interiorização do conceito de inferioridade racial, intelectual e psicológica. Este fenómeno, segundo *An American Dilemma*, transparecia nas expressões utilizadas pelos negros para se auto-caracterizarem: «niggers are no good», «niggers have no guts», «Negroes are lazy», «Negroes can't work for themselves». A obra conclui que esta auto-caracterização condiz com aquilo que «white people believe and want to believe» e ainda tem o efeito perverso de «kill ambition and make low standards of morals and accomplishments seem natural for Negroes. It is a convenient philosophy.»<sup>34</sup>

O estudo expõe de forma detalhada e minuciosa os diversos aspectos do «problema do negro» na sociedade americana, fazendo a distinção entre a segregação oficial *de jure* do Sul e a segregação e discriminação *de facto* do Norte. Nas diferentes perspectivas abordadas (instituições, educação, estatuto social e económico, emprego,

---

<sup>33</sup> David W. Southern, *Gunnar Myrdal*, p.101.

<sup>34</sup> Gunnar Myrdal, *An American Dilemma: The Negro Problem and Modern Democracy* (New Brunswick: Transaction Publishers, [1944] 1996), vol.2, p.758.

habitação, liderança comunitária, forças armadas, poder político) *An American Dilemma* procura fazer a contextualização histórica e retratar a situação contemporânea. As percepções que cada grupo tratado (o branco e o negro) tem do outro são também estudadas em detalhe.<sup>35</sup>

O aspecto fundamental e de certa forma inovador na obra, e o que mais controvérsia levantou, surge quando se procura demonstrar os mecanismos do preconceito existentes para esconder o dilema presente na América branca. Este dilema encontra-se na dicotomia entre o credo americano na igualdade de todos e na igualdade de oportunidades, que contrastam com a desigualdade e discriminação praticadas.<sup>36</sup> Esta situação dicotómica, segundo Myrdal, leva a conflitos interiores latentes em cada indivíduo branco, só sanáveis através da sua re-educação, caminho que o Norte estaria em vias de percorrer devido às necessidades de recrutamento de soldados para a II Guerra Mundial:

When now, in the war emergency, the Negro is increasingly given sympathetic publicity by newspapers, periodicals, and the radio, and by administrators and public personalities of all kinds, one result is that the white Northerner is gradually *waking up* [sublinhado deste autor] and seeing what he is doing to the Negro.<sup>37</sup>

---

<sup>35</sup> Por exemplo, o autor refere que procurou auscultar a opinião dos brancos sulistas de várias classes sociais sobre o negro, procurando também saber a opinião dos negros em relação aos brancos. No fim da obra refere também o preconceito do negro, não só em relação ao branco como também aos outros negros: «because he has taken over American culture, the average negro has also taken over something of the white America's attitude toward the Negro», Gunnar Myrdal, «The Basis of Social Inequality», *An American Dilemma*, vol.2, pp.573-604 e p.1143.

<sup>36</sup> «The system of social segregation and discrimination against Negroes is a challenge to the American Creed. As the system is administered in practice, most of it is unconstitutional and even contrary to the state laws which, in the South as in the North, are framed in terms of equality». No último capítulo, o autor volta à mesma questão: «We started by stating the hypothesis that the Negro problem has its existence in the Americans' mind. There the decisive struggle goes on. It is there that the changes occur. Our investigation has amply confirmed our basic assumption.» *Ibid.*, p.575, p.998.

<sup>37</sup> *Ibid.* p.1010.

Paralelo ao «problema do homem branco», Myrdal também incorpora na sua obra a tese do auto-ódio desenvolvida pelo casal Clark em vários estudos elaborados entre 1939 e 1942, e retomados em 1950, e que seriam directamente utilizados nos argumentos da NAACP durante o processo da decisão *Brown*. Por esta razão, considerou-se relevante analisar com algum detalhe as conclusões dos seus investigadores.

Os estudos desenvolvidos por estes psicólogos levaram-nos a concluir que as crianças negras embora se saibam auto-identificar correctamente em termos raciais, têm preferência distinta pela cor de pele branca e uma atitude negativa face à sua própria cor de pele. Utilizando duas bonecas de cor negra e duas bonecas de cor branca os investigadores pediam a crianças (entre os três e os sete anos) para «escolher a boneca com a qual queriam brincar» e ainda para «escolher a boneca que tinha uma cor bonita». A maioria das crianças negras submetidas ao teste escolhiam as bonecas brancas, demonstrando a força da «interacção social na formação de atitudes semelhantes às que são partilhadas pelos outros membros do seu grupo social»<sup>38</sup> e demonstrando simultaneamente a identificação destas crianças com o grupo dos *outros*, aquele que, neste caso, era indicativo de poder e de prestígio social.<sup>39</sup> As investigações do casal Clark foram pioneiras ao

---

<sup>38</sup> Maria Luisa Pedroso Lima, «Atitudes», in *Psicologia Social*, coords. Jorge Vala e Maria Benedicta Monteiro, 3ª ed. (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997), p.192.

<sup>39</sup> Kenneth B. Clark e M. P. Clark, «The Development of Consciousness of Self and the Emergence of Racial Identification in Negro Pre-School Children», *Journal of Social Psychology* 10 (1939), pp.591-599 citado por William E. Cross, Jr., *Shades of Black: Diversity in African-American Identity* (Philadelphia: Temple Univ. Press, 1991), pp.16-19 e citado por Walter A. Jackson, *Gunnar Myrdal and America's Conscience*, p.292. É

abordar o preconceito e as sequelas que aquele pode imprimir no negro, uma vez que ele está sujeito ao estigma da discriminação desde o berço. Estas conclusões acabaram por ter alguma visibilidade no público em geral quando utilizadas no processo que levou à decisão *Brown* e tornaram-se um recurso constante nos debates sobre a identidade afro-americana, com a comunidade branca e internamente, dentro da própria comunidade. Quando Myrdal explica as forças sociais que moldam a consciência dos negros, assume como premissa subjacente os estragos irreparáveis que a escravatura e a segregação fizeram à

---

curioso constatar que William E. Cross faz uma revisão minuciosa dos estudos dos Clark concluindo que as interpretações normalmente feitas sobre estes estudos, entre os anos quarenta e sessenta, que vieram a desenvolver a «tese do auto-ódio» são erróneas: «The couple whose work has generally been synonymous with the documentation of Negro self-hatred actually rejected the notion in their first foray in the field, thus protecting Negro children from what the Clarks perceived as premature, if not flippant, theorizing about the psychology of the Negro», in *Shades of Black*, p.20. Não cabe no âmbito deste estudo discutir as várias interpretações possíveis do estudo dos Clark, uma vez que a linha seguida é apenas constatar que a interpretação à época do estudo (décadas de quarenta e cinquenta) foi aquela que melhor serviu os propósitos de Gunnar Myrdal e posteriormente a mesma que foi utilizada por Thurgood Marshall durante a litigação de *Brown v. Board of Education of Topeka*. No entanto, vale a pena referir outros autores que focam estes estudos, provando-se a importância dos mesmos a partir dos anos quarenta para a definição de alguns aspectos psicopatológicos da identidade afro-americana. Herbert W. Harris et al. interpretam o pensamento dos Clark como sugerindo a tese do auto-ódio, chamando a atenção para a sua aplicação generalizada a adultos e à experiência colectiva afro-americana feita por outros psicólogos: «At this level, out-group identification, self-hatred, and psychopathology were conceptually merged and interpreted in the historical context of slavery, segregation, and the cultural disenfranchisement of the Negro in America.». Ainda de acordo com Herbert W. Harris et al. a tese do auto-ódio perderá impacto a partir dos anos sessenta, quando o movimento dos direitos cívicos provoca o aparecimento de uma identidade negra mais positiva, Herbert W. Harris et al., *Racial and Ethnic Identity: Psychological Development and Creative Expression* (Nova Iorque: Routledge, 1995) pp.4-5. O conhecido psicanalista Erik H. Erikson também partilha a perspectiva dos Clark: «The individual belonging to an oppressed and exploited minority, which is aware of the dominant cultural ideals but prevented from emulating them, is apt to fuse the negative images held up to him by the dominant majority with his own negative identity. [...] There is ample evidence of «inferiority» feelings and of morbid self-hate in all minority groups.», «The Concept of Identity in Race Relations: Notes and Queries», *Daedalus* 95, nº1 (1966), p.155. Paul L. Wachtel admite a ambiguidade e multiplicidade de conclusões a retirar dos estudos, *Race in the Mind of America: Breaking the Vicious Circle Between Blacks and Whites* (Nova Iorque: Routledge, 1999), p.151. No próximo capítulo regressa-se a este conceito de auto-imagem, sob a perspectiva dos autores da década de sessenta, Lee Rainwater e Robert Coles.

identidade cultural genuína dos afro-americanos, que acabou por ser substituída pelos estereótipos culturais construídos pela cultura branca.

A tese de Myrdal é a de que, mais tarde ou mais cedo, a integração se consumaria devido à tensão latente no espírito da comunidade branca, entre o referido credo americano e o tratamento racista e segregacionista dado aos negros. Estes, na sua luta pela igualdade teriam do seu lado a própria consciência do homem branco.<sup>40</sup>

Um outro aspecto relevante na obra de Myrdal é o facto de ele afirmar a sua convicção de que o negro está totalmente americanizado: «The American Negro is thoroughly Americanized, his complaint is merely that he is not accepted.». No entanto, uma vez que o sentimento para com a sociedade branca é de frustração, à medida que o negro se vai «americanizando» e educando, constrói progressivamente de forma autoconsciente «uma nação dentro da nação», por sentir que o país não o aceita como pleno cidadão.<sup>41</sup> É interessante constatar que Bayard Rustin, vinte anos depois de Myrdal, ao referir-se aos negros urbanos dos guetos diria o mesmo:

---

<sup>40</sup> «The bright side is that the conquering of color caste in America is America's own innermost desire», Gunnar Myrdal, *An American Dilemma*, vol.2, p.1021.

<sup>41</sup> Ibid., p.1006, p.1004. Aparenta existir uma contradição no pensamento de Gunnar Myrdal: como é que o negro ao «americanizar-se» vai simultaneamente «criar uma nação dentro da nação»? Pode-se procurar explicar esta contradição através da teoria da «cultura de oposição» enunciada pelo psicólogo Lee Rainwater sobre o desenvolvimento de traços culturais distintivos nos habitantes dos guetos vinte anos depois de *An American Dilemma*, precisamente após esses mesmos habitantes apreenderem os valores da sociedade branca, desejarem imitá-los e concluírem que essa imitação lhes está totalmente vedada pelas barreiras da discriminação social e económica. Lee Rainwater, «Crucible of Identity: The Negro Lower-Class Family», in *The Negro American*, eds. Talcott Parsons e Kenneth Clark (Boston: Beacon Press, 1965). Pode-se também recorrer ao exemplo da pequena elite negra que no fim do século XIX assimila os valores da classe-média branca e os transpõe para o seu próprio grupo, embora vivendo totalmente separada da primeira.

Some of the healthiest Negro youngsters I know are juvenile delinquents: vigorously pursuing the American Dream of material acquisition and status, yet finding the conventional means of attaining it blocked off, they do not yield to defectism but resort to illegal (and often ingenious) methods. They are not alien to American culture. They are in Gunnar Myrdal's phrase «exaggerated Americans».<sup>42</sup>

A solução preconizada pelo autor para a transformação da mentalidade da América branca é a via da educação e da engenharia social com ênfase na exortação moral - aliás, Myrdal faz sempre a distinção entre o branco educado e o não educado, para provar que a educação é uma mais-valia fundamental na alteração do preconceito - uma vez que de acordo com a investigação efectuada, já se notavam avanços significativos por parte dos sulistas brancos educados face ao negro. Os argumentos a favor da educação elaborados a partir da psicologia, antropologia e ciências sociais eram considerados válidos para explicar novas relações e diferenças entre os grupos e o meio-ambiente, inferindo-se assim já não haver lugar para conceitos explicativos das diferenças baseados na «raça».<sup>43</sup> Myrdal refere ainda o facto dos negros já não poderem ser considerados «passivos» e «submissos», prevendo a escalada de exigências por parte destes à América branca.<sup>44</sup>

A obra reforça ainda duas outras noções importantes para a análise do «problema do negro», ou melhor, as desvantagens que este «problema» trazia à sociedade em geral: por um lado, os custos sociais

---

<sup>42</sup> Bayard Rustin, «From Protest to Politics: The Future of the Civil Rights Movement», *Commentary* 39, nº2 (Fevereiro 1965), p.26.

<sup>43</sup> Desde o trabalho pioneiro do imigrante alemão, Franz Boas, *The Mind of Primitive Man* (1911) e dos trabalhos das suas discípulas, as antropólogas Margaret Mead, *Coming of Age in Samoa* (1928) e Ruth Benedict, *Patterns of Culture* (1934) que surgem os novos conceitos de relativismo cultural por oposição a etnocentrismo e da evolução das sociedades (e do indivíduo) baseadas no meio-ambiente e não em características genéticas.

<sup>44</sup> Gunnar Myrdal, *An American Dilemma*, vol.2, p.1003.

de manter o sistema inalterado; por outro lado, o enfraquecimento do protagonismo político dos Estados Unidos a nível internacional. Neste aspecto, Gunnar Myrdal faz o enaltecimento da nação americana como modelo de democracia e como promotora da segurança e paz mundiais no contexto da II Guerra Mundial. O estudo conclui depondo a responsabilidade do problema e a sua resolução nas mãos da América branca: «America is free to choose whether the Negro shall remain her liability or become her opportunity».<sup>45</sup>

Esta obra, que vai ficando conhecida um pouco antes dos primeiros passos da administração de Truman para diminuir a discriminação e a segregação em alguns sectores oficiais, criou uma onda de optimismo nos intelectuais negros liberais cuja agenda política era a prossecução da integração total, através da construção duma sociedade igual *color-blind*.<sup>46</sup>

É difícil fazer a avaliação do impacte da obra de Myrdal na percepção e discussão do problema dos afro-americanos. O estudo suscitou inúmeras leituras quer negativas, quer positivas tanto à direita

---

<sup>45</sup> Ibid., p.1009, p.1016, p.1022.

<sup>46</sup> David W. Southern, *Gunnar Myrdal*, p.166. A opção de manter a expressão *color-blind* na língua original é sustentada pela dificuldade em encontrar o equivalente em português que transfira cabalmente todo o sentido. Aliás, os múltiplos significados que tem sociedade *color-blind* em termos sociais, culturais e psicológicos revelaram-se no amplo debate que surge em torno desta classificação a partir da segunda metade da década de sessenta e mais agudamente já nos anos setenta e oitenta. Nos anos cinquenta e início de sessenta, a expressão evocava a ideia moral de sociedade integrada presente no discursos de Martin Luther King. As diferentes tendências do *Black Power* começam a encarar *color-blind* já não do ponto de vista da neutralidade racial mas do ponto de vista de um liberalismo integracionista promovido pelas elites, cujo objectivo é não reconhecer a necessidade de distinção através da raça precisamente para manter o negro numa situação de inferioridade económica. Nos anos setenta, aqueles que defendem uma sociedade *color-conscious* (por oposição a *color-blind*) reivindicam medidas políticas especiais que tomam a cor da pele em consideração, opondo-se aos que defendem uma sociedade *color-blind*, pois consideram que por detrás desta posição se encontra a necessidade de preservação do seu estatuto social política e economicamente dominante.

como à esquerda do espectro político.<sup>47</sup> Contudo, parece ser relativamente pacífica a ideia de que esta investigação detalhada trouxe os problemas dos negros para o fórum da discussão entre os brancos liberais, como até aí não se tinha observado, não só ao nível académico e intelectual nas ciências sociais, como também ao nível da discussão política. *An American Dilemma* tornou-se assim, parte integrante do enquadramento ideológico motivador das transformações do estatuto dos afro-americanos: «Myrdal's dilemma became part of the ideological framework for the transformation of African American repression».<sup>48</sup>

Como foi referido, *An American Dilemma* foi alvo de fortes críticas entre as quais merece destaque a do escritor Ralph Ellison, não só pela qualidade da ironia do discurso, mas também pela desconstrução que apresenta das intenções camufladas da obra, que segundo Ellison a tornam deveras ambígua. O escritor revela, porém, cuidado em não imputar directamente as culpas ao economista sueco.

Num texto intitulado «An American Dilemma: A Review», que só aparece publicado em 1953, Ralph Ellison acusa o estudo de Myrdal de ser «a study of a social ambiguity - [...] itself so nearly ambiguous». O

---

<sup>47</sup> Ver David W. Southern, *Gunnar Myrdal*, onde o autor cita exaustivamente várias instâncias, obras e estudos que directa ou indirectamente sofreram a influência de Myrdal. Herbert Aptheker, *The Negro People in America: A Critique of Gunnar Myrdal's «An American Dilemma»* (1946), constitui o exemplo de críticas negativas a esta obra por parte de pensadores de esquerda. O artigo de James Baldwin et al., «Liberalism and the Negro: A Round-Table Discussion», *Commentary* 37, nº3 (Março 1964), prova igualmente a influência das ideias de Myrdal e o debate por elas suscitado. Quanto a críticas dos supremacistas brancos do Sul são de referir as obras de Stuart Omer Landry, *The Cult of Equality: A Study of the Race Problem* (1945), ou ainda o livro de Charles Wallace Collins, *Whither the Solid South?* (1947). Ver também Walter A. Jackson, *Gunnar Myrdal and America's Conscience* pp.241-271, sobre a recepção da obra junto dos diferentes sectores da opinião pública.

<sup>48</sup> Leslie G. Carr, «Color-Blind» *Racism*, p.76. Alguns exemplos de historiadores e cientistas políticos liberais são C. Vann Woodward (*The Strange Career of Jim Crow* 1955), e William Nicholls (*Southern Tradition and Regional Progress*, 1960) citados por David W. Southern, *Gunnar Myrdal*, pp.167-168.

escritor chama a atenção para o facto da «natureza moral do problema do negro» ser há muito conhecido, vindo já desde os abolicionistas. Ele pergunta-se então, a si mesmo: «Why, then should Myrdal be brought into the country in 1937 by the Carnegie Foundation to prepare this study and not before?». Para depois responder: «A need was felt for a new ideological approach to the Negro problem».<sup>49</sup> E ainda avança com críticas sobre a necessidade de um grupo privado capitalista americano ir buscar um estrangeiro, para «objectivamente» estudar o «problema do negro» e assim camuflar as intenções capitalistas de alguns sectores empresariais de virem a explorar os recursos humanos e materiais do Sul. Paralelamente, e ainda segundo Ellison, o estudo de Myrdal serviria para contrapor a influência que a esquerda e o partido comunista tinham alcançado junto da comunidade afro-americana do Norte durante a Depressão, (Myrdal, aliás, coloca-se sempre numa posição anti-marxista e anti-comunista):

The real motivation of the work: *An American Dilemma* is the blueprint for a more effective «exploitation» of the South's natural, industrial and human resources. We use the term «exploitation» in both the positive and negative sense. In the positive sense it is the key to a more democratic and fruitful usage of the South's natural and human resources, and in the negative, it is the plan for a more efficient and subtle manipulation of black and white relations – especially in the South.<sup>50</sup>

Ellison acrescenta que Myrdal nega a existência do problema do poder e da luta de classes no seio da sociedade americana, substituindo-os pelo dilema moral. Por fim, o escritor comenta

---

<sup>49</sup> Ralph Ellison, «An American Dilemma: A Review», in *Shadow and Act* (1964, Nova Iorque: Vintage Books, 1995), p.303, p.309.

<sup>50</sup> Ralph Ellison, «An American Dilemma: A Review», in *Shadow and Act*, p.313.

criticamente a conclusão de Myrdal sobre o facto da vida dos negros ser pautada pela reacção às pressões da maioria branca:

But can a people [...] live and develop for over a hundred years simply by reacting? Are American Negroes simply the creation of white men, or have they at least helped create themselves out of what they found around them? Men have made a way of life in caves and upon cliffs, why cannot Negroes have made a life upon horns of the white man's dilemma?<sup>51</sup>

No excerto citado, Ellison critica o facto de Myrdal colocar os negros numa posição essencialmente passiva e reactiva em relação à sociedade branca. Mas de facto, poder-se-á considerar que toda a história dos afro-americanos é fértil em exemplos demonstrativos da necessidade dos negros agirem reactivamente, incluindo a afirmação política e cultural que se viria a observar nos anos sessenta. Nos anos sessenta, o slogan *black-is-beautiful*, ou até a confirmação duma cultura da oposição nos guetos realçam que aquilo que Myrdal chama «reflexo ou reacção» dos negros é, afinal de contas, o desejo consciente de rejeição dos valores da classe dominante.

Contudo, o comportamento do grupo e a construção da sua auto-imagem continuariam a ser determinados pelo contexto externo. Na declaração já referida que Du Bois leva junto das Nações Unidas, aparece expressa a ideia de que a comunidade afro-americana tem consciência das pressões a que tem sido submetida, e tem também consciência que tem reagido como resposta à imposição da imagem estereotipada que os brancos têm dela:

The group has long been internally divided by dilemma as to whether its striving upward should be aimed at strengthening its inner cultural and group bonds, both for intrinsic progress and for offensive power against

---

<sup>51</sup> Ibid., pp.315-316.

caste; or whether it should escape wherever and however possible into the surrounding American culture. Decision in this matter has been largely determined by outer compulsion rather than inner plan, for prolonged policies of segregation and discrimination have involuntarily welded the mass almost into a nation within a nation. <sup>52</sup>

A elite branca intelectual sulista de ideologia conservadora viria, mais tarde, a atribuir a decisão do Supremo Tribunal de 1954 à influência negativa da investigação de Myrdal, vituperando as ciências sociais em geral e em particular, os sociólogos, psicólogos e historiadores que haviam colaborado no estudo, mostrando claramente a tenacidade do racismo no Sul, ao contrário do que Myrdal anunciara.<sup>53</sup>

Os aspectos «patológicos» encontrados por Myrdal e pelos Clark nas vítimas da discriminação racial, indiciam um novo problema de carácter social e económico que viria a permanecer no centro do debate dos anos sessenta. A vida da comunidade desenvolvida nos guetos, vista, do ponto de vista dos brancos e dos próprios cientistas negros, como culturalmente patológica teria que sofrer uma reestruturação de base. Contudo, do outro lado da barreira económica e social embora do mesmo lado da barreira racial, co-existe uma classe-média cujos valores e normas de comportamento em tudo se assemelham aos da classe-média branca. A constatação desta contradição no seio da

---

<sup>52</sup> W. E. B. Du Bois, *An Appeal to the World: A Statement on the Denial of Human Rights to Minorities in the Case of the Citizens of the United States of America* (1947), rpd. *W.E.B. Du Bois Reader*, p.454.

<sup>53</sup> O caso do Juiz Tom B. Brady é exemplificativo, pois ele acusa o Supremo Tribunal de ter sido «socializado e psicologizado» acusando ainda Myrdal de imprecisão científica. Assim, o livro de Myrdal de acordo com as palavras deste juiz do Sul, era «based on a few uncorrelated facts, impersonally obtained, together with much theory, “full of sound and fury signifying nothing”. Such nonsense could have been the reservoir from which our Supreme Court obtained some of its conclusions.» Tom P. Brady, *Black Monday* (1955) citado por David W. Southern, *Gunnar Myrdal*, p.173.

comunidade negra iria ser um permanente pomo de discórdia entre as organizações dos direitos cívicos moderadas e as organizações mais revolucionárias, levando à destruição da coligação entre elas, na segunda metade da década de sessenta, quando surge o conjunto de movimentos aglutinados sob o slogan *Black Power*, assunto a ser aprofundado no próximo capítulo.

Para alguns sectores brancos, o negro vai ganhando visibilidade após a publicação do *An American Dilemma*.<sup>54</sup> No entanto, é um ganhar de contornos condicionado pelo dilema moral dos brancos face à situação de discriminação racial vivida na sociedade americana. O negro torna-se visível porque está presente no problema mental dos brancos, ou seja, na contradição entre o credo americano e a prática de segregação. O negro durante as décadas de quarenta e cinquenta ainda não se tornou visível enquanto problema exterior ao dilema moral, que teria que passar obrigatoriamente pelo reconhecimento dos brancos da necessidade de medidas de correcção política, económica e social para resolver graves problemas sentidos por esta minoria.

A partir da década de cinquenta, é esta perspectiva que vai constituir o centro das críticas tecidas pelos intelectuais e escritores afro-americanos à sociedade americana branca. Quando se chega a meados dos anos sessenta, a teoria de Myrdal, sustentada no problema moral e engenharia social, que ganhara aceitação entre a ortodoxia liberal branca perde significado e torna-se irrelevante para muitos

---

<sup>54</sup> «By 1946, many white liberals were acknowledging civil rights as an important issue, many white intellectuals and journalists were writing about blacks.», in Walter A Jackson, *Gunnar Myrdal and America's Conscience*, p.261.

intelectuais negros. O discurso liberta-se da sua vertente integracionista para adquirir uma vertente de auto-emancipação e defesa da cultura e identidade negras.

### 3.4.2. A decisão *Brown et al. v. Board of Education*

A decisão do Supremo Tribunal em 1954, *Brown v. Board of Education of Topeka, Kansas* inflectiu mais de cinquenta anos da doutrina segregacionista do Sul «separate but equal» assumida em 1896 na decisão *Plessy v. Ferguson* tomada também pelo Supremo Tribunal.<sup>55</sup>

Após o litigador Thurgood Marshall escolher, de forma original, apresentar provas baseadas na investigação e conclusões das ciências sociais, os juizes concluem que a política segregacionista criava desvantagens psicológicas aos afro-americanos, contrariando o princípio constitucional da igualdade.

Para a litigação resultante na decisão *Brown*, a NAACP recorreu ao psicólogo Kenneth Clark (que já participara no estudo de Myrdal) e aos resultados por ele avançados nas suas investigações, nomeadamente no artigo «Emotional Factors in Racial Identification and Preference in Negro Children» publicado em 1950. Clark apresentava mais uma vez conclusões retiradas de testes aplicados à atitude das crianças sobre a cor da pele, recorrendo à interpretação do racismo

---

<sup>55</sup> Embora a decisão seja conhecida pelo nome *Brown v. Board of Education of Topeka, Kansas*, na realidade o Supremo Tribunal pronunciou-se sobre quatro casos semelhantes provindos dos Estados de Kansas, Carolina do Sul, Virginia e Delaware.

mais útil à litigação em causa, ou seja o psicólogo concluía mais uma vez que o racismo induzia nos negros sentimentos de autodestruição e auto-rejeição.<sup>56</sup>

Uma implicação importante dos estudos de Clark, especialmente significativa no contexto histórico de então, era a de que a política de separação era necessariamente desigual, já que continha elementos de superioridade e inferioridade notórios: «Racial segregation is grounded upon the myth of inherent racial superiority».<sup>57</sup>

O recurso da NAACP a um psicólogo para provar os efeitos negativos da ideia de segregação na personalidade do afro-americano revela também o crescente interesse do público americano pela psicologia, que se seguiu à II Guerra Mundial.<sup>58</sup> Thurgood Marshall, litigador principal no julgamento, confirmaria a ideia do preconceito e discriminação afectarem os dois grupos raciais, o branco e o negro:

The harm done to the individual begins with the child's earliest years, when he becomes aware of status differences among groups in society and begins to react to patterns of segregation. Prejudice and discrimination are potentially damaging to the personalities of all children. The children of the majority group are affected differently from those of the minority group. This potential psychological damage is crystallized by segregation practices sanctioned by public law.<sup>59</sup>

De tal forma foi grande o impacte deste estudo entre a comunidade intelectual negra, que muitas das descrições

---

<sup>56</sup> O estudo foi publicado no *Journal of Negro Education* n°19 (1950), pp.341-350, citado por William E. Cross, *Shades Of Black*, p.241.

<sup>57</sup> Thurgood Marshall «The Brown Decision and the Struggle for School Desegregation» (1954), rpd. *Let Nobody Turn Us Around*, p.363.

<sup>58</sup> «Wartime success trained bureaucratic managers and a population that had been successfully managed to look to psychologists as experts on both men in groups, and the morale of civilians in the home front», Gardner Murphy, «Psychology Serving Society», *Survey* 37 (1948), citado por Catherine Kerr, *Race in the Making of American Liberalism*, p.232.

<sup>59</sup> Thurgood Marshall, «The Brown Decision and the Struggle for School Desegregation» (1954), rpd. *Let Nobody Turn Us Around*, p.361.

autobiográficas feitas a partir de então, frisam sempre o aspecto traumático da vivência infantil do racismo e segregação.<sup>60</sup>

Não significa isto que não continuassem a existir discursos e defesas pseudo-científicas da inferioridade racial dos negros, como aliás já foi referido antes. Embora estas posições persistam fundamentalmente no Sul,<sup>61</sup> há finalmente do ponto de vista do Supremo Tribunal, a aceitação da igualdade que se iria traduzir na alteração do sistema segregacionista instituído, impondo esta nova posição a todo o país. A decisão *Brown v. Board of Education* foi assim um marco histórico porque traduziu uma inversão total no discurso do poder judicial, até então subscritor da doutrina separados mas iguais, não só ao nível das escolas mas também ao nível de todos os locais públicos e instituições. Esta nova posição do Tribunal demonstra a maturação da ideia de igualdade legal no seio da sociedade americana branca, mesmo que esta fosse contra a tradição instituída no Sul, onde o dia da decisão passa a ser designado por «Black Monday».

Embora seja a autoridade judicial máxima a determinar o fim da segregação, surgiriam enormes dificuldades e barreiras à sua implementação efectiva. Curiosamente não seria o problema da dessegregação das escolas que despoletaria todo o processo do

---

<sup>60</sup> A antologia de textos compilados por Gerald Early, *Lure and Loathing* (1993) contém vários relatos sob esta perspectiva. Também C. Eric Lincoln, *Coming Through the Fire: Surviving Race and Place in America* (1996) alude à sua ambivalência de sentimentos quando descobriu, ainda criança, o que era ser-se negro na América.

<sup>61</sup> Um caso paradigmático do discurso racista actual é o de David Duke, ex-Grand Wizard do Ku Klux Klan, eleito para a câmara dos representantes do Louisiana em 1989, que critica os casamentos interraciais e a imigração por levarem à extinção da raça americana.

movimento de direitos cívicos mas sim a segregação nos autocarros urbanos da cidade de Montgomery, um ano depois.

### 3.5. Movimentos anti-segregacionistas: organização e liderança

#### 3.5.1. O nascimento da *Southern Christian Leadership Conference* (SCLC)

O crescimento do impulso reivindicativo dos afro-americanos e a sua cada vez maior capacidade de mobilização iriam criar alguma instabilidade social durante a década de sessenta nos Estados Unidos da América.

A decisão *Brown* viria a alterar, gradual mas significativamente, a organização social baseada nas instituições segregacionadas do Sul. Os afro-americanos sulistas desejavam ver implementada a decisão da dessegregação escolar rápida e eficazmente, deparando-se com grande resistência por parte dos governos estaduais: «Much of our oppression, opposition, resistance came from state level, and so we met to strategize that», diria mais tarde Joseph E. Lowery, um dos membros fundadores da SCLC, referindo-se ao seu primeiro encontro em Atlanta, em 10 de Janeiro de 1957.<sup>62</sup>

---

<sup>62</sup> Entrevista de Joseph E. Lowery in Howell Raines, *My Soul is Rested: The Story of the Civil Rights Movement in the Deep South* (Nova Iorque: Penguin Books, 1983), p.67. No segundo encontro a 14 de Fevereiro do mesmo ano, Martin Luther King é eleito presidente do grupo, devido à sua liderança do movimento de Montgomery.

Como foi referido, há todo um trabalho jurídico e de pressão exercido ao nível dos órgãos legislativos federais e posteriormente estaduais por forma a conseguir a legislação necessária para a dessegregação e, após a aprovação da legislação, pressão para a sua implementação. A oposição firme e convicta à dessegregação das instituições de poder sulistas vai activar a contra-resistência negra. Os líderes sulistas constituem grupos contra a dessegregação, os *White Citizens' Councils* (compostos por médios e grandes empresários, profissionais «white-collar» e ministros das igrejas) cujo objectivo é impedir a aplicação da decisão *Brown*. Em Março de 1956, quase cem congressistas sulistas, apresentando ao Congresso a sua «declaration of Constitutional Principles» que ficou conhecido pelo *Southern Manifesto*, condenavam a decisão considerando-a uma usurpação dos poderes estaduais. Estes grupos reúnem bastante poder político e social, conseguindo fazer passar, entre 1954 e 1956, quarenta leis *Jim Crow*. Promovem uma campanha de boicote económico dirigida aos empresários negros e aos brancos que apoiassem a dessegregação nas escolas. Como retaliação, os negros também resolvem boicotar as empresas dos membros dos *White Citizens' Councils*. Em 1956, o Sul estava numa situação de «economic warfare», com muitas empresas apanhadas no meio da refrega, encaradas ou como parciais para com a NAACP ou como favorecendo o programa dos *White Citizen's Council*.<sup>63</sup>

A decisão *Brown*, em 1954, e o boicote dos negros aos autocarros urbanos de Montgomery, despoletado pela detenção de Rosa Parks, «The

---

<sup>63</sup> Franklin e Moss, *From Slavery to Freedom*, p.467 e Manning Marable, *Race, Reform and Rebellion*, p.44.

Mother of the Civil Rights Movement» em 1955, que se prolonga até ao ano seguinte, e ao qual adere 95% da população local negra, demonstram uma maior consciência da comunidade negra do Sul do seu próprio poder e a sua capacidade de abalar a estabilidade económica de alguns sectores no Sul, nomeadamente das empresas de transportes. O Supremo Tribunal acabaria por dessegregar os autocarros de Montgomery a 13 de Novembro de 1956.

Este boicote em Montgomery, que rapidamente alastrou a outras cidades do Sul (Tallahassee, Florida e Birmingham, Alabama), esteve na origem da *Montgomery Improvement Association* (MIA) liderada pelo jovem ministro da Igreja Baptista Negra, Martin Luther King Jr. Mais tarde, a MIA daria origem à SCLC e à acção concertada por parte dos líderes das igrejas afro-americanas na mobilização da comunidade em acções de protesto directo, com objectivos precisos e delimitados e com uma vertente moral incluída nas reivindicações bem definidas. Constituída por afro-americanos locais, de todas as idades, e embora muitos deles fossem membros da NAACP, como era o caso de Rosa Parks,<sup>64</sup> a SCLC tinha inicialmente uma característica que a distinguia das associações mais antigas: não possuía qualquer ligação com líderes políticos ou partidários, nem mantinha relações privilegiadas com membros do governo. Nascera para resolver um problema concreto local, sendo verdadeiramente um movimento de protesto *grassroots*, ou seja, de base popular. Com a sua base de apoio no cidadão anónimo disposto a mobilizar-se em conjunto, a SCLC acabou por se alargar às

---

<sup>64</sup> Manning Marable e Leith Mullings, «We Shall Overcome: The Second Reconstruction, Introduction», in *Let Nobody Turn Us Around*, p.376.

várias comunidades afro-americanas sulistas. A liderança de Martin Luther King, ministro da Igreja Baptista Sulista constitui-se como outra característica fundamental da associação, uma vez que, ao contrário das lideranças tradicionais seculares, nomeadamente as protagonizadas por Booker T. Washington e W.E.B. Du Bois, vai buscar a sua base de apoio aos membros da igreja, nomeadamente às mulheres.<sup>65</sup> Aliás, quando os sulistas supremacistas descobrem o poder de mobilização das igrejas negras, dirigem as suas campanhas intimidatórias contra elas, conseguindo que muitas delas se mantenham à margem do discurso político.<sup>66</sup>

A plataforma de protesto da SCLC era bem diferente da luta legal prosseguida pela NAACP desde a sua fundação no início do século. No seu programa fundador, apresentavam-se os princípios filosóficos da organização, baseados na tradição judaico-cristã de resistência activa não-violenta, estando esta associada ao conceito ghandiano de «satyagraha» (força verdadeira). O programa referia igualmente os princípios da acção directa de massas:

SCLC believes that the American dilemma in race relations can best and most quickly be resolved through the action of thousands of people, committed to the philosophy of nonviolence, who will physically identify themselves in a just and moral struggle.<sup>67</sup>

---

<sup>65</sup> David Levering Lewis, «Martin Luther King, Jr., and the Promise of Nonviolent Populism», in *Black Leaders of the Twentieth Century*, p.277.

<sup>66</sup> Obie Clayton, Jr., «The Churches and Social Change : Accommodation, Moderation, or Protest», *Daedalus* 124, nº1 (1995), p.113. Por outro lado, segundo este autor, a relativa passividade de muitas igrejas negras levaria ao crescimento exponencial da organização semi-religiosa, a *Nation of Islam*, socialmente mais interventiva, especialmente nos grandes centros urbanos do Norte. Voltar-se-á a esta organização no capítulo IV.

<sup>67</sup> Southern Christian Leadership Conference, *This is SCLC* (1957), rpd. *Let Nobody Turn Us Around*, p.392.

Neste documento, várias vezes é reiterada a ideia de que as leis imorais e injustas da segregação, definidas como aquelas que não se harmonizam com a lei moral do universo, conduzem a um prejuízo moral não só no segregado, como também no segregador, contrário ao ideal americano de democracia:

The segregated develops a false sense of inferiority and the segregator develops a false sense of superiority, both contrary to the American ideal of democracy.<sup>68</sup>

Os afro-americanos da SCLC desejavam alcançar o objectivo último da integração total dos afro-americanos na sociedade americana, cujo resultado seria a constituição de uma «beloved community».

A retórica de raiz moral e a base ideológica judaico-cristã utilizadas no programa, reflectem a origem religiosa da maior parte dos seus elementos fundadores, que eram, de facto, homens das igrejas afro-americanas.<sup>69</sup> Para além de, em termos práticos, a presença destes homens no movimento ser uma vantagem para a recolha de financiamentos junto das congregações, tornando-os mais independentes e menos sujeitos a pressões por parte de grupos privados, historicamente os ministros destas igrejas sempre se assumiram como os líderes comunitários, não só por terem tido acesso à educação, como por serem economicamente os elementos mais independentes do grupo:

---

<sup>68</sup> Ibid., p.394.

<sup>69</sup> O papel crucial desempenhado pelas igrejas afro-americanas na história e progresso da comunidade encontra-se estudado por C. Eric Lincoln e Lawrence H. Mamiya, *The Black Church in the African-American Experience* (Durham: Duke Univ. Press, 1990).

In the black community, historically, it's been the preacher who has been the principal community leader. Now, there are several reasons for this. One was, of course, educational.[...] But beneath that was the fact that he was the freest leader in the community. The black congregation supported him [...] And they adopted the religion, and Jesus became a symbol of freedom and liberty. And the gospel to them was a liberating gospel.<sup>70</sup>

Joseph E. Lowery explica claramente até que ponto a relação entre a liderança cristã e os seus fundamentos morais determinaram a capacidade de mobilização contra uma situação social considerada imoral. Pela primeira vez, os afro-americanos, até há bem pouco tempo considerados intelectualmente inferiores pela opinião pública branca, e imbuídos de um sentimento psicopatológico de inferioridade (como Kenneth Clark havia provado em tribunal) sentem-se capazes de determinar o seu próprio destino:

And what was so significant about what the SCLC did, because it had a preacher leadership it emphasized in the social struggle the moral aspects. Whereas they were there before, the political and legal aspects overshadowed them. But with the coming of SCLC, the struggle was put in its proper perspective, in the moral arena, and that's what got people marching. Prior to the bus boycotts, the determination of our freedom rested with the courts. With the bus boycott, we determined it.<sup>71</sup>

Existe assim, uma diferença substantiva na forma de protesto entre a NAACP e a SCLC, pois no Sul os afro-americanos pretendiam inicialmente dessegregar os locais ou actividades que interferissem com a sua vida quotidiana, mais do que prosseguir com batalhas legais.

---

<sup>70</sup> Entrevista de Joseph E. Lowery in Howell Raines, *My Soul is Rested*, p.69. Gunnar Myrdal, *An American Dilemma*, vol.2, p.858 já demonstrara a importância das igrejas afro-americanas na comunidade como local de expressão. Também Obie Clayton, Jr. «The Churches and Social Change: Accommodation, Moderation, or Protest», *Daedalus* 124, nº1 (1995) refere as igrejas do Sul como o único fórum de discussão aberto aos negros antes de 1964.

<sup>71</sup> Entrevista de Joseph E. Lowery in Howell Raines, *My Soul is Rested*, p.70.

A forma de protesto utilizada durante o boicote de Montgomery, e mais tarde aplicada noutro género de manifestações, foi influenciada pelas técnicas da organização CORE, formada em Chicago em 1942.

O CORE foi pioneira na prática e desenvolvimento da acção directa não-violenta de provocação, procurando uma resposta agressiva por parte do opressor.<sup>72</sup> A primeira *Freedom Ride* em 1961, promovida pelo director nacional do CORE, James Farmer, tinha como objectivo testar a decisão do Supremo Tribunal de Dezembro de 1960 (*Boynton v. Virginia*) que alargava a proibição de 1946 da segregação em todas as camionetas e comboios interestaduais aos terminais de transportes públicos. A reacção violenta das entidades oficiais levou o CORE para os jornais nacionais, colocando esta organização, que tinha estado semi-inactiva durante os anos cinquenta, a par das restantes organizações nacionais de direitos civicos.<sup>73</sup>

Embora o conceito de resistência passiva não-violenta tenha premissas religiosas e filosóficas, quando foi aplicado pela primeira vez em Montgomery, não existia outra alternativa na forma de luta, uma vez que qualquer reacção agressiva por parte dos negros ofereceria o pretexto às autoridades brancas para exercerem violência física e razões

---

<sup>72</sup> Em 1947, dezasseis membros do CORE resolvem testar a aplicação da decisão do Supremo Tribunal de 1946 que baniu a segregação nos transportes interestaduais, através da *Journey of Reconciliation*. Rhoda Lois Blumberg, *Civil Rights: The 1960s Freedom Struggle*, p.47.

<sup>73</sup> A 4 de Maio de 1961 treze pessoas, brancos e negros, saíram de Washington D.C a caminho do Sul. Na Carolina do Sul são agredidos e no Alabama queimam-lhes uma das camionetas. Em Montgomery, Alabama, os locais puxam os «freedom riders» das camionetas à força e espancam-nos brutalmente. Em Jackson, Mississippi um grupo de vinte e seis manifestantes, incluindo James Farmer, é condenado a sessenta e sete dias de prisão por estar sentado na secção reservada a brancos do terminal de camionetas da cidade. Esta sentença iria mobilizar todas as secções do CORE, levando milhares dos seus membros a viajarem para o Sul ao encontro da *Freedom Ride*. Manning Marable, *Race, Reform and Rebellion*, p.64 e Paula F. Pfeffer, *A. Philip Randolph*, pp.241-242.

legais para a reprimirem: «Montgomery's Afro-Americans had to be nonviolent and passive in order to resist successfully».<sup>74</sup> Por outro lado, a utilização da técnica não-violenta suscitava o apoio dos liberais brancos do Norte.

### 3.5.2. O nascimento do *Student Nonviolent Coordinating Committee* (SNCC) e as primeiras fracturas do movimento integracionista

Se as acções de protesto em Montgomery tiveram alguma projecção a nível nacional, foi no entanto o *sit-in* de Greensburo, Carolina do Norte, o iniciador de um dos maiores movimentos de protesto afro-americanos e que deu origem a uma outra organização de direitos cívicos criada em 1960, a SNCC.

A 1 de Fevereiro de 1960, quatro estudantes decidem sentar-se ao balcão reservado a brancos do restaurante do armazém Woolsworth e apesar de instados a sair recusaram-se a fazê-lo até o restaurante fechar.<sup>75</sup> No segundo dia, em vez de quatro estudantes, entraram trinta. Ao fim de um mês, estudantes organizavam *sit-ins* por todo o Sul.

Em Abril desse ano, 50.000 estudantes negros e brancos aderiam a este movimento de protesto. Esta adesão em massa dos estudantes provocou uma nova fase nos protestos contra a segregação no Sul,

---

<sup>74</sup> David Levering Lewis, «Martin Luther King, Jr.», in *Black Leaders of the Twentieth Century*, p.279.

<sup>75</sup> Clayborne Carson, *In Struggle: SNCC and the Black Awakening of the 1960s* (Cambridge, Massachusetts: Harvard Univ. Press, [1981] 1995), p.9. Os estudantes, membros do *North Carolina Agricultural and Technical College*, eram Joseph McNeil, David Richmond, Franklin McCain e Izell Blair.

colocando os estudantes numa posição de destaque no movimento de luta. Ainda em Abril de 1960, Ella Baker (directora executiva da SCLC) financiou a reunião fundadora da SNCC em Raleigh, Carolina do Norte e Marion Barry foi eleito presidente do novo grupo.<sup>76</sup> Inicialmente, a organização era constituída por estudantes da classe-média e classe-média baixa. A maioria dos estudantes não questionava o ethos da sociedade americana ou as suas instituições. Protestava contra a morosidade do processo de integração, mas não questionava o conceito.<sup>77</sup>

A tática não-violenta também utilizada pela SNCC, acompanhada por uma lógica baseada em princípios cristãos, oferecia aos estudantes uma combinação apelativa: um sentimento de superioridade moral, uma libertação emocional e ainda a esperança de alcançar a dessegregação.<sup>78</sup> A declaração de intenções da organização apontava precisamente para o mesmo tipo de caminho não-violento e de base religiosa judaico-cristã seguido pela SCLC:

We affirm the philosophical or religious ideal of nonviolence as the foundation of our purpose, the pre-supposition of our faith, and the manner of our action. Nonviolence as it grows from Judaic-Christian traditions seeks a social order of justice permeated by love. Integration

---

<sup>76</sup> A SNCC foi fundada por associações de estudantes desejosas de maior protagonismo intervencionista do que a SCLC, de estratégia mais moderada, lhes permitia, embora esta organização lhes tenha dado apoio na sua fundação. Os seus activistas participaram em *sit-ins*, *jail-ins*, *freedom rides* (viagens de transportes públicos a exigir o fim da segregação) e campanhas de recenseamento eleitoral no Sul. Em 1966, as tensões entre os membros brancos e negros, devido à ideologia nacionalista crescente no seio da organização, especialmente defendida por Stokely Carmichael (mais tarde assume o nome africano Kwame Ture), provoca a expulsão e exclusão dos brancos de qualquer participação na organização.

<sup>77</sup> Clayborne Carson, *In Struggle: SNCC and the Black Awakening of the 1960s*, p.14

<sup>78</sup> A adesão em massa nunca mais se verificou como no período entre Fevereiro e Junho de 1960. De acordo com testemunhos da época, foi «[...]like a fever. Everyone wanted to go. We were so happy.» citado em Clayborne Carson, *In Struggle: SNCC and the Black Awakening of the 1960s*, p.12.

of human endeavor represents the crucial first step toward such a society.<sup>79</sup>

Inicialmente, os objectivos da SCLC e os da SNCC coincidem ao nível das táticas de protesto e das exigências de assimilação e integração total na sociedade americana. Ambas recorriam à técnica de tentar provocar indignação moral na opinião pública, por oposição à abordagem jurídica da NAACP, utilizando o ataque directo e multifacetado contra o racismo em todas as suas manifestações e práticas a nível nacional.

As diferenças de posicionamento face à luta de direitos cívicos entre a SNCC e as restantes organizações, nomeadamente a SCLC e o CORE começam a desenhar-se a partir de 1962, avolumando-se em 1963. Pode-se procurar sintetizar onde se encontravam as faltas de consenso. Em primeiro lugar, entre a SNCC e as outras organizações, porque esta, ao contrário das outras, parece ter uma leitura diferente dos objectivos e funções do movimento junto da administração federal e Congresso, pedindo-lhe maior intervenção policial sobre as autoridades locais sulistas, e exigindo acima de tudo legislação de direitos cívicos. Em segundo lugar, o líder histórico, Martin Luther King, começa a ser contestado por outros dirigentes do movimento, nomeadamente da SNCC, por parecer disposto a esperar, mesmo quando afirma expressamente o contrário na famosa «Letter from Birmingham Jail», mais à frente analisada. Por fim, revelam-se diferentes posições durante

---

<sup>79</sup> Student Nonviolent Coordinating Committee, «Statement of Purpose» (14 Maio 1960), rpd. *Let Nobody Turn Us Around*, p.395.

a organização da Marcha de Washington de 1963 (embora esta possa ser considerada o último grande momento do consenso) chegando-se mesmo a recorrer à censura do discurso de John Lewis, líder da SNCC, considerado desajustado temporalmente, uma vez que o prometido projecto-lei de direitos cívicos já entrara em Congresso em Junho desse ano.

Torna-se necessário recuar um pouco e verificar a cronologia dos acontecimentos que levaram o Presidente Kennedy à introdução deste projecto-lei.

Iniciado no Mississippi, o trabalho de recenseamento dos negros no Sul rural, desenvolvido em regime de voluntariado pelos militantes da SNCC e do CORE a partir de Agosto de 1961, tornara-se muito complexo e difícil, devido à enorme resistência por parte dos segregacionistas. A partir de 1962, de uma forma ou de outra, todas as organizações principais estariam envolvidas no trabalho de recenseamento, com Bob Moses, da SNCC a liderar a campanha. No Mississippi, 50% dos adultos brancos estavam recenseados contra apenas 5% dos adultos negros, que no entanto constituíam 40% da população do estado. A SNCC viria a pedir protecção federal para os militantes dos direitos cívicos no Sul, pedido ao qual o governo não responde de imediato:

[The SNCC workers] were dismayed that federal officials appeared willing to attenuate their civil rights efforts in order to preserve southern political support and states' rights.<sup>80</sup>

---

<sup>80</sup> Clayborne Carson, *In Struggle: SNCC and the Black Awakening of the 1960s*, p.87.

Contudo, quando James Meredith, em Setembro de 1962, é proibido de entrar na Universidade do Mississippi pelo governador Ross Barnett, Kennedy é forçado, tal como Eisenhower em 1957 (na cidade de Little Rock, Arkansas) a federalizar a guarda nacional do Mississippi para esta não cumprir com a ordem do seu governador. Seguiram-se dois dias de violência provocada por multidões de brancos e pela guarda, que agrediram os manifestantes afro-americanos. Meredith acabaria por ser admitido na universidade.

Os apelos da SNCC à intervenção federal tiveram pouco impacto nas políticas de direitos cívicos da administração Kennedy, a qual procurava fugir às pressões dos militantes desta organização, de forma a alcançar os objectivos de direitos cívicos no tempo e da maneira que lhe era mais favorável.<sup>81</sup> Por outro lado, Kennedy tinha que fazer face à oposição marcada quer da coligação dos democratas sulistas, quer ainda dos republicanos conservadores que se opunham à legislação de direitos cívicos. A administração encontrava-se deste modo, entre as exigências dos negros para uma maior celeridade no processo e as contra-pressões dos grupos hostis aos direitos cívicos. Durante o ano de 1963 surge também o início do descontentamento de algumas associações negras em relação aos liberais brancos (que atingiriam o seu ponto máximo em 1966) pois encaravam as muitas conquistas alcançadas nos dois ou três anos precedentes como fruto de um

---

<sup>81</sup> «In the early days of the Kennedy administration, we often criticized what we regarded as the president's excessive caution on civil rights. [...] He had made clear his judgement that neither Congress nor the public would move faster or more decisively, that a futile crusade "might look good in the papers", but would result only in defeat and probably jeopardize the rest of his program.», Richard N. Goodwin, *Remembering America: A Voice From the Sixties* (Nova Iorque: Harper and Row, 1988), p. 311.

trabalho essencialmente afro-americano, em nítido contraste com o pouco avanço conseguido nos cinquenta anos anteriores, quando a parceria interracial nas organizações de direitos cívicos era muito equilibrada.<sup>82</sup>

O tom da SNCC começa a ser cada vez mais militante, acusando a administração de não apoiar a «causa justa» e de estar mais preocupada com os ganhos políticos. Na realidade, Kennedy teria dificuldades em fazer passar a lei, uma vez que não tinha maioria no Congresso.

Contudo, face à proliferação das demonstrações e face à resistência dos segregacionistas brancos, a 28 de Fevereiro, o Presidente anuncia ao Congresso o seu propósito de introduzir nesse órgão uma lei abrangente de direitos cívicos. No seu discurso, denuncia a vida do afro-americano enquanto cidadão de segunda e pede ao Congresso para não se escusar às suas obrigações, devendo contribuir para assegurar a continuação do progresso dos direitos cívicos. Kennedy frisa que a situação do afro-americano dificulta o crescimento económico do país e o papel deste enquanto líder mundial (problema apontado vinte anos atrás por Gunnar Myrdal):

Hampers our economic growth by preventing the maximum development and utilization of our manpower. It hampers our world leadership by contradicting at home the message we preach abroad. It mars the atmosphere of a united and classless society in which this Nation rose to

---

<sup>82</sup> August Meier, «New Currents in the Civil Rights Movement», *New Politics* 4, n.º5 (Verão 1963), p.27. August Meier classifica esta perspectiva de limitada, uma vez que considera importante o papel dos liberais brancos, não só na criação de uma opinião pública favorável aos avanços dos negros, como também na questão do financiamento das organizações negras, dependente desses mesmos liberais brancos.

greatness. It increases the costs of public welfare, crime, delinquency and disorder. Above all, it is wrong.<sup>83</sup>

Entretanto, também em 1963, a actividade de protesto dos afro-americanos agudiza-se nas cidades do Sul e nos centros urbanos do Norte durante a Primavera e o Verão, excedendo em tamanho e intensidade qualquer outra das manifestações anteriores. Durante 1963, estimam-se 930 protestos públicos em 115 cidades de 11 estados do Sul e mais de 20.000 detenções, em contraste com cerca de 3.600 detenções no período anterior. Em 1963, decorria o centenário da Proclamação da Emancipação e alguns activistas começam a aperceber-se que a violência nas *inner-cities* ultrapassava em muito o descontentamento relacionado com os direitos cívicos, representando a frustração da comunidade negra perante o lento progresso em aceder à verdadeira democracia.

Uma das acções mais cruciais para alcançar legislação efectiva e simultaneamente alertar a opinião pública branca para o problema dos negros, seria a campanha anti-segregacionista desenvolvida em Abril desse ano na cidade de Birmingham, Alabama, cidade que, de acordo com as palavras de Martin Luther King, «is probably the most thoroughly segregated city in the United States».<sup>84</sup>

---

<sup>83</sup> J. F. Kennedy, *Special Message to the Congress on Civil Rights* (28 Fevereiro 1963), rpd. Franklin e Moss, *From Slavery to Freedom*, p. 623. O sociólogo Manning Marable defende que a posição de John F. Kennedy face à legislação dos direitos cívicos foi motivada essencialmente pelo receio da utilização pela União Soviética e países não alinhados, da propaganda negativa desencadeada pelas imagens da violência praticada durante as manifestações pelas forças da ordem contra os negros nos estados do Sul.

<sup>84</sup> Martin Luther King, «Letter from Birmingham Jail» (1963), rpd. *The Norton Anthology*, p. 1855.

Durante a campanha, Martin Luther King é detido e encarcerado após *sit-ins* em lojas e restaurantes, uma vigília na câmara municipal e uma manifestação em massa. É durante o período em que se encontra detido que King escreve a famosa «Letter from Birmingham Jail» onde explica as motivações da resistência activa não violenta:<sup>85</sup> «Nonviolent direct action seeks to create such a crisis and foster such a tension that a community which has constantly refused to negotiate is forced to confront the issue». Na carta também é evidente a necessidade urgente de se tomarem medidas efectivas pois os negros não poderiam esperar mais:

For years now I have heard the words “Wait!”[...] We have waited for more than 340 years for our constitutional and Godgiven rights.[...] There comes a time when the cup of endurance runs over, and men are no longer willing to be plunged into the abyss of despair. I hope, sirs, that you can understand our legitimate and unavoidable impatience.<sup>86</sup>

Martin Luther King reforça a tónica na urgência da situação e no direito justo dos negros verem as suas exigências concretizadas. Ao afirmar «it is just as wrong, or perhaps even more so, to use moral means to preserve immoral ends»,<sup>87</sup> respondia àqueles - «the white moderate» - que discutiam os métodos reivindicativos (considerando-os ilegais), a rapidez dos processos, achando que os afro-americanos

---

<sup>85</sup> Esta missiva foi redigida, em parte, como resposta a oito membros do clero branco que numa carta aberta tinham acusado King de não colocar limites à luta dos direitos cívicos transformando-a eventualmente em distúrbios prematuros, aconselhando-o a restringir-se às batalhas legais nos tribunais federais. Esta carta foi vital para influenciar a opinião pública a favor dos problemas dos negros, tendo tido ampla circulação nos *media* nacionais e internacionais.

<sup>86</sup> *Ibid.*, pp.1856-1857.

<sup>87</sup> *Ibid.*, p.1865.

podiam sempre esperar mais, e ainda argumentavam, do ponto de vista religioso, que «the teachings of Christ take time to come to earth».<sup>88</sup>

Após a violência física exercida sobre os afro-americanos, em todo o Sul, nos meses anteriores à detenção de Martin Luther King (cães de ataque e mangueiras de alta pressão) é natural que o presidente da SCLC se mostrasse irredutível nos seus objectivos urgentes de integração:

Oppressed people cannot remain oppressed forever. The yearning for freedom eventually manifests itself, and that is what has happened to the American Negro. [...] If one recognizes this vital urge that has engulfed the Negro community, one should readily understand why public demonstrations are taking place. The Negro has many pent-up resentments and latent frustrations, and he must release them. So let him march.<sup>89</sup>

Esta carta capta o sentimento e motivações do movimento afro-americano sulista. A sua força de acção estava contida na vertente humanista e cristã, cujo espírito Martin Luther King personificava e verbalizava através do seu sentido de missão e de sacrifício. As manifestações de Birmingham, ao pararem por completo a vida económica do centro da cidade, levaram ao fim da segregação em alguns sectores. Mas, mais importante, as demonstrações suscitaram a adesão nacional aos objectivos do movimento, o que, por sua vez, convenceria o Presidente que seria finalmente possível uma lei de direitos cívicos passar no Congresso, dando o projecto-lei entrada a 19 de Junho, após os acontecimentos descritos, embora aquele que viria a

---

<sup>88</sup> Referência ao discurso de um «white brother in Texas». Ibid., p.1860.

<sup>89</sup> Ibid., p.1861. Em Setembro desse ano uma bomba numa igreja do Alabama mata quatro crianças afro-americanas, reduzindo em muito o ímpeto segregacionista da população branca. Só no ano 2000 é que o FBI detém os dois alegados bombistas.

ser o *Civil Rights Act* de 1964 ainda não tivesse sido discutido na altura do assassinato do Presidente, em Novembro desse ano.<sup>90</sup>

A revolta de Birmingham teria ainda o papel crucial de mostrar ao país que o protesto e as reivindicações abrangiam toda a comunidade afro-americana, incluindo a participação de elementos de todos os estratos sociais nos boicotes económicos.<sup>91</sup>

A Marcha de Washington, a 28 de Agosto de 1963, seria o último momento de consenso entre as diferentes organizações de direitos cívicos e o momento alto das relações interracialiais, que não se viria a repetir ao longo da década. A organização da Marcha - a *United Civil Rights Leadership Council*, constituída pelas diversas organizações de direitos cívicos acima referidas, NAACP, NUL, CORE e SCLC<sup>92</sup> -

---

<sup>90</sup> O *Civil Rights Act* de 1964 é constituído por XI títulos que visam, entre outros aspectos, proibir a discriminação em locais públicos e a segregação escolar, renovar a comissão de direitos cívicos por mais quatro anos (criada pelo *Civil Rights Act* de 1957 com o objectivo de estudar as relações raciais no país), proibir a utilização de fundos federais em escolas ou programas que praticassem a discriminação, abolir a discriminação no emprego e sindicatos, impedir os tribunais federais de re-enviar acções de direitos cívicos para os tribunais estaduais ou locais, estabelecer o direito a julgamento com júri em casos envolvendo o *Act*. O *Voting Rights Act* de 1965 estabelece um sistema de registos federais, sob a direcção do procurador-geral, para substituir as entidades oficiais estaduais em zonas onde menos de 50% da população adulta votara na eleição anterior, estabelecendo um sistema de fiscalização nacional para detectar fraudes à lei. Torna ilegal testes de iliteracia ou qualquer outro tipo de restrição ao voto. Esta lei teve um impacte imediato, observando-se no fim de 1965 o recenseamento de 250.000 novos eleitores afro-americanos. Esta lei foi renovada e expandida em 1970, 1975 e 1982. A lei teve como consequência, a médio prazo, a alteração radical na política do país, aumentando o número de negros eleitos nos vários níveis do governo. Carter A. Wilson, *Racism, From Slavery to Advanced Capitalism* (Londres: Sage Publications, 1996), pp.176-180 e *Civil Rights Acts*, (documento electrónico).

<sup>91</sup> «And Birmingham remains the unmatched symbol of grass-roots protest involving all strata of the black community.», Bayard Rustin, «From Protest to Politics: The Future of the Civil Rights Movement», *Commentary* 39, n.º2 (Fevereiro 1965), p.25.

<sup>92</sup> Os promotores iniciais da Marcha foram A. Philip Randolph (presidente do *Negro American Labor Council* fundada em Detroit em 1960), Roy Wilkins (secretário executivo da NUL), Martin Luther King e Bayard Rustin (SCLC), John Lewis (director da SNCC) e James Farmer (director do CORE). Rapidamente várias organizações não afro-americanas expressam o desejo de aderir à manifestação a favor dos direitos cívicos. A 2 de Julho, líderes de direitos cívicos dos mais diversos grupos (grupos religiosos judaicos, protestantes e católicos e ainda representantes da *United Auto*

considerou importante alterar o discurso de John Lewis, líder da SNCC, para não antagonizar o governo federal e o Congresso, uma vez que o projecto-lei prometido já tinha seguido para o Congresso. John Lewis, líder da SNCC à época, rascunha um texto que apresenta as novas coordenadas ideológicas da organização, muito afastadas do liberalismo moderado das suas congéneres. O seu discurso não foi aceite pelos restantes líderes da coligação *United Civil Rights Leadership Council*, obrigando-o a alterações que tornavam as suas palavras menos críticas da administração federal.

No discurso original Lewis escrevia: «We cannot support the administration's civil-rights bill, for it is too little, and too late. There's not one thing in the bill that will protect our people from police brutality», tendo sido alterado para: «We support the administration's civil-rights bill, but this bill will not protect young children and old women from police dogs and fire hoses». <sup>93</sup>

Quando a Marcha tem lugar, o Presidente Kennedy já era considerado um herói pelos afro-americanos após o anúncio público da entrada em Congresso da proposta de lei de direitos cívicos, <sup>94</sup> havendo

---

*Workers*) reúnem-se para planear a Marcha. A participação de grupos religiosos não afro-americanos na Marcha marca a adesão dos brancos moderados ao movimento e ainda sugere a possibilidade de uma «revolução moral» na área das relações raciais. O apoio destes grupos revela o sucesso histórico do movimento: «Any successful reform movement in American history has ultimately had to obtain support not only from fervently dedicated reformers, but from middle of the road elements who, in the public eye, represent a responsible, even conservative, force», in Tom Kahn e August Meier, «Recent Trends in the Civil Rights Movement», *New Politics* 111, n.º2 (Primavera 1964), p.43.

<sup>93</sup> John R. Lewis, «The Revolution is at Hand» (28 Agosto 1963), rpd. *Let Nobody Turn Us Around*, pp.407-409.

<sup>94</sup> Manning Marable, *Race, Reform and Rebellion*, pp.72-73 apresenta as motivações de Kennedy para redigir a tão ambicionada proposta de lei de direitos cívicos baseadas em alguns factores, nomeadamente pressão por parte das grandes empresas com interesses económicos no Sul, que já haviam concluído pela inevitabilidade da

um novo consenso nacional em torno das reivindicações afro-americanas. A concentração de 250.000 manifestantes em Washington (dos quais 100.000 eram brancos) transforma-se num acontecimento festivo, de tom moderado, culminando no histórico discurso de Martin Luther King, «I Have a Dream». A Marcha procurava mostrar ao Congresso que a opinião pública estava efectivamente do lado da dessegregação e que um número substancial de brancos partilhava desses mesmos objectivos. Os manifestantes marchavam com dois objectivos amplos: liberdade e empregos. Na primeira categoria, reivindicavam a aprovação imediata de legislação efectiva de direitos cívicos, o fim da violência policial dirigida contra cidadãos pacíficos que exerciam o seu direito constitucional de se manifestarem pacificamente e pediam a efectiva dessegregação das escolas nacionais, uma vez que após a decisão *Brown* este processo no Sul obedecia a surtos de resistência activa e violenta por parte de alguma população branca local e também por parte das entidades oficiais locais, dificultando e atrasando muitíssimo o avanço da dessegregação. Na segunda categoria de reivindicações, exigia-se um programa federal de emprego público por forma a empregar os desempregados, legislação para acabar com a discriminação na administração federal, em empresas privadas e nos

---

dessegregação e a constatação da crescente força comunista do Laos e do Vietname. Ou seja, a administração Kennedy foi obrigada a olhar para a repressão do Governador Wallace sobre os manifestantes de Birmingham no contexto internacional da guerra fria e da descolonização acelerada no Terceiro Mundo, contexto esse no qual não convinha apresentar a imagem de um presidente dos EUA despreocupado com a repressão exercida sobre os seus próprios cidadãos, especialmente mulheres e crianças.

sindicatos, bem como o estabelecimento de um salário mínimo nacional.<sup>95</sup>

É difícil de avaliar se a passagem do *Civil Rights Act* em Congresso foi ou não influenciada pela Marcha e pelo discurso «I Have a Dream».<sup>96</sup> Deste modo, merece a pena referir duas interpretações, uma que espelha a análise mais radical e intransigente e outra a perspectiva do optimista liberal.

Alguns autores, como por exemplo Manning Marable, vêem o discurso de King como a reprodução do discurso de Booker T. Washington, «The Atlanta Exposition Address» de 1895, uma vez que ambos os discursos se dirigem a audiências maioritariamente brancas, ambos são contidos nas exigências apresentadas e tomam em consideração o momento contemporâneo das relações raciais:<sup>97</sup>

Washington, of course championed “separation of the races”, while King called for “integration” and “civil rights”. Yet, across the gulf of history, the two black men personified a body of public policies which dealt directly with the present status of the Negro. Both won the grateful support of their respective presidential administrations.<sup>98</sup>

<sup>95</sup> Paula F. Pfeffer, *A. Philip Randolph*, pp.246-247.

<sup>96</sup> Alonzo L. Hamby, *Liberalism and Its Challengers: From F.D.R. to Bush* (Oxford: Oxford Univ. Press, 1992), pp.165-166. Tom Khan e August Meier consideram, no entanto, que a inclusão de uma provisão em relação à FEPC (Federal Employment Practice Committee) se deveu à Marcha, in «Recent Trends in the Civil Rights Movement», *New Politics* 111, n°2 (Primavera 1964), p.36.

<sup>97</sup> Marable parece apoiar-se na leitura de Malcolm X sobre o processo organizativo da Marcha, que transparece num discurso deste em 1963, onde, entre outras críticas, Malcolm acusa os líderes integracionistas de serem «Uncle Toms» e de terem perdido o controlo da população afro-americana, só recuperado através da intervenção directa do presidente Kennedy: «Call it off» Kennedy said, “Look, you all are letting this thing go too far.” And Old Tom said, “Boss, I can’t stop it because I didn’t start it.” [...] “These Negroes are doing things on their own. They’re running ahead of us.” And that old shrewd fox, he said, “If you all aren’t in it, I’ll put you in it.”. Malcolm X, *Message to The Grass Roots Delivered at Northern Negro Grass Roots Leadership Conference, Detroit* (Novembro 1963), rpd. *The Eyes on the Prize Civil Rights Reader: Documents, Speeches, and Firsthand Accounts From Black Freedom Struggle, 1954-1990*, eds. Clayborne Carson et al. (Nova Iorque: Penguin Books, 1991), pp.256-259. A posição de Malcolm X será aprofundada no próximo capítulo.

<sup>98</sup> Manning Marable, *Race, Reform and Rebellion*, p.75. Na verdade, se King tinha citado Booker T. Washington no seu primeiro livro a relatar o boicote de Montgomery, *Stride Toward Freedom: The Montgomery Story* (1958) socorrendo-se da retórica de

As críticas de Marable reflectem, de certa forma, as posições mais radicais e críticas face ao ideal integracionista que já avultavam em 1963 e que serão discutidas no próximo capítulo.

O historiador Alonzo L. Hamby avança com uma perspectiva mais positiva do discurso de King e mais consentânea com a memória que perdura do momento histórico em questão:

That the speech was magnificent and inspired is beyond dispute; its larger influence, along with that of the entire event, is harder to pinpoint. [...] [The march] also helped to maintain the considerable momentum the movement had achieved and made indelible King's standing as the symbol of the aspirations of the American Negro. No other black leader had spoken so effectively to the sensibilities of both liberal white America and the liberal democratic cultures of Western Europe.<sup>99</sup>

Dado o seu percurso religioso e os objectivos integracionistas desde sempre enunciados, Martin Luther King nunca poderia ter proferido um discurso mais agressivo. Nas suas palavras estava presente a utopia de uma sociedade harmoniosa interracial e *color-blind*, e encontram-se várias referências à união fraterna entre brancos e negros:

When we let freedom ring, when we let it ring from every village and every hamlet, from every state and every city, we will be able to speed up that day when all of God's children, black men and white men, Jews and gentils, Protestants and Catholics, will be able to join hands and sing in the words of the old Negro spiritual, «Free at last! Free at last! Thank God Almighty, we are free at last!»<sup>100</sup>

A Marcha e o próprio discurso de Martin Luther King podem ser considerados o momento áureo no processo de conquista da visibilidade

---

Washington sobre o «black improvement», na sua segunda obra, *Why We Can't Wait*, (1963) fruto do movimento de Birmingham, o tom é menos conciliador e Booker T. Washington já não é uma referência positiva, in Alonzo L. Hamby, *Liberalism and Its Challengers*, pp.167-168.

<sup>99</sup> Alonzo L. Hamby, *Liberalism and Its Challengers*, pp.165-166.

<sup>100</sup> Martin Luther King Jr., «I Have a Dream» (1963), rpd. *Let Nobody Turn Us Around*, p.406.

dos afro-americanos no país. Estava dada a machadada definitiva na invisibilidade pública da comunidade.

### 3.6. O início da nova visibilidade

Até aqui neste capítulo focaram-se as dimensões externas da discriminação racial e ainda a forma como os afro-americanos se organizaram para as destruir. Importa agora referir as consequências psicossociais para o indivíduo da vivência quotidiana de uma situação de discriminação, sabendo-se que a constatação de sequelas permanentes também iria contribuir para o argumento a favor da igualdade cívica. O casal Clark foi pioneiro na abordagem psicossociológica infantil, mas de acordo com estudos mais recentes tem sido escassa a exploração e análise da influência do racismo e discriminação na vida adulta em termos psicossociais, embora os escritores afro-americanos tenham sido férteis na discussão do problema, como se verá a seguir. No estudo de 1990, James L. Herbert chama a atenção para o percurso de vários homens afro-americanos, adolescentes nas décadas de quarenta e cinquenta, concluindo:

In most aspects of life, black males are perceived at best as a nonentity and at worst as a negative entity [...] racial discrimination, racial prejudice, and racism have negative external dimensions as well as severe consequences for the individual's racial identity, self-concept, and self-esteem in black psychosocial development.<sup>101</sup>

---

<sup>101</sup> James L. Herbert, «Integrating Race and Adult Psychosocial Development», *Journal of Organizational Behavior* 11 (1990), p.433.

As investigações psicossociais no seguimento dos estudos de Erik Erikson da década de sessenta reforçam o que era apresentado desde a década de quarenta como a «invisibilidade» do negro pelos romancistas afro-americanos.

A maior parte da literatura científica sobre a identidade do negro entre a década de trinta e a de sessenta reproduz o modelo do auto-ódio e da rejeição do grupo. O negro médio sofria de uma baixa auto-estima e de «anti-negritude» e essas características aparecem expressas em muitas das personagens dos escritores Richard Wright, Ralph Ellison e James Baldwin. Durante a década de sessenta, devido à luta dos direitos cívicos surge uma mudança radical na situação, interpretada como a correcção da negatividade. A nova identidade é caracterizada como de auto-aceitação<sup>102</sup> e nos romances de Baldwin já surgem várias personagens masculinas afro-americanas com uma relação ambígua e difícil com os brancos, mas assumindo uma identidade afro-americana positiva.<sup>103</sup>

O movimento pela liberdade dos negros, dos anos cinquenta e sessenta, trouxe a tão almejada «visibilidade» aos afro-americanos, em termos da maioria branca. Os intelectuais negros há muito que acusavam a maioria branca de desconhecimento completo dos negros. Paralelamente, a exclusão social de que eram vítimas também não permitia o contacto directo e constante entre os dois grupos raciais. O

---

<sup>102</sup> William E. Cross, *Shades of Black*, pp.ix-x.

<sup>103</sup> Como exemplos, pode-se indicar Leo, protagonista do romance *Tell me How Long the Train's Been Gone* (1968) e Rufus, protagonista do romance *Another Country* (1962).

apelo ao mútuo conhecimento, aliás, já aparecia nos textos de Frederick Douglass, Booker T. Washington e W.E.B. Du Bois.

Na escrita de Baldwin é constante esta acusação: «Because what you discover as a Negro child in school – and certainly later – is that you are not in the history books».<sup>104</sup> Baldwin comenta a impertinência daqueles que julgam conhecer o negro porque lhe atribuem sempre os estereótipos mais comuns. O autor assume conhecer melhor o branco do que vice-versa:

There is something impertinent in the assumption they make about me. After all, I have watched the way most white people in this country live. I have worked in their kitchens and I have served them their brandy, and I know what goes on in white living rooms better than white people know what goes on in mine.<sup>105</sup>

Nessa altura, muitas são as afirmações a documentar a «invisibilidade» do negro. Existiam duas razões para esta situação: ou porque de facto o negro não existia para os brancos (ou seja, não fazia parte do seu universo público, social ou profissional), ou porque existia enquanto criação construída e distorcida na mente deles, enquanto estereótipo, sem qualquer relação com a sua existência real. Cornel West e C. Eric Lincoln, entre muitos, reflectiram sobre este problema. O primeiro descreveu-o como a completa ausência de poder:

The modern black diasporan problematic of invisibility and namelessness can be understood as the condition of relative lack of black power to represent themselves to themselves and others as complex human beings, and thereby to contest the bombardment of negative, degrading stereotypes put forward by white-supremacist ideologies.<sup>106</sup>

---

<sup>104</sup> James Baldwin et al., «Liberalism and the Negro», *Commentary* 37, nº3 (Março 1964), p.32.

<sup>105</sup> *Ibid.*, pp.37-38.

<sup>106</sup> Cornel West, *Keeping Faith*, p.16.

C. Eric Lincoln fala em anonimato:

Every black American knows firsthand the slander of invisibility.  
Anonymity.<sup>107</sup>

E ninguém melhor que Ralph Ellison, no romance *Invisible Man* (1952) retratou esta invisibilidade, esta não-identidade, o sentimento de dissolução na sociedade americana:

I am an invisible man [...] I am invisible, understand, simply because people refuse to see me. [...] That invisibility to which I refer occurs because of a peculiar disposition of the eyes of those with whom I come in contact.<sup>108</sup>

Ralph Ellison voltaria a esta questão dez anos mais tarde, no ensaio crítico sobre Gunnar Myrdal:

In our society it is not unusual for a Negro to experience a sensation that he does not exist in the real world at all. He seems rather to exist in the nightmarish fantasy of the white American mind as a phantom that the white mind seeks unceasingly, by means both crude and subtle, to lay.<sup>109</sup>

É, no entanto, necessário considerar as diferenças entre as realidades do Sul e do Norte. Até aos anos cinquenta e sessenta, no Sul, o negro era «visível» através da presença permanente do sistema segregacionista *Jim Crow*. O indivíduo branco sulista há muito que aprendera a lidar com o negro. Sabia que ele estava lá, trabalhava na sua casa e nas suas terras, era um «mal» necessário; no Norte, o negro era tão «invisível», circunscrito aos guetos urbanos, que a maioria

---

<sup>107</sup> C. Eric Lincoln, *Coming Through The Fire: Surviving Race and Place in America* (Londres: Duke University Press, 1996), p.94.

<sup>108</sup> Ralph Ellison, *Invisible Man* (Middlesex: Penguin Books, 1952), p.7.

<sup>109</sup> Ralph Ellison, «An American Dilemma: A Review», in *Shadow and Act*, p.304.

branca ficou surpreendida com a explosão de violência que ocorreu durante a segunda metade da década de sessenta.<sup>110</sup>

Quando Myrdal analisa a posição da América branca face ao negro, também conclui que ela não conhece a comunidade negra, a forma como vive e se comporta, as suas aspirações e objectivos de vida. Ao tempo da publicação da obra, o negro «represent[ed] to the ordinary white man in the North as well as in the South an anomaly in the very structure of American society».<sup>111</sup>

Outra vertente associada ao problema da «invisibilidade» era a forma como a sociedade dominante olhava sectorial e estereotipadamente para a produção intelectual dos negros. O académico negro vivia dicotomicamente a sua identidade profissional e pessoal, dentro da sua própria comunidade, pressionado para assumir a identidade e representação do grupo perante a sociedade branca, situação que acabava por estar interligada com os estereótipos referidos, ilustrados nas palavras de Baldwin:

What I am calling for, asking for, hoping for, is that when I walk into a room, people will not immediately assume that I want to talk about civil rights.<sup>112</sup>

O historiador John Hope Franklin também reflectiu sobre o estereótipo imposto ao negro:

The Negro scholar [...] is a competent *Negro* sociologist, an able *Negro* economist, an outstanding *Negro* historian [sublinhado do autor].<sup>113</sup>

---

<sup>110</sup> Em 1963, 25% dos brancos do Norte afirma nunca contactar com negros e apenas 29% disse contactar com negros diariamente. Paul B. Sheatsley, «White Attitudes Toward the Negro», in *The Negro American*, p.319.

<sup>111</sup> Gunnar Myrdal, *An American Dilemma*, vol.1, p.lxxvii.

<sup>112</sup> James Baldwin et al., «Liberalism and the Negro», *Commentary* 37, nº3 (Março 1964), p.38.

<sup>113</sup> John Hope Franklin, *Race and History: Selected Essays, 1938-1988* (Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1989), p.303.

Desde o século XIX que o intelectual afro-americano era visto, de fora, como elemento do grupo e esta percepção impôs-lhe o peso e a responsabilidade de liderança e modelo, associados a essa pertença (tal como Du Bois defendera com o ideal dos *Talented-Tenth*). Do outro lado da barreira da cor, mesmo na década de sessenta, era visto como competente enquanto académico negro, mas nunca como um académico de direito em pé de igualdade com os seus pares brancos.

O problema das causas históricas, consideradas por muitos determinantes para o comportamento dos afro-americanos, está sujeito a diferentes pontos de vista. Desde W. E. B Du Bois que aparecem referências à opressão escravagista e segregação como causas do comportamento anti-social e desestruturante do indivíduo, núcleo familiar e grupo. Durante a *Harlem Renaissance*, alguns intelectuais e artistas procuraram ignorar estas vertentes da vivência afro-americana, ressaltando as suas características culturais originais ou exóticas ou ainda exaltando o papel do afro-americano enquanto artista e não enquanto líder racial socialmente *engagé*. Também em *An American Dilemma* se refere a importância do contexto histórico e social para a determinação do comportamento negro e branco.

We have been forced to notice the low economic, political, legal, and moral standards of Southern whites – kept low because of discrimination against Negroes and because of obsession with the Negro problem. [...] Whether they know it or not, white people are dwarfing their minds to a certain extent by avoiding contacts with colored people.<sup>114</sup>

---

<sup>114</sup> Gunnar Myrdal, *An American Dilemma*, vol.2, p. 644.

A concentração de afro-americanos nos guetos do centro das cidades, onde se perpetua a separação das raças, deu origem à explosão da cultura negra urbana, que influenciou de forma decisiva uma nova estética literária, chamando a atenção para o problema e influência do meio ambiente na determinação e agudização dos problemas dos afro-americanos. No romance de Richard Wright, *Native Son* (1940) são retratadas algumas vivências dos negros, em tudo o que têm de humilhação degradante, discriminação e racismo.

Se as obras de Richard Wright, *Native Son* e de Ralph Ellison, *Invisible Man* são disto paradigmas, também a autobiografia de Richard Wright, *American Hunger* (1977)<sup>115</sup> revela dois mundos, o da humilhação dos negros e o da superioridade e cegueira dos brancos.

O protagonista de *Native Son*, Bigger Thomas, é o produto do determinismo social, ou seja, a personagem e os crimes que comete são resultado do contexto de discriminação e do desconhecimento mútuo entre negros e brancos.

Obtida a «visibilidade» através dos movimentos dos direitos cívicos no início da década de sessenta, à semelhança dos líderes da SNCC e da SCLC, a maior parte dos intelectuais afro-americanos defendem ainda uma ética integracionista,

Os escritores Richard Wright, Ralph Ellison, e James Baldwin debatem as consequências da discriminação, segregação e opressão na

---

<sup>115</sup> Em *American Hunger* (1977) publicado postumamente, o autor descreve o seu percurso desde a chegada a Chicago na juventude, em 1927, até à sua adesão ao partido comunista americano, como forma de poder dar largas à sua criatividade, e subsequente abandono do mesmo, quando descobre que afinal o partido tem defeitos de hierarquia e exerce um controlo rígido sobre os seus membros.

dignidade e afirmação da raça negra (e, por arrastamento, da raça branca).<sup>116</sup> Por exemplo, James Baldwin na obra *The Fire Next Time* descreve os efeitos do racismo nas duas raças:

You must accept them and accept them [os brancos] with love [...] They are in effect, still trapped in a history which they do not understand; and until they understand it, they cannot be released from it. They have had to believe for many years, and for innumerable reasons, that black men are inferior to white men. Many of them, indeed, know better, but, as you will discover, people find it very difficult to act on what they know. [...] In this case, the danger, in the minds of most white Americans, is the loss of their identity.<sup>117</sup>

A tónica é sempre a mesma: as consequências miseráveis que mais de trezentos anos de história afro-americana provocaram na estrutura comunitária, familiar e individual de cada negro, quer no Sul, quer no Norte, tornando-os «invisíveis» para a comunidade branca. Com

---

<sup>116</sup> Neste capítulo, optou-se por referir apenas brevemente o «problema da invisibilidade» visto por intelectuais afro-americanos, mais especificamente os três maiores escritores de meados do século XX, e os que paradoxalmente maior visibilidade alcançaram na sociedade branca, para ilustrar a forma como estes escritores contribuíram para a denúncia do racismo e opressão da sociedade americana. Uma análise interessante dessa contribuição é feita por Jerry Gafio Watts, *Heroism and the Black Intellectual: Ralph Ellison, Politics, and Afro-American Intellectual Life* (Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1994) apresentando alguns mecanismos utilizados pelos intelectuais para superarem a tal «invisibilidade» que lhes era imposta pelo seu «estatuto marginal». Assim, Watts sugere que James Baldwin manipula o estatuto do intelectual negro-vítima, reivindicando para si mesmo uma superioridade moral baseada no seu sofrimento individual e no sofrimento colectivo do afro-americano, enquanto Richard Wright produziu obras cuja função era a de despertar o sentimento de culpa no branco. De acordo com Watts, a questão que se levanta com este estatuto de vítima é ele estatuto conduzir a uma situação em que a qualidade artística não é uma prioridade. Os negros escrevem para obter reconhecimento do seu opressor branco e não para melhorarem a sua qualidade artística. Só Ralph Ellison se destaca por se recusar aceitar a crença popular de que o único estilo legítimo do intelectual negro era aquele que fosse politicamente *engagé*.

<sup>117</sup> James Baldwin, «My Dungeon Shook», in *The Fire Next Time* (Londres: Penguin Books, 1964), p.16. É interessante constatar que Eldridge Cleaver, (futuro membro do Partido das Panteras Negras e nacionalista convicto, apresentado em maior detalhe no próximo capítulo) irá tecer graves críticas a Baldwin, considerando que ele não gosta da sua própria raça e nunca a defende: «Baldwin was defending his first love – the white man. In the autobiographical notes of *Notes of a Native Son*, Baldwin is frank to confess that, in growing into his version of manhood in Harlem, he discovered that, since his African heritage had been wiped out [...] he would appropriate his white man's heritage and make it his own», *Soul on Ice* (Nova Iorque: McGraw-Hill Book Company, 1968), p.98.

o movimento dos direitos cívicos até 1963, os afro-americanos adquirem, de facto, uma nova visibilidade perante a opinião pública, o que não significou que tenham conseguido uma nova imagem perante essa mesma opinião pública. Como se verá no próximo capítulo, as tendências do *Black Power* viriam a determinar finalmente uma nova fase interna de aceitação e de reconciliação com a auto-imagem.

### 3.7. Conclusão

Entre a II Guerra Mundial e a primeira metade da década de sessenta, a sociedade norte-americana sofreu enormes conturbações sociais e políticas que a fizeram reequacionar os valores básicos da democracia e da igualdade de oportunidades pelos quais teoricamente sempre se pautara.

As exigências dos afro-americanos para pôr fim à segregação nos estados do Sul e acabar com a discriminação institucional a nível nacional passou por várias fases. Os afro-americanos inicialmente procuraram a via legal dos tribunais através das organizações de direitos cívicos tradicionais (especialmente a NACCP), e procuraram igualmente a via da negociação directa com os presidentes. Na década de cinquenta, a decisão *Brown* alargou o número de afro-americanos que contestavam e assumiam uma posição reivindicativa. O governo federal, por sua vez, de uma posição de indiferença face aos afro-americanos, passa a assumir, pelo menos algumas vezes, a posição de aliado. A base legal criada pela decisão representou a possibilidade de

repudiar inicialmente a situação injusta, imoral, e psicologicamente desestruturante para o indivíduo oprimido, da segregação *de jure* no Sul e posteriormente da situação *de facto* no Norte, quando se propagam as exigências a todo o país. Assiste-se, assim, a uma mudança de ênfase da contestação legal para a acção directa de rua e tanto ao nível dos seus membros como ao nível da liderança, o movimento de direitos cívicos foi ganhando maior amplitude numérica,<sup>118</sup> surgindo as novas associações SLCC e SNCC de base sulista, com os métodos de protesto de rua (até então apenas utilizados esporadicamente pelo CORE, no Norte) e utilizando o boicote económico como forma de pressão nas empresas sulistas detidas por brancos.

As opiniões dividem-se quanto à mola impulsionadora do movimento de protesto, podendo ser visto como um processo impessoal, condicionado pelo momento histórico e constituindo-se progressivamente como uma resposta a acontecimentos políticos, económicos e ideológicos, do qual nascem movimentos associativos, ou podendo ser encarado como um processo inevitavelmente ligado a personalidades individuais ou organizações cujo papel fundamental na sua construção não pode ser menosprezado.<sup>119</sup>

A Marcha de Washington em 1963, embora de consequências práticas discutíveis ao nível da aceleração do processo legislativo em

---

<sup>118</sup> Ver August Meier, «New Currents In the Civil Rights Movement», *New Politics* 4, n.º5 (Verão 1963), pp.9-10.

<sup>119</sup> Kenneth B. Clark, «The Civil Rights Movement: Momentum and Organization», *Daedalus* 95, n.º1 (Inverno 1966), p.241. Manning Marable concorda com a posição de Clark quanto à importância do momento histórico em detrimento das personalidades, assumindo a posição da história dialéctica de raiz marxista: «History creates humanity, as well as the conscious choice which are possible for any political leader to select», *Race, Reform and Rebellion*, p.37.

Congresso, provou ser o último grande momento de consenso intra e interracial entre as diversas facções reivindicativas. A partir desse ano, Martin Luther King veria a sua posição integracionista contestada inclusive pelas próprias organizações que ajudara a fundar, como foi o caso da SNCC. As organizações começariam a degladiar-se dentro do movimento, por razões estratégicas, políticas e até por prioridades pessoais dos seus líderes:

As in other great movements for the advancement of human welfare, the idealistic and egoistic motivations among civil-rights leaders become so inextricably intertwined that one often cannot tell where one ends and the other begins. [...] It has been a four-way struggle between SCLC, NAACP, SNCC and CORE, and even the Urban League has become more aggressive.<sup>120</sup>

Embora os discursos separatistas nacionalistas sempre tivessem existido no seio da comunidade negra, é a partir de 1963 que surge o desfazer do consenso integracionista, mais agudizado depois da passagem do *Civil Rights Act* em 1964. A violência física exercida sobre os manifestantes pacíficos e a lentidão da administração Kennedy em protegê-los, através da polícia e da lei, contribuiriam para o ressurgir dos discursos separatistas, com uma importante tônica na diferença dos valores éticos e culturais entre a minoria negra e a maioria branca.

Não foi a consciência de uma identidade cultural colectiva diferente da comunidade branca que levou à mobilização afro-americana. Muito pelo contrário, foi precisamente a ideia de cidadania americana de pleno direito, independentemente da cor, que levou às exigências do fim da segregação e discriminação, ideia de cidadania

---

<sup>120</sup> August Meier, «New Currents in the Civil Rights Movement», *New Politics* 4, n.º5 (Verão 1963), p.14.

também associada à emancipação dos países africanos, criando entre os negros uma nova imagem de afirmação e de fé no futuro. Só quando se avizinha a possibilidade de legislação efectiva a contemplar a igualdade de cidadania, ganham novamente força os argumentos da identidade e valores culturais distintos da sociedade da maioria.

Pode-se considerar que o longo processo de luta a favor da legislação dos direitos cívicos e a exigir protecção governamental e legislativa contra aqueles que, como o Governador Wallace do Alabama, se recusavam a aceitar uma estrutura não segregada, teve uma conclusão formalmente positiva, mas simultaneamente abre-se uma nova e complexa avaliação da situação dos afro-americanos em termos económicos, de emprego, de habitação e de segregação escolar *de facto*, que o *Civil Rights Act* e o *Voting Rights Act* não foram desenhados para resolver.

Culminando o processo de aumento de visibilidade cresce uma nova fase de promoção cultural e racial na qual se rejeitam os valores da sociedade branca. A revalorização da cultura negra expressa no slogan dos anos sessenta *black-is-beautiful* criaria clivagens inéditas no seio da comunidade afro-americana, onde o factor classe social (correndo-se o risco da classe social mais desfavorecida vir a rejeitar a sociedade integrada, e todo o sistema americano) assumiria um papel determinante nos debates em redor dos conceitos de sociedade *color-blind* e de acção afirmativa.

## IV

Do Ideal Integracionista ao *Black Power*

*American Negro history is basically a history of the conflict between integrationist and nationalist forces in politics, economics and culture, no matter what leaders are involved and what slogans are used.*

- Harold Cruse, *The Crisis of the Negro Intellectual*, 1967.

*The group has long been internally divided by dilemma as to whether its striving upward should be aimed at strengthening its inner cultural and group bonds, both for intrinsic progress and for offensive power against caste; or whether it should escape wherever and however possible into the surrounding American culture. Decision in this matter has been largely determined by outer compulsion rather than inner plan, for prolonged policies of segregation and discrimination have involuntary welded the mass almost into a nation within a nation.*

- W. E. B. Du Bois, *An Appeal to the World*, 1947.

## 4.1. Introdução

O percurso da luta pelos direitos cívicos entre 1954 e 1963 obedece a duas fases distintas, como foi analisado no capítulo anterior. Até 1960 verifica-se uma passagem do poder das organizações afro-americanas tradicionais, com sede no Norte, para organizações que

emergem de campanhas específicas, de raiz sulista e de liderança religiosa. A partir de 1960, os estudantes afro-americanos do Sul aderem à luta, criando um movimento de massas contínuo sem precedentes na história dos afro-americanos. Os estudantes organizam-se com o aval da SCLC e assumem o mesmo tipo de programa reivindicativo e o mesmo tipo de técnicas utilizadas pelo CORE e pela SCLC.

A partir de 1963, a luta avança em força para as cidades do Norte. Entre 1965 e 1968, a frustração e impotência dos afro-americanos das *inner-cities* são transformadas em surtos de violência destrutiva. Os liberais brancos e afro-americanos deparam-se com a realidade da discriminação económica e social e o movimento dos direitos cívicos começa a exigir programas que traduzissem a legislação em medidas práticas no emprego, habitação e educação.

Há uma confrontação de ideias e ideais entre a SNCC e as restantes organizações. A SNCC reclama mais legislação, mais e maior rapidez de intervenção do governo federal. Simultaneamente, a *Nation of Islam* ressurge com maior número de apoiantes e com um discurso atraente para as classes trabalhadoras e desfavorecidas afro-americanas, relegadas para os guetos urbanos. Esta população sente uma enorme frustração e revolta à medida que se vai apercebendo do hiato entre a legislação produzida, as decisões do Supremo Tribunal e a resistência à sua aplicação prática, quer no Sul, quer no Norte. Movimentos mais radicais, do ponto de vista das exigências de direitos para os afro-americanos e do seu discurso separatista, começam a

surgir, como é o caso do *Black Panther Party*. Algumas das organizações já existentes radicalizam as suas posições, apelando igualmente a posições separatistas, por exemplo expulsando os seus membros brancos, como é o caso da SNCC. O integracionista Martin Luther King Jr. começa a ter dificuldades em interagir com todas estas organizações promotoras do *Black Power*.

Paralelamente, a América de Lyndon Johnson, com o programa do governo *War on Poverty*, parece acordar para a questão da pobreza e para este problema particular entre os afro-americanos dos guetos urbanos. A solução parece encontrar-se em medidas económicas, educacionais e sociais que estão para além do *Civil Rights Act* e do *Voting Rights Act*. A Guerra do Vietname, no entanto, vai diminuir o bolo financeiro atribuído a esta luta, levando Martin Luther King Jr. a criticar publicamente o esforço de guerra.<sup>1</sup> Com o conflito surge um ressentimento acrescido por parte dos negros, uma vez que constituindo apenas 11% da população, correspondiam a 18% das forças americanas no terreno.

Neste capítulo discute-se o movimento dos direitos cívicos a partir de 1963-64, quando há necessidade de reequacionar as orientações políticas e organizativas face à crescente frustração e mobilização das massas afro-americanas a nível nacional, e já não apenas nos estados do Sul. À medida que a liderança procura novas orientações para o movimento, surgem igualmente diferentes preocupações ao nível da igualdade de oportunidades ligadas ao bem-estar material da

---

<sup>1</sup> Martin Luther King, Jr., «To Atone For Our Sins and Errors in Vietnam» (4 Abril 1967), rpd. *Let Nobody Turn Us Around*, pp.461-468.

comunidade, e equaciona-se a possibilidade de implementar acções correctivas ao nível da educação e emprego, que ficarão conhecidas por medidas de acção afirmativa. Simultaneamente, o movimento depara-se com novas relações com a comunidade branca liberal, que parece retrair-se no apoio até aí prestado, quando se apercebe que o seu próprio estatuto social privilegiado pode estar em causa ao preverem-se medidas sociais e económicas específicas para os afro-americanos.

No capítulo investigam-se as propostas dos grupos dos direitos cívicos mais antigos para o problema económico dos negros, os quais foram manifestamente insuficientes. Esta ineficiência levou, em certa medida, ao desmembramento do consenso integracionista entre as organizações de direitos cívicos, e dentro de algumas organizações, como o CORE e a SNCC, no seio das quais as vozes nacionalistas assumem uma acção preponderante. De entre as posições mais agressivas, o recém-criado *Black Panther Party* adquire um papel importante na divisão operada entre os pontos de vista integracionista e separatista sobre o lugar do afro-americano dentro da sociedade americana, encontrando-se este último apoiado em necessidades de autonomia política, económica e no discurso de afirmação cultural étnica.

Assim, neste capítulo procura-se examinar os movimentos nacionalistas separatistas afro-americanos, não só o referido *Black Panther Party*, como também o movimento anterior criado por Malcolm X, após a sua saída da *Nation of Islam*, a *Organization for Afro-American Unity*, com uma proposta contrária ao ideal da sociedade *color-blind*, e

que apelava à criação de uma «nação dentro da nação», num contexto de auto-emancipação e auto-suficiência económica e social. Malcolm tem uma atitude de afirmação, confiança e desafio face à maioria branca. Ao criar uma facção mais radical no movimento dos direitos cívicos, vai recusar o discurso conciliador, integracionista e moral de Martin Luther King e da sua organização.

Ainda neste capítulo procura-se abordar as divisões operadas na liderança afro-americana, vendo-as como consequência de uma alteração gradual na identidade afro-americana, uma vez que, nos anos sessenta, os afro-americanos descartam a velha imagem negativa e estereotipada (que lhes fora imposta pela sociedade branca, e fora por eles interiorizada) adquirindo uma nova imagem positiva, segura e activamente comprometida com o ideal de auto-emancipação, bem visível no slogan *black-is-beautiful*. Parece ser possível sugerir que os vários movimentos pela luta dos direitos cívicos tiveram uma grande responsabilidade nesta nova identidade positiva e mais decisivos foram ainda os movimentos nacionalistas separatistas. Como reverso desta nova perspectiva cultural e do novo sentir positivo da comunidade que redescobre a sua história e procura alimentar-se da sua própria experiência passada, desenvolve-se nos guetos urbanos uma cultura de oposição aos valores da sociedade branca, que irá ser alvo de várias interpretações psicológicas e sociológicas, que serão referidas de forma breve.

## 4.2. Da perspectiva integracionista ao nacionalismo

### 4.2.1. O problema económico e a emergência do separatismo

A partir de 1963-64 os líderes do movimento de direitos cívicos concluem que, gradualmente, conseguiriam a legislação necessária para os seus objectivos e que a militância e o protesto podiam levar o Sul a dessegregar os locais públicos, mas que as leis não resolviam as péssimas condições em que grande parte da população afro-americana vivia, quer no Norte urbano, quer no Sul rural.

Embora o movimento dos direitos cívicos se estenda para Norte, sendo reflexo disso não só os surtos de violência urbana como, no ano de 1964, os boicotes às escolas de Boston, Chicago, Cleveland e Nova Iorque e o boicote ao pagamento de rendas também nesta última cidade, as acções directas de protesto revelam-se pouco eficazes para alterar as situações de segregação *de facto*, como os casos das escolas, habitação e emprego.<sup>2</sup>

A eliminação da segregação no Sul através de legislação foi sendo lentamente conseguida. Quando as organizações dos direitos cívicos se voltam para o Norte, os problemas são de tal complexidade, associados à emergência da violência urbana, que os resultados imediatos têm menor impacte. A violência urbana de Watts (Los Angeles), quatro dias após a

---

<sup>2</sup> Em 1963 o índice de desemprego nos afro-americanos era 114% mais elevado que para os brancos. Oitenta por cento dos negros trabalhavam nos empregos pior remunerados por comparação com 40% dos brancos. Em 1964 o índice de desemprego entre os negros era de 9,6% enquanto que para os brancos era de 5,4% in Franklin e Moss, *From Slavery to Freedom*, p.513.

aprovação do *Voting Rights Act* de 1965, tomou o país de surpresa, assinalando de forma inequívoca as barreiras entre as duas Américas. Durou seis dias, numa zona com 80% de população negra. Trinta e quatro pessoas morreram e mais de mil ficaram gravemente feridas. Os danos materiais foram elevadíssimos. A violência de Harlem, no ano anterior, também atingira proporções graves, mas não fora tão publicitada. Ambas as situações surgem dos conflitos latentes entre as forças policiais brancas e os residentes negros. Atribui-se como causa da violência o facto da população negra urbana em nada ter evoluído, material ou socialmente, com a passagem das leis de consagração dos direitos cívicos. Estas revoltas reflectem o contexto de protesto e a nova auto-afirmação negra, resultante dos esforços dos movimentos de direitos cívicos. A violência prolongar-se-á pelos anos de 1966, 1967 e 1968 em todas as grandes cidades do país, agudizando-se após a morte de Martin Luther King Jr., em Abril de 1968.

Quando se dá a viragem do Sul para o Norte, a reivindicação do direito de igual participação na esfera pública transforma-se na exigência de oportunidades iguais.

O problema que então se colocava, de maior complexidade e de objectivos mais difusos, era resolver a situação económica dos negros, que passava fundamentalmente pela questão do acesso em igualdade de circunstâncias ao mercado de trabalho, como diagnosticado em 1965 por Bayard Rustin:

The civil rights movement is evolving from a protest movement into a full-fledged social movement – an evolution calling its very name into

question. It is now concerned not merely with removing the barriers to full opportunity but with achieving the fact of equality.<sup>3</sup>

O movimento transforma-se assim em protesto social, exigindo aos liberais brancos reformas económicas e estruturais, que eles não estão dispostos a executar, nem financeiramente o conseguiriam devido à Guerra do Vietname e ao aumento de impostos. Por outro lado, contemplar alterações de fundo económico que poderiam pôr em causa a sua situação de privilégio e de poder, era muito diferente da adesão emocional e moral à causa justa dos direitos cívicos, uma vez que por esta altura, a opinião pública branca já se mostrava mais tolerante constituindo a sua posição um valor político importante na prossecução da agenda dos direitos cívicos.<sup>4</sup>

Até 1963, a liderança tradicional do movimento dos direitos cívicos, desde a NACCP à SNCC, seguira uma ideologia liberal, assumindo que os seus objectivos podiam ser atingidos dentro da estrutura política existente e sem alterações fundamentais na forma

---

<sup>3</sup> Bayard Rustin, «From Protest to Politics: The Future of the Civil Rights Movement», *Commentary* 39, nº2 (Fevereiro 1965), p.27.

<sup>4</sup> De acordo com os resultados avançados por Paul B. Sheatsley, «White Attitudes Toward the Negro», in *The Negro American*, pp.303-324, onde se faz a avaliação da alteração das atitudes racistas no período entre 1942-1963, verificam-se mudanças de tendência positiva nas atitudes dos brancos, e diminuição de respostas negativas à integração dos negros na sociedade dominante, quando esta é vista de uma forma geral e abstracta. Outra mudança fundamental verifica-se na avaliação da inteligência dos negros por parte dos brancos, pois em 1942, 50% dos brancos nortistas e 20% dos sulistas responderam que os negros eram tão inteligentes como os brancos. Em 1965 estes números sobem para 80 e 57% respectivamente. Em relação ao movimento dos direitos cívicos, a maioria da população branca, (Norte e Sul) compreende os objectivos principais do movimento mesmo quando a sua opinião pessoal é contra a integração. Há, no entanto, diferenças importantes na percepção da actividade dos movimentos reivindicativos. Quanto mais segregacionista o grupo, maior é a sua percepção das manifestações como violentas. O facto mais curioso é a resposta à pergunta sobre a forma como o entrevistado ou a sua família tinham sido afectados pela integração, pois 86% de todos os brancos americanos responderam não terem sido de todo afectados: «The mass of white Americans have shown in many ways that they do not want a racist government and that they will not follow racist leaders.», p.323.

como a vida económica estava organizada nos Estados Unidos. À medida que o movimento dos direitos cívicos sente a inexistência de uma resposta rápida por parte do governo para os problemas económicos e sociais dos afro-americanos, ou sente a resistência por parte dos liberais brancos quando estes antecipam a ameaça ao seu «status quo» (se de facto se contemplassem reformas profundas para a comunidade negra) começam a surgir novas exigências, de cariz mais radical.

Entre os grupos da coligação construída para organizar a Marcha de Washington aparecem posições opostas, revelando relações distintas com o liberalismo político. Assim, líderes cuja militância não era questionada até 1964, ganham uma imagem de respeitabilidade e moderação entre os brancos e paralelamente uma imagem de acomodacionismo entre os activistas mais mobilizados .<sup>5</sup>

Os grupos mais militantes eram representados pelo CORE e pela SNCC,<sup>6</sup> os mais conservadores pela NUL e alguns sectores da NAACP. Assumindo a posição de maior radicalismo (do ponto de vista das próprias organizações e do ponto de vista do sector liberal branco

---

<sup>5</sup> Tom Kahn e August Meier, «Recent Trends in the Civil Rights Movement», *New Politics* 111, nº2 (Primavera 1964), p.34.

<sup>6</sup> Em Julho de 1964, A. Philip Randolph, Bayard Rustin, Roy Wilkins da NAACP, Martin Luther King, Whitney Young da NUL, James Farmer do CORE e John Lewis da SNCC reunem-se para redigir um documento onde propunham um período moratório em relação às manifestações até às eleições de Novembro desse ano. A SNCC e o CORE acabam por recusar-se a cumprir esse período de «descanso», revelando uma posição mais activa e menos cúmplice com o poder político. De acordo com Sam Bottone, a paralisação temporária dos protestos obedecia à necessidade de evitar uma contra-resposta da comunidade branca às acções directas negras que a levassem a não votar em Johnson, e sim no candidato republicano, Barry Goldwater, in Sam Bottone, «The Negro Revolt: The Push Beyond Liberalism», *New Politics* 111, nº5 (Verão 1964), p.36.

apoiente do movimento)<sup>7</sup> encontrava-se a *Nation of Islam*. A lentidão do processo de implementação das medidas legislativas, faz crescer o nacionalismo negro e as atitudes anti-integracionistas, como contra-resposta a um progresso demasiado conivente com as instituições políticas e que não procura resolver, como referido antes, os verdadeiros problemas económicos dos afro-americanos:

The failure of the liberal welfare state brings forth various separatist and black nationalist tendencies in the Negro community. A new form of militancy appears, an ideological militancy which rejects integrationist goals as conservative.<sup>8</sup>

À medida que a segunda fase do movimento se esgota, nasce uma nova etapa nas organizações dos direitos cívicos em justaposição com o discurso separatista nacionalista, defensor da união e orgulho raciais. Estas novas propostas face à conquista de direitos dos negros proclamavam três princípios básicos: a rejeição dos objectivos integracionistas e do interracialismo, a rejeição da prática da não-violência e a crítica da estrutura capitalista da sociedade americana.

Por sua vez, os líderes tradicionais apercebem-se que os liberais brancos não estão empenhados na causa das reformas económicas (principalmente quando constatarem as quantias investidas por estes na preparação para a Guerra) e este facto visto como «hipocrisia branca» leva-os a assumir posições mais extremadas, concluindo que, possivelmente, a única solução seria a utilização de uma «política de

---

<sup>7</sup> O termo «liberal branco» é usado de forma indiscriminada pela maioria dos militantes afro-americanos. Genericamente, designa os apoiantes brancos do movimentos dos direitos cívicos. Utilizado de forma negativa, designa uma forma de apoio hipócrita ao movimento, pois o «liberal branco» não deseja pôr em causa o seu estatuto de domínio. A palavra liberal aparece assim, sem uma conotação ideológica clara.

<sup>8</sup> Sam Bottone, «The Negro Revolt: The Push Beyond Liberalism», *New Politics* 111, nº5 (Verão 1964), p.41.

choque». A ideia desta «política de choque» seria a de levar os liberais brancos a tomar a atitude correcta. Por isso, entre os sectores moderados, existe uma certa apreciação e respeito pelo discurso nacionalista separatista de Malcolm X (discurso este que chegaria a preocupar a comunidade branca como se verá adiante), embora não subscrevam todas as suas posições e o critiquem por não propor um programa em concreto.<sup>9</sup>

Nesta fase, o líder histórico dos direitos cívicos, Martin Luther King, cuja eficácia de liderança ficara provada nos acontecimentos de Montgomery e Birmingham, começa a mostrar-se pouco preparado para os problemas ambíguos e sem respostas fáceis que se lhe colocam, principalmente quando decide instalar-se em Chicago em 1966, numa procura de novas soluções para os residentes urbanos dos guetos.

King estava perante um outro desafio complexo que consistia na redefinição da sua relação com a nova militância negra. Este grupo ameaçava todos os valores pregados por King e colocava em perigo a sua influência moral na comunidade afro-americana.

Bayard Rustin, participante no movimento de direitos cívicos, denunciou a centralidade da questão económica e a necessidade premente de um programa correctivo para os afro-americanos:

What is the value of winning access to public accommodations for those who lack money to use them? The minute the movement faced this question, it was compelled to expand its vision beyond race relations to economic relations, including the role of education in modern society.<sup>10</sup>

---

<sup>9</sup> Bayard Rustin chama «“non-win” policy» a esta estratégia de choque, criticando-a por achar que não propõe medidas realistas para resolver os problemas institucionais de fundo, in «From Protest to Politics: The Future of the Civil Rights Movement», *Commentary* 39, n.º2, (Fevereiro 1965), p.27.

<sup>10</sup> *Ibid.*, p.25.

É possível observarem-se duas posições dos críticos de então perante o futuro do movimento e a prossecução da agenda económica. Bayard Rustin, por exemplo, apela a uma aliança entre negros e brancos (precisamente no início da fase de radicalização das posições por parte de alguns sectores das organizações negras, cuja influência ameaça possíveis consensos positivos em termos de acções económicas concertadas), e ainda indica a necessidade de união interna dentro do movimento de direitos cívicos.

A coalition of progressive forces which becomes the effective political majority of the United States. I speak of a coalition which staged the March on Washington [...] Negroes, trade unionists, liberals, and religious groups.<sup>11</sup>

Neste sentido, a congregação de negros, sindicatos, igrejas e liberais é apontada como a única via para conseguir as transformações sociais necessárias, tal como havia sido crucial para concretizar a Marcha de Washington em 1963. No entanto, é algo que nunca chegaria a concretizar-se.

Uma outra posição contrária vê nas diferentes organizações e facções dos afro-americanos, um sinal da sua força interna e não da sua fraqueza:

---

<sup>11</sup> Ibid., p.29. Rustin tinha a esperança que o movimento de direitos cívicos, após a aprovação do *Voting Rights Act*, se transformasse numa ala política formal do partido democrata, dando lugar a uma segunda fase do movimento. Embora a participação eleitoral dos afro-americanos tenha aumentado de 7% nas eleições presidenciais de 1966 para 11% nas eleições presidenciais de 1992, esta participação do eleitorado negro reforçou as tendências conservadoras dos eleitores e políticos brancos, acabando por empurrar os negros para uma posição cada vez mais marginal dentro do partido democrata e na política nacional em geral.

The variety of organizations and «leaders» among Negroes may be viewed as a sign of democracy, health, and the present strength of the movement rather than as a symptom of weakness.<sup>12</sup>

Uma das vozes mais desestabilizadoras do consenso integracionista, foi, sem dúvida, Malcolm X, que conseguiu um apoio significativo da comunidade dos guetos.

#### 4.2.2. Malcolm X e o discurso separatista

Durante os anos cinquenta, a organização político-religiosa *Nation of Islam* tinha-se mantido à margem do movimento integracionista porque não acreditava na vontade da sociedade branca em alterar o que, do seu ponto de vista, eram os fundamentos essencialmente racistas da sociedade americana. Nesta perspectiva, a *Nation of Islam*, apoiando-se nos valores conservadores considerados a base do sucesso dos americanos brancos (casamento estável, fidelidade, abstinência do álcool, bons hábitos de trabalho), propunha no seu programa o oposto dos grupos moderados integracionistas, designadamente a separação racial e a criação de uma nação-estado integralmente negra:

We want our people in America [...] to be allowed to establish a separate state or territory of their own. [...] We want equal education – but separate schools. [...] We believe that intermarriage or race-mixing should be prohibited.<sup>13</sup>

---

<sup>12</sup> Kenneth B. Clark, «The Civil Rights Movement: Momentum and Organization», *Daedalus* 95, n°1 (Inverno 1966), p.265.

<sup>13</sup> «"Program and Position" of the Nation of Islam», in *From Black Muslims to Muslims: The Transition from Separatism to Islam, 1930-1980* (1984), rpd. *Let Nobody Turn Us Around*, p.426.

Na mesma linha de pensamento da proposta de uma nação-estado separada, a organização também defendia o desenvolvimento de uma economia negra auto-suficiente:

We must remember that we just cannot depend on the white race ever to do that which we can and should do for self [...] We must stop relying upon the white man to care for us. We must become an independent people.<sup>14</sup>

Em 1960 a *Nation of Islam* possuía entre 65.000 e 100.000 membros por todo o país, dos quais três quartos entre os dezassete e os trinta e cinco anos. O crescimento desta organização criou muitos receios junto dos liberais brancos moderados e dos integracionistas negros que temiam o sucesso do movimento entre as classes desfavorecidas. Começaram a chamar-lhes defensores da «doutrina ódio-ao-branco» e acusaram o discurso separatista de fomentar o supremacismo branco.

---

<sup>14</sup> Elijah Muhammad, «A Program for Self-Development», in *Message to the Blackman in America* (1965), rpd. *Modern Black Nationalism*, pp.103-104. A *Nation of Islam* é uma das forças nacionalistas relevantes da década de sessenta. Nasce em Detroit durante a Grande Depressão, tendo sido fundada por W.D. Fard, e sucedido por Elijah Muhammad (após o desaparecimento do primeiro em circunstâncias nunca explicadas). Em 1945 a organização tinha apenas 1000 membros e quatro templos. Nesta altura Muhammad é condenado à prisão por resistir ao recrutamento militar. No pós-guerra Muhammad começa a recrutar membros entre as camadas de população mais desfavorecidas, e ainda nas prisões. É de salientar que Tom Khan e August Meier constatarem a entrada em declínio desta organização religiosa quando o ênfase da luta afro-americana se desloca do problema da segregação para o problema económico, uma vez que o «dogma apocalíptico» dos muçulmanos negros se torna «irrelevante» perante aspectos concretos como greves de rendas e boicotes de escolas. Manning Marable, *Race, Reform, and Rebellion*, pp. 55-57; Tom Kahn e August Meier, «Recent Trends in the Civil Rights Movement», *New Politics* 111, nº2 (Primavera 1964), p.52 e Rhoda Lois Blumberg, *Civil Rights: The 1960s Freedom Struggle*, p.143. Não se irá descrever em pormenor o movimento da *Nation of Islam*, porque o seu discurso político e de luta social é secundarizado a favor de um discurso tendencialmente religioso. Elijah Muhammad sempre procurou manter-se afastado da política (e políticos) americanos, não aparecendo empenhado na agenda do movimento de luta pelos direitos cívicos. Na década de noventa a *Nation of Islam*, liderada por Louis Farrakhan, volta a ganhar relevo, promovendo a *Millian Men March* em Outubro de 1995, considerada a maior concentração de sempre de afro-americanos.

Na realidade, até meados da década de sessenta, o que verdadeiramente separa a *Nation* dos restantes afro-americanos é estes últimos ainda acreditarem na possibilidade de integração, e os primeiros há muito terem assumido que isto nunca se concretizaria.<sup>15</sup>

Sam Bottone caracteriza o movimento como sendo politicamente absentista, economicamente conservador e racialmente segregacionista, acabando, inclusive, por recolher algum apoio da ultra-direita branca, uma vez que a esta última agradava a ideia de separação completa entre as duas comunidades e a construção de uma América totalmente branca.<sup>16</sup>

Em 1964, Malcolm X abandona a *Nation of Islam* após lhe ter prestado um excelente serviço através dos seus dotes de retórica, que funcionavam como chamariz dos habitantes do gueto. Ele próprio uma «child of the ghetto», veio a criar duas organizações em 1965: o grupo religioso *Muslim Mosque, Inc.* e a *Organization for Afro-American Unity* de carácter laico e político.<sup>17</sup>

Para os propósitos deste trabalho, interessa referir o discurso político separatista de Malcolm X, pois este viria a assumir uma

---

<sup>15</sup> August Meier, «The Black Muslims» (1963), in *A White Scholar and the Black Community, 1945-1965: Essays and Reflections* (Amherst: The Massachusetts University Press, 1992), p.128.

<sup>16</sup> Sam Bottone, «The Negro Revolt: The Push Beyond Liberalism», *New Politics* 111, nº5 (Verão 1964), p.41.

<sup>17</sup> De acordo com o próprio testemunho de Malcolm, após dez anos de dedicação ao grupo, ele é forçado a abandonar a organização pelo seu líder espiritual, Elijah Muhammad, , depois de ter feito referências negativas ao facto dos afro-americanos estarem de luto pelo assassinato de Kennedy, indo contra a posição de neutralidade política da organização. Citado por John T. McCartney, *Black Power ideologies: An Essay in African-American Political Thought* (Filadélfia: Temple University Press, 1992), p.184 e p.225. No entanto, parece que a verdadeira razão subjacente ao seu abandono da organização se prende com divergências políticas entre Malcolm e Muhammad e ainda com as discrepâncias que Malcolm constatou entre o que o seu líder pregava e o seu comportamento pessoal eticamente reprovável.

influência determinante nas posições políticas de muitos afro-americanos na segunda metade da década de sessenta.

Merece a pena analisar de perto dois discursos de Malcolm X dirigidos à comunidade negra urbana do Norte, «Message to the Grass Roots» (1963) e «The Ballot or the Bullet» (1964) para ilustrar o seu pensamento político e procurar compreender o seu impacte, não só na comunidade dos guetos como também na comunidade branca. Nestes discursos, Malcolm X revela de forma paradigmática a sua posição nacionalista separatista: «Our Gospel is black nationalism», diria ele.<sup>18</sup> Incitando à violência se necessário, tece fortes críticas aos líderes integracionistas, comparando-os ao «house Negro» do tempo da escravatura, os *Uncle Toms* do presente, manipulados pelos brancos para controlar a sua própria raça, enquanto que a população anónima é metaforizada como sendo o «field Negro», aquele que odeia o branco, e que procura revoltar-se contra ele:

You've got field Negroes in America today. I'm a field Negro. The masses are the field Negroes [...] Just as the slavemaster of that day used Tom, the house Negro, to keep the field Negro in check, the same old slavemaster today has Negroes who are nothing but modern Uncle Toms, twentieth-century Uncle Toms, to keep you and me in check, to keep us under control, keep us passive and peaceful and nonviolent.<sup>19</sup>

Um dos mentores intelectuais de Malcolm X foi o psiquiatra negro da Martinica, Franz Fanon, que mais tarde também viria a influenciar o *Black Power*. Na sua obra *Les Damnés de La Terre* (1961) Fanon desenvolve uma teoria da violência como força positiva para a libertação

---

<sup>18</sup> Malcolm X, «The Ballot or the Bullet» (3 Abril 1964), rpd. *Let Nobody Turn Us Around*, p.434.

<sup>19</sup> Malcolm X, «Message to the Grass Roots» (Novembro 1963), rpd. *The Eyes on the Prize*, pp.256-257.

política e cultural dos povos colonizados. Devido à influência desta obra que foi traduzida para o inglês e vendeu 750.000 cópias até 1970, os afro-americanos começaram a identificar-se com os países coloniais, sentindo-se como uma colónia dentro dos Estado Unidos, em guerra contra as forças culturais da degradação e da assimilação.<sup>20</sup>

Malcolm aponta o dedo aos líderes negros, cuja função real era controlar e conter o negro no seu lugar, e apela à verdadeira revolução, aquela que deveria ser sangrenta, hostil e destrutiva, criticando o movimento dos direitos cívicos por se apresentar como a única revolução não-violenta do mundo:

There is no such thing as a nonviolent revolution. The only kind of revolution that is nonviolent is the Negro revolution. [...] Revolution is bloody, revolution is hostile, revolution knows no compromise, revolution overturns and destroys everything that gets in its way.<sup>21</sup>

Um ano depois, de forma diferente e já fora da *Nation of Islam*, mas com a mesma força emotiva, reforça a ideia da luta activa:

We want freedom now, but we're not going to get it saying "We Shall Overcome". We've got to fight until we overcome.<sup>22</sup>

Nestes discursos, Malcolm menciona as discussões entre os diversos líderes nacionais, considerando-as reveladoras da posição de fraqueza das organizações que, segundo ele, estavam a perder o controlo das massas negras.

---

<sup>20</sup> William L. Van Deburg, «Franz Fanon: Raising the Consciousness of the Colonized», in *Modern Black Nationalism*, p.127.

<sup>21</sup> Malcolm X, «Message to the Grass Roots» (1963), rpd. *The Eyes on the Prize*, p.253.

<sup>22</sup> Malcolm X, «The Ballot or the Bullet» (1964), rpd. *Let Nobody Turn Us Around*, p.433.

Malcolm X também ataca frontalmente o governo federal, acusando-o de nada fazer pelos negros, a não ser servir-se dos seus votos nas eleições presidenciais:

It was the black man's vote that put the present administration in Washington D.C. your vote, your dumb vote, your ignorant vote, your wasted vote put in an administration in Washington D.C., that has seen fit to pass every kind of legislation imaginable, saving you until last. [...] And your and my leaders have the audacity to run around clapping their hands and talk about much progress we're making.<sup>23</sup>

A acusação, em suma, é a de que o governo e a democracia falharam perante o negro. Propõe então aquilo a que chama «uma nova interpretação» para a luta dos direitos cívicos, baseada na filosofia política do nacionalismo negro:

The black man should control the politics and the politician in his own community; no more. The black man in the black community has to be reeducated into the science of politics so he will know what politics is supposed to bring him in return. Don't be throwing out any ballots. A ballot is like a bullet.<sup>24</sup>

Um outro aspecto que muita polémica gerou foi o chamamento ao porte de armas (mais tarde recuperado pelo *Black Panther Party*). Esta posição levou à estigmatização de Malcolm por alguns sectores liberais, mesmo dentro do próprio movimento de direitos cívicos, que o viriam a acusar de incitamento à violência:

The only thing that I've ever said is that in areas where the government has proven itself either unwilling or unable to defend the lives and the property of Negroes, it's time for Negroes to defend themselves.<sup>25</sup>

Podem-se sintetizar as críticas de Malcolm em três linhas gerais: crítica à liderança manipulável e manipulada do movimento de direitos

---

<sup>23</sup> Ibid., pp.429-430.

<sup>24</sup> Ibid., p.433.

<sup>25</sup> Ibid.

cívicos, críticas à actuação do governo federal perante os afro-americanos, críticas ao sistema democrático que, segundo ele, falhou nos Estados Unidos. Como propostas de solução, Malcolm incita os afro-americanos à revolta violenta e à construção de um sistema político e económico paralelo sob o completo poder dos negros:

We must be in complete control of the politics of the so-called Negro community; we must gain complete control over the politicians in the so-called Negro community, so that no outsider will have any voice in the so-called Negro community. We'll do it ourselves.<sup>26</sup>

Na realidade, Malcolm propunha a criação de uma base de poder económico para que o diálogo com o mundo branco fosse de igual para igual. Com esta retórica, Malcolm atraía o negro urbano do gueto, porque procurava restituir-lhe os valores e identidade positiva perdidos desde os tempos de escravatura, submersos em instabilidade familiar, pobreza, droga, auto-ódio e caos, e ainda criava alternativas para o crescimento de algum poder económico, que permitiria o necessário poder político.<sup>27</sup>

Com este tom frontal e agressivo dirigido aos racistas brancos e à sua estrutura social considerada hipócrita, não é de admirar o impacto positivo da sua retórica em muitos negros pobres urbanos, pois Malcolm ia directamente ao encontro dos seus anseios e frustrações. Igualmente previsíveis seriam as reacções críticas dos negros moderados e o receio da retórica «anti-branca» entre a opinião liberal.

---

<sup>26</sup> Malcolm X, «An Interview by A.B. Spellman», in *By Any Means Necessary* (Nova Iorque: Pathfinder, [1970] 1992), p.6.

<sup>27</sup> Mais à frente neste capítulo analisar-se-ão a cultura da pobreza e as suas implicações no desenvolvimento de uma contra-cultura afro-americana e no desenvolvimento do *Black Power*.

É possível considerar que a militância Malcolm X obteve resultados ambíguos a vários níveis. O mais directo foi a adesão, já mencionada, de muitos negros das classes desfavorecidas aos ideais do movimento.

Um outro resultado foi o crescimento de um enorme receio entre os sectores liberais brancos, principalmente os que mais simpatizavam com o movimento dos direitos cívicos e que acreditavam na verdadeira sociedade *color-blind* integrada. Simultaneamente os brancos mais conservadores sentem-se aliviados por constatarem a existência de discursos extremistas dos dois lados.

Os ataques públicos de Malcolm X contra o racismo branco e o colonialismo no Terceiro Mundo viriam, mais tarde, a ganhar a atenção e apoio dos activistas da SNCC e do CORE, que assimilariam muitas das suas propostas políticas. Assassinado em 1965, com apenas trinta e nove anos, o seu pensamento constitui-se como um legado poderoso para a reconfiguração do movimento dos direitos cívicos e para a ascensão dos sentimentos de *Black Power*.

#### 4.2.3. O *Black Power* e o *Black Panther Party*

O discurso associado ao *Black Power* tem uma influência crescente a partir de 1965, sobrepondo-se ao discurso integracionista. Adoptado pelos nacionalistas negros e também por grande parte da comunidade afro-americana, o termo denotava um conceito ambíguo e vago. Para alguns, consistia apenas na confirmação da nova

consciência negra e orgulho racial; para outros, reflectia as exigências dos negros em controlarem as empresas, escolas e política dentro da própria comunidade negra; e finalmente para alguns extremistas era uma chamada para a luta de guerrilha contra a América branca. Por outro lado, a ideia de associar a palavra *black* com a palavra *power*, não agradava à América branca, que revelou verdadeiras dificuldades em assimilar o novo conceito.<sup>28</sup>

O slogan *Black Power* surge em público em Junho de 1966 durante uma marcha ao longo de uma autoestrada no Mississippi, que ainda mantinha muitas instituições públicas segregadas doze anos após a decisão *Brown*, dois anos após o *Civil Rights Act* e um ano após o *Voting Rights Act*.<sup>29</sup> Em Agosto de 1966, aparece publicado no *New York Times*, o «Position Paper on Black Power» da SNCC, expressando a absoluta necessidade dos negros se organizarem sem a «white interference». Stokely Carmichael, nessa altura líder da SNCC, radicaliza a organização inspirando-se nos discursos de Malcolm X (embora desde a censura ao discurso de John Lewis aquando da Marcha de Washington, a SNCC já fosse a mais inflexível e exigente de todas as organizações) e o «Position Paper» lança os primeiros princípios daquilo que viria a ser o *Black Power*:

No documento, apresentam-se argumentos contra o poder dos brancos e a sua função intimidatória junto dos negros, uma vez que não

---

<sup>28</sup> Paul Good, «A White Look at Black Power», *The Nation* (8 Agosto, 1966), p.112.

<sup>29</sup> A expressão «black power» aparece pela primeira vez como palavra de ordem na marcha na autoestrada do Mississippi, na sequência de um protesto iniciado por James Meredith (o primeiro negro a frequentar a Universidade do Mississippi), que é alvejado por um segregacionista branco, conduzindo os vários movimentos dos direitos cívicos à mobilização para dar continuação à marcha.

lhes permitia a livre expressão, especialmente entre a «broad masses of people». Reitera-se, ainda, a ideia de já não ser necessária a presença dos brancos no movimento de direitos cívicos, nomeadamente na SNCC, pois compara a posição dos brancos dentro do movimento de direitos cívicos ao papel dos funcionários públicos brancos nos países coloniais, considerando que todos revelavam a mesma «atitude paternalista» perante os negros:<sup>30</sup>

An all-black project is needed in order for the people to free themselves. [...] If we are to proceed toward true liberation, we must cut ourselves off from white people. We must form our own institutions, credit units, co-ops, political parties.<sup>31</sup>

Um aspecto fundamental neste «Position Paper» para a composição do ideal de *Black Power* é a importância atribuída aos traços distintivos da cultura afro-americana. Esta aparece reforçada através do apelo aos critérios negros (por oposição aos brancos) para a definição da qualidade artística. O documento indica, também, a necessidade dos afro-americanos «escreverem as suas próprias histórias», apontando para o *Black Arts Movement*, mais à frente referido, e iniciando um debate cuja discussão se prolongaria até à década de noventa, em redor daquilo que se passou a designar por multiculturalismo.<sup>32</sup>

---

<sup>30</sup> Student Nonviolent Coordinating Committee, «Position Paper on Black Power» (5 Agosto 1966), rpd. *Modern Black Nationalism*, pp.120-126.

<sup>31</sup> Ibid., p.122.

<sup>32</sup> A expressão «multiculturalismo» designava um fenómeno centrado inicialmente na alteração dos currículos universitários e mais tarde alargado aos currículos das escolas públicas. Propunha-se, em substituição do chamado «velho canon ocidental» a introdução da história, cultura e literatura das minorias (étnicas, raciais e mulheres) que compunham a população norte-americana. A posição «multicultural» implica a rejeição da imagem assimilacionista e do «melting pot» vista como a imposição da cultura dominante WASP sobre as outras. Para aprofundamento do tema ver Nathan Glazer, *We Are All Multiculturalists Now* (Cambridge, Massachusetts: Harvard

É difícil definir de forma unívoca aquilo em que o *Black Power* se transformou. No entanto, há traços comuns que estabelecem pontos de contacto entre os seus vários aspectos e tendências.<sup>33</sup> A avaliar pelo número dedicado ao *Black Power* da revista *Rights and Reviews* (1966/67) órgão da secção de Harlem do CORE, conclui-se que as posições vão da contestação completa ao sistema americano, até à defesa da violência como forma de contra-resposta à repressão branca, passando pelo reforço da beleza dos valores culturais afro-americanos e da sua aparência física. Assim, o movimento revela-se em várias tendências e manifestações, nem sempre concordantes entre si, embora o ponto de partida seja sempre o mesmo, ou seja, a detenção do poder por parte da comunidade afro-americana: poder político para uns, poder económico para outros e ainda o poder cultural para abraçar valores diferentes dos da sociedade branca.

O *Black Power* expressou-se quer em partidos políticos como o *Black Panther Party*, quer na obra poética e ensaísta de autores como Imamu Amiri Baraka. Enquanto que a tendência mais moderada, como foi o caso do *Congressional Black Caucus* (o grupo de congressistas afro-americanos que lutam, através do sistema, pelos interesses da sua comunidade) já nos anos setenta, defendia que se podia trabalhar dentro de um sistema pluralista cujos diferentes grupos deviam

---

University Press, 1997); Arthur M. Schlesinger, Jr., *The Desuniting of America* (Nova Iorque: W.W. Norton and Company, 1991); Patricia J. Williams, *Seeing a Color-Blind Future: The Paradoxes of Race* (The 1997 Ruth Lectures, Londres: Virgo Books, 1997); Todd Gitlin, *The Twilight of Common Dreams: Why America is Wracked by Culture Wars* (Nova Iorque: Metropolitan Books, 1995).

<sup>33</sup> Para uma abordagem aprofundada sobre os diversos aspectos e tendências do *Black Power*, ver John T. McCartney, *Black Power Ideologies*, pp.111-132

reconhecer as exigências de cada um, as tendências mais extremistas afirmavam ser necessário alterar o sistema social americano no seu conjunto, incluindo valores e crenças, para se conseguir alcançar a igualdade racial. O *Black Panther Party* é exemplificativo desta posição. Uma outra corrente, mais radical ainda, defendia não ser possível operar dentro do sistema, sendo por isso necessário reinventar uma sociedade afro-americana separada, com novos valores culturais, em substituição dos valores africanos que se haviam perdido ao longo de várias décadas de escravidão. Imamu Amiri Baraka insere-se nesta última categoria, a dos «reinventores culturais».<sup>34</sup> Como pano de fundo comum a todas estas vertentes dentro do *Black Power* existe consenso no significado a atribuir ao termo *power*, ou seja, a crença na auto-determinação negra como estratégia viável para a emancipação da raça e a crença na liderança negra da própria comunidade para responder aos problemas. Rejeita-se liminarmente a estratégia integracionista de apelo à consciência da restante sociedade para alcançar o objectivo da igualdade. Do ponto de vista dos apoiantes da ideologia do *Black Power*, esta estratégia fora experimentada desde 1954 sem resultados.

---

<sup>34</sup> Nascido LeRoi Jones, Imamu Amiri Baraka é um admirador confesso de Malcolm X e das doutrinas do nacionalismo negro. Em 1968, co-edita uma antologia de literatura afro-americana, *Black Fire: An Anthology of Afro-American Writings* onde transparece a nova estética negra. O seu poema intitulado «Black Art» (1969) revela agressividade expondo a violência negra contra a opressão das instituições brancas e judaicas. Também no seu texto «The Revolutionary Theatre» (1964) é evidente o seu ódio ao branco e o incitamento à violência: «White men will cower before this theatre because it hates them.[...] White businessmen of the world, do you want to see people really dancing and singing??? All of you go up to Harlem and get yourself killed. There will be dancing and singing, then, for real». Imamu Amiri Baraka, «The Revolution Theatre» (1969), rpd. *The Norton Anthology*, pp.1899-1902; «Black Arts» (1969), rpd. *The Norton Anthology*, pp.1883-1884.

Julian Bond explica em «Basic and Political Assumptions of *Black Power*», publicado na *Rights and Reviews*, que o ponto de vista político do *Black Power* parte de vários pressupostos, todos eles envolvendo alterações institucionais na sociedade americana, uma vez que o sistema social vigente, constituindo parte do problema, não tem capacidade para resolver as grandes questões da actualidade. Acrescenta que a América branca só fará concessões aos negros se para isso for pressionada, afirmando que as alianças entre negros e brancos não só não servem os interesses dos negros, como são manipulações do eleitorado negro para ganhos políticos dos brancos. Por fim, Julian Bond pede aos negros para manterem a consciência racial bem viva enquanto forem vítimas do sistema racista dominante:

Black Power, as a political technique, stems from several basic assumptions about change in America: That the social system, as organized, is no longer capable of solving, through normal channels, the urgent problems presented to it by history; that the social system, as organized, is part of the problem and cannot be appealed to as an independent arbiter in power conflicts of which it is a part; that white Americans, generally speaking, lack the will, the courage, and the intelligence to voluntarily grant Negroes their civil rights and that they must be forced to it by pressure [...] In general the so-called alliances between Negroes and whites do not serve the interests of Negroes. [...] They are ad hoc arrangements to use the Negro vote to elect certain white politicians. [...] Negroes must not forget race consciousness as long as they are victims of racism.<sup>35</sup>

O *Black Power* seria assim, concebido como um poder «palpable, manipulatable, blackcontrolled [...] that carries with it a sense of dignity for black people with a feeling of security from white caprice».<sup>36</sup> Hipoteticamente, segundo C. Eric Lincoln, até seria possível construir

---

<sup>35</sup> Julian Bond, «Basic and Political Assumptions of Black Power», *Rights and Reviews* (Inverno 1966/67), p.6.

<sup>36</sup> C. Eric Lincoln, «Color and Group Identity in the United States», *Daedalus* 96, nº2 (Inverno 1967), p.539.

um poder com estas características se surgisse «an organized, voting black minority with a substantially unified ideological orientation».<sup>37</sup> A realidade dos factos, contudo, não viria a sustentar esta hipótese. Não só o conceito de *Black Power* é difuso e sofre de múltiplas interpretações, como também nunca se assistirá a uma «unified ideological orientation» entre os afro-americanos. Para além dos vários grupos organizados terem entendimentos muito diferentes quanto ao conceito de *Black Power*, a própria minoria afro-americana não é homogénea em termos de objectivos de vida, educação e rendimento, o que a impede, principalmente a partir da segunda metade da década de sessenta, de reivindicar a uma só voz.<sup>38</sup>

Uma faceta que ressalta do movimento, é a construção de uma nova auto-imagem, desta vez dirigida às populações urbanas negras. Não só esta reconstrução tem alguns pontos de contacto com a promoção de orgulho racial de Marcus Garvey, como se inspira na retórica de Malcolm X. Os novos nacionalistas, detentores de uma recém-adquirida auto-estima e desejosos de mostrar à sociedade a «nova» beleza racial, apelam insistentemente ao orgulho negro, e a uma representação descomplexada da sua imagem:

The Black Power movement seeks to instill in the hearts of black people, everywhere, a deep pride and awareness of the beauty of being black.<sup>39</sup>

Na introdução do número referido da revista *Rights and Reviews* Roy Innis frisa a importância dos aspectos sócio-psicológicos do novo

---

<sup>37</sup> Ibid.

<sup>38</sup> Ibid.

<sup>39</sup> Floyd McKissick, «Why We Still Haven't Overcome», *Rights and Reviews* (Inverno 1966/67), p.7.

movimento do *Black Power* nos quais o autor inclui a recuperação da língua, religião, mitos e valores roubados pelo homem branco, e que levaram à progressiva «desumanização» do afro-americano. Ou seja, o afro-americano à data não tinha outros valores que não os da sociedade branca, que lhes impunha um sentimento de inferioridade, nomeadamente nos aspectos ligados aos critérios de beleza física (olhos azuis e cabelo louro), que os negros não conseguiam cumprir, mas para os quais o novo sentimento e postura do *Black Power* servia de antídoto:

Almost everything in America – TV, books, films, authority – reflects whiteness, and the constant reiteration of the virtues of being white causes a flight from blackness by the black man. He then feels that a person, thing, or idea is only good as it is white or by the amount of white attributes it possesses. His neurotic attempts to obtain whiteness falls short of full success. He becomes frustrated, defeated and unorganizable [sic]. This is why there is an impelling need to emphasize the socio-psychological aspects of Black Power.<sup>40</sup>

Com estas novas propostas sobre o papel e a imagem da comunidade negra na sociedade americana, as dissidências e bi-partições no interior das organizações de direitos cívicos agudizam-se, com os adeptos do *Black Power* a radicalizar as suas ideias. Em 1966, Floyd McKissick do CORE e Stokely Carmichael, eleito líder da SNCC, em substituição de John Lewis, estão cada vez mais afastados do pensamento integracionista de Martin Luther King e da NAACP, começando a aparecer em situações de destaque e influência no movimento e na opinião pública.<sup>41</sup> Nesse ano, havia noventa e sete

---

<sup>40</sup> Roy Innis, «Black Power – Phase I: Psychological Warfare», *Rights and Reviews* (Inverno 1966/67), p.4

<sup>41</sup> Stokely Carmichael, um jovem com experiência adquirida nas campanhas de recenseamento do Mississippi, vai alterar os conceitos de acção directa não-violenta dentro da SNCC, para um activismo mais radical. Ao longo da década de sessenta, há também uma transformação na origem geográfica dos membros desta organização, antes maioritariamente sulista, e agora maioritariamente nortista. Será a partir desta

negros nas legislaturas estaduais e seis congressistas, mas ainda nenhum negro tinha chegado ao cargo de *mayor*.<sup>42</sup> Só em 1967 é que surgiria o primeiro sucesso de campanhas eleitorais para candidatos afro-americanos, como foi o caso de Carl Burton Stokes, escolhido para *mayor* da oitava maior cidade do país, Cleveland, Ohio.

Stokely Carmichael assume uma posição não-integracionista, afirmando a absoluta necessidade dos afro-americanos controlarem as suas próprias instituições, à semelhança do que Elijah Muhammad e Malcolm X já haviam afirmado:

Integration is an insidious subterfuge when initiated by blacks alone. So we've got to move to control neighborhoods, sections and counties politically and economically just like every other American minority has done.<sup>43</sup>

O líder da SNCC, através desta declaração, pretendia dizer que a integração não era uma solução adequada para os problemas dos afro-americanos, sendo necessário avançar para a criação de instituições integralmente negras a nível económico e político. Um outro argumento a favor do nacionalismo negro no contexto político americano é o paralelismo, indicado pelos separatistas, entre a comunidade negra e as outras comunidades de emigrantes, que sempre reivindicaram e exerceram o direito à sua própria etnicidade:

America is a land of nationalities, little nations that is, like Italian nationalists, Jewish nationalists, Irish nationalists, Polish nationalists.

---

altura (1966) que Carmichael reorientará a organização no sentido monorracial, in Paul Good, «A White Look at Black Power», *The Nation* (8 Agosto 1966), p.113.

<sup>42</sup> Franklin e Moss, *From Slavery to Freedom*, p.525.

<sup>43</sup> Stokely Carmichael entrevistado por Paul Good, in Paul Good, «A White Look at Black Power», *The Nation* (8 Agosto 1966), p.113.

So we have to affirm the right to be black nationalists, Afro-American nationalists.<sup>44</sup>

Nesta linha, a SNCC e o CORE, organizações interracialistas até 1966, em sintonia com os valores do *Black Power*, rejeitam e expulsam os seus membros brancos:

The reasons that whites must be excluded is not that one is anti-white, but because the efforts that one is trying to achieve cannot succeed because whites have an intimidating effect [...]. Thus an all-black project is needed in order for the people to free themselves.<sup>45</sup>

O sentimento de superioridade moral do negro e a necessidade de explorar os sentimentos de culpa do branco nesta fase da luta, transparecem na síntese de um estudante afro-americano em resposta a um colega branco: «You can't call me "black" and that's your guilt. I can call myself "black" and that's my freedom.»<sup>46</sup>

Um dos grupos nacionalistas mais representativos do *Black Power*, não só em termos de programa político como também em termos de impacto na opinião pública americana, foi o *Black Panther Party for Self Defense* (fundado em Oakland, California, em Outubro de 1966 por Huey Newton e Bobby Seale). Este partido apresentava-se como uma organização de autodefesa da comunidade contra os abusos policiais. Criticavam o capitalismo imperialista e procuravam conciliar o

---

<sup>44</sup> Larry Neal, «Where Do We Go From Here: A Black Power Dialogue», *Rights and Reviews* (Verão 1968), p.17. Larry Neal é o co-editor, juntamente com Imamu Amiri Baraka de *Black Fire: An Anthology of Afro-American Writings* (1968).

<sup>45</sup> Student Nonviolent Coordinating Committee, «Position Paper on Black Power» (1966), rpd. *Modern Black Nationalism*, pp.120-126.

<sup>46</sup> Citado por C. Eric Lincoln, «Color and Group Identity in the United States», *Daedalus* 96, n.º2 (Inverno 1967), p.541. Esta citação também ilustra a relação que os afro-americanos vão estabelecendo com os termos utilizados para se auto-nomearem. Há alterações nas designações que reflectem a maior segurança cultural e racial do grupo: «The assault on epithets such as «Negro» and «colored» was furious as the traditional slave terms were dropped in favor of black», C. Eric Lincoln e Lawrence H. Mamiya, *The Black Church in the African American Experience*, p.166.

nacionalismo afro-americano com sectores dos países do Terceiro Mundo,<sup>47</sup> tendo assimilado influências de Malcolm X, dos ensinamentos de Mao Tse-Tung e do pensamento anti-colonialista de Franz Fanon.

O programa fundador do partido merece ser olhado com algum detalhe, pois é representativo das várias posições e perspectivas englobadas no conceito de *Black Power*, previamente discutidas. O programa divide-se em duas partes: «What We Want, What We Believe» e «Rules of the Black Panther Party». A primeira foca as exigências do partido perante a América branca, às quais Eldridge Cleaver, «ministro da informação» do partido, chama os dez pontos básicos de contestação ao sistema capitalista vigente. A segunda parte enuncia em detalhe as regras do partido.<sup>48</sup> Assim, na primeira parte assumem-se os princípios do movimento *Black Power* nas suas premissas essenciais: a exigência de que o negro controle o seu próprio destino, através do poder económico dentro da sua comunidade, e ainda a reivindicação de compensações para tudo o que lhe fora roubado durante a escravatura.<sup>49</sup>

---

<sup>47</sup> Rhoda Lois Blumberg, *Civil Rights: The 1960s Freedom Struggle*, pp.144-146 e Manning Marable e Leith Mullings, «We Shall Overcome: The Second Reconstruction: Introduction», in *Let Nobody Turn Us Around*, pp.372-376. De assinalar que a crescente ligação que estes grupos procuram estabelecer com o Terceiro Mundo colonizado, já fora antecipado por Malcolm X e será também defendido por Martin Luther King precisamente na mesma altura. Como exemplo de outros grupos nacionalistas criados na época conta-se o *Black Community Development and Defense Organization*, do poeta Imamu Amiri Baraka.

<sup>48</sup> Eldridge Cleaver, «The Two Nations of Black America», *Entrevistado por Henry Louis Gates Jr. para o programa de TV Frontline do canal PBS, 1997, [www.pbs.org/wgbh/pages/frontline/shows/race/interviews/ecleaver.html](http://www.pbs.org/wgbh/pages/frontline/shows/race/interviews/ecleaver.html)*

<sup>49</sup> O programa compara o genocídio de seis milhões de judeus durante a II Grande Guerra ao massacre de mais de cinquenta milhões de afro-americanos, o que justificaria a exigência ao governo de uma compensação financeira idêntica à recebida por Israel da Alemanha: «The Germans are now aiding the Jews in Israel for the genocide of the Jewish people. The Germans murdered six million Jews. The American racist has taken part in the slaughter of over fifty million black people.», «October 1966

We want freedom. We want power to determine the destiny of our Black Community. [...] We believe that if the white American businessmen will not give full employment, then the means of production should be taken from the businessmen and placed in the community so that the people of the community can organize and employ all of its people and give a high standard of living. We want an end to the robbery by the white man of our Black Community.<sup>50</sup>

O programa chamava a atenção para o facto de toda a economia e instituições serem controladas pelo homem branco, desde as escolas e a habitação até à violência policial. Ainda na primeira parte do programa, o partido considerava que os afro-americanos deviam ter o direito de criar grupos de auto-defesa com o objectivo de proteger a sua comunidade da opressão policial racista:

We want an immediate end to the police brutality and murder of black people. We believe we can end police brutality in our community by organizing black self-defense groups that are dedicated to defending our black community from racist police oppression and brutality.<sup>51</sup>

O *Black Panther Party* também criou o *Black Liberation Army*. Pelo facto de transportarem armas conseguiram um objectivo fundamental: serem vistos como iguais e não como inferiores. A concretização deste objectivo parecia ser fundamental para abrir a possibilidade de diálogo entre as duas comunidades raciais.<sup>52</sup> Exigiam ainda, a isenção do cumprimento do serviço militar para os afro-americanos, uma vez que não se justificava a defesa de um regime racista que não protegia a

---

Black Panther Party Platform and Program: What We Want, What We Believe», rpd. *Let Nobody Turn Us Around*, p.469.

<sup>50</sup> Ibid.

<sup>51</sup> Ibid., pp.469-470.

<sup>52</sup> Uma das mais notórias acções deste «exército» foi a «invasão» do edifício do Capitol em Sacramento, Califórnia a 2 de Maio de 1967 (Ronald Reagan era o governador na altura). Trinta «irmãos e irmãs», vinte dos quais visivelmente armados resolvem entrar no edifício em protesto contra um projecto-lei que pretendia acabar com a lei estadual de autorização de porte de armas. Esta acção, reportada em directo por vários canais de televisão, levaria à detenção de vários elementos do partido, embora os «irmãos» estivessem dentro do seu direito constitucional de transportar armas, desde que visíveis, como aliás é explicado por Booby Seale, em «Seize the Time» (1968), rpd. *The Eyes on the Prize*, pp.348-361 e Huey P. Newton, «The Founding of the Black Panther Party» and «Patrolling» in *Revolutionary Suicide* (1973), rpd. *The Eyes on the Prize*, p.347.

comunidade negra. Pediam igualmente a libertação de todos os presos afro-americanos, por estes não terem sido submetidos a um julgamento justo e imparcial. Por fim, na primeira parte do programa reivindicavam um plebiscito para aquilo que designavam como a «black colony». A ideia seria a própria comunidade determinar o seu destino nacional sob a supervisão das Nações Unidas, pois o partido arrogava-se no direito de recusar um governo que praticava abusos históricos despóticos.<sup>53</sup>

Retrospectivamente, Huey P. Newton em 1971 e Eldridge Cleaver em 1997 (o qual acaba por se transformar num dissidente ao partido auto-exilando-se)<sup>54</sup> vêem os Panteras Negras como o único grupo afro-americano com um verdadeiro programa político prático e exequível. O primeiro, em 1971, assenta a sobrevivência do partido no «programa de dez pontos» acima sintetizado:

The only reason why the Party is still in existence at this time [1971] and that we have been able to survive the repression of the Party and murders of some of our most advanced comrades is because of the Ten-Point Program – our survival program.<sup>55</sup>

Eldridge Cleaver, em 1997, confirmaria a importância do programa como forma de contestação e como forma de apresentação de soluções

---

<sup>53</sup> «October 1966 Black Panther Party Platform and Program: What We Want, What We Believe», rpd. *Let Nobody Turn Us Around*, pp.469-471.

<sup>54</sup> Eldridge Cleaver - cujo percurso de vida é semelhante ao de Malcolm X, pois é encarcerado por posse de droga em 1954, e converte-se ao Islamismo Negro dedicando grande parte da sua pena de prisão em actividades auto-didactas - em 1967 torna-se «ministro da informação» do partido, publicando um livro que se tornaria famoso, *Soul on Ice* em 1968. O estilo, tom e ideologia presentes no *Soul on Ice* influenciaram muitos autores do *Black Arts Movement* dos anos sessenta, havendo muitos professores da escola secundária e universidades a utilizar estes textos na sala de aula como representativos da cultura e valores negros.

<sup>55</sup> Huey P. Newton, «On the Defection of Eldridge Cleaver from the Black Panther Party and the Defection of the Black Panther Party from the Black Community», *Black Panther Intercommunal News Service* (17 Abril 1971), rpd. *Let Nobody Turn Us Around*, p.474. Em 1971, após a saída de Cleaver do partido, Huey P. Newton produz este documento no qual o partido surge com um tom mais moderado, tecendo-se várias críticas ao desempenho de Cleaver, considerando-o responsável pelo afastamento do partido em relação à comunidade negra.

para a comunidade afro-americana, num contexto de progressiva afirmação de luta contra um sistema que subalternizara os afro-americanos a todos os níveis - económico, cultural, social e político:

We had a strong economic place in our program. We had a direct challenge – the whole exploitation of the capitalist economy in our ten points.<sup>56</sup>

Em 1969, o partido já se encontrava sediado em todo o país, comprovando o crescente apoio popular. Nesse mesmo ano, vinte e sete membros são mortos e 749 são detidos pela polícia.<sup>57</sup> O partido revestia-se de uma imagem de tal forma ameaçadora para o governo americano (porte de armas e retórica separatista de desenvolvimento económico) que, desde cedo, se debate com o problema da perseguição política. Um ano após a fundação do partido, o FBI através do seu director J. Edgar Hoover estava determinado a destruir os grupos por ele designados como «black nationalist-hate groups», através de esforços para «expose, disrupt, misdirect, discredit, or otherwise neutralize the activities of black nationalist, hate-type organizations and groupings».<sup>58</sup>

Em relação à vertente separatista do movimento do *Black Power* surgem críticas por parte dos grupos de direitos cívicos moderados (aqueles que, desde Malcolm X, são descritos pelos agora adeptos do *Black Power* como cúmplices e coniventes com o poder político racista) que o vêem como uma ameaça aos objectivos integracionistas do

---

<sup>56</sup> Eldridge Cleaver, «The Two Notions of Black America», *Entrevistado por Henry Louis Gates Jr. para o programa de TV Frontline do canal PBS*, 1997, [www.pbs.org/wgbh/pages/frontline/shows/race/interviews/ecleaver.html](http://www.pbs.org/wgbh/pages/frontline/shows/race/interviews/ecleaver.html)

<sup>57</sup> Manning Marable e Leith Mullings, «We Shall Overcome: The Second Reconstruction, Introduction», in *Let Nobody Turn Us Around*, p.479.

<sup>58</sup> Ver J. Edgar Hoover, «Counterintelligence Program Black Nationalist-Hate Groups, Internal Security» (25 Agosto 1967), rpd. *Modern Black Nationalism*, pp.133-135.

movimento dos direitos cívicos. Bayard Rustin, um dos ajudantes-de-campo de Martin Luther King na SCLC, num texto publicado na revista *Commentary* em 1966, caracteriza o debate suscitado pelo nascimento do *Black Power* como perigoso, considerando que estas manifestações extremistas só comprovam que o negro se sente enfraquecido e jamais poderá conseguir o que ambiciona:

“Black Power” has touched off a major debate – the most bitter the community has experienced since the days of Booker T. Washington and W. E. B. Du Bois, and one which threatens to ravage the entire civil-rights movement.<sup>59</sup>

No mesmo texto, acrescenta a sua preocupação com os efeitos políticos negativos que este apelo ao *Black Power* poderá vir a ter para a comunidade afro-americana, isolando-a da sociedade americana:

Its propaganda is positively harmful. It diverts the movement from a meaningful debate over strategy and tactics, it isolates the Negro community and encourages the growth of anti-negro forces.<sup>60</sup>

Mas os próprios apoiantes do movimento contra-atacam os críticos integracionistas, designando-os de Uncle Toms, coniventes com o poder branco, como é o exemplo de um texto de Ralph Edwards, onde se faz a apologia da violência defensiva:

The main reason [why the term Black Power has aroused so much anxiety] is that the so-called liberal whites and the Black Uncle Toms believe that Black Power implies black violence. [...] Any true proponent of Black Power should be committed to a special kind of violence – defensive violence. [...] Whitey and Old Tom don’t want us to engage in any kind of violence; they don’t even want us to defend ourselves. [...] Defensive violence is the violence that opposes violence.<sup>61</sup>

---

<sup>59</sup> Bayard Rustin, «“Black Power” and Coalition Politics», *Commentary* 42, n°9 (Setembro 1966), p.35.

<sup>60</sup> Ibid.

<sup>61</sup> Ralph Edwards, «Defensive Violence vs. Militant Nonviolence», *Rights and Reviews* (Inverno 1966/67), p.16.

Ainda no mesmo texto, o autor insurge-se contra a chamada militância não-violenta preconizada pelas organizações de direitos cívicos tradicionais. O resultado palpável foi, segundo este autor, «the blood of little black children».<sup>62</sup>

Na realidade, o movimento do *Black Power* desfez o entendimento superficial e a aliança forçada pelas circunstâncias entre as organizações afro-americanas dos direitos cívicos. Há, assim, várias interpretações para os acontecimentos da terceira fase da luta. Uns vêem nas cisões do movimento uma luta interna pelo poder e uma posição acomodacionista face às posições do liberalismo do partido democrata. Outros consideram os discursos de auto-defesa do *Black Power* responsáveis pela resistência dos liberais brancos em tomar medidas económicas efectivas, pois estas ameaçam a sua posição privilegiada. Outros, ainda, vêem na revolta dos guetos e na radicalização das posições o acumular das frustrações e opressões económicas e sociais que finalmente (dado o contexto de maior tolerância e abertura por parte da sociedade branca) eclodem.

Subsiste por resolver, apesar da emergência do sentimento do *Black Power* e da sua capacidade unificadora, o problema da policromia ou divisão interna da comunidade negra:

Whether color alone is a unifying force sufficient to weld together in a monolithic (or, better, monochromatic) sociopolitical movement a black minority exhibiting an immense spectrum of needs, wants, desires, and intentions based on conflicting systems of values [...] Negroes in America still do not know who they are.<sup>63</sup>

---

<sup>62</sup> Ibid.

<sup>63</sup> C. Eric Lincoln, «Color and Group Identity in the United States», *Daedalus* 96, n.º2 (Inverno 1967), p.539.

O conceito e valor do *Black Power* foi construído, também, como reacção ao branco, às suas estruturas e sistemas de poder e ao seu conjunto de valores. O movimento afirmou-se quando toda a conjuntura política e social estava finalmente madura para poder crescer no seu seio um movimento de propostas alternativas ao sistema da sociedade da maioria: na vertente cultural, uma auto-imagem renovada e na vertente política, já não o apelo e exigência de integração, mas antes a defesa do auto-desenvolvimento económico e da auto-gestão das instituições sediadas na comunidade - escolas, polícia, hospitais. Este movimento, (pelo menos nos seus sectores mais radicais) parece surgir como uma profunda reacção de ódio ao branco conduzindo à sua rejeição. Afinal, parece estar-se a dar alguma razão a Gunnar Myrdal, que tão criticado fora, nomeadamente por Ralph Ellison, por analisar a evolução e história do afro-americano do ponto de vista da mera reacção face ao branco.

Simultaneamente, na sua vertente cultural, o *Black Power* transformou-se numa influência de vasto alcance, muitíssimo popular entre a população negra, revolucionando os conceitos e práticas de cultura, música, educação e relações sociais:

Across this country, young black men and women have been infected with a fever of affirmation. They are saying, “we are black and beautiful”, and the ghetto is reacting with a liberating shock of realization [...] They are rediscovering their heritage and their history, seeing it with newly focused eyes, struck with the wonder of that strength which has enabled them to endure and, in spirit, to defeat the power of prolonged and calculated oppression. After centuries of being told, in a million different ways, that they are not beautiful [...] black people have revolted.<sup>64</sup>

---

<sup>64</sup> Hoyt Fuller, «Towards a Black Aesthetic» (1968), rpd. *The Norton Anthology*, p.1813. O professor universitário, Maulana Ron Karenga, foi também um teórico importante

Este excerto de Hoyt Fuller aponta para o papel determinante do *Black Power* na reconciliação dos afro-americanos com a sua auto-imagem e com as suas raízes culturais africanas. Pela primeira vez na sua história, a comunidade pode afirmar-se segura e positivamente como descendente de África. A procura duma unidade política nacionalista entre todos os descendentes africanos transparece na produção artística da segunda metade da década em estudo, naquele que ficou conhecido pelo *Black Arts Movement*.<sup>65</sup> Este movimento é visto pelo seus promotores como um processo estético correctivo, «a means of helping black people out of the polluted mainstream of Americanism» utilizando a produção literária para transformar «an American Negro into an African-American or black man.»<sup>66</sup>

Segundo Phillip Brian Harper, o *Black Arts Movement* obedeceu a um impulso de solidariedade racial que «includ[ed] all members of the African diaspora [...] invoking a political Pan-Africanism posited as characteristic of the Black Arts project.»<sup>67</sup> O curto poema de Imamu Amiri Baraka «SOS» (1965) constituir-se-ia como o paradigma desta invocação, com o chamamento à união: «Calling black people/Calling all

---

para o nacionalismo cultural dos anos sessenta, adoptando um nome suahili e defendendo a celebração do feriado *Kwanzaa* em sintonia com a tradição africana na época das colheitas. Ver Maulana Ron Karenga, *The African American Holiday of Kwanza: A Celebration of Family, Community and Culture* (1988).

<sup>65</sup> Normalmente aponta-se o início deste movimento em 1965, quando Imamu Amiri Baraka e outros activistas culturais negros fundam o *Black Arts Repertory Theatre/School* (BARTS) em Harlem.

<sup>66</sup> Addison Gayle Jr., «Introduction», in *The Black Aesthetic* (Nova Iorque: Doubleday, 1971), p.xxii.

<sup>67</sup> Phillip Brian Harper, «Nationalism and Social Division in Black Arts Poetry of the 1960s», *Critical Inquiry* 19 (Inverno 1993), p.235.

black people, man woman child».<sup>68</sup> Addison Gayle Jr., um dos mais importantes teorizadores do movimento, diria na introdução da antologia dedicada à nova estética, *The Black Aesthetic* que o artista afro-americano dos anos sessenta «has given up the futile practice of speaking to whites, and has begun to speak to his brothers [...]to point out to black people the true extent of the control exercised upon them by the American society».<sup>69</sup> Esta reinvenção dos negros americanos e os seus esforços de africanização levou-os também à rejeição dos seus «slave names» (à semelhança do que faziam os membros da *Nation of Islam*). A vertente estética da luta dos negros pretendia, acima de tudo e à semelhança do que se passava no campo político, económico e social, transformar a imagem e representação dos negros na literatura e na arte, libertando-a definitivamente dos estereótipos e reconciliando-a finalmente com os seus traços fisionómicos, encontrando-se isto plenamente visível no slogan *black-is-beautiful*. Uma das prioridades do movimento foi manter-se fiel às raízes populares e por isso considerou inaceitavelmente burgueses a criação dos *black studies* que começavam a surgir nas universidades.<sup>70</sup>

As propostas do *Black Power*, como referido antes, eram muito distintas do tom integracionista e do discurso de amor ao próximo de Martin Luther King, criando-lhe, portanto, novos desafios. Por outro lado, a percepção das condições de vida nos guetos e a necessidade de

---

<sup>68</sup> Imamu Amriri Baraka, «SOS» (1965), rpd. *The Norton Anthology*, p. 1883.

<sup>69</sup> Addison Gayle Jr., «Introduction», in *The Black Aesthetic*, p.xxi.

<sup>70</sup> Phillip Brian Harper, «Nationalism and Social Division in Black Arts Poetry of the 1960s», *Critical Inquiry* 19 (Inverno 1993), p.252.

agir e publicitar esse problema conduziu o líder histórico a instalar-se em Chicago, com novos planos de intervenção cívica e política.

No mesmo ano em que o *Black Panther Party* é fundado, Martin Luther King resolve transferir-se (juntamente com a SCLC) para Chicago, iniciando a segunda fase da sua carreira, onde opta por fundir os direitos cívicos com a cruzada pelos direitos humanos, esta última desestabilizadora do ponto de vista social e político, por ser menos tolerante em relação às estruturas de poder.<sup>71</sup> Assim, King constrói um novo discurso centrado em três questões fundamentais: as necessidades básicas da comunidade negra dos guetos (inovação que parece não ter alcançado grande sucesso, como se procurará explicar), críticas severas à Guerra do Vietname e, por fim, a defesa dos direitos humanos nos países do Terceiro Mundo (problema para o qual se sente mais habilitado e responsável após ter recebido o prémio Nobel da Paz em 1964).

Em relação à primeira questão, King, procura criar uma coligação entre os excluídos sociais, sem nunca abandonar o discurso do consenso:

He put together this coalition of Appalachian whites, of Hispanics from the West Coast and from Texas, Black people from the rural South and urban North, and hoped that he would be building the poor people's movement.<sup>72</sup>

As reacções não se fizeram esperar face à sua nova atitude. Esta suscitou inúmeras críticas e a retirada de apoios por parte dos liberais

---

<sup>71</sup> David Levering Lewis, «Martin Luther King Jr.», in *Black Leaders of the Twentieth Century*, pp.293-297.

<sup>72</sup> Julian Bond, «The Two Notions of Black America», *Entrevistado por Henry Louis Gates, Jr. para o programa de TV Frontline do canal PBS, 1997, [www.pbs.wgbh/pages/frontline/shows/race/interviews/bond.html](http://www.pbs.wgbh/pages/frontline/shows/race/interviews/bond.html)*

brancos – os quais avaliavam as exigências de King de habitação condigna, emprego, e integração genuína nas escolas públicas do Norte, como excessivas. O governo federal também se vai distanciando e endurecendo a sua posição face a Luther King à medida que este fazia referências negativas à Guerra do Vietname, uma censura que King considerava ser seu dever de consciência fazer, mesmo se com isso suscitasse animosidade. A Guerra minava os esforços de King em pregar a não-violência junto da população desfavorecida, e diminuía o esforço financeiro do governo para a resolução do problema. Por outro lado, do ponto de vista moral a Guerra do Vietname ia contra a sua filosofia cristã assente no amor fraterno.<sup>73</sup>

O tipo de discurso centrado no desequilíbrio económico social encontrava-se bem distante da tónica do bem moral e da justiça moral dos anos cinquenta e início de sessenta. Do ataque à segregação regional, Martin Luther King transitara para a crítica do ethos americano.<sup>74</sup> Superficialmente, a preocupação com a pobreza enquadrava-se no sentimento geral da opinião pública de preocupação com os desequilíbrios e injustiças sociais. Mas as causas da pobreza na população negra das *inner-cities* eram muito complexas de definir e ainda mais de resolver, pois se a pobreza era resultado de discriminação, as medidas legais estavam estabelecidas; se resultava de um desajustamento interno entre os pobres, tais como falta de

---

<sup>73</sup> King denuncia os \$30.000.000.000 gastos no esforço de guerra, quando estes deveriam ser canalizados para a melhoria das condições económicas dos mais desfavorecidos. David Levering Lewis, Jr., «Martin Luther King. Jr.», in *Black Leaders of the Twentieth Century*, p.292 e Martin Luther King Jr., «To Atone For Our Sins and Errors in Vietnam» (4 Abril 1967), rpd. *Let Nobody Turn Us Around*, p.461.

<sup>74</sup> Alonzo L. Hamby, *Liberalism and Its Challengers*, p.177.

motivação ou instrução, a via da educação, com o auxílio do estado, seria o melhor remédio; se a pobreza era consequência do domínio da sociedade branca em geral, qualquer medida correctiva seria necessariamente imprecisa.<sup>75</sup>

Os próprios líderes das organizações tradicionais como a NAACP e a NUL (Roy Wilkins, Whitney Young e Ralph Bunche) também opõem à actuação de King censurando principalmente o seu discurso político contra a Guerra, pois consideram-no alienador do *white establishment* e um suicídio político. Simultaneamente, os nacionalistas negros não aceitavam a posição conciliadora e a ideia da coligação interracial de King, achando que esta não defendia os interesses do grupo.

O líder histórico da SCLC acreditava não poder travar as exigências de progresso económico racial, pois se o fizesse, o resultado, dado o sentimento de frustração e violência contida nas *inner-cities*, seria o avanço dos grupos radicais nacionalistas e a explosão de mais violência, à semelhança dos anos anteriores. Tal acabou por vir a repetir-se após o seu assassinato a 4 Abril de 1968.<sup>76</sup>

Martin Luther King é por conseguinte atacado em várias frentes pelas suas posições. David Levering Lewis diz que a opinião pública americana e os media sucumbiram ao fascínio do «radical chic» dos

---

<sup>75</sup> Ibid., p.174.

<sup>76</sup> No fim de 1968 (King morre em Abril), 300 revoltas urbanas resultaram em 50 000 pessoas detidas e mais de 8 000 feridos. No mesmo ano, as duas Américas pareciam estar mais afastadas do que nunca: «separate but unequal», como diria o relatório da *National Advisory Commission on Civil Disorders* (Kerner Commission), Rhoda Lois Blumberg, *Civil Rights: The 1960s Freedom Struggle*, pp.163-168. No mesmo ano Daniel Moynihan considera a violência urbana resultado de um comportamento «difícil», embora considere também que ninguém o conseguia realmente explicar. Daniel P. Moynihan, «The Professors and the Poor», *Commentary* 46, n.º2 (Agosto 1968), p.25.

grupos nacionalistas negros, e não se preocuparam em compreender verdadeiramente as intenções económico-sociais da última fase do percurso activista de King.<sup>77</sup> Por sua vez, este, cada vez mais isolado, continuava a opor-se à violência retaliadora do movimento do *Black Power* considerando-a o caminho errado para a revolução social, pois mais tarde ou mais cedo viria a suscitar a contra-resposta repressiva por parte dos brancos.

Quando Martin Luther King é assassinado (enquanto apoiava uma greve municipal dos homens do lixo em Memphis), a comunidade afro-americana aparenta encontrar-se mais isolada do que nunca:

The black community, notwithstanding its growing social and political solidarity, has never been more desperate and never more isolated since Reconstruction days. It cannot by itself bring about real and social change, nor can it on its own create a new coalition, it can only agitate for change. It thus tends to give at least silent sanction to those who agitate the loudest.<sup>78</sup>

A análise dos historiadores sobre esta última fase da vida e trabalho de King é contraditória. David Levering Lewis considera o trabalho de King e a ideia da mega-coligação mal compreendidos e interpretados, por serem demasiado inovadores para a época, vendo no

---

<sup>77</sup> David Levering Lewis, «Martin Luther King. Jr.», in *Black Leaders of the Twentieth Century*, pp.299-301. Atente-se nas palavras de Bobby Seale sobre o fascínio dos media pelos grupos radicais, que enfatizam a análise de Lewis, e ainda revelam a própria consciência desse mesmo fascínio que também será manipulado pelos próprios líderes dos Panteras Negras: «And [Huey P. Newton] knew that the best way to [the revolutionary struggle] was to go forth, and those hungry newspapers reporters, who are shocked, who are going to be shook up, are going to be blasting that news faster than they could be stopped», Bobby Seale, «Seize the Time» (1968), rpd. *The Eyes on the Prize*, p.349. A importância dos media, nomeadamente o poder da televisão na divulgação dos problemas raciais nos Estados Unidos é significativa: «The importance of television must eventually be evaluated by historians, but to this observer it appears to have played a most crucial role in intensifying the commitment by both Negroes and whites and increasing the momentum of the civil rights movement», Kenneth B. Clark, «The Civil Rights Movement: Momentum and Organization», *Daedalus* 95, n°1 (Inverno 1966), p.240.

<sup>78</sup> David Danzig e John Field, «The Betrayal of the American City», *Commentary* 45, n°6 (Junho 1968), p.59.

trabalho de King a única hipótese viável de conter a violência e a influência dos grupos radicais nacionalistas negros (embora minado pelo próprio governo e media). Alonzo L. Hamby apresenta na sua análise um homem confuso, em declínio, que vai discutir o problema da pobreza de forma linear – injecte-se nos programas contra a pobreza o dinheiro gasto na Guerra e a situação ficará resolvida – e nada inovadora, pois já tinha sido a jóia da coroa da administração Johnson, através do programa *War on Poverty*. Se o estilo profético de King tinha sido essencial contra a segregação e *disfranchisement* no Sul, a guerra contra a pobreza não se apresentava como o cenário adequado à dramatização dos acontecimentos acabando por conduzir à dissipação da sua autoridade moral.<sup>79</sup> Assim, é importante compreender as condições dos guetos que levaram Martin Luther King a centrar-se neles, e que provocaram também o mencionado apoio dos seus habitantes aos ideais do movimento do Black Power.

---

<sup>79</sup> David Levering Lewis, «Martin Luther King. Jr.», in *Black Leaders of the Twentieth Century*, pp.299-301 e Alonzo L. Hamby, *Liberalism and Its Challengers*, p.175 e p.181. Em 1997, vários activistas negros dos direitos cívicos em entrevistas para o canal de televisão PBS, pronunciaram-se sobre as intenções e alcance das ideias de King. Julian Bond (primeiro afro-americano nomeado para Vice-Presidente na Convenção Democrata de 1968 e ex-líder da SNCC) explica a ideia da coligação: «[The] movement of poor people to demand federal action that would help solve their common problems.». Jesse Jackson (colaborador de King na SCLC e o primeiro candidato negro viável para a presidência em 1984 e 1988) afirma que o governo, pouco interessado numa união tão alargada procurou difamar a ideia de King e o próprio Reverendo, nomeadamente através de notas de imprensa. William Julius Wilson comenta a ideia da coligação como sendo brilhante mas prematura para a época, in «The Two Notions of Black America», *Entrevistados por Henry Louis Gates Jr. para o programa de TV Frontline* do canal PBS, 1997, [www.pbs.wgbh/pages/frontline/shows/race/interviews/wilson.html](http://www.pbs.wgbh/pages/frontline/shows/race/interviews/wilson.html)

### 4.3. Os guetos e a contra-cultura

Com o programa da *War on Poverty* do Presidente Johnson,<sup>80</sup> as constantes referências nos media aos direitos cívicos e a legislação de 1964 reforçavam a ideia perante a América branca de que muitos dos problemas dos afro-americanos estavam no caminho da resolução.<sup>81</sup>

Mas a partir de 1964, começam a surgir na imprensa artigos sobre a pobreza e sobre as péssimas condições em que viviam os negros urbanos dos guetos. Em 1959, 55% da população negra era constituída por agregados cujo rendimento se situava abaixo do limiar de pobreza; em 1970 esse número diminuiu para 34%. Entre 1970 e 1979, um em cada três negros, mas apenas em cada onze brancos, era pobre.<sup>82</sup>

A América corria o risco da retórica do *Black Power* (nomeadamente o discurso dos *Black Panthers*, que rapidamente espalham secções por várias cidades) ser ouvida atentamente por uma

---

<sup>80</sup> O *Economic Opportunity Act* de 1964, apresentado pelo Presidente Johnson ao Congresso iniciou um conjunto de medidas para a educação, formação e assistência social aplicáveis às classes desfavorecidas, aquelas que Michael Harrington, na sua obra de denúncia da pobreza, em *The Other America: Poverty in the United States* (Nova Iorque: Macmillan, 1962) explicitava: «Unskilled workers, the migrant farm worker, the aged, the minorities». De acordo com o historiador Alonzo L. Hamby o objectivo de Johnson em eliminar a pobreza, que atingia mais de oito milhões de pessoas no início da década de sessenta, não foi alcançado: «The slums of urban America, many of them ravaged by riot, appeared as vast and inhospitable as ever; welfare costs climbed in a steep spiral, and the culture of poverty seemed untouched by [Johnson's] efforts», Alonzo L. Hamby, *Liberalism and Its Challengers*, p.262.

<sup>81</sup> Sam Bottone, «The Negro Revolt: The Push Beyond Liberalism», *New Politics* 111, n.º3 (Verão 1964), p.35.

<sup>82</sup> Devido ao aumento da população entre os negros e a maior incidência de pobreza o número de negros pobres aumentou em termos absolutos de 7,1 milhões no início da década de setenta para 9.7 milhões em 1982. *U.S. Bureau of the Census*, 1983b, Table 17 citado por Reynolds Farley, *Blacks and Whites: Narrowing the Gap?* (Cambridge, Massachusetts: Harvard Univ. Press, 1984), p.200. «Northern ghettos with their substandard housing conditions were a product of many factors in addition to discrimination – rapid migration of blacks from the rural South; changing demographic patterns in central cities in the postwar period; the availability of manual, low-skill jobs; low income.», Elliot Zashin, «The Progress of Black Americans in Civil Rights: The Past Two Decades Assessed», *Daedalus* 107, n.º1 (1978), p.241.

larga fatia da população negra. O sentimento de frustração deste grupo na sociedade da abundância seria canalizado para o ódio contra branco e para o ódio contra os valores e instituições defendidos por esses mesmos brancos, que não procuravam esforçar-se por abrir-lhes as portas de acesso a essa mesma abundância: «At issue after all, is not the civil rights strictly speaking, but social and economic conditions» diria Bayard Rustin em 1965.<sup>83</sup>

Existem, de facto, razões imputadas aos valores da comunidade afro-americana do gueto que explicam a ascendência e influência dos discursos separatistas junto daquelas, designadamente a presença de um forte sentimento de alienação em relação à sociedade da maioria. Este sentimento de marginalização não parecia ser relevante para os líderes mais antigos dos direitos cívicos (à excepção de Martin Luther King), para o Presidente e para a opinião liberal.

Em 1965 é produzido um relatório, com o título «The Negro Family: The Case for National Action», que ficou conhecido como relatório Moynihan, nome do seu autor (na altura secretário do sub-secretário de estado para o departamento de emprego na administração Johnson). Este documento trazia a público o problema da pobreza entre a comunidade negra e não tendo sido originalmente escrito para o público leigo, acabou por ser amplamente lido e discutido, levantando opiniões muito diversas sobre o seu conteúdo.<sup>84</sup>

---

<sup>83</sup> Bayard Rustin, «From Protest to Politics: The Future of the Civil Rights Movement», *Commentary* 39, n.º2 (Fevereiro 1965), p.26.

<sup>84</sup> O rascunho deste documento foi apresentado no Outono de 1965 numa conferência em Washington, embora os conferencistas tenham optado por não o discutir, o que levantou um imenso interesse da imprensa pelo documento. Catherine Kerr, *Race in*

De acordo com o autor, o problema específico da pobreza entre os afro-americanos ainda viria a ter que ser encarado como o mais agudo de todas as situações de escassez económica da população americana. Moynihan apresentava uma distinção clara entre a pobreza do grupo afro-americano e a das outras comunidades:

Negroes [...] were poor in ways other groups were not, and few could avoid noticing that such persons were perceived as different and treated differently.<sup>85</sup>

O relatório concluía que os anos de escravatura, racismo, opressão e discriminação haviam formado uma estrutura familiar patológica nos sectores mais desfavorecidos da comunidade negra que não era compatível com a assimilação na classe média, e que ainda perpetuava as características mais negativas e problemáticas das *inner-cities*. A escravatura destruíra a capacidade dos homens negros cumprirem o seu papel patriarcal na família.<sup>86</sup> Repare-se que C. Eric Lincoln também frisa o tema da obliteração da história e da cultura e da

---

*the Making of American Liberalism*, p.267 e Juan J. Battle e Michael D. Bennett, «African-Americans Families and Public Policy: The Legacy of the Moynihan Report», in *African Americans and the Public Agenda: The Paradoxes of Public Policy*, ed. Cedric Herring (Londres: Sage Publications, 1997), p.150.

<sup>85</sup> Daniel P. Moynihan, «The Professors and the Poor», *Commentary* 46, nº2 (Agosto 1968), p.23. Entre 1940 e 1970 a população negra a residir fora da ex-Confederação aumentou de 4 para 11 milhões, concentrando-se nas doze maiores áreas metropolitanas dos EUA: Nova Iorque, Los Angeles, Chicago, Filadélfia, Detroit, São Francisco-Oakland, Boston, Pittsburgh, St. Louis, Washington, Cleveland e Baltimore. Em 1970 estas áreas tinham 28% de todos os afro-americanos, Franklin e Moss, *From Slavery to Freedom*, p. 493.

<sup>86</sup> Ver Catherine Kerr, *Race in the Making of American Liberalism*, pp.267-277, onde a autora faz um levantamento das contradições do relatório, a que ela chama o «paradoxo liberal» ilustrado na forma como Moynihan caracteriza a comunidade afro-americana como destituída e patológica mas simultaneamente capaz de produzir as organizações de direitos cívicos, que são «better disciplined and better led than any in our history», ou seja, o «paradoxo liberal» encontra-se na forma ambígua como os liberais brancos vêem o negro simultaneamente como patológico e infantilizado e como adulto responsável e capaz. Daniel P. Moynihan, «The Negro Family: A Case for National Action», citado por Catherine Kerr, *Race in the Making of American Liberalism*, p.276.

distorção deliberada dessa história e cultura como factores traumáticos causando sentimentos de rejeição da identidade, da cor e da necessidade de identificação com a nação americana.<sup>87</sup>

Na verdade, o relatório Moynihan apenas vem confirmar o profundo mal-estar sentido pelos habitantes dos guetos, que se foi materializando em violentas revoltas urbanas ao longo de todo o século, embora mais publicitadas a partir dos anos sessenta com os surtos de Harlem em 1964, Watts em 1965 e Detroit em 1967:<sup>88</sup>

To smash something is the ghettos' chronic need. Most of the time it is the members of the ghetto who smash each other, and themselves. But as long as the ghetto walls are standing there will always come a moment when these outlets do not work.<sup>89</sup>

As condições de habitação eram uma das razões principais para a violência urbana. De lembrar que a população negra das *inner-cities* aumenta de 6,1 milhões em 1950 para 15,3 milhões em 1980.<sup>90</sup> Em 1965, em Watts viviam quase 100.000 negros numa área quatro vezes mais congestionada do que a restante cidade de Los Angeles.<sup>91</sup> A discriminação no mercado imobiliário era tão activa, que foi necessária

---

<sup>87</sup> C. Eric Lincoln, «Color and Group Identity in the United States», *Daedalus* 96, nº2 (Inverno 1967), p.539.

<sup>88</sup> A violência urbana de Watts (Los Angeles), quatro dias após aprovação do *Voting Rights Act* de 1965, tomou o país de surpresa, assinalando de forma inequívoca as barreiras entre as duas Américas. Durou seis dias numa zona com 80% de população negra. Trinta e quatro pessoas morreram e mais de 1000 ficaram gravemente feridas. Os danos materiais foram elevadíssimos. A violência de Harlem, no ano anterior também atingira proporções graves, mas não fora tão publicitada. Ambas as situações surgem dos conflitos latentes entre as forças policiais brancas e residentes negros. Atribui-se como causa das revoltas o facto dos negros dos guetos em nada terem evoluído material ou socialmente com a passagem das leis de consagração dos direitos cívicos, e simultaneamente sentem-se mais seguros e orgulhosos na sua identidade negra, com mais aspirações. Estas revoltas reflectem o contexto de protesto e a nova auto-afirmação negra, resultante dos esforços dos movimentos de direitos cívicos. A violência ainda se prolonga pelos anos de 1966, 67 e 68 em todas as grandes cidades do país.

<sup>89</sup> James Baldwin, *Notes of a Native Son* (Boston: Beacon Press, 1955), p.111.

<sup>90</sup> Franklin e Moss, *From Slavery to Freedom*, p. 470.

<sup>91</sup> *Ibid.*, p.514.

legislação específica para a combater. O *Fair Housing Act* de 1968, no entanto, não parece ter tido muitos resultados positivos, pois não resolvia as formas sistemáticas de discriminação subtil aplicadas através de mecanismos como o *red-lining*, que consistia nas instituições de crédito desenharem linhas vermelhas nos mapas das cidades para determinar os limites dos bairros brancos e negros, e assim direccionar os empréstimos.<sup>92</sup> Recorde-se a manobra de protesto contra a habitação degradada e práticas discriminatórias do sector conduzida por Martin Luther King quando decidiu mudar-se para o gueto de Lawndale, Chicago.

A sociedade americana vê-se confrontada com dois problemas para resolver em paralelo: por um lado, melhorar rapidamente as condições de vida globais dos afro-americanos, por outro lado, procurar compreender os traços distintivos da identidade cultural dos afro-americanos dos guetos a fim de conseguir integrá-los.<sup>93</sup> Porque, na

---

<sup>92</sup> O *Fair Housing Act* proibia a discriminação com base na cor, raça, religião, sexo ou origem nacional na venda ou arrendamento de habitação. Embora todas as agências federais tivessem a responsabilidade de implementar a lei, estas não as consideraram uma prioridade. Também os bancos e instituições financeiras praticavam discriminação racial na concessão de empréstimos para compra de casa, Wilson Carter, *Racism: From Slavery to Advanced Capitalism* pp.180-181.

<sup>93</sup> Norman Mailer (1957) dá uma justificação curiosa para as dificuldades dos brancos em aceitarem os negros, (leitura aliás semelhante à de James Baldwin) considerando que estas se baseiam num medo profundo sentido pelos primeiros em face das alterações possíveis que a igualdade racial traria à sociedade, alterações estas propulsionadas pelo maior e melhor conhecimento dos negros da «fealdade» e «perigo» da vida, que os coloca numa situação de superioridade potencial que amedronta profundamente os brancos. Mailer ainda acrescenta que a igualdade racial, a ser concretizada mudaria completamente a psicologia, sexualidade e imaginação moral de todos os brancos. É de realçar, contudo, que é contra este tipo de interpretação sobre o conhecimento da «fealdade» do mundo que se insurgem muitos afro-americanos da classe-média. Não querem que lhes seja atribuída essa identidade social negativa, não querem ser vistos como «hipsters», ou como vivendo apenas o momento presente, nas palavras de Mailer: «relinquishing the pleasures of the mind for the more obligatory pleasures of the body» Norman Mailer, «The White Negro: Superficial Reflections on the Hipster», in *Advertisements for Myself* (Cambridge: Harvard Univ. Press, [1957] 1992), p.356 e p.341.

verdade, os próprios afro-americanos, devido ao seu passado histórico, mesmo após dez anos de luta unida, vêem-se (qualquer que seja o grupo socio-económico) com uma identidade fragmentada e diluída, não sabendo ainda quem são:

The Negro's experiences in America have produced in him a mass social neurosis that can only become more morbid as the frustrations of trying to cope with the problem of color and identity are intensified by education and increased marginally at the top of the social pyramid, and by increasing poverty and the concomitant loss of personhood at the bottom.<sup>94</sup>

De certa forma, o *Black Power* surge também para colmatar esse hiato, ou melhor, essa «neurose social» do afro-americano. Malcolm X, por exemplo, procurava efectivamente ensinar ao negro quem ele era, qual o seu papel na sociedade americana, e quem ele deveria ser – um «field negro» e nunca um Uncle Tom.

O debate sobre as causas da pobreza desde a *War on Poverty* era comum à sociedade americana em geral, uma vez que a pobreza era totalmente *color-blind*:

The Negro finds himself in the same swamp as the rest of American society, he has won equal access to poverty, slums, to impoverished schools, to built-in unemployment, to incredible waste of economic resources, to a deification of the private motive and the detriment of public welfare. <sup>95</sup>

Mas a verdade, como já foi referido, é que a pobreza e todas as desvantagens sociais que ela acarreta eram mais marcadas e difíceis de ultrapassar entre a população negra, devido à discriminação:

---

<sup>94</sup> C. Eric Lincoln, «Color and Group Identity in the United States», *Daedalus* 96, n.º2 (Inverno 1967), p.539.

<sup>95</sup> Tom Kahn e August Meier, «Recent Trends in the Civil Rights Movement», *New Politics* 111, n.º2 (Primavera 1964), p.54.

On a national scale 95 per cent of Negroes are ghettoized and represent a similar latent power source. The majority do not belong to SNCC, NAACP or CORE, and scarcely seem to belong to America. <sup>96</sup>

As posições dividem-se face a esta questão política e social: as condições de vida dos afro-americanos nos guetos são fruto de vivências culturais distintas ou são causadas pela opressão e segregação crónicas? Está-se perante um problema económico com solução política ou perante um problema cultural na sua essência resolúvel através da educação?<sup>97</sup> E será que essa educação, (já defendida por Gunnar Myrdal como forma de pacificar a sociedade e integrar-assimilar os negros na sociedade dominante) não vai aculturar os afro-americanos, retirando-lhes a sua identidade racial?

Pelo interesse e inovação da análise merece destaque a descrição do psicólogo Lee Rainwater (1965) dos mecanismos de opressão exercidos sobre os afro-americanos. Rainwater parte da premissa de que a maior parte da investigação acerca da situação dos negros na América utiliza o argumento simplista e linear que atribui o «sofrimento» do negro à «cupidez» do branco. Este argumento, embora útil durante o movimento dos direitos cívicos, de acordo com este psicólogo, não esgota o percurso e estratégias de adaptação do afro-americano ao longo da história. Rainwater propõe um novo modelo no qual os

---

<sup>96</sup> Paul Good, «A White Look at Black Power», *The Nation* (8 Agosto 1966), p.115.

<sup>97</sup> William Julius Wilson argumenta que os problemas vividos nos guetos não podem ser vistos apenas do ponto de vista da opressão exercida sobre as vítimas da discriminação racial ou sob a perspectiva da «cultura da pobreza»: «Rather, they must be seen as having complex sociological antecedents that range from demographic changes to problems of economic organization» acrescentando «I would like to suggest several interrelated explanations that represent a comprehensive set of variables – including societal, demographic, and neighborhood variables», in *The Truly Disadvantaged: The Inner City, the Underclass, and Public Policy* (Chicago: The University of Chicago Press, 1987), p.22 e p. 30.

brancos, através da sua posição de poder criam situações nas quais os próprios afro-americanos «do the dirty work of [...] victimization for them.».<sup>98</sup>

Em primeiro lugar, surge o facto amplamente descrito da magra minoria de afro-americanos que, uma vez ascendendo na hierarquia social e ganhando estatuto de membros da classe média, se vira contra a própria comunidade, e assimila os mesmos preconceitos da classe média branca perante os negros:

As some Negroes have moved into middle-class status, or acquired standards of American common-man respectability, they too have shared these attributes [moral indignation and self-congratulation, puzzlement and frustration, concern and guilt] toward the private behavior of their fellows, sometimes with a moral punitiveness to rival that of whites.<sup>99</sup>

A auto-constatação desta superioridade moral não é nova. Booker T. Washington, por exemplo, no seu discurso acomodacionista também moralizava sobre os maus hábitos das classes desfavorecidas dentro da sua comunidade. O dilema é insolúvel: os negros, devido à cor, são todos oprimidos e humilhados, mas assim que uma pequena parcela da comunidade alcança o almejado estatuto social de classe-média (mesmo que este estatuto lhe seja apenas reconhecido pela própria comunidade não tendo qualquer validade perante a comunidade branca) vira-se contra os seus.<sup>100</sup> De acordo com Rainwater, aproveitando-se deste

---

<sup>98</sup> Lee Rainwater, «Crucible of Identity», in *The Negro American*, p.163.

<sup>99</sup> Ibid., p.161. Existem versões diferentes sobre este fenómeno da classe-média. Philip Mason afirma: «Many black intellectuals and members of the Negro middle class reject certain tenets of the Black Muslims and similar movements. Nevertheless, even those who reject most strongly still feel in certain moods emotionally sympathetic with a rejection of white ideals», «The Revolt Against Western Values», *Daedalus* 96, nº2 (Inverno 1967), p.330.

<sup>100</sup> No romance de Langston Hughes antes citado, a tia do protagonista, Aunt Tempy, ascende à classe media através do trabalho duro e por via do casamento. A sua grande ambição é adquirir o comportamento e respeitabilidade inerentes a uma muher branca

grupo da classe-média negra, os brancos recrutam-nos para amenizar o papel de vítimas e reforçar os padrões hierárquicos baseados na raça. Os brancos procuram manter a comunidade negra no seu lugar de inferioridade económica e social, cingindo-a ao gueto e não lhe oferecendo as condições necessárias para funcionar de forma autónoma no exterior.

Deste modo, os mecanismos de subsistência desenvolvidos dentro do gueto (um mundo totalmente fechado ao mundo branco) criam uma subcultura negra ou uma cultura de oposição, com valores que poderão levar à autodestruição dos indivíduos que aí habitam, uma vez que muitas das protecções legais e sociais existentes no mundo exterior não penetram dentro dos limites geográficos do gueto (polícia, hospitais, escolas adequadas). O habitante da *inner-city* vive numa liberdade confinada aos limites do bairro desenvolvendo um conjunto de instituições que estruturam a sua tarefa de viver e minimizam a humilhação que a vitimização provoca.<sup>101</sup> Desenvolve portanto, uma subcultura distinta como resposta às condições de vida separadas do negro do bairro de lata e *do outro*, o branco.

---

da classe média: «Colored people certainly needed to come up in the world, Tempy thought, up to the level of white people – dress like white people, talk like white people, think like white people. [...] Blues and spirituals Tempy and her husband hated because they were too Negro», *Not Without Laughter*, p.176.

<sup>101</sup> Entre essas instituições encontram-se as redes sociais, (o sistema de família alargada e o sistema de gang de rua); o sistema de entretenimento (música, dança e narrativas folclóricas) através do qual educam, explicam e se aceitam; e ainda outras instituições que servem como via de escape da sociedade da victimização (a igreja e o recente movimento de direitos cívicos, agora na sua vertente mais radical). Lee Rainwater, «Crucible of Identity», in *The Negro American*, pp.163-65, p.168.

No entanto, a identidade de cada indivíduo é minada pela crescente percepção de que é totalmente impossível encontrar ou construir uma forma de vida auto-suficiente e gratificante:

In Negro slum culture growing up involves an ever-increasing appreciation of one's short-comings, of the impossibility of finding a self-sufficient and gratifying way of living. It is in the family first and most devastatingly that one learns these lessons.<sup>102</sup>

Rainwater pinta um panorama de desolação e padrões de auto-destruição tão enraizados na subcultura do gueto que será difícil contrariá-los. Todavia, as suas sugestões vão ao encontro das já referidas alterações na estrutura sócio-económica, através de empregos estáveis para os negros que lhes permitam sentirem-se capazes de alterar e influenciar o seu próprio futuro e, também, através da educação e formação. Sugere igualmente o envolvimento destes negros em acções de protesto contra a sociedade da maioria, como forma de construir o sentimento de orgulho e capacidade interiores.<sup>103</sup>

A análise das condições de vida e dos valores praticados pelos habitantes dos guetos demonstra que esta população é uma das bases sociais de apoio do movimento do *Black Power*, e que se chega a sentir identificada com os valores separatistas do islamismo negro.<sup>104</sup> O relatório da *National Advisory Commission on Civil Disorders* (comissão supervisionada por Lyndon Johnson para determinar as causas dos surtos de violência urbana, nomeadamente em Watts) vem reforçar (juntamente com o relatório de Moynihan) a ideia da segregação *de facto*

---

<sup>102</sup> Lee Rainwater, «Crucible of Identity», in *The Negro American*, p.191.

<sup>103</sup> *Ibid.*, p.196.

<sup>104</sup> Philp Mason, «The Revolt Against Western Values», *Daedalus* 96, n°2 (Inverno 1967), p.333.

expressa na análise de Rainwater, pois concluía que a sociedade branca era a grande responsável pela violência, uma vez que se reconhecia nela uma faceta fundamentalmente racista.<sup>105</sup>

Em 1968, torna-se mais consensual a ideia entre liberais e líderes negros (atente-se nos discursos já referidos de Stokely Carmichael, Eldridge Cleaver e Huey P. Newton) de que o racismo branco persistia, impedindo a concretização das aspirações dos negros na obtenção de resultados iguais aos dos brancos em termos económicos, educacionais e profissionais, embora as soluções apontadas fossem muito diversas,<sup>106</sup> e a mais relevante delas, a prática de *busing*, só tenha sido aplicada nos anos setenta.<sup>107</sup>

Por fim, quando a investigação das ciências sociais (sociologia, antropologia, e principalmente a psicologia) ganha estatuto de referência para os poderes instituídos se socorrerem das suas conclusões sobre os afro-americanos, surgem duas perspectivas, que os

---

<sup>105</sup> «What white Americans have never fully understood – but what the Negro can never forget – is that white society is deeply implicated in the ghetto. White institutions created it, white institutions maintain it, and white society condones it. [...] White racism is essentially responsible for the explosive mixture which has been accumulating in our cities.», *Report of the National Advisory Commission on Civil Disorders* (Nova Iorque: New York Times Company, 1968), p.2

<sup>106</sup> Dineah D'Souza, *The End of Racism*, p.214.

<sup>107</sup> Os tribunais, socorrendo-se do modelo de «representação proporcional da população» aplicado à contratação de trabalhadores, obrigaram as escolas públicas a utilizar a raça como base nas matrículas, recorrendo à solução de transportar crianças em autocarros (buses) de umas escolas para as outras para corrigir a desproporção racial, uma vez que devido à concentração de negros em determinados sectores de cidades (nomeadamente as *inner-cities*) era difícil conseguir a «representação proporcional da população» em idade escolar. Esta medida suscitou enorme oposição uma vez que «the government overrides personal and parental choice in order to make sure that different racial groups get the same education and obtain it together», Dinesh D'Souza, *The End of Racism*, p.225. Embora a decisão *Brown* tenha sido cumprida nas zonas rurais do Sul e pequenos e médios centros urbanos, nas grandes metrópoles como Chicago, Detroit e Baltimore as escolas dos distritos centrais são frequentadas predominantemente por crianças negras e hispânicas. Nessas zonas, «Black and white students go to separate schools just as they did when “separate but equal” was the guiding principle», Reynolds Farley, *Blacks and Whites: Narrowing the Gap?*, pp.198-199.

próprios académicos apresentam como paradoxais.<sup>108</sup> Por um lado, a perspectiva proposta pelo relatório Moynihan ou por Myrdal, que conclui que existe uma distorção patológica do comportamento afro-americano, incluindo baixa auto-estima, devido aos factores históricos já mencionados. Do outro lado, a imagem de dignidade contida, auto-segurança e determinação subjacentes aos relatos de vida individuais dos afro-americanos, e ainda a capacidade de mobilização em massa dos negros durante as décadas de cinquenta e sessenta. Estas últimas realidades não parecem ser conciliáveis com o comportamento patológico acima referido.

É necessário recorrer novamente em algum detalhe às descrições de um psiquiatra, Robert Coles que, tendo desenvolvido um vasto trabalho de campo no Sul e no Norte entre a comunidade afro-americana, constata precisamente este paradoxo no seu artigo «It's the Same but It's Different». Neste texto, Coles observa precisamente o contrário do que Lee Rainwater havia verificado, constatando a dignidade, alegria e segurança interiores mesmo nos afro-americanos mais pobres, os *sharecroppers*. Reconhecendo, todavia, nesta população, o sentimento de inferioridade e o desejo de serem brancos, Coles observa igualmente a existência de comunidades de trabalhadores agrícolas na zona do *Black Belt* (estados sulistas onde a percentagem de população negra é superior à da população branca) onde as extremas dificuldades económicas não conduzem ao aumento da criminalidade verificando-se, muito pelo contrário, índices muito baixos:

---

<sup>108</sup> Ver Catherine Kerr, *Race in the Making of American Liberalism*, pp.267-277, sobre o «paradoxo liberal», mencionado antes.

I find such observation unsettling. They lead us away from some of the prevalent «conclusions» of our time: that prejudice, segregation, and extreme poverty corrode the stamina of people and make them self-destructive or inert, that a move from the tenor in rural Mississippi to the earnest climate of progress in civil rights which characterizes many Northern cities is altogether desirable and beneficial for Negroes; that improving the lot of Negroes is an urgent problem lest millions of them succumb to, or perpetuate, the personal and public chaos that is predominantly theirs. [...] We also had evidence that there is more the Negro's life in Mississippi (I would add, in all America) than terror and submission to terror, or poverty and its corrosive effects upon human beings.<sup>109</sup>

Ou seja, a opressão e o racismo históricos sentidos no Norte foram bem mais violentos para os negros do Sul e no entanto como os sulistas não desenvolveram as características apontadas por Rainwater, provavelmente as suas causas necessitam de uma explicação diversa.

Robert Coles indica ainda um outro factor crucial, que parecia muitas vezes esquecido, mas que começa a ganhar forma na década em estudo: não se deve, nem se pode agregar os negros num todo homogêneo e indiferenciável. Antes de mais, são indivíduos, com as suas especificidades distintas, tal como James Baldwin várias vezes referiu. Este paradoxo surge em muitos autores que reflectem sobre a condição afro-americana enquanto acima de tudo, condição humana.<sup>110</sup>

Assim, é possível concluir que o resultado da suposta integração formal levanta muitas dúvidas quanto às suas implicações para a identidade do afro-americano e incertezas quanto ao significado da sociedade *color-blind* sonhada por Martin Luther King. Se como afirma

---

<sup>109</sup> Robert Coles, «It's the Same, but It's Different», in *The Negro American*, pp.269-270. O autor ainda acrescenta mais adiante «The dignity of the Negro is not served by seeing only his exploitation», p.271.

<sup>110</sup> A análise de William E. Cross Jr. segue a mesma linha orientadora de Robert Coles, isto é, não se pode caracterizar a identidade dos afro-americanos como psicopatológica. Cross refere as mudanças positivas na identidade afro-americana dos anos sessenta, mas fala em «change and continuity» simultâneas. William E. Cross Jr., *Shades of Black*, p.xii.

Alton B. Pollard III na década de oitenta, significa a aplicação de «ritos e direitos» para entrar na sociedade sem olhar à cor da pele, havia (como ainda hoje há) um longo caminho a percorrer.<sup>111</sup>

Seria perante a confirmação de duas situações presentes na comunidade negra, aparentemente discordantes - uma cultura de gueto totalmente separada da cultura branca e do outro lado uma comunidade que, mesmo em circunstâncias adversas, se consegue mobilizar para defender os seus direitos - que os afro-americanos vão exigir a implementação de programas de acção afirmativa ou discriminação positiva a partir do fim da década de sessenta. As premissas para a aplicação das medidas de acção afirmativa, baseiam-se afinal nos próprios documentos produzidos sobre a análise da situação dos afro-americanos desde os anos quarenta: *An American Dilemma* de Gunnar Myrdal, os estudos de Kenneth B. Clark (aos quais se podem associar os trabalhos de Lee Rainwater e Robert Coles), o relatório de Daniel Patrick Moynihan e o relatório da *National Advisory Commission for Civil Disorders*. As medidas de acção afirmativa serviriam para compensar o afro-americano dos trezentos anos de tratamento sub-humano que lhe fora imposto, uma vez que nunca lhe foi oferecida a oportunidade de se afirmar enquanto ser humano, com uma identidade própria e única, quer no seio da sua comunidade minoritária, quer no contacto integrado com a comunidade branca:

An «integrated» society in which the common values of that society will be freely accepted to the general population regardless of color has not been realized, nor does it seem to be rapidly approaching. <sup>112</sup>

---

<sup>111</sup> Alton B. Pollard III, «The Last Great Battle of the West», in *Lure and Loathing*, p.47.

No entanto, esta tese tem várias leituras quanto à verdade dos factos apresentados sobre a desestruturação dos agregados negros e da sua baixa auto-estima, não só por parte das entidades oficiais e da comunidade branca, como também por parte dos membros do próprio grupo afro-americano. O «paradoxo liberal» encontra-se nesta constatação dicotómica do negro, por um lado apresenta-se socialmente desestruturado e desresponsabilizado, e por outro, mostra-se capaz de se organizar para a luta. A partir dos anos sessenta, o negro da crescente classe-média, também saberá aproveitar as oportunidades oferecidas pelo sistema liberal branco (incluindo os programas de acção afirmativa). Da luta da minoria racial negra em prol dos direitos cívicos transita-se progressivamente para uma situação de exploração dos sentimentos de culpa presentes em alguns sectores da sociedade branca liberal.

#### 4.4. Conclusão

Em termos políticos, o movimento dos direitos cívicos alcançou, de facto, os seus objectivos. Pela primeira vez na história, os afro-americanos encontram-se numa situação de igualdade formal em relação aos restantes americanos. O número de políticos afro-americanos eleitos para órgãos de governo passa de menos de 200 em

---

<sup>112</sup> C. Eric Lincoln, «Color and Group Identity in the United States», *Daedalus* 96, nº2 (Inverno 1967), p.536.

1965 para 3.500 na década seguinte. Em 1971, surge o *Congressional Black Caucus*, que rapidamente apreende e utiliza no seu discurso público a retórica do *black-is-beautiful* e do nacionalismo cultural como forma de angariar eleitores.<sup>113</sup>

O processo de auto-emancipação negra durante a década de sessenta projectou-se em duas direcções: numa, que procurou abolir todas as formas de discriminação e de desigualdade através do movimento de direitos cívicos e numa outra, mais radical, que promoveu o separatismo económico e político subjacente ao pensamento de Malcolm X e às tendências do *Black Power*. Esta última, simultaneamente, restituiu aos afro-americanos uma nova auto-imagem positiva, reflectida na produção artística e poética, na transformação dos nomes, no estilo de vestir e de pentear, bem como nos rituais culturais adoptados como meio de se identificarem com a realidade imaginada do continente africano. Curiosamente, as duas vertentes acabam por se auxiliar mutuamente, pois se o nacionalismo separatista foi de importância decisiva para mudar a auto-imagem do americano negro, também fortaleceu o movimento de libertação negro enquanto movimento de auto-emancipação.

Na verdade, os sucessos legais e materiais do período em estudo criariam novas contradições à medida que os afro-americanos procuravam novas definições para o conceito de igualdade. Assim, o

---

<sup>113</sup> Em Março de 1972 tem lugar em Gary, Indiana, a *National Black Political Convention* com 2.700 delegados e 4.000 observadores. Debateram a estratégia política necessária de forma a influenciar o poder político branco e a mobilizar a comunidade afro-americana no sentido de melhorar as suas condições sociais e económicas, «The Gary Declaration», in *The National Black Political Agenda* (1972), rpd. *Modern Black Nationalism*, pp.138-143.

próprio sucesso dos direitos cívicos acabou por ser responsável pelos dilemas da década de setenta, espelhados no debate em torno das medidas de acção afirmativa.<sup>114</sup>

Afinal, o problema pode ser equacionado através da pergunta: quais são os objectivos da integração? Ou ainda, o que é que se pretende com uma sociedade *color-blind*? A possibilidade de duas leituras sobre o significado de *integração* poderá ser a responsável pela ausência de consenso e também pela inexistência de medidas políticas efectivas. Uma das leituras pede a abertura da sociedade, de modo a que o indivíduo possa desenvolver o maior número de contactos voluntários possíveis com os outros. A outra vê na integração a distribuição proporcional do conjunto dos grupos raciais e étnicos nas diversas actividades da sociedade, por forma a representar fatias de toda a população.<sup>115</sup> Neste sentido, o objectivo é a obtenção, aos vários níveis, de um equilíbrio entre os elementos constitutivos da sociedade, o que se tentou alcançar com o recurso a medidas de acção afirmativa.

É possível também questionar o objectivo último do movimento dos direitos cívicos. Eliminar as diferenças que dividem a população dos Estados Unidos e assim dissolvê-la numa massa homogénea e indiferenciada? Ou será possível alcançar a igualdade preservando os subgrupos sociais produzidos pela herança da diversidade e da emigração? A resposta a estas perguntas depende da posição política,

---

<sup>114</sup> Elliot Zashin, «The Progress of Black Americans in Civil Rights: The Past Two Decades Assessed», *Daedalus* 107, n.º1 (1978), p.241 e Manning Marable e Keith Mullings, «We Shall Overcome: The Second Reconstruction, Introduction», in *Let Nobody Turn Us Around*, p.376.

<sup>115</sup> Oscar Handlin, «The Goals of Integration», in *The Negro American*, p.661.

ideológica e racial do analista e parece altamente improvável que se chegue a um consenso ao longo das próximas décadas.

Uma outra abordagem do problema são as ligações que se podem estabelecer entre as atitudes racialmente discriminatórias e o insucesso das minorias. De acordo com alguns autores, como Elliot Zashin, as ligações não são claras, pela dificuldade de estabelecer modelos de comparação. Para outros autores, nomeadamente Leslie Carr, as relações de causa-efeito são óbvias, sendo o insucesso resultado do objectivo inicial do grupo dominante (branco) de manter a opressão e desigualdade raciais. Enquanto que, para os negros nacionalistas, a escolha da auto-segregação pressupõe o exercício da liberdade, para outros poderá significar o insucesso da socialização, e para outros ainda a leitura da aparente escolha é feita em termos de exclusão-inclusão sócio-económica, determinada pelas elites governantes.

Assim, as controvérsias político-ideológicas e culturais, entre o *establishment* branco, os representantes dos negros e entre os próprios líderes negros assumem contornos mais extremados. O desenvolvimento de uma subcultura de gueto durante o período em análise, resultado de estratégias de sobrevivência face à marginalização a que os guetos estão votados, vem pôr em questão os objectivos de integração e assimilação dos líderes iniciais do movimento. Aquilo a que Anthony Giddens chama a «política de emancipação» instala-se definitivamente no seio da sociedade americana, traduzida na necessidade de libertar indivíduos e grupos. No caso americano está a falar-se de constrangimentos ou barreiras raciais, que lhes impedem

livre acesso a oportunidades iguais às dos *outros*. Ainda de acordo com Anthony Giddens, emancipação significa que a vida colectiva está organizada de forma a que o indivíduo seja capaz de acção livre e independente. E aqui é possível introduzir-se um novo elemento: a responsabilidade. O indivíduo é libertado das barreiras exploradoras e opressivas, mas essa liberdade presume a responsabilidade para com os outros e o reconhecimento de uma obrigação colectiva.<sup>116</sup>

É nesta questão crucial da responsabilidade que os analistas se mostram mais cépticos, pois vêem o comportamento dos afro-americanos «emancipados» e integrados como um sinal de desresponsabilização perante a comunidade: «Such progress [produced] middle-class, white-collar African Americans who were disdainful of community and culturally amnesic.»<sup>117</sup> Afinal, a luta pelos direitos cívicos e a integração ambicionada resultaram na consciencialização de que estas apenas serviram parte da comunidade afro-americana que, na realidade, só desejava mesmo a possibilidade de ser assimilada e integrada, sem preservar a sua identidade cultural distinta.

A identidade positiva auto-assumida pelos negros após a década de sessenta, na qual se relevam atitudes culturais distintas, acaba por colidir com as atitudes da «nova classe-média» desejosa de uma sociedade *color-blind* onde essas diferenças culturais não apareçam, pois estarão sempre conotadas com grupos sociais desfavorecidos e com padrões de vida diferentes dos praticados pela respeitável classe-média americana branca.

---

<sup>116</sup> Anthony Giddens, *Modernity and Self-Identity*, pp.207-231.

<sup>117</sup> Alton B. Pollard III, «The Last Great Battle of The West», in *Lure and Loathing*, p.49.

É possível então, fazer-se duas leituras sobrepostas sobre os desenvolvimentos políticos e posicionamentos mais radicais das tendências do *Black Power* e sobre as próprias críticas tecidas por intelectuais, como James Baldwin, à hipocrisia da sociedade americana branca no período em causa. A discriminação e racismo, de acordo com os dados apresentados ao longo deste trabalho, são factos incontestáveis e visíveis e aqueles que afirmam que a sociedade dominante (e também a dominada) nunca ultrapassará esses entraves psicológicos e institucionais têm alguma razão. Mas subjacente aos problemas concretos do racismo e domínio históricos dos brancos sobre os negros, existia um mal-estar cultural no próprio interior da sociedade dominante, que se expressava através de posições moralistas, puritanas e intelectualmente fechadas, associadas a uma imensa abundância económica. A sociedade branca dominante não pecava só por ser racista, segregacionista, discriminatória e opressora para com os negros. Simultaneamente sofria de uma série de contradições culturais e políticas não resolvidas, nas quais o comportamento negativo dos afro-americanos aparecia sobrevalorizado face aos constrangimentos puritanos de uma sociedade cultural e sexualmente repressiva que olhava para eles de forma duplamente suspeita. Como indicava Norman Mailer na época, na vida dos negros não havia sequer espaço para sentimentos de segurança semelhantes aos do branco médio.<sup>118</sup> Assim, o movimento dos direitos cívicos acabou por oferecer um contributo fundamental na abertura da estrutura da sociedade

---

<sup>118</sup> Norman Mailer, «The White Negro: Superficial Reflections on the Hipster», *Advertisements for Myself*, p.340.

americana à interrogação crítica. Afinal, os afro-americanos pareciam ser os únicos a não desenvolver uma consciência acrítica e a-ideológica. Sendo o grupo menos poderoso de toda a sociedade, revelaram-se como os guardiões privilegiados da consciência americana.<sup>119</sup>

Embora pareça não existirem dúvidas quanto ao facto do processo de inclusão social ter ficado mais completo, ao contemplar-se a extensão dos benefícios legais trazidos pelos programas de acção afirmativa desenvolvidos pela *Equal Employment Oportunities Committee* (EEOC),<sup>120</sup> já na década de setenta, às outras minorias americanas (hispânicos, mulheres, índios, asiáticos), surgem três posições perante os resultados dos direitos cívicos, de difícil harmonização por serem contraditórias entre si: os optimistas acreditam que o progresso tem sido extenso, que a prática de discriminação tem diminuído ou até foi eliminada e que a cor da pele está pouco ou nada relacionada com o insucesso escolar, tipo de emprego e salários obtidos; os pessimistas têm uma perspectiva muito diferente, pois consideram muitas das mudanças como superficiais e focam áreas como o rendimento da família, pobreza e desemprego, cuja evolução positiva foi mínima nos anos setenta; uma terceira perspectiva vê a comunidade negra cada vez

---

<sup>119</sup> Gerald Howard, «The Politicization of Culture», in *The Sixties: The Art, Attitudes, Politics and Media of the Most Explosive Decade*, ed. Gerald Howard (Nova Iorque: Marlowe and Company, 1995), p.40.

<sup>120</sup> Os programas de acção afirmativa são essencialmente o resultado da aplicação do *Civil Rights Act* de 1964 que previa no seu Título VII a proibição da discriminação no emprego e previa também a implementação da *Equal Employment Opportunity Commission* (EEOC) que seria criada em 1965. Embora criada em 1965, só em 1972 com o *Equal Employment Opportunity Act*, emenda ao Título VII do *Civil Rights Act*, é que a EEOC surge com um papel activo ao nível dos processos em Tribunal. O juiz conservador afro-americano Clarence Thomas que viria a assumir a direcção desta comissão na década de oitenta declara em 1986 que a EEOC abandonava a acção afirmativa enquanto luta contra a discriminação no emprego, pois esta estigmatizava os afro-americanos.

mais polarizada, com um grupo de elite de um lado e a classe desfavorecida do outro.

A discussão no fim da década de setenta, prolongando-se pelos anos oitenta e noventa, deixou de se centrar apenas no palco político e legal e passou a ter também uma base acadêmica universitária, onde, para além de se dar continuidade ao debate sobre as medidas de acção afirmativa, se discutia a institucionalização da diferença cultural e do direito a essa mesma diferença cultural. Volta-se, assim à questão duboisiana da dupla consciência: o americano negro deverá assumir a sua identidade americana ou deverá manter em primeiro lugar a sua identidade cultural de raiz africana? Será entre acusações mútuas e discussões (multi)culturais que as décadas seguintes se desenvolverão.

## Considerações Finais

A condição de identificação com determinado grupo racial não deveria negar ou diminuir os direitos individuais do cidadão no Estado ao qual ele pertence. Mas, quando tal acontece, os membros da minoria racial podem procurar assimilar-se ao grupo dominante; podem alienar-se do Estado; ou podem ainda usar a raça como fonte de poder para atingir a igualdade de direitos e de estatuto. Os afro-americanos, devido à sonegação dos direitos cívicos, foram alvo de um padrão permanente de discriminação dentro dos Estados Unidos da América. Este estudo procurou analisar o percurso desta minoria, que, pelo facto de estar delimitado pela permanente discriminação e negação de direitos, pautou-se pelas três hipóteses acima referidas, e sustentou-se nas sucessivas tentativas de reconstrução da imagem pública.

Tem sido imposto aos afro-americanos um percurso marginal ao da sociedade dominante. A discriminação por eles sofrida no passado e no presente, imposta pelo grupo dominante de ascendência branca, é um facto. Para sobreviver socialmente, a comunidade foi construindo uma identidade para o consumo externo, ou seja, para o branco, com o fim último ou de ser aceite por ele, ou com o objectivo de rejeitar aquilo que a sociedade branca tinha para oferecer. Partindo da análise dos vários autores, concluiu-se que desde a escravatura, a construção da identidade afro-americana, ou seja da sua imagem pública e da sua

auto-imagem, se tem orientado por uma dicotomia: a tradição assimilacionista ou integracionista e a tradição separatista. Na primeira, representada, embora de formas totalmente distintas, por W.E.B. Du Bois e Martin Luther King, parte-se do pressuposto que uma sociedade onde não se contemplem as diferenças raciais aos níveis político, económico e moral é possível e desejável para a América. Na tradição separatista, presente no pensamento de Marcus Garvey e Malcolm X ou nas propostas políticas do *Black Power*, pelo contrário, considera-se que isso não é possível. Contudo, da pesquisa elaborada neste estudo foi possível identificar diferenças entre as duas tradições, que, em alguns casos, eram essencialmente estratégicas, uma vez que alguns defensores do separatismo consideraram que essa podia ser a via para a eventual assimilação futura, como foi o caso do *Black Panther Party*.

Assim, ao longo deste trabalho, procurou-se analisar o pensamento intelectual afro-americano nestas duas tradições políticas principais. Concluiu-se que a preponderância de uma sobre a outra foi determinada mais pelo contexto externo, do que pelos verdadeiros objectivos que os líderes e intelectuais desejavam para a sua comunidade. Na realidade, ao longo dos mais de cem anos estudados, surgiram sempre, entre os intelectuais negros, vozes discordantes do ideal integracionista, porque reconheciam a resistência da sociedade branca em aceitar a sua integração. Estes opositores à integração apelaram quer à criação de um estado de afro-americanos em África, quer à formação de um estado afro-americano no próprio território

americano, quer ainda ao desenvolvimento de estruturas sociais, económicas e políticas independentes da sociedade dominante.

No primeiro momento analisado, isto é, no período pós-Reconstrução, Booker T. Washington, limitado pelas imposições segregacionistas do *establishment* sulista, construiu o Instituto de Tuskegee, obedecendo à filosofia acomodacionista e aceitando a segregação *de jure*, mas visando a assimilação dos valores dominantes pelos negros. Por seu lado, e numa fase posterior em que os afro-americanos já tendiam para a criação de organizações de defesa dos seus interesses, como a NAACP e a NUL, W.E.B. Du Bois contestou as opções acomodacionistas de Washington, procurando, não obstante, a integração. No período da *Harlem Renaissance*, o debate não se colocou do ponto de vista político (embora este estivesse subjacente), mas sim da perspectiva cultural, através da qual os intelectuais nova-iorquinos afro-americanos consideraram viável o seu renascimento artístico e, por arrastamento, o seu renascimento cívico aos olhos da comunidade branca; no entanto, esta última esperança não se viria a concretizar. Ainda no mesmo período, com Marcus Garvey a liderar o movimento *Back-to-Africa*, surgiram as propostas paralelas de uma economia e sociedade separatistas que conseguiram reunir muitíssimos adeptos. Quando, durante e após a II Grande Guerra, saíram a público os estudos de Gunnar Myrdal e de Kenneth B. Clark sobre os negros, expondo o «dilema» da sociedade americana face a esta minoria, ainda os intelectuais e líderes afro-americanos apontavam para o fim último da integração no Sul segregado.

À medida que a mobilização dos afro-americanos engrossa as fileiras do protesto público exigindo legislação que conduzisse à integração, surgem as primeiras dissidências com algum impacto na opinião pública, e com manifestas repercussões na comunidade afro-americana. A partir de 1965, assiste-se, então, à crescente solidificação das posições separatistas ou nacionalistas, às exigências de poder político e económico para a comunidade afro-americana, e à sua afirmação artística e cultural independente dos padrões estéticos *mainstream*.

Mas para chegar à situação de reivindicação assertiva dos defensores do *Black Power*, foi imprescindível a redefinição constante da noção de raça e da imagem do afro-americano na sociedade americana. Recuperando as teorias de identidade de Erik Erikson, referidas na introdução deste trabalho, é possível concluir que entre a Proclamação da Emancipação da Escravatura (1863) e a legislação de direitos cívicos, a comunidade teve que ir reconstruindo, com carácter consistente, uma imagem ou identidade delimitada por dois pólos opostos: por um lado, aquilo que a opinião pública branca identificava com o ser-se negro, por outro lado, aquilo com que os próprios afro-americanos se identificavam. Esta auto-imagem variou com o momento histórico e de acordo com a interpretação que cada líder afro-americano fazia do comportamento da comunidade branca para com o negro. A história cultural e social dos afro-americanos desenvolveu-se, assim, através de posições críticas sucessivas face ao poder branco e simultaneamente, limitada pela necessidade de ser por ele apadrinhado para alcançar o

objectivo último do reconhecimento da igualdade; e ainda, através de contradições e conflitos internos na própria liderança afro-americana que divergia amplamente quanto às estratégias de afirmação da identidade e quanto aos mecanismos necessários para alcançar a igualdade política e cívica.

Logo, a luta política para sustentar as suas reivindicações cívicas foi-se apoiando progressivamente em teorias científicas, antropológicas, sociológicas, psicológicas e nos valores ético-religiosos subjacentes à construção do país, de modo a provar aos olhos da sociedade americana a sua igualdade nos múltiplos aspectos que compunham a vida americana. Assim, no período após a Reconstrução, os ex-escravos alfabetizaram-se, instruíram-se para o exercício do voto, e procuraram ser proprietários. Estas eram três das principais formas de obter estatuto na sociedade pós-esclavagista. Depois da decisão *Plessy v. Ferguson* (1896), no período mais agressivo da implementação da *color-line* no Sul, os afro-americanos urbanos do Norte usaram mecanismos culturais para a redefinição da sua identidade aos olhos dos brancos, e procuraram apoio nas novas teorias científicas antropológicas que enunciavam o conceito recém-criado de relativismo cultural. Entre os anos trinta e cinquenta a comunidade provou de forma científica os efeitos psicologicamente desestruturantes da segregação e da discriminação e trouxe essa descoberta para o conhecimento público, coadjuvada pela denúncia destes aspectos na sua literatura do mesmo período. Depois da década de cinquenta, foram os valores ético-religiosos de justiça e de igualdade que apareceram brandidos como

justificações para o fim da segregação. Depois da passagem do *Civil Rights Act* e do *Voting Rights Act*, os afro-americanos elaboraram uma nova redefinição de identidade, baseada no orgulho étnico e na diferença cultural. Com a conquista dos direitos cívicos, já se tornava possível repudiar os valores da *mainstream* e substituí-los por outros, vistos como essencialmente africanos. Simultaneamente, alguns sectores da comunidade afro-americana começaram a cultivar o estatuto de vítima, pedindo a correcção dos erros do passado. Desde então, entrou-se na era retributiva e na esfera do dever e da obrigação da sociedade dominante de corrigir os males anteriores. Eram estas as circunstâncias em que se encontravam as relações interraciais nos Estados Unidos no fim dos anos sessenta, altura em que a minoria negra descobriu o seu poder político. Como consequência da consciencialização do novo poder, apropriaram-se das medidas de acção afirmativa, e mais tarde dos projectos multiculturais, como forma de revalorizar a sua identidade.

À medida que esta investigação progrediu, constatou-se que as estratégias culturais desenvolvidas pelos afro-americanos estão sempre muito perto dos objectivos políticos e económicos, o que tornava difícil isolar uma das vertentes. Nos anos setenta, a poderosa batalha intelectual e política desenvolvida em torno da aplicação das medidas de acção afirmativa ilustra cabalmente a justaposição das várias componentes do processo de construção de imagem dos negros. Deste modo, considerou-se que este estudo ficaria incompleto sem a apresentação de alguns índices sobre o progresso do nível de vida dos

afro-americanos a partir da aprovação da legislação de direitos cívicos e, ainda, que seria igualmente relevante expor sumariamente as linhas mestras que enquadram este último debate.

Em relação ao progresso social, económico e educacional dos afro-americanos, os analistas têm diferentes interpretações sobre a contribuição dos direitos cívicos para a sua evolução. Enquanto que alguns economistas defendem que a migração para Norte e o aumento da escolaridade explicam aquilo que é considerado o progresso económico contínuo dos negros, um outro grupo argumenta que as melhorias substanciais nos rendimentos, salários e estatuto ocupacional durante a década de sessenta se devem tanto ao papel desempenhado pelo governo na promulgação de leis contra a discriminação, como ao desenvolvimento de políticas de acção afirmativa.<sup>1</sup> Embora os dados evidenciem progresso ao nível dos

---

<sup>1</sup> É consensual apontar-se como a primeira medida de acção afirmativa na história dos Estados Unidos, a Executive Order n.º 8802 de 1941 assinada pelo Presidente Roosevelt. No entanto esta lei não previa qualquer sanção para quem não a cumprisse. Em 1965, o Presidente Johnson assina a Executive Order n.º 11246 (já na sequência do Título VII do *Civil Rights Act* de 1964) onde se estabelecem as primeiras verdadeiras medidas de acção afirmativa, impondo dois tipos de obrigações: não discriminar e aplicar medidas para que não se viesse a discriminar no futuro. Assim, às empresas com contratos com o governo federal (essencialmente de construção civil) eram exigidos planos de acção afirmativa com objectivos e metas para corrigirem desigualdades numéricas na contratação de minorias. As sanções aplicadas seriam eventualmente a rescisão de contrato. Até 1991 menos de trinta empresas tinham sofrido penalizações por não terem cumprido com as medidas de acção afirmativa. O Presidente Nixon em 1969 desenvolve aquilo que ficou conhecido pelo «Philadelphia Plan», onde se pedia às grandes empresas de construção a adopção de um programa para aumentar o número de trabalhadores negros em projectos de construção financiados pelo governo. Como resultado o número de minorias raciais na indústria da construção civil aumentou de 1 para 12%, in Manning Marable, *Beyond Black and White: Transforming African-American Politics* (Nova Iorque: Verso, 1995) p.83. Em meados da década de setenta o Congresso exige que 10% do valor envolvido nos contratos federais fosse aplicado em contratos com empresas detidas por elementos de minorias. Em 1972 é aprovada uma emenda ao Título VII do *Civil Rights Act* de 1964 no qual se estendia a proibição de discriminação ao nível dos contratados pelo governo federal, aos governos estaduais e locais. No início da década de setenta alargam-se os programas a outras minorias raciais: mulheres e deficientes. Durante a década de

rendimentos após os esforços federais de combate à discriminação, não é possível estabelecer-se a relação entre estas medidas e este aumento. Os indicadores de desemprego mantêm-se idênticos para os negros quer em 1959, quer em 1979, diminuindo ligeiramente no fim dos anos sessenta para aumentar de novo durante a recessão dos anos setenta. Um outro indicador revelador da inexistência de progresso é o crescente aumento de homens adultos negros fora do mercado de trabalho (não estão empregados, nem procuram emprego). Pode-se então, considerar discutível e não provada a importância do papel do governo federal e da legislação no progresso económico da comunidade afro-americana.<sup>2</sup> Na realidade, em termos de oportunidades de educação, o balanço é relativamente positivo, embora mais ao nível das matrículas do que ao nível da obtenção de diplomas de conclusão escolar.<sup>3</sup> É ao nível da

---

setenta e oitenta surgem vários casos judiciais que contestam as políticas de acção afirmativa, o mais famoso dos quais foi o caso *Regents of the University of California v. Bakke* (1978), no qual Alan Bakke, um estudante branco contesta a recusa de admissão por parte da faculdade de medicina da Universidade de Califórnia, alegando ter sido vítima de «discriminação invertida», uma vez que apresentou dados provando que as suas qualificações académicas eram superiores às de muitos estudantes de minorias admitidos. *Regents of the University of California v. Bakke*, (438 U.S. 265, 1978) citado em John D. Skrentny, *The Ironies of Affirmative Action: Politics, Culture, and Justice in America* (Chicago: The University of Chicago Press, 1996), pp.225-226. Dinesh D'Souza considera que o processo de implementação das medidas de acção afirmativa foi conduzido «à porta fechada» por juizes e burocratas, sem estar sujeito a debate público democrático. *The End of Racism*, p.218.

<sup>2</sup> John J. Donohue III e James Heckman, «Continuous Versus Episodic Change: The Impact of Civil Rights policy on the Economic Status of Blacks», *Journal of Economic Literature* 29 (Dezembro 1991), pp.1603-1643 e Reynolds Farley, *Blacks and Whites: Narrowing the Gap?*, p.198.

<sup>3</sup> Em meados dos anos setenta as diferenças nas matrículas na escola até aos dezassete anos tinham desaparecido. No entanto entre a população com vinte anos em 1980, 85 % dos brancos mas apenas 70% dos negros tinham concluído o ensino secundário. Para o mesmo ano, e para a população perto dos trinta anos, um branco em quatro e apenas um negro em oito possuíam quatro ou mais anos de frequência universitária, *U.S. Bureau of the Census, 1980*, Table 1 citado por Reynolds Farley, *Blacks and Whites: Narrowing the Gap?*, p.194.

habitação nas *inner-cities* e tudo o que elas envolvem que o problema se mantém, talvez mesmo ainda mais agravado.<sup>4</sup>

Uma vez removidas as barreiras artificiais da segregação e discriminação legal, os liberais e os activistas dos direitos cívicos esperavam que a igualdade de capacidades entre os grupos negro e branco assegurasse a igualdade de desempenho e de prosperidade económica dentro de um prazo razoável, o que, pelo acima exposto, não se veio a concretizar. Na sociedade americana desenvolveu-se assim uma dicotomia entre duas possíveis soluções para o problema dos negros: de um lado, o pensamento liberal tradicional que acredita na gradual absorção dos negros, considerados individualmente, na sociedade branca; do outro lado, uma posição considerada mais radical baseada na premissa de que os direitos cívicos e privilégios de um indivíduo assentam no estatuto do grupo ao qual este pertence.<sup>5</sup> Nesta última concepção (presente no pensamento de Malcolm X e de algumas tendências políticas do *Black Power*) denota-se o afastamento da concepção tradicional dos direitos cívicos enquanto direitos individuais,

---

<sup>4</sup> De acordo com Douglas S. Massey et al., «Migration, Segregation, and the Geographic Concentration of Poverty», *American Sociological Review* 59 (Junho 1994), p.442, a concentração geográfica da pobreza é fruto da segregação racial do mercado imobiliário nos Estados Unidos da América. A *Fair Housing Law* aprovada em Congresso em 1968 e revista em 1988 prova que não existem mecanismos legais que obstem ao isolamento residencial dos afro-americanos provocado pelos bancos, seguradoras, empresas imobiliárias, planos de renovação urbana e bairros sociais. Os sociólogos conseguem prever com grande precisão os índices de mudança dos brancos dos bairros cuja percentagem de afro-americanos ultrapasse os 10%. Leslie G. Carr, «Color-Blind» *Racism*, p.142. Estudos demonstram que a segregação residencial não é resultado dos desejos da população afro-americana, que preferiria habitar em áreas multirraciais, Reynolds Farley, *Blacks and Whites: Narrowing the Gap?*, p.201.

<sup>5</sup> David Danzig, «The Meaning of Negro Strategy», *Commentary* 37, n.º2 (Fevereiro 1964), p.42.

passando a ser considerados direitos colectivos do grupo,<sup>6</sup> afastando-se completamente do ideal integracionista de Martin Luther King, Jr., e contrariando igualmente a tradicional concepção americana de sociedade.

Um dos vectores constantes na ideia de sociedade americana tem sido a valorização do indivíduo em detrimento do grupo. Deste modo, a sociedade seria constituída por um conjunto de indivíduos em competição e que têm que se regular por um corpo de leis e instituições neutras, e não por um conjunto de classes económicas ou grupos étnicos em concorrência. Assim, a sociedade americana sempre se procurou apresentar e construir como *color-blind* (racial e etnicamente neutra). Nesta investigação foi possível comprovar que na história dos afro-americanos sempre subsistiu uma enorme distância entre a concepção teórica e a aplicação prática do conceito tradicional de sociedade *color-blind*. Não obstante, no fim dos anos sessenta alguns sectores pensavam que finalmente o ideal se poderia concretizar, após a

---

<sup>6</sup> James Baldwin et al., «Liberalism and the Negro: A Round the Table Discussion», *Commentary* 37, nº3 (Março 1964), p.25. O adjetivo «radical» aparece no texto citado de David Danzig e no discurso de Norman Podhoretz in James Baldwin et al., «Liberalism and the Negro: A Round the Table Discussion», *Commentary* 37, nº3 (Março 1964), pp.25-26. De referir que aquilo que sugeria um discurso inovador liberal radical em 1964, se transforma numa das posições ortodoxas face à defesa das medidas de acção afirmativa no fim dessa década, in Dinesh D'Souza, *The End of Racism*, pp.206-207. É muito interessante constatar que enquanto Dinesh D'Souza, um autor que se poderá classificar como conservador, vê as políticas de acção afirmativa como a continuação do pensamento ideológico separatista, Manning Marable, cuja posição é marcadamente oposta à de D'Souza, analisa sempre o progresso dos negros como um caminho dentro do contexto das estruturas existentes, considerando que os afro-americanos se deixaram submeter aos valores (negativos) do sistema, levando-os a perderem a sua própria identidade, provocando igualmente a perda da consciência do ser-se negro: «One major factor in the demise of black consciousness and identity was the materialism and greed inherent in the existing American political economy and secular society. By asking to be integrated into the existing structures of society, rather than demanding the basic transformation of the system, blacks became hostage to their own ideological demands.», Manning Marable, *Beyond Black and White*, p.19.

ultrapassagem de todas as barreiras legais. Mas, os índices de progresso apontados previamente, as próprias exigências sociais e económicas de algumas tendências do *Black Power* e a consciência de um novo poder político, mesmo que limitado, conduziram o pensamento liberal a olhar para a comunidade negra como um todo, historicamente oprimida, não sendo condição suficiente a remoção de todas as barreiras legais para o avanço dos negros considerados individualmente.

As posições opostas no debate sobre a acção afirmativa são consequência desta nova perspectiva sobre o conceito de sociedade que, como já se referiu, colide com a perspectiva tradicional. Uma corrente de opinião defende que o desaparecimento do racismo legal assegura a igualdade de oportunidades. Uma vez que a raça já não tem significado social, os indivíduos são julgados no mercado através das suas competências, que poderão ir desde as suas capacidades intelectuais inatas às escolhas individuais feitas ao longo da vida. Deste ponto de vista, os programas de acção afirmativa negligenciam os «verdadeiros necessitados» e estigmatizam de forma injusta os afro-americanos qualificados, baseando-se em qualidades arbitrárias como a raça. Uma outra escola de pensamento contesta esta visão da sociedade, dado que ainda reconhece indícios de racismo na sociedade contemporânea, considerando fundamental medidas correctivas baseadas na raça para superar esse mesmo racismo.

Aqueles que atacam a acção afirmativa, além de considerarem que esta valoriza qualidades arbitrárias, dizem também que é uma regra

contrária ao modelo americano clássico liberal individualista, onde os indivíduos devem ser avaliados na base das suas escolhas e qualidades pessoais e não pelas circunstâncias sociais que os envolvem. Para esta linha de pensamento, nada é mais importante que o sonho americano do *self-made man*.<sup>7</sup>

Contudo, é possível contestar este ideal quando se conclui que o que se pediu aos afro-americanos ao longo da história, foi que agissem em grupo, e quando também se observa que os brancos não tiveram outro olhar sobre os negros que não fosse através de estereótipos colectivos onde, na prática, esteve sempre ausente a perspectiva *color-blind*.

O problema da acção afirmativa conduz, igualmente, à avaliação da interpretação do conceito abstracto de sociedade *color-blind* por contraposição à sua realidade concreta. Os que defendem uma sociedade *color-conscious* consideram que quem define o *racialmente neutro* é a classe dominante branca de origem essencialmente anglo-saxónica.<sup>8</sup> Os padrões *WASP*, considerados como universais ou de tendência universalizante, encontram-se, deste modo, subjacentes na delimitação do *racialmente neutro*. É no contexto desta variável que

---

<sup>7</sup> «No dream is so dear to Americans as the possibility of a society that is completely open to ambitious people. But when we wake, the realities of class and race are difficult to face [...] Ambiguity has its uses: we must be free to tell children that hard work and education will find their reward. Young blacks and Chicanos must be persuaded to wait another generation, always another generation.», Joan W. Moore, «Minorities in the American Class System», *Daedalus* 110, nº2 (Primavera 1981), p.275.

<sup>8</sup> Dinesh D'Souza, *The End of Racism*, p.205, estabelece um paralelo entre aqueles que defendem uma sociedade «color conscious» e os «velhos racistas», pois é comum aos dois grupos a necessidade de manter a «one-drop rule» como forma de classificação do indivíduo em termos raciais. Os «velhos racistas» pretendiam manter esta regra com fins de hierarquização social e manutenção do *status quo*; os actuais «color-conscious» procuram apelar a medidas de tratamento preferencial.

surgem os debates sobre o multiculturalismo nas décadas de oitenta e noventa e que surgem ainda as perspectivas mais extremadas sobre a divisão da sociedade em opressores (brancos) v. oprimidos (negros).<sup>9</sup>

Hoje em dia, alguns sectores da sociedade já aceitaram a diferença entre a abstracção idealizada e a realidade concreta dos factos. Nathan Glazer, por exemplo, durante muito tempo opositor convicto da acção afirmativa, passou a defendê-la: «The battle over affirmative action today is a contrast between a clear principle on the one hand and a clear reality on the other». O autor também explica que o princípio invoca o conceito da sociedade justa, *racialmente neutra* onde a capacidade, qualificação e mérito devem prevalecer, independentemente da raça, origem nacional e sexo. Mas essa «clear reality» está presente no enorme hiato entre o desempenho académico dos negros e dos brancos; nas *inner-cities* e ainda no desmembramento da célula familiar.<sup>10</sup>

Os conservadores consideram que a acção afirmativa é não democrática, leva à discriminação invertida e que é não-americano garantir resultados iguais em vez de oportunidades iguais. Os liberais insistem em apoiar estas medidas como compensação de injustiças passadas, uma garantia de uma fatia justa do bolo económico.<sup>11</sup>

Para além do desenvolvimento e aplicação da acção afirmativa, que tanta controvérsia suscitou, encontra-se uma segunda herança do

---

<sup>9</sup> Existe ainda um outro grupo, (Leslie G. Carr e Manning Marable) que analisa a sociedade do ponto de vista da dicotomia opressores/oprimidos, considerando que há vontade política por parte de alguns sectores da elite branca em manter hierarquias rígidas de poder, com o grupo afro-americano a ocupar o último lugar da escala.

<sup>10</sup> Nathan Glazer, «In Defense of Preference», *The New Republic* (6 Abril 1998), p.18.

<sup>11</sup> Dinesh D'Souza, *The End of Racism*, p.206.

movimento reivindicativo dos afro-americanos presente na sociedade americana contemporânea conhecida pelo nome de multiculturalismo, e que também tem provocado debates polémicos. O multiculturalismo, na sua perspectiva mais extrema, propõe a inclusão e paridade intelectual a par da equidade económica e social e da repartição equitativa de poder. Esta tendência recusa os valores de base comuns e ainda a preponderância da cultura eurocêntrica em relação às demais que compõem o mosaico multiétnico americano, rejeitando assim, qualquer forma de assimilação e procurando construir uma «racial democracy through popular pluralism».<sup>12</sup> Embora tenha consistido num impulso poderoso nos anos oitenta e noventa, não conseguiu oferecer uma orientação suficientemente alicerçada para processar os conflitos interraciais da sociedade. Assim, a análise desta tendência actual apresenta-se como uma possibilidade de investigação futura. Um outro aspecto merecedor de discussão, e que decorre do enunciado acima, é a constatação que o mosaico étnico norte-americano se continua a decompor em cada vez maior número de subcategorias. Existem mais de trinta possibilidades de classificação étnica ou racial no censo de 2000. Seria com certeza revelador explorar as políticas de identidade subjacentes a estas categorizações, e o que elas revelam sobre a indefinição étnica dos cidadãos.

Por fim, neste trabalho escolheu-se conscientemente não aprofundar a visão dos brancos sobre os afro-americanos, tanto mais

---

<sup>12</sup> Christopher Newfield e Avery F. Gordon, «Multiculturalism's Unfinished Business», in *Mapping Multiculturalism*, eds. Christopher Newfield e Avery F. Gordon (Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996), p.77.

que já se concluiu que a comunidade negra historicamente se manteve «invisível» aos olhos dos brancos até aos anos cinquenta do século XX. Ao longo do estudo, adoptou-se a perspectiva dos afro-americanos sobre o seu papel e função no todo nacional, e procurou-se ver através do olhar da comunidade negra a forma como ela própria foi reflectindo sobre e elaborando a sua imagem estereotipada. Nesta dissertação apenas se recorreu à hetero-imagem dos negros no espírito branco, a fim de sustentar as reivindicações e os esforços desenvolvidos pela comunidade afro-americana para a modificarem. Assim, após a emancipação, a tradição *minstrelsy*, tão do agrado do público branco, evidenciava os estereótipos racistas subjacentes à extensa bibliografia «científica» produzida sobre a inferioridade racial, biológica, intelectual e social dos ex-escravos. Durante a *Harlem Renaissance*, a oposição de Du Bois ao romance de Carl Van Vechten, bem como o debate que se lhe seguiu na revista *The Crisis*, provam a permanência dos estereótipos em relação à raça no seu todo, quer em relação à comunidade rural do Sul rural, quer em relação aos migrantes no Norte urbano. O sueco Gunnar Myrdal, embora criticado por estudar o «dilema» do ponto de vista exclusivamente branco, teve o mérito importante de ajudar à «visibilidade» do negro, contribuindo para a alteração da política do Supremo Tribunal em 1954. Mas de facto, quando nos anos sessenta a sociedade branca se vê obrigada a reflectir sobre o problema da minoria cresce a informação na imprensa e na televisão, aumenta a produção científica sociológica e económica, bem como proliferam os debates públicos. Perante a nova auto-imagem transforma-se também a hetero-

imagem. Assim, a investigação destas reconstruções da identidade afro-americana aos olhos dos brancos poderia constituir-se igualmente como o prolongamento natural deste trabalho.

## Bibliografia

### Bibliografia Primária:

BAKER, Ray Stannard. *Following the Color Line: An Account of Negro Citizenship in the American Democracy*. Massachusetts: Corner House Publishers, [1904] 1973.

BALDWIN, James. *Going to Meet the Man*. Nova Iorque: Dell Publishing, 1948.

\_\_\_\_\_. *Notes of a Native Son*. Boston: Beacon Press, 1955.

\_\_\_\_\_. *Another Country*. Londres: Penguin Books, [1962] 1990.

\_\_\_\_\_. *Tell Me How Long the Train's Been Gone*. Londres: Penguin Books, 1968.

\_\_\_\_\_. *The Fire Next Time*. Londres: Penguin Books, 1964.

BALDWIN, James, Nathan Glazer, Sidney Hook, Gunnar Myrdal e Norman Podoretz. «Liberalism and The Negro: A Round-Table Discussion». *Commentary* 37, n°3 (Março 1964), pp. 25-42.

BARAKA, Imamu Amiri. «SOS» (1965), rpd. *The Norton Anthology of African-American Literature*, eds. Henry Louis Gates Jr. e Nellie Y. McKay. Nova Iorque: W.W. Norton and Company, 1997, p.1883.

\_\_\_\_\_. «Black Art» (1969), rpd. *The Norton Anthology of African-American Literature*, eds. Henry Louis Gates Jr. e Nellie Y. McKay. Nova Iorque: W.W. Norton and Company, 1997, pp.1883-1884.

\_\_\_\_\_. «The Revolution Theatre» (1969), rpd. *The Norton Anthology of African-American Literature*, eds. Henry Louis Gates Jr. e Nellie Y. McKay. Nova Iorque: W.W. Norton and Company, 1997, pp.1899-1902.

- BARRINGER, P.B. *The American Negro, His Past and Future*. 3ª Edição, Raleigh, North Carolina: s. e., 1900.
- BILBO, Theodore Gilmore. *Take Your Choice: Separation or Mongrelization* (1947), rpd. *Documents of American Prejudice: An Anthology of Writings on Race From Thomas Jefferson to David Duke*, ed. S.T. Joshi. Nova Iorque: Basic Books, 1999, pp.334-337.
- BLYDEN, Edward Wilmot. *Lecture Delivered at the American Colonization Society* (1890), rpd. *Let Nobody Turn Us Around: Voices of Resistance, Reform and Renewal, An African American Anthology*, eds. Manning Marable e Leith Mullings. Nova Iorque: Rowman and Littlefield Publishers, 2000, pp.146-157.
- BOAS, Franz. *The Real Race Problem: From the Point of View of Anthropology*. Nova Iorque: Publication National Association for the Advancement of Colored People, 1910.
- BOND, Julian. «Basic and Political Assumptions of Black Power». *Rights and Reviews*. New York (Harlem) Chapter of the Congress of Racial Equality (Inverno 1966/67), p.6.
- BOTTONE, Sam. «The Negro Revolt: The Push Beyond Liberalism». *New Politics* 111, nº5 (Verão 1964), pp.35-43.
- CLARK, Kenneth B. «The Civil Rights Movement: Momentum and Organization». *Daedalus* 95, nº1 (Inverno 1966), pp.239-267.
- CLEAVER, Eldridge. *Soul on Ice*. Nova Iorque: McGraw-Hill Book Company, 1968.
- COLES, Robert. «It's the Same, But It's Different», in *The Negro American*, eds. Talcott Parsons e Kenneth B. Clark. Boston: Beacon Press, 1965, pp.254-279.

- CROUCH, Stanley. «Who Are We? Where Did We Come From?», in *Lure and Loathing: Essays on Race, Identity, and the Ambivalence of Assimilation*, ed. Gerald Early. Londres: Penguin Books, 1993, pp.84-86.
- CRUMMELL, Alexander. «Letter» (1 Setembro 1860), rpd. *African-American Social and Political Thought 1850-1920*, ed. Howard Brotz. 5ª Edição. New Brunswick: Transaction Publishers, 1997, pp.171-190.
- CULLEN, Countee. «Heritage» (1925), rpd. *The Norton Anthology of African American Literature*, eds. Henry Louis Gates Jr. e Nellie Y. McKay. Nova Iorque: W.W. Norton and Company, 1997, pp.1311-1314.
- DANZIG, David. «The Meaning of Negro Strategy». *Commentary* 37, n°2 (Fevereiro 1964), pp.41-46.
- DANZIG, David e John Field. «The Betrayal of the American City». *Commentary* 45, n°6 (Junho 1968), pp.52-59.
- DELANY, Martin R. *The Condition, Elevation, Emigration, and Destiny of the Colored People of the United States* (1852), rpd. *African-American Social and Political Thought, 1850-1920*, ed. Howard Brotz. 5ª Edição. Londres: Transaction Publishers, 1997, pp.37-101.
- DONOHUE III, John J. e James Heckman. «Continuous Versus Episodic Change: The Impact of Civil Rights Policy on the Economic Status of Blacks». *Journal of Economic Literature* 29 (Dezembro 1991), pp.1603-1643.
- DOUGLASS, Frederick. «What Are the Colored People Doing for Themselves?» (1848), rpd. *African-American Social and Political Thought 1850-1920*, ed. Howard Brotz. 5ª Edição. Londres: Transaction Publishers, 1997, pp.203-208.
- \_\_\_\_\_. «The Nation's Problem» (1889), rpd. *African-American Social and Political Thought 1850-1920*, ed. Howard Brotz. 5ª Edição. Londres: Transaction Publishers, 1997, pp.311-328.

DU BOIS, W.E.B. «The Conservation of Races». *American Negro Academy Occasional Papers* n°2 (1897), rpd. *The Oxford W.E.B. Du Bois Reader*, ed. Eric J. Sandquist. Oxford: Oxford University Press, 1996, pp.38-47.

\_\_\_\_\_. *The Philadelphia Negro* (1899), rpd. *African-American Social and Political Thought 1850-1920*, ed. Howard Brotz. 5ª Edição. Londres: Transaction Publishers, 1997, pp.492-508.

\_\_\_\_\_. «What is the Negro Problem?», in *The Philadelphia Negro* (1899), rpd. *The Oxford W.E.B. Du Bois Reader*, ed. Eric J. Sandquist. Oxford: Oxford University Press, 1996, pp.346-354.

\_\_\_\_\_. «Booker T. Washington». *The Dial* (16 Julho 1901), rpd. *The Oxford W.E.B. Du Bois Reader*, ed. Eric J. Sandquist. Oxford: Oxford University Press, 1996, pp.245-247.

\_\_\_\_\_. «The Talented Tenth», in *The Negro Problem* (1903), rpd. *The Future of the Race*, eds. Henry Louis Gates Jr. e Cornel West. Nova Iorque: Alfred A. Knopf, 1996, pp.133-157.

\_\_\_\_\_. *The Souls of Black Folk*. Nova Iorque: Dover Publications, [1903] 1994.

\_\_\_\_\_. «Address at Founding of Niagara Movement» (1905), rpd. *The Oxford W.E.B. Du Bois Reader*, ed. Eric J. Sandquist. Oxford: Oxford University Press, 1996, pp.373-376.

\_\_\_\_\_. «Returning Soldiers». *The Crisis* 18 (1919), rpd. *The Oxford W.E.B. Du Bois Reader*, ed. Eric J. Sandquist. Oxford: Oxford University Press, 1996, pp.380-381.

\_\_\_\_\_. «Criteria of Negro Art». *The Crisis* 32 (1926), rpd. *The Oxford W.E.B. Du Bois Reader*, ed. Eric J. Sandquist. Oxford: Oxford University Press, 1996, pp.324-328.

- \_\_\_\_\_. «The Negro in Art: How Shall He Be Portrayed». *The Crisis* (Fevereiro 1926), pp.113-114.
- \_\_\_\_\_. «Critiques of Carl Van Vechten's Nigger Heaven» (1926), rpd. *The Portable Harlem Renaissance Reader*, ed. David Levering Lewis. Nova Iorque: Penguin Books, 1994, pp.106-108.
- \_\_\_\_\_. «On Being Ashamed of Oneself: An Essay on Race Pride». *The Crisis* 40 (Setembro 1933), rpd. *The Oxford W.E.B. Du Bois Reader*, ed. Eric J. Sandquist, Oxford: Oxford University Press, 1996, pp.72-76.
- \_\_\_\_\_. «Segregation in the North». *The Crisis* 41 (Abril 1934), pp. 115-117.
- \_\_\_\_\_. «My Early Relations with Booker T. Washington», in *Dusk of Dawn: An Essay toward an Autobiography of a Race Concept* (1940), rpd. *Booker T. Washington and His Critics: Black Leadership in Crisis*, ed. Hugh Hawkins. Lexington, Massachusetts: D.C. Heath and Company, 1974, pp.47-55.
- \_\_\_\_\_. *An Appeal to the World: A Statement on the Denial of Human Rights to Minorities in the Case of the United States of America* (1947), rpd. *The Oxford W.E.B. Du Bois Reader*, ed. Eric J. Sandquist. Oxford: Oxford University Press, 1996, pp.454-461.
- EDWARDS, Ralph. «Defensive Violence vs. Militant Nonviolence». *Rights and Reviews*. New York (Harlem) Chapter of the Congress of Racial Equality (Inverno 1966/67), pp.16-18.
- ELLISON, Ralph. *Invisible Man*. Middlesex: Penguin Books, 1952.
- \_\_\_\_\_. *Shadow and Act*. Nova Iorque: Vintage Books, [1964] 1995.
- ERIKSON, Erik H. «The Concept of Identity in Race Relations: Notes and Queries». *Daedalus* 95, n°1 (1966), pp.145-271.

FAULKNER, William. «Race and Fear» (Junho 1956), rpd. *Voices in Black and White: Writings on Race in America From Harper's Magazine*, eds. Katharine Wittemore e Gerald Marzorati. Nova Iorque: Franklin Square Press, 1993, pp.83-94.

FISHER, Rudolph. «The Caucasian Storms Harlem» (1927), rpd. *The Norton Anthology of African American Literature*, eds. Henry Louis Gates Jr. e Nellie Y. McKay. Nova Iorque: W.W. Norton and Company, 1997, pp.1187-1194.

FORTUNE, T. Thomas. *Black and White: Land, and Labor and Politics in the South* (1884), rpd. *African-American Social and Political Thought 1850-1920*, ed. Howard Brotz. 5ª Edição. Londres: Transaction Publishers, 1997, pp.332-350.

FULLER, Hoyt. «Towards a Black Aesthetic» (1968), rpd. *The Norton Anthology of African American Literature*, eds. Henry Louis Gates Jr. e Nellie Y. McKay. Nova Iorque: W.W. Norton and Company, 1997, pp.1810-1816.

GARVEY, Marcus. «Declaration of Rights of the Negro Peoples of the World: Preamble» (Agosto 1920) in *Philosophy and Opinions of Marcus Garvey* (1925), rpd. *Let Nobody Turn Us Around: Voices of Resistance, Reform and Renewal, An African American Anthology*, eds. Manning Marable e Leith Mullings. Nova Iorque: Rowman and Littlefield Publishers, 2000, pp.259-264.

\_\_\_\_\_. «Race Assimilation» (1922), in *Philosophy and Opinions of Marcus Garvey* (1925), rpd. *African-American Social and Political Thought 1850-1920*, ed. Howard Brotz. 5ª Edição. Londres: Transaction Publishers, 1997, pp.553-554.

\_\_\_\_\_. «Back to Africa» (1924), in *Philosophy and Opinions of Marcus Garvey* (1925), rpd. *African-American Social and Political Thought 1850-1920*, ed. Howard Brotz. 5ª Edição. Londres: Transaction Publishers, 1997, p.576.

- \_\_\_\_\_. «An Appeal to the Conscience of Black Race to See Itself», in *Philosophy and Opinions of Marcus Garvey* (1925), rpd. *Let Nobody Turn Us Around: Voices of Resistance, Reform and Renewal, An African American Anthology*, eds. Manning Marable e Leith Mullings. Nova Iorque: Rowman and Littlefield Publishers, 2000, pp.264-268.
- \_\_\_\_\_. «An Exposé of the Caste System among Negroes», in *Philosophy and Opinions of Marcus Garvey* (1925), rpd. *Let Nobody Turn Us Around, Voices of Resistance, Reform and Renewal, An African American Anthology*, eds. Manning Marable e Leith Mullings. Nova Iorque: Rowman and Littlefield Publishers, 2000, pp.268-273.
- \_\_\_\_\_. «Africa for the Africans», in *Philosophy and Opinions of Marcus Garvey* (1925), rpd. *Portable Harlem Renaissance Reader*, ed. David Levering Lewis. Nova Iorque: Penguin Books, 1994, pp.17-25.
- «GARY Declaration (the)», in *The National Black Political Agenda* (1972), rpd. *Modern Black Nationalism: From Marcus Garvey to Louis Farrakhan*, ed. William Van Deburg. Nova Iorque: New York University Press, 1997, pp.138-143.
- GLAZER, Nathan. «In Defense of Preference». *The New Republic* (6 Abril 1998), pp.18-25.
- GOOD, Paul. «A White Look at Black Power». *The Nation* (8 Agosto 1966), pp.112-117.
- HANDLIN, Oscar. «The Goals of Integration», in *The Negro American*, eds. Talcott Parsons e Kenneth B. Clark. Boston: Beacon Press, 1965, pp.659-677.
- HARPER, Phillip Brian. «Nationalism and Social Division in Black Arts Poetry of the 1960s». *Critical Inquiry* 19 (Inverno 1993), pp.234-255.
- HAYGOOD, Atticus Greene. *Our Brother in Black: His Freedom and His Future*. Nova Iorque: Phillips and Hunt, 1881.

HERBERT, James L. «Integrating Race and Adult Psychosocial Development». *Journal of Organizational Behavior* 11 (1990), pp.433-446.

HOFFMAN, Frederick L. *Race Traits and Tendencies of the American Negro*. Nova Iorque: American Economic Association/Macmillan, 1896.

HOOVER, J. Edgar. «Counterintelligence Program Black Nationalist-Hate Groups, Internal Security» (25 Agosto 1967), rpd. *Modern Black Nationalism: From Marcus Garvey to Louis Farrakhan*, ed. William Van Deburg. Nova Iorque: New York University Press, 1997, pp.133-135.

HOUSTON, Charles Hamilton. «The Negro Soldier». *The Nation* 159 (Outubro 1944), rpd. *Let Nobody Turn Us Around: Voices of Resistance, Reform and Renewal, An African American Anthology*, eds. Manning Marable e Leith Mullings. Nova Iorque: Rowman and Littlefield Publishers, 2000, pp.339-340.

HUGGINS, Nathan Irving. «Integrating Afro-American History into American History», in *The State of Afro-American History: Past, Present and Future*, ed. Darlene Clark Hine. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1986, pp.157-168.

HUGHES, Langston. «Editorial: The Negro in Art: How Shall He Be Portrayed». *The Crisis* (Março 1926), p.214.

\_\_\_\_\_. «The Negro Artist and the Racial Mountain». *The Nation* (Junho 1926), rpd. *The Portable Harlem Renaissance Reader*, ed. David Levering Lewis. Nova Iorque: Penguin Books, 1994, pp.91-95.

\_\_\_\_\_. *Not Without Laughter*. Edimburgo: Payback Press, [1930] 1998.

\_\_\_\_\_. «When the Negro Was in Vogue», in *The Big Sea* (1940) rpd. *The Portable Harlem Renaissance Reader*, ed. David Levering Lewis. Nova Iorque: Penguin Books, 1994, pp.77-80.

- \_\_\_\_\_. «Harlem Literati», in *The Big Sea* (1940), rpd. *The Portable Harlem Renaissance Reader*, ed. David Levering Lewis. Nova Iorque: Penguin Books, 1994, pp.81-86.
- IGANSKI, Paul. *Affirmative Action Policies and Their Impact on the Economic Position of Blacks in the USA*, ed. Peter Halfpenny, Working Papers in Applied Social Research, s.l., Novembro 1988. (Edição policopiada).
- INNIS, Roy. «Black Power – Phase I: Psychological Warfare, An Editorial». *Rights and Reviews*. New York (Harlem) Chapter of the Congress of Racial Equality (Inverno 1966/67), pp.4-5.
- JAYNES, Gerald D. «The Labor Market Status of Black Americans: 1939-1985». *Journal of Economic Perspectives: Symposium on the Economic Status of African-Americans* 4, n°4 (Outono 1990), pp.9-24.
- JOHNSON, Charles S. «The Negro Renaissance and Its Significance» (1954), rpd. *The Portable Harlem Renaissance Reader*, ed. David Levering Lewis. Nova Iorque: Penguin Books, 1994, pp.206-218.
- JOHNSON, James Weldon. *The Autobiography of an Ex-Colored Man* (1912), rpd. *The Norton Anthology of African American Literature*, eds. Henry Louis Gates Jr. e Nellie Y. McKay. Nova Iorque: W.W. Norton and Company, 1997, pp.777-861.
- \_\_\_\_\_. «Critiques of Carl Van Vechten's Nigger Heaven» (1926), rpd. *The Portable Harlem Renaissance Reader*, ed. David Levering Lewis. Nova Iorque: Penguin Books, 1994, pp.108-109.
- \_\_\_\_\_. *Black Manhattan*. Nova Iorque: Alfred Knopf, 1930.
- KAHN, Tom e August Meier. «Recent Trends in the Civil Rights Movement». *New Politics* 111, n°2 (Primavera 1964), pp.34-54.

KALLEN, Horace. *Culture and Democracy in the United States: Studies of Group Psychology of the American Peoples*. Nova Iorque: Boni and Liveright Publishers, 1924.

KENNEDY, John F. *Special Message to the Congress on Civil Rights* (28 Fevereiro 1963), rpd. John Hope Franklin e Alfred A. Moss Jr., *From Slavery to Freedom: A History of African-American*. 7ª Edição. Nova Iorque: McGraw-Hill, 1994, pp.623-624.

KING, Jr., Martin Luther. «I Have a Dream» (28 Agosto 1963), rpd. *Let Nobody Turn Us Around: Voices of Resistance, Reform and Renewal, An African American Anthology*, eds. Manning Marable e Leith Mullings. Nova Iorque: Rowman and Littlefield Publishers, 2000, pp.403-406.

\_\_\_\_\_. «Letter From Birmingham Jail» (1963), rpd. *The Norton Anthology of African American Literature*, eds. Henry Louis Gates Jr. e Nellie Y. McKay. Nova Iorque: W.W. Norton and Company, 1997, pp.1854-1866.

\_\_\_\_\_. «To Atone For Our Sins and Errors in Vietnam» (4 Abril 1967), rpd. *Let Nobody Turn Us Around: Voices of Resistance, Reform and Renewal, An African American Anthology*, eds. Manning Marable e Leith Mullings. Nova Iorque: Rowman and Littlefield Publishers, 2000, pp.461-468.

KLUEGEL, James R. «Trends in Whites' Explanations of the Black-White Gap in Socioeconomic Status 1977-1989». *American Sociological Review* 55 (Agosto 1990), pp.512-525.

LEWIS, John R. «The Revolution is at Hand» (28 Agosto 1963), rpd. *Let Nobody Turn Us Around: Voices of Resistance, Reform and Renewal, An African American Anthology*, eds. Manning Marable e Leith Mullings. Nova Iorque: Rowman and Littlefield Publishers, 2000, pp.407-409.

LINCOLN, C. Eric. «Color and Group Identity in the United States». *Daedalus* 96, n°2 (Inverno 1967), pp.527-541.

LOCKE, Alain. «The Concept of Race as Applied to Social Culture». *Howard Review* n°1 (Junho 1924) rpd. *The Critical Temper of Alain Locke: A Selection of His Essays on Art and Culture*, ed. Jeffrey C. Stewart. Nova Iorque: Garland Publishing, 1983, pp.423-431.

\_\_\_\_\_. «Enter the New Negro». *Survey Graphic* 53, n° 11 (1 Março 1925), rpd. *The Critical Temper of Alain Locke: A Selection of His Essays on Art and Culture*, ed. Jeffrey C. Stewart. Nova Iorque: Garland Publishing, 1983, pp.7-10.

\_\_\_\_\_. «Negro Youth Speaks», in *The New Negro*, ed. Alain Locke. Nova Iorque: Antheneum, [1925] 1975, pp.47-53.

\_\_\_\_\_. «Forward», in *The New Negro*, ed. Alain Locke. Nova Iorque: Antheneum, [1925] 1975, pp.xv-vvii.

LOCKE, Alain, ed. *The New Negro*. Nova Iorque: Antheneum, [1925] 1975.

MAILER, Norman. «The White Negro: Superficial Reflections on the Hipster», in *Advertisements for Myself*. Cambridge: Harvard University Press, [1957] 1992, pp.337-358.

MARSHALL, Thurgood. «The Brown Decision and the Struggle for School Desegregation», in *The Edwin Rogers Embree Memorial Lectures of Thurgood Marshall at Dillard University* (Primavera 1954), rpd. *Let Nobody Turn Us Around: Voices of Resistance, Reform and Renewal, An African American Anthology*, eds. Manning Marable e Leith Mullings. Nova Iorque: Rowman and Littlefield Publishers, 2000, pp.356-364.

MASON, Philip. «The Revolt Against Western Values». *Daedalus* 96, n°2 (Inverno 1967), pp.328-352.

MASSEY, Douglas S., Andrew B. Gross e Kumiho Shibuya. «Migration, Segregation, and Geographic Concentration of Poverty». *American Sociological Review* 59 (Junho 1994), pp.425-445.

McKAY, Claude. «The New Negro in Paris», in *A Long Way from Home* (1937), rpd. *The Portable Harlem Renaissance Reader*, ed. David Levering Lewis. Nova Iorque: Penguin Books, 1994, pp.161-172.

McKISSICK, Floyd. «Why We Still Haven't Overcome». *Rights and Reviews*. New York (Harlem) Chapter of the Congress of Racial Equality (Inverno 1966/67), p.7.

McPHERSON, James. «Junior and John Doe», in *Lure and Loathing: Essays on Race, Identity, and the Ambivalence of Assimilation*, ed. Gerald Early. Londres: Penguin Books, 1993, pp.175-193.

MEIER, August. «New Currents In the Civil Rights Movement». *New Politics* 4, n°5 (Verão 1963), pp.7-32.

MOYNIHAN, Daniel P. *The Negro Family: The Case for National Action*. Washington, D.C.: s.e., 1965.

\_\_\_\_\_. «The Professors and The Poor». *Commentary* 46, n°2 (Agosto 1968), pp.19-26.

MUHAMMAD, Elijah. «A Program for Self-Development», in *Message to the Blackman in America* (1965), rpd. *Modern Black Nationalism: From Marcus Garvey to Louis Farrakhan*, ed. William L. Van Deburg. Nova Iorque: New York University Press, 1997, pp.103-105.

MYRDAL, Gunnar. *An American Dilemma: The Negro Problem and Modern Democracy*. 2 Vols. New Brunswick: Transaction Publishers, [1944] 1996.

NATIONAL Association for the Advancement of Colored People. «The National Negro Committee on Mr. Washington» (26 Outubro 1910), rpd. *Booker T. Washington and His Critics: Black Leadership in Crisis*, ed. Hugh Hawkins. Lexington, Massachusetts: D.C. Heath and Company, 1974, pp.121-123.

NATIONAL Black Political Convention. «The Gary Declaration», in *The National Black Political Agenda* (1972), rpd. *Modern Black Nationalism: From Marcus Gravey to Louis Farrakhan*, ed. William L. Van Deburg. Nova Iorque: New York University Press, pp.138-143.

NEAL, Larry. «Where Do We Go From Here? A Black Power Dialogue». *Rights and Reviews*. New York (Harlem) Chapter of the Congress of Racial Equality (Verão 1968), pp.16-18.

NEWTON, Huey P. «“The Founding of the Black Panther Party” and “Patrolling”», in *Revolutionary Suicide* (1973), rpd. *The Eyes on the Prize Civil Rights Reader*, eds. Clayborne Carson et al. Nova Iorque: Penguin Books, 1991, pp.345-348.

---

\_\_\_\_\_. «On the Defection of Eldridge Cleaver from the Black Panther Party and the Defection of the Black Panther Party from the Black Community». *Black Panther Intercommunal News Service* (17 Abril 1971), rpd. *Let Nobody Turn Us Around, Voices of Resistance, Reform and Renewal, An African American Anthology*, eds. Manning Marable e Leith Mullings. Nova Iorque: Rowman and Littlefield Publishers, 2000, pp.473-479.

«NIAGARA Movement Declaration of Principles (the)». *Cleveland Gazette* (22 Julho 1905), rpd. *Let Nobody Turn Us Around: Voices of Resistance, Reform and Renewal, An African American Anthology*, eds. Manning Marable e Leith Mullings. Nova Iorque: Rowman and Littlefield Publishers, 2000, pp.227-229.

«OCTOBER 1966 Black Panther Party Platform and Program: What We Want, What We Believe», rpd. *Let Nobody Turn Us Around: Voices of Resistance, Reform and Renewal, An African American Anthology*, eds. Manning Marable e Leith Mullings. Nova Iorque: Rowman and Littlefield Publishers, 2000, pp.468-472.

PETTIGREW, Thomas. «Race and Class in the 1980s: An Interactive View». *Daedalus* 110, n°2 (Primavera 1981), pp.233-255.

POLLARD III, Alton B. «The Last Great Battle of the West: W.E.B. Du Bois and the Struggle for African America's Soul», in *Lure and Loathing, Essays on Race, Identity, and the Ambivalence of Assimilation*, ed. Gerald Early. Londres: Penguin Books, 1993, pp.41-54.

«“PROGRAM and Position” of the Nation of Islam», in *From Black Muslims to Muslims: The Transition from Separatism to Islam, 1930-1980* (1984), rpd. *Let Nobody Turn Us Around: Voices of Resistance, Reform and Renewal, An African American Anthology*, eds. Manning Marable e Leith Mullings. Nova Iorque: Rowman and Littlefield Publishers, 2000, pp.425-427.

RAINWATER, Lee. «Crucible of Identity: The Negro Lower-Class Family», in *The Negro American*, eds. Talcott Parsons e Kenneth Clark. Boston: Beacon Press, 1965, pp.160-204.

RANDOLPH, A. Philip. «Why Should We March?». *Survey Graphic* (Novembro 1942), rpd. *Modern Black Nationalism: From Marcus Garvey to Louis Farrakhan*, ed. William L. Van Deburg. Nova Iorque: New York University Press, 1997, pp.74-77.

REDDING, J. Saunders. *On Being Negro in America*. Indianapolis: The Bobbs-Merrill Publishers, 1951.

*REPORT of the National Advisory Commission on Civil Disorders*. Nova Iorque: New York Times Company, 1968.

*RIGHTS and Reviews*. New York (Harlem) Chapter of the Congress of Racial Equality. Edição dedicada ao Simpósio sobre Black Power (Inverno 1966/67).

*RIGHTS and Reviews: Where Do We Go From Here? A Black Power Dialogue*. New York (Harlem) Chapter of the Congress of Racial Equality (Verão 1968).

RUSTIN, Bayard. «From Protest to Politics: The Future of the Civil Rights Movement». *Commentary* 39, nº2 (Fevereiro 1965), pp.25-31.

- \_\_\_\_\_. «Black Power» and Coalition Politics». *Commentary* 42, n°3 (Setembro 1966), pp.35-40.
- SCHUYLER, George S. «The Negro-Art Hokum». *The Nation* 122 (1926), rpd. *The Portable Harlem Renaissance Reader*, ed. David Levering Lewis. Nova Iorque: Penguin Books, 1994, pp.96-99.
- SEALE, Booby. «Seize the Time» (1968), rpd. *The Eyes on the Prize Civil Rights Reader*, eds. Clayborne Carson et al. Nova Iorque: Penguin Books, 1991, pp.348-361.
- SECURE These Rights (To)*, The Report of the President's Committee on Civil Rights (1947), rpd. John Hope Franklin e Alfred A. Moss Jr., *From Slavery to Freedom: A History of African-American*. 7ª Edição. Nova Iorque: McGraw-Hill, 1994, pp.619-621.
- SHEATSLEY, Paul B. «White Attitudes Toward the Negro», in *The Negro American*, eds. Talcott Parsons e Kenneth B. Clark. Boston: Beacon Press, 1965, pp.303-324.
- SOUTHERN Christian Leadership Conference. *This is SCLC*. (1957), rpd. *Let Nobody Turn Us Around: Voices of Resistance, Reform and Renewal, An African American Anthology*, eds. Manning Marable e Leith Mullings. Nova Iorque: Rowman and Littlefield Publishers, 2000, pp.391-394.
- STEELE, Shelby. «On Being Black and Middle Class». *Commentary* 85, n°1 (Janeiro 1988), pp.42-47.
- STUDENT Nonviolent Coordinating Committee. *Statement of Purpose*. (14 Maio 1960), rpd. *Let Nobody Turn Us Around, Voices of Resistance, Reform and Renewal, An African American Anthology*, eds. Manning Marable e Leith Mullings. Nova Iorque: Rowman and Littlefield Publishers, 2000, pp.395-396.

- STUDENT Nonviolent Coordinating Committee. «Position Paper on Black Power». *New York Times* (5 Agosto 1966), rpd. *Modern Black Nationalism: From Marcus Garvey to Louis Farrakhan*, ed. William L. Van Deburg. Nova Iorque: New York University Press, 1997, pp.120-126.
- TOOMER, Jean. *Cane*, ed. Darwin T. Turner. Nova Iorque: W.W. Norton and Company, [1923] 1988.
- TROTTER, William Monroe. «Editorial». *Boston Guardian* (20 Dezembro 1902), rpd. *Let Nobody Turn Us Around: Voices of Resistance, Reform and Renewal, An African American Anthology*, eds. Manning Marable e Leith Mullings. Nova Iorque: Rowman and Littlefield Publishers, 2000, pp.198-200.
- TURNER, Henry McNeal. «God is a Negro». *Voice of Missions* (1 Fevereiro 1898), rpd. *Black Nationalism in America*, eds. John H. Bracey, Jr., August Meier e Elliott Rudwick. Nova Iorque: Bobbs-Merrill Company, 1970, pp.154-155.
- VECHTEN, Carl Van. *Letters of Carl Van Vechten*, ed. Bruce Kellner. New Haven: Yale University Press, 1987.
- WARREN, Robert Penn. «The Briar Patch», in *I'll Take My Stand: The South and the Agrarian Tradition, Twelve Southerners*. Nova Iorque: Peter Smith, [1930] 1951, pp.246-264.
- \_\_\_\_\_. *Who Speaks for the Negro?* Nova Iorque: Random House, 1965.
- WASHINGTON, Booker T. *The Atlanta Exposition Address delivered at The Atlanta World Exposition (1895)*, rpd. *Booker T. Washington and His Critics: Black Leadership in Crisis*, ed. Hugh Hawkins. 2ª Edição. Londres: D.C. Heath and Company, [1962] 1974, pp.17-32.

\_\_\_\_\_. «The Educational Outlook in the South». *Journal of the Proceedings and Addresses of the National Educational Association* (1885), rpd. *Booker T. Washington and His Critics: Black Leadership in Crisis*, ed. Hugh Hawkins. 2ª Edição. Londres: D.C. Heath and Company, [1962] 1974, pp.10-17.

\_\_\_\_\_. *Up from Slavery: An Autobiography*. Oxford: Oxford University Press, [1901] 1995.

WRIGHT, Richard. *Native Son*. Middlesex: Penguin Books, 1940.

\_\_\_\_\_. *American Hunger*. Londres: Victor Gollacz, [1977] 1978.

X, Malcolm. *Message to the Grass Roots*. Delivered at Northern Negro Grass Roots Leadership Conference, Detroit (Novembro 1963), rpd. *The Eyes on the Prize Civil Rights Reader*, eds. Clayborne Carson et al. Nova Iorque: Penguin Books, 1991, pp.248-261.

\_\_\_\_\_. *The Ballot or the Bullet*. Delivered at Cleveland, Ohio (3 Abril 1964), rpd. *Let Nobody Turn Us Around: Voices of Resistance, Reform and Renewal, An African American Anthology*, eds. Manning Marable e Leith Mullings. Nova Iorque: Rowman and Littlefield Publishers, 2000, pp.427-436.

\_\_\_\_\_. «An Interview by A. B. Spellman», in *By Any Means Necessary*. Nova Iorque: Pathfinder, [1970] 1992.

ZASHIN, Elliot. «The Progress of Black Americans in Civil Rights: The Past Two Decades Assessed». *Daedalus* 107, nº1 (1978), pp.239-260.

## Bibliografia Secundária:

- ALVES, Hélio Osvaldo, int., selec. e trad. *Também Eu Sou a América: Poemas de Escritores Negros Norte-Americanos*. Guimarães: Pedra Formosa, 1997.
- ANDERSON, James D. *The Education of Blacks in the South, 1860-1935*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1988.
- ANDERSON, Jarvis. *Harlem: The Great Black Way, 1900-1950*. Londres: Orbis Publishing, 1982.
- ANDREWS, William L. «Introduction», in *Up from Slavery: An Autobiography* de Booker T. Washington. Oxford: Oxford University Press, 1995, pp.vii-xxii.
- APPIAH, K. Anthony. «The Uncompleted Argument: Du Bois and the Illusion of Race». *Critical Inquiry* 12 (Outono 1985), pp.21-37.
- BANKS, William M. *Black Intellectuals: Race and Responsibility in American Life*. Nova Iorque: W.W. Norton and Company, 1996.
- BARNARD, Alan e Jonathan Spencer. «Boas, Franz», in *Encyclopedia of Social and Cultural Anthropology*. Londres: Routledge, 1996, pp.71-74.
- BATTLE, Juan J. e Michael D. Bennett. «African-American Families and Public Policy: The Legacy of the Moynihan Report», in *African Americans and the Public Agenda: The Paradoxes of Public Policy*, ed. Cedric Herring. Londres: Sage Publications, 1997, pp.150-167.
- BELL, Bernard W., Emily R. Grosholz e James B. Stewart, eds. *W.E.B. Du Bois on Race and Culture*. Nova Iorque: Routledge, 1996.
- BIRT, Robert. «Existence, Identity and Liberation», in *Existence in Black: An Anthology of Black Existential Philosophy*, ed. Lewis R. Gordon. Nova Iorque: Routledge, 1997, pp.203-213.

BLUMBERG, Rhoda Lois. *Civil Rights: The 1960s Freedom Struggle*. Revised Edition. Nova Iorque: Twayne Publishers, 1991.

BOBO, Lawrence e James R. Kluegel. «Opposition to Race-Targeting: Self-Interest, Stratification Ideology, or Racial Attitudes?». *American Sociological Review* 58 (Agosto 1993), pp.443-464.

BOOLER, Jr., Paul F. *Presidential Campaigns*. 2ª Edição. Oxford: Oxford University Press, 1996.

BOTELHO, Teresa. «Movimentos Messiânicos e Separatistas na História Afro-Americana: Do *Moorish Science Temple Movement* à *Nation of Islam* Contemporânea», in *Fringes at the Centre: XVIII Encontro da A.P.E.A.A.*, Associação Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos, Guarda (20-22 Março 1997), pp.671-682.

\_\_\_\_\_. «Estética e Política da Harlem Renaissance», in *Do Esplendor na Relva: Elites e Cultura Comum de Expressão Inglesa XIX Encontro Anual da Associação Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos*, direcção de Álvaro Pina, João Ferreira Duarte e M<sup>a</sup> Helena Serôdio. Lisboa: Edições Cosmos e Associação Portuguesa de Estudos Anglo-Portugueses, 2000, pp.281-288.

BOURNE, Randolph. «The Transnational America» (1916). *The Radical Will: Selected Writings 1911-1918*, ed. Olaf Hansen. Berkeley: University of California Press, 1977, pp.248-254.

BOXILL, Bernard. «The Race-Class Question» in *Philosophy Born of Struggle, Anthology of Afro-American Philosophy from 1917*, ed. Leonard Harris. Dubuque, Iowa: Kendall/Hunt Publishing Company, 1983, pp.107-116.

\_\_\_\_\_. «Two Traditions in African American Political Philosophy». *The Philosophical Forum: A Quarterly* 24, n<sup>o</sup> 1-3 (1992-93), pp.119-135.

BRACEY, Jr., John H., August Meier e Elliot Rudwick, eds. *Black Nationalism in America*. Nova Iorque: Bobbs-Merrill Company, 1970.

- BRADBURY, Malcolm e Howard Temperley, eds. *Introduction to American Studies*. 2ª Edição. Londres: Longman, 1989.
- BRODERICK, Francis L. «The Fights Against Booker T. Washington», in *W.E.B. Du Bois: Negro Leader in a Time of Crisis* (1959), rpd. *Booker T. Washington and His Critics: Black Leadership in Crisis*, ed. Hugh Hawkins. Lexington, Massachusetts: D.C. Heath and Company, 1974, pp.67-80.
- BROGAN, Hugh. *The Penguin History of the United States of America*. Londres: Penguin Books, 1985.
- BROOKS, Van Wyck. «The Literary Life», in *Civilization in the United States: An Inquiry by Thirty Americans*, ed. Harold E. Stearns. Nova Iorque: Harcourt, Brace and Company, 1922, pp.179-197.
- BROTZ, Howard, ed. *African-American Social and Political Thought 1850-1920*. 5ª Edição. New Brunswick: Transaction Publishers, 1997.
- BUTCHER, Margaret Just. *The Negro in American Culture* (Based on materials left by Alain Locke). Nova Iorque: Alfred A. Knopf, 1957.
- CAREW, George. «Liberalism and the Politics of Emancipation: The Black Experience» in *Existence in Black: An Anthology of Black Existential Philosophy*, ed. Lewin R. Gordon. Nova Iorque: Routledge, 1997, pp.225-241.
- CARNES, Garraty. «Armstrong, Samuel Chapman». *American National Biography*. Vol.10. Nova Iorque: Oxford University Press, 1999.
- CARNOY, Martin. *Faded Dreams: The Politics and Economics of Race in America*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- CARR, Leslie G. «Color-Blind» Racism. Londres: Sage Publications, 1997.

- CARREIRO, Amy Elisabeth. *African-American Writers and the Legacy of the Harlem Renaissance, 1920-1970*. Ph.D. dissertation, Oklahoma State University. UMI Dissertation Services. Michigan: A Bell and Howell Company, 1997.
- CARSON, Clayborne. *In Struggle: SNCC and the Black Awakening of the 1960s*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, [1981] 1995.
- CARSON, Clayborne et al., eds. *The Eyes on the Prize Civil Rights Reader: Documents, Speeches, and Firsthand Accounts From the Black Freedom Struggle, 1954-1990*. Nova Iorque: Penguin Books, 1991.
- CLAYTON, Jr., Obie. «The Churches and Social Change: Accommodation, Moderation, or Protest». *Daedalus* 124, n°1 (1995), pp.101-117.
- COMBS, Michael W. e John Gruhl, eds. *Affirmative Action: Theory, Analysis and Prospects*. Londres: McFarland, 1986.
- CRÈVECOEUR, Michel-Guillaume. «What is an American?», in *Letters From an American Farmer: Describing Certain Provincial Situations, Manners and Custom, Not Generally Known...Written for the Information of a Friend in England*, by J. Hector St. John, A Farmer in Pennsylvania (Letter III), Londres, 1782, pp.19-32.
- CROSS, Jr., William E. *Shades Of Black: Diversity in African-American Identity*. Filadélfia: Temple University Press, 1991.
- CRUSE, Harold. *The Crisis of the Negro Intellectual: A Historical Analysis of the Failure of Black Leadership*. Nova Iorque: Quill, [1967] 1984.
- DEBURG, William L. Van. «Franz Fanon: Raising the Consciousness of the Colonized», in *Modern Black Nationalism: From Marcus Garvey to Louis Farrakhan*, ed. William L. Van Deburg. Nova Iorque: New York University Press, 1997, p.127.

- DEBURG, William L. Van, ed. *Modern Black Nationalism: From Marcus Garvey to Louis Farrakhan*. Nova Iorque: New York University Press, 1997.
- DICKSTEIN, Morris. *Gates of Eden: American Culture in the Sixties*. Nova Iorque: Basic Books, 1977.
- DOUGLAS, Ann. *Terrible Honesty: Mongrel Manhattan in the 1920s*. Londres: Picador, 1995.
- D'SOUZA, Dinesh. *The End of Racism: Principles for a Multiracial Society*. Nova Iorque: The Free Press, 1995.
- EARLY, Gerald, ed. *Lure and Loathing: Essays on Race, Identity, and the Ambivalence of Assimilation*. Londres: Penguin Books, 1993.
- EMERSON, Rupert e Martin Kilson. «The American Dilemma in a Changing World: The Rise of Africa and the Negro American», in *The Negro American*, eds. Talcott Parsons e Kenneth B. Clark. Boston: Beacon Press, 1965, pp.625-655.
- ERIKSON, Erik H. *Identity: Youth and Crisis*. Nova Iorque: W.W. Norton and Company, [1968] 1994.
- ERNST, Robert. «Negro Concepts of Americanism». *The Journal of Negro History* 39, n°1 (Janeiro 1954), pp.207-219.
- EZORSKY, Gertrude. *Racism and Justice: The Case for Affirmative Action*. Londres: Cornell University Press, 1991.
- FARLEY, Reynolds. *Blacks and Whites: Narrowing the Gap?* Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1984.
- FONER, Eric. *A Short History of Reconstruction, 1863-1877*. Nova Iorque: Harper and Row, 1990.

FRANKLIN, John Hope. *Race and History: Selected Essays 1938-1988*. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1989.

\_\_\_\_\_. *Reconstruction After the Civil War*. 2ª Edição. Chicago: The University of Chicago Press, [1961] 1994.

FRANKLIN, John Hope e August Meier, eds. *Black Leaders of the Twentieth Century*. Chicago: University of Illinois Press, 1982.

FRANKLIN, John Hope e Alfred A. Moss Jr. *From Slavery to Freedom: A History of African Americans*. 7ª Edição. Nova Iorque: McGraw-Hill, 1994.

FREDRICKSON, George M. *The Black Image in the White Mind: The Debate on African-American Character and Destiny 1817-1914*. Nova Inglaterra: Wesleyan University Press, 1971.

GAINES, Kevin K. *Uplifting the Race: Black Leadership, Politics, and Culture in the Twentieth Century*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1996.

GATES, Jr., Henry Louis. «The Trope of a New Negro and the Reconstruction of the Image of the Black». *Representations* 24 (1988), pp.129-155.

GATES, Jr., Henry Louis e Cornel West, eds. *The Future of the Race*. Nova Iorque: Alfred A. Knopf, 1996.

GATES, Jr., Henry Louis e Nellie Y. McKay. «Literature of the Reconstruction to the New Negro Renaissance 1865-1919», in *The Norton Anthology of African American Literature*, eds. Henry Louis Gates Jr. e Nellie Y. McKay. Nova Iorque: W.W. Norton and Company, 1997, pp.461-472.

GATES, Jr., Henry Louis e Nellie Y. McKay, eds. *The Norton Anthology of African American Literature*. Nova Iorque: W.W. Norton and Company, 1997.

GAYLE, Jr., Addison, ed. *The Black Aesthetic*. Nova Iorque: Doubleday, 1971.

- GIDDENS, Anthony. *Modernity and Self-Identity: Self and Society in the Late Modern Age*. Cambridge: Polity Press, 1991.
- GITLIN, Todd. *The Twilight of Common Dreams: Why America is Wracked by Culture Wars*. Nova Iorque: Metropolitan Books, 1995.
- GLAZER, Nathan. *We Are Multiculturalists Now*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1997.
- GLEASON, Philip. *Speaking of Diversity: Language and Ethnicity in Twentieth-Century America*. Baltimore: John Hopkins University Press, 1992.
- GOLDSTEIN, Rhoda L., ed. *Black Life and Culture in the United States*. Nova Iorque: Thomas Y. Crowell Company, 1971.
- GOODWIN, Richard N. *Remembering America: A Voice From the Sixties*. Nova Iorque: Harper and Row, 1988.
- GORDON, Lewin R., ed. *Existence in Black: An Anthology of Black Existential Philosophy*. Nova Iorque: Routledge, 1997.
- HAMBY, Alonzo L. *Liberalism and Its Challengers: From F.D.R. to Bush*. Oxford: Oxford University Press, 1992.
- HARPER, Phillip Brian. «Nationalism and Social Division in Black Arts Poets of the 1960s». *Critical Inquiry* 19 (Inverno 1993), pp.234-255.
- HARRINGTON, Michael. *The Other America: Poverty in the United States*. Nova Iorque: Macmillan, 1962.
- HARRIS, Herbert W. et al. *Racial and Ethnic Identity: Psychological Development and Creative Expression*. Nova Iorque: Routledge, 1995.
- HAWKINS, Hugh, ed. *Booker T. Washington and His Critics: Black Leadership in Crisis*. 2ª Edição. Londres: D.C. Heath and Company, [1962] 1974.

- HAYDEN, Robert. «Preface to the Atheneum Edition», in *The New Negro*, ed. Alain Locke. Nova Iorque: Atheneum, 1975, pp.ix-xiv.
- HERRING, Cedric. «African Americans, the Public Agenda, and the Paradoxes of Public Policy» in *African-Americans and the Public Agenda: The Paradoxes of Public Policy*, ed. Cedric Herring. Londres: Sage Publications, 1997, pp.3-24.
- HERRING, Cedric, ed. *African-Americans and the Public Agenda: The Paradoxes of Public Policy*. Londres: Sage Publications, 1997.
- HIGHAM, John. *Strangers in the Land: Patterns of American Nativism, 1860-1925*. 2ª Edição. New Brunswick, New Jersey: Rutgers University Press, 1988.
- HINE, Darlene Clark, ed. *The State of Afro-American History: Past, Present and Future*. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1986.
- HOFSTADTER, Richard. *The Age of Reform: From Bryan to F.D.R.* Nova Iorque: Vintage Books, 1955.
- HOWARD, Gerald. «The Politicization of Culture», in *The Sixties: The Art, Attitudes, Politics and Media of Our Most Explosive Decade*, ed. Gerald Howard. Nova Iorque: Marlowe and Company, 1995, pp.29-43.
- HOWARD, Gerald, ed. *The Sixties: The Art, Attitudes, Politics and Media of Our Most Explosive Decade*. Nova Iorque: Marlowe and Company, 1995.
- HUGGINS, Nathan Irvin. *Revelations: American History, American Myths*, ed. Brenda Smith Huggins. Oxford: Oxford University Press, 1995.
- HUTCHISON, George. *The Harlem Renaissance in Black and White*. Cambridge, Massachusetts: The Belknap Press of Harvard University Press, 1995.
- JACKSON, Walter A. *Gunnar Myrdal and America's Conscience: Social Engineering and Racial Liberalism 1938-1987*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1990.

- JACQUES, Gerald David e Robin M. Williams, Jr., eds. *A Common Destiny: Blacks and American Society*. Committee on The Status of Black Americans, Commission on Behavioral and Social Sciences and Education, National Research Council. Washington D.C.: National Academy Press, 1989.
- JOHNSON, Abby Arthur e Ronald Maberry Johnson. *Propaganda and Aesthetics: The Literary Politics of Afro-American Magazines in the Twentieth Century*. Amherst: The University of Massachusetts Press, 1979.
- JONES, Maldwyn A. *The Limits of Liberty: American History 1607-1992*. 2ª Edição. Oxford: Oxford University Press, [1983] 1995.
- JOSHI, S.T., ed. *Documents of American Prejudice: An Anthology of Writings on Race From Thomas Jefferson to David Duke*. Nova Iorque: Basic Books, 1999.
- KERR, Catherine Ellen. *Race in the Making of American Liberalism 1912-1965*. Ph.D. dissertation, Johns Hopkins University. UMI Dissertation Services. Michigan: A Bell and Howell Company, 1996.
- LANDRY, Bart. *The New Middle Class*. Berkeley: University of California Press, 1987.
- LANE, Ann J. «The Civil War, Reconstruction, and Afro-American», in *Black Life and Culture in the United States*, ed. Rhoda L. Goldstein. Nova Iorque: Thomas Y. Crowell Company, 1971, pp.131-152.
- LEVINE, Lawrence W. «Marcus Garvey and the Politics of Revitalization», in *Black Leaders of the Twentieth Century*, eds. John Hope Franklin e August Meier. Chicago: University of Illinois Press, 1982, pp.105-137.
- \_\_\_\_\_. *The Unpredictable Past: Explorations in American Cultural History*. Oxford: Oxford University Press, 1993.

LEWIS, David Levering. «Martin Luther King, Jr. and the Promise of Nonviolent Populism», in *Black Leaders of the Twentieth Century*, eds. John Hope Franklin e August Meier. Chicago: University of Illinois Press, 1982, pp.277-303.

---

\_\_\_\_\_. «Parallels and Divergences: Assimilationist Strategies of Afro-American and Jewish Elites from 1910 to the early 1930s». *The Journal of American History* 71, n°3 (Dezembro 1984), pp.543-564.

---

\_\_\_\_\_. *When Harlem Was in Vogue*. Oxford: Oxford University Press, 1989.

LEWIS, David Levering, ed. *The Portable Harlem Renaissance Reader*. Nova Iorque: Penguin Books, 1994.

LIMA, Maria Luisa Pedroso. «Atitudes». *Psicologia Social*. Coordenada por Jorge Vala e Maria Benedicta Monteiro. 3ª Edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997, pp.167-199.

LINCOLN, C. Eric. *Coming Through The Fire: Surviving Race and Place in America*. Londres: Duke University Press, 1996.

LINCOLN, C. Eric e Lawrence H. Mamiya. *The Black Church in the African American Experience*. Durham: Duke University Press, 1990.

LITWACK, Leon F. *Trouble in Mind: Black Southerners in the Age of Jim Crow*. Nova Iorque: Vintage Books, 1998.

LUEDERS, Edward. *Carl Van Vechten*. Nova Iorque: Twyne Publishers, 1965.

MARABLE, Manning. *Race, Reform and Rebellion: The Second Reconstruction in Black America, 1945-1990*. 2ª Edição. Jackson: University Press of Mississippi, 1991.

---

\_\_\_\_\_. *Beyond Black and White: Transforming African-American Politics*. Nova Iorque: Verso, 1995.

- MARABLE, Manning e Leith Mullings, «We Shall Overcome: The Second Reconstruction, Introduction», in *Let Nobody Turn Us Around: Voices of Resistance, Reform and Renewal, An African American Anthology*, eds. Manning Marable e Leith Mullings. Nova Iorque: Rowman and Littlefield Publishers, 2000, pp. 367-376.
- MARABLE, Manning e Leith Mullings eds. *Let Nobody Turn Us Around: Voices of Resistance, Reform and Renewal, An African American Anthology*. Nova Iorque: Rowman and Littlefield Publishers, 2000.
- McCARTNEY, John T. *Black Power Ideologies: An Essay in African-American Political Thought*. Filadélfia: Temple University Press, 1992.
- McPHERSON, James M. *The Abolitionist Legacy: From Reconstruction to the NAACP*. Princeton: Princeton University Press, [1975] 1995.
- MEIER, August. *Negro Thought in America, 1880-1915*. Michigan: The University of Michigan Press, 1963.
- \_\_\_\_\_. *A White Scholar and the Black Community, 1945-1965: Essays and Reflections*. Amherst: The Massachusetts University Press, 1992.
- MENCKEN, H.L. *Prejudices: A Selection 1919-1927*, ed. James T. Farrel. Nova Iorque: Vintage Books, 1958.
- MOORE, Joan W. «Minorities in the American Class System» *Daedalus* 110, n°2 (Primavera 1981), pp.275-299.
- NEWFIELD, Christopher e Avery F. Gordon. «Multiculturalism's Unfinished Business», in *Mapping Multiculturalism*, eds. Christopher Newfield e Avery F. Gordon. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996, pp.76-115.
- NEWFIELD, Christopher e Avery F. Gordon, eds. *Mapping Multiculturalism*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996.
- NOTTEN, Eleonore Van. *Wallace Thurman's Harlem Renaissance*. Amsterdam, Atlanta, GA: Rodopi, 1994.

- OMI, Michael e Howard Winant. *Racial Formation in the United States From the 1960s to the 1990s*. Nova Iorque: Routledge, 1994.
- O'NEILL, June. «The Role of Human Capital in Earning Differences Between Black and White Men». *Journal of Economic Perspectives: Symposium on the Economic Status of African-Americans* 4, n°4 (Outono 1990), pp.25-45.
- OSOFSKY, Gilbert. *Harlem: The Making of a Ghetto: Negro New York, 1890-1930*. Nova Iorque: Harper and Row, 1971.
- PARSONS, Talcott e Kenneth B. Clark, eds. *The Negro American*. Boston: Beacon Press, 1965.
- PERRY, Lewis. *Intellectual Life in America: A History*. Chicago: The University of Chicago Press, 1984.
- PFEFFER, Paula F. A. *Philip Randolph, Pioneer of the Civil Rights Movement*. Louisiana: Louisiana State University Press, 1990.
- PRAGER, Jeffrey. «Merit and Qualifications: Contested Social Meanings and Their Impact on Affirmative Action» in *Affirmative Action: Theory, Analysis and Prospects*, eds. Michael W. Combs e John Gruhl. Londres: McFarland, 1986, pp.21-43.
- QUARLES, Benjamin. «A. Philip Randolph: Labor Leader at Large», in *Black Leaders of the Twentieth Century*, eds. John Hope Franklin e August Meier. Chicago: University of Illinois Press, 1982, pp.139-165.
- RAINES, Howell. *My Soul is Rested: The Story of the Civil Rights Movement in the Deep South*. Nova Iorque: Penguin Books, 1983.
- REED, Jr., Adolph L. *W.E.B. Du Bois and American Political Thought: Fabianism and the Color Line*. Oxford: Oxford University Press, 1997.

- ROSENTHAL, Steven J. «Affirm Equality, Oppose Racist Scapegoating: Myths and Realities of Affirmative Action» in *African Americans and the Public Agenda: The Paradoxes of Public Policy*, ed. Cedric Herring. Londres: Sage Publications, 1997, pp.105-125.
- SANDQUIST, Eric J. *The Oxford W.E.B. Du Bois Reader*. Londres: Oxford University Press, 1996.
- SCHLESINGER Jr., Arthur M. *The Desuniting of America*. Nova Iorque: W.W. Norton and Company, 1991.
- SITKOFF, Harvard. *A New Deal For Blacks: The Emergence of Civil Rights as a National Issue, The Depression Decade*. Oxford: Oxford University Press, 1978.
- SKRENTNY, John David. *The Ironies of Affirmative Action: Politics, Culture, and Justice in America*. Chicago: The University of Chicago Press, 1996.
- SMITH, Rogers M. *Civic Ideals: Conflicting Visions of Citizenship in U.S. History*. New Haven: Yale University Press, 1997.
- SOLLORS, Werner, ed. *The Invention of Ethnicity*. Oxford: Oxford University Press, 1989.
- SOUTHERN, David W. *Gunnar Myrdal and Black-White Relations: The Use and Abuse of An American Dilemma 1944-1969*. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1987.
- SOWELL, Thomas. *Ethnic America: A History*. Nova Iorque: Basic Books, 1981.
- STEARNS, Harold E., ed. *Civilization in the United States: An Inquiry by Thirty Americans*. Nova Iorque: Harcourt, Brace and Company, 1922.
- STEIN, Judith. «Defining the Race 1890-1930», in *The Invention of Ethnicity*, ed. Werner Sollors. Oxford: Oxford University Press, 1989, pp.77-104.

- STEWART, Jeffrey C., ed. *The Critical Temper of Alain Locke: A Selection of His Essays on Art and Culture*. Nova Iorque: Garland Publishing, 1983.
- TAYLOR, Joseph H. «The Fourteenth Amendment, The Negro, and The Spirit of The Times». *Journal of Negro History* 45, n°1 (Janeiro 1960), pp.21-37.
- TURNER, Darwin T. «Introduction to the 1975 Edition of Cane», in *Cane* de Jean Toomer, ed. Darwin T. Turner. Nova Iorque: W.W. Norton and Company, 1988, pp.121-138.
- VALA, Jorge, M<sup>a</sup> Benedicta Monteiro coords. *Psicologia Social*. 3<sup>a</sup> Edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997.
- WACHTEL, Paul L. *Race in the Mind of America: Breaking the Vicious Circle Between Blacks and Whites*. Nova Iorque: Routledge, 1999.
- WATTS, Jerry Gafio. *Heroism and the Black Intellectual: Ralph Ellison, Politics, and Afro-American Intellectual Life*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1994.
- WEST, Cornel. *Keeping Faith: Philosophy and Race in America*. Nova Iorque: Routledge, 1993.
- WILLIAMS, Patricia J. *Seeing a Color-Blind Future: The Paradoxes of Race*. The 1997 Ruth Lectures. Londres: Virgo Books, 1997.
- WILSON, Carter A. *Racism: From Slavery to Advanced Capitalism*. Londres: Sage Publications, 1996.
- WILSON, William Julius. *The Declining Significance of Race: Blacks and Changing American Institutions*. 2<sup>a</sup> Edição. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.
- 
- \_\_\_\_\_. *The Truly Disadvantaged: The Inner City, the Underclass, and Public Policy*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

WINTZ, Cary D. *Black Culture and the Harlem Renaissance*. Houston and Texas: Rice University Press, 1988.

WITTEMORE, Katharine e Gerald Marzorati, eds. *Voices in Black and White: Writings on Race in America From Harper's Magazine*. Nova Iorque: Franklin Square Press, 1993.

## Bibliografia Electrónica:

*AFRICANA.com*. Website fundado e dirigido por Henry Louis Gates, Jr., Kwame Anthony Appiah e Harry M. Lasker III em Janeiro de 1999.

<http://www.africana.com>

BOND, Julian. «The Two Nations of Black America». *Entrevistado por Henry Louis Gates Jr. para o programa de TV Frontline do canal PBS*, 1997.

[www.pbs.wgbh/pages/frontline/shows/race/interviews/bond.html](http://www.pbs.wgbh/pages/frontline/shows/race/interviews/bond.html)

(13.06.2000).

CHESNUTT, Charles W. «The Goophered Grapevine». *Atlantic Monthly* 60 (1887), pp.254-260.

<http://www.teachersoft.com/Library/history/king/chapt06.html>

(3.06.1998).

\_\_\_\_\_. «The Wife of his Youth». *Atlantic Monthly* 82 (1898), pp.577-587.

<http://www.teachersoft.com/Library/history/king/chapt12.html>

(3.06.1998).

*CIVIL Rights Acts*. <http://hcl.chass.ncsu.edu/garson/dye/docs/civrit.htm>

(23.02.2000).

CLEAVER, Eldridge. «The Two Nations of Black America». *Entrevistado por Henry Louis Gates Jr. para o programa de TV Frontline do canal PBS*. 1997.

[www.pbs.org/wgbh/pages/frontline/shows/race/interviews/ecleaver.html](http://www.pbs.org/wgbh/pages/frontline/shows/race/interviews/ecleaver.html)

(13.06.2000).

HOWELLS, W. D. «Mr. Charles W. Chesnutt's Stories». *Atlantic Monthly* 85 (1900), pp.699-701.

<http://www.teachersoft.com/Library/history/king/chapt18.html>

(13.06.1998).

JACKSON, Jesse. «The Two Nations of Black America». *Entrevistado por Henry Louis Gates Jr. para o programa de TV Frontline do canal PBS*, 1997.

[www.pbs.wgbh/pages/frontline/shows/race/interviews/jackson.html](http://www.pbs.wgbh/pages/frontline/shows/race/interviews/jackson.html)

(13.06.2000).

RUNNION, James B. «The Negro Exodus». *Atlantic Monthly* 44 (1879), pp.222-230. <http://www.teachersoft.com/Library/history/king/chapt04.html>

(13.06.1998).

*SURVEY Graphic Harlem Number 6*, nº6 (Março 1925).

<http://etext.lib.virginia.edu/harlem/contents.html> (18.09.2000).

U.S. CENSUS BUREAU, Population Division, Racial Statistics Branch. «The Black Population in the United States: March 1999». Criado em 14 de Fevereiro de 2000.

<http://www.census.gov/population/www/socdemo/race/black99rep.html>

(11.07.2000).

WASHINGTON, Booker T. «The Awakening of the Negro». *Atlantic Monthly* 78 (1896), pp.323-328.

<http://www.teachersoft.com/Library/history/king/chapt09.html>

(3.06.1998).

\_\_\_\_\_. «The Fruits of Industrial Training». *Atlantic Monthly* 92 (1903), pp.453-462.

<http://www.teachersoft.com/Library/history/king/chapt24.html>

(3.06.1998).

WILSON, William Julius. «The Two Nations of Black America». *Entrevistado por Henry Louis Gates Jr. para o programa de TV Frontline do canal PBS*, 1997.

[www.pbs.wgbh/pages/frontline/shows/race/interviews/wilson.html](http://www.pbs.wgbh/pages/frontline/shows/race/interviews/wilson.html)

(13.06.2000)